




PEDRO DOMENECH

# O ROMANCE DOS ESPÍRITOS

FICÇÃO BASEADA NA VIDA DE  
ALLAN KARDEC


 Planeta



PEDRO DOMENECH

# O ROMANCE DOS ESPÍRITOS

FICÇÃO BASEADA NA VIDA DE  
ALLAN KARDEC

 Planeta



O ROMANCE  
DOS ESPÍRITOS

PEDRO DOMENECH

# O ROMANCE DOS ESPÍRITOS

FICÇÃO BASEADA NA VIDA DE  
ALLAN KARDEC

 Planeta

Copyright © Pedro Domenech, 2017

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017

Todos os direitos reservados.

*Preparação: Fernanda Pantoja*

*Revisão técnica: Afonso Moreira Jr.*

*Revisão: Tomoe Moroizumi e Valquíria Della Pozza*

*Diagramação: Abreu's System*

*Capa: Compañía*

*Imagens de capa: Christian Mueller e Hulton-Deutsch Collection / CORBIS  
/ Corbis via Getty Images*

*Adaptação para eBook: Hondana*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

▪

D71r

Domenech, Pedro

O romance dos espíritos: ficção baseada na vida de Allan Kardec / Pedro Domenech. – 1. ed. – São Paulo : Planeta, 2017.

240 p.

ISBN: 978-85-422-0994-5

1. Romance histórico. 2. Romance espírita I. Título.

17-41057

CDD: 869.3 CDU: 821.134.3-3

▪

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21o andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

ENTRO NA SALA E coloco-me atrás da mesa. Ao meu lado, o médium aguarda com as folhas de papel em branco à frente e o lápis entre os dedos. Experiente, ele pressente a minha chegada.

— O espírito está aqui.

Kardec ergue lentamente o olhar, buscando aquilo que sabe que não pode ver. Seu rosto envelheceu com o decorrer dos anos, mas os olhos conservam o brilho de outros tempos. Tomo a mão do médium e comando-a sobre o papel.

— Meu amigo Allan Kardec — ele se inclina para ler o que acabo de escrever —, a Verdade o saúda.

O nome familiar faz um sorriso se desenhar em seus lábios. Vejo a luz espiritual que o rodeia, invisível a ele e ao médium, nesta derradeira sessão.

— Você foi alertado de que o tempo lhe escapa e sua missão está prestes a chegar ao fim. Deus pronuncia já o seu nome, reclamando-o à Sua Presença. Aquilo que podia fazer está feito, e a sua obra seguirá.

— Quando partirei? — Kardec pergunta ao invisível. Apesar de anos de ensinamentos e experiência, há uma ponta de ansiedade em sua voz rouca e firme.

— Em breve, meu amigo. Mas de nada serve uma data. É um dia, apenas, igual aos que o antecederam, igual aos que se seguirão. Como bem sabe, você continuará a trabalhar, porém, em outro plano.

O homem que está à minha frente é considerado um mestre para milhões na Terra, e profunda será a dor de sua falta quando chegar o dia em que ele deverá abandonar a carne cansada que o reveste.

— Agora devo partir. Não precisa mais me evocar. O nosso reencontro se dará num outro mundo.

O rosto dele se inclina sobre a mesa.

— Antes de partir, peço que me esclareça uma dúvida que trago comigo desde que o conheci — diz, com a pressa que o fim da existência impõe.

— Diga, meu amigo.

— Você é Cristo?

— Todas as suas dúvidas serão dissipadas. Agora vai, Allan Kardec, e termine o que tem a fazer no mundo terreno.

# 1

*Paris, dois de abril de 1869*

QUANDO SE ABRIRAM AS portas do número cinquenta e nove da rua Sainte-Anne, a multidão que se apertava do lado de fora ficou silenciosa, prisioneira de uma estranha vontade de vislumbrar o caixão que surgia das escadas do prédio, confirmando de um jeito abrupto e definitivo a morte de que falavam todos os jornais. Era meio-dia, e no céu azul acima dos telhados corriam nuvens esparsas, no jeito apressado de mudança de tempo próprio da primavera. O sol não era suficiente para contrariar o mar de gente ali de luto, com seus semblantes pesados, aguardando pacientemente enquanto o caixão era colocado sobre o coche funerário, preparando-se para partir em marcha lenta rumo ao cemitério.

Finalmente surgiu a viúva, acompanhada do vice-presidente da sociedade, o sr. Levent, e, a um gesto deste, o cocheiro fez o veículo avançar pela rua estreita. O cortejo seguiu numa cadência marcada pelo arrastar dos passos e pelo som das rodas girando lentamente. De ambos os lados, nas janelas dos prédios, acumulavam-se curiosos, debruçados nos parapeitos, seguindo com o olhar o séquito, que, visto de cima, tomava o aspecto de um fluido negro, viscoso e triste. Impressionava, acima de tudo, a dimensão dessa cauda negra que seguia o coche funerário, tão extensa, a perder de vista, composta de centenas de pessoas que não quiseram deixar de prestar a última homenagem ao codificador do Espiritismo.

— Ele já não está aí! — gritou alguém de uma janela, apontando para o caixão, levando parte da multidão a olhar para cima, com expressões de desconcerto. — Allan Kardec vive!

Um rumor de sussurros e exclamações abafadas percorreu a rua e depois o silêncio pesado se instalou. Mas aquelas palavras vindas de cima

continuavam a ecoar no pensamento dos que seguiam o cortejo, a maior parte reconhecendo a verdade contida nelas: o mestre não estava mais naquele corpo sem vida. Em espírito, sim, continuaria vivo, presente, conforme ele mesmo revelou ao longo da existência, por meio de obras com as quais outros espíritos famosos colaboraram. No entanto, no corpo arrefecido e morto, onde o sangue deixara de correr, não havia nada de Allan Kardec. Os espíritas sabiam disso, com plena confiança. Amélie, a esposa – a sra. Allan Kardec, como muitos a tratavam –, também sabia. Mas aquela não era uma adoração à matéria perdida, que em breve seria consumida pela terra; era uma homenagem ao espírito de um grande homem, e por isso tanta gente fazia questão de se reunir ali.

O cortejo seguiu pela rua de Gramont, despertando a curiosidade dos transeuntes, que perguntavam em surdina: quem era? Quem era aquele que tinha morrido, arrastando atrás de si tamanha multidão? Não eram poucos os que acabavam se juntando à caminhada lenta, ocupando o seu lugar ao final do cortejo, num lugar onde era impossível enxergar a dianteira, tão longas eram as filas de gente que seguiam rua acima.

Logo atrás do coche, Amélie caminhava num passo mecânico, distante da realidade, numa espécie de transe induzido pela dor da perda. Suas faces, antes cheias e rosadas, estavam agora murchas, com a tez pálida, assim como os olhos, mortiços, exaustos de duas noites de sono entrecortado pela angústia. Ao redor não faltavam amigos do marido, os mais altos dirigentes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, bem como os mais próximos apoiadores e admiradores, toda uma série de homens e mulheres ilustres, familiarizados uns com os outros, unidos sob a égide do Espiritismo, do qual Allan Kardec era o mais eminente representante e pensador.

O cortejo prosseguiu atravessando bulevares, passando pelas ruas Laffite e Notre-Dame-des-Lorrettes, avançando pela avenida de Clichy, capturando a atenção daqueles com quem cruzava, levantando interrogações, fazendo todos pensarem no homem e na obra imensa que ele deixava atrás de si. Uma obra polêmica, pois, como qualquer feito grandioso, polarizador e causador de grandes discussões, apesar de ter atraído milhões de adeptos, também teve ferozes adversários. Era também esse codificador do Espiritismo que ali se celebrava, o homem combativo que despertava

paixões e ódios, aquele tipo de homem que na hora da morte era lembrado pela coragem e pelas convicções, tanto pelos seus apoiadores como por aqueles que lhe foram críticos enquanto era vivo. Acompanhando o cortejo, para lá e para cá em passo acelerado, os jornalistas destacados pelas redações procuravam, de caderno e lápis em punho, obter testemunhos, mas invariavelmente recebiam em resposta um sinal de recusa ou simplesmente o silêncio, pois aquele não era momento para entrevistas e, sim, para o recolhimento.

Finalmente, o coche cruzou os portões do cemitério, onde mais gente se acumulava, e seguiu até a vala aberta destinada a receber o corpo do mestre. As folhas novas das árvores que ladeavam a avenida filtravam a luz do sol, conferindo-lhe os seus tons verde-claros que vinham se debruçar sobre as pedras da calçada, os jazigos, as pedras tumulares onde se agarravam os musgos e os líquens dourados. Por fim, o coche parou e o caixão foi levado até a cova, cercada por terra fresca e escura. O coveiro envolveu-o com suas cordas, e então o desceram até o fundo. Depois alguns o cobriram com pás de terra, enquanto outros colocavam os ramos e as coroas de flores em torno do túmulo, rodeado por uma multidão cativada pelo som do barro caindo sobre a madeira.

Seguiram-se os discursos, proclamados ali mesmo, junto à sepultura fresca, diante daquela imensa moldura humana que ultrapassava o milhar, atenta às palavras que os seguidores mais próximos de Kardec dedicavam ao mestre. O primeiro foi o sr. Levent, que se dirigiu à audiência em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, da qual era vice-presidente, falando particularmente aos associados, que ali se encontravam em grande número. O espírita lançou a questão da necessidade de Deus ter chamado o mestre, quando este ainda poderia fazer tanto bem à humanidade; naqueles tempos em que havia ainda muito a saber e a revelar do mundo espiritual, por que levava o Criador o grande Allan Kardec? E, evocando-o, o sr. Levent deu logo a resposta:

— Nada é inútil na natureza, tudo tem sua razão de ser, e o que Deus faz é sempre bem-feito.

O espírita assinalou que o mestre, ali chorado pela partida da vida terrena, era saudado com boas-vindas pelos espíritos. Sua missão na Terra estava

concluída, e cabia agora aos espíritas prosseguir com seu trabalho, com o auxílio do vasto material que ele deixara em vida. Concluiu o discurso com um “até logo, até breve!”.

Seguiu-se Camille Flammarion, um astrônomo, velho amigo de Allan Kardec e de sua mulher. Aproveitando uma elevação do terreno ali perto, Camille tirou um papel do bolso e, com a voz embargada, leu um longo discurso, que abarcava não só o mestre do Espiritismo, mas a doutrina e sua relação com as forças naturais desconhecidas, a existência da alma e sua indestrutibilidade. Como era um homem da ciência, quis assinalar o caráter científico da investigação de Kardec, a experimentação, a observação das causas e das suas consequências, um trabalho de análise metódico para munir a doutrina da credibilidade e do peso necessários à sua propagação pelo mundo. A multidão escutava atentamente o astrônomo, admirada com o domínio que ele demonstrava dos assuntos ao correlacionar os pontos de vista revelados pelo Espiritismo e os fenômenos científicos mais modernos. Por fim, Camille concluiu, emocionado, que um dia reencontraria o mestre num mundo melhor, despedindo-se também com um “até logo”. O astrônomo desceu da elevação e, com lágrimas nos olhos, dirigiu-se a Amélie, tomando-lhe as mãos e oferecendo a ela um sorriso apagado, ao que a viúva devolveu um olhar quebrado pela tristeza.

— Ele deve ter gostado muito de ouvi-lo — disse, num lamento. — Ele gostava tanto do senhor, Camille!

Discursaram na sequência o sr. Delanne, outro velho amigo de Kardec, em nome dos espíritas dos centros distantes, e o sr. Muller, representando a família e os amigos. Comum a todos os oradores do rito fúnebre era a certeza de que a morte não passava de uma transição para outra fase, um passo no caminho da evolução, através de outros mundos e entre outros espíritos. Essa constante nas palavras confortava os presentes, que finalmente começavam a se dispersar, caminhando em pequenos grupos, apreciando o sol que agora abrira em todo o seu esplendor, como se recordasse que a vida terrena prosseguia.

Entre os que permaneceram junto ao túmulo estavam Amélie e alguns dos principais representantes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Com o rosto circunspecto, o sr. Levent aproximou-se da viúva:

— Madame Kardec, se neste momento eu puder servir-lhe de alguma forma...

— Obrigada, sr. Levent — disse Amélie, voltando-se para o espírita. — Os senhores têm me prestado um apoio inestimável.

— Antes de ir, gostaria de lhe comunicar a decisão de nos reunirmos nesta noite na Sociedade, como nas outras sextas-feiras. Acreditamos que essa seria a vontade do sr. Allan Kardec.

— Tenho certeza de que sim. Se o sr. Levent não se importar, hoje creio não estar em condições de acompanhá-los.

— Mas é claro, madame. Quis informá-la apenas para que saiba que nosso comprometimento com o Espiritismo é forte e que os trabalhos que o seu marido conduzia não deixarão de ser feitos com a sua partida.

— Eu sei que a Sociedade está em boas mãos. Ele também sabe, sr. Levent.

— Até breve, madame. — Fazendo uma saudação respeitosa, o espírita se afastou em passos lentos.

— Madame Kardec, me desculpe, ainda não tinha tido oportunidade de lhe transmitir os meus sentimentos.

Amélie voltou-se ao escutar a voz familiar. Diante de si, uma mulher bela, jovem, com o rosto rosado e cheio.

— Que bom encontrá-la aqui — disse a viúva, abraçando-a.

— Não podia deixar de vir. Foi uma surpresa tão grande, o sr. Kardec transparecia ainda tanta força!

— Sim, uma surpresa para todos nós. Mas havemos de reencontrá-lo.

— Certamente — disse a jovem, apertando as mãos de Amélie.

— Vamos andando — disse a viúva, deitando um último olhar à sepultura, em torno da qual se mantinham alguns curiosos. — Não há mais nada a

fazer aqui.

As duas caminharam de braços dados pelo cemitério. Com o rosto voltado para o chão, Amélie evitava olhar aqueles que cruzavam por ela, temendo que a qualquer momento alguém, talvez um jornalista, a interpelasse e começasse a falar sobre o marido. Ao notar isso, a sua companhia sugeriu que as duas acelerassem o passo, conduzindo-as por uma via mais vazia.

— A senhora vai ficar em sua casa?

— Pois onde haveria de ficar, minha filha? É lá que vivo. A vida continua — disse, procurando algum coche para levá-la de volta à rua Saint-Anne.

— Por que não vem comigo e se instala lá em casa por uns dias? Sabe que vivo sozinha. Tenho um quarto inteiramente ao seu dispor!

— É muito gentil de sua parte — disse Amélie —, mas não quero dar trabalho. Vê-la aqui hoje já foi um grande consolo. Agora tenho de me habituar a viver sem a presença física dele.

— Compreendo. Mas tem muito tempo para isso. Nessas horas a solidão é má conselheira. Fique lá em casa, apenas por uns dias! Não imagina a felicidade que me dá poder contribuir com mais do que palavras neste momento. Sempre servi ao seu marido, quando ele me chamou. Permita-me agora poder servir-lhe uma vez mais, com a minha humilde casa, que faço sua pelo tempo que quiser.

Àquelas palavras, Amélie suspirou:

— É tão generosa, minha querida. Confesso que me dá um aperto enorme no peito pensar em voltar àquela casa. Vem comigo para juntar algumas coisas de que preciso? Prometo não ficar mais do que poucos dias.

— Pode ficar lá para sempre, se assim achar melhor — disse a jovem, com um sorriso, fazendo sinal a um coche que passava vazio pelo bulevar de Clichy.

Amélie andava exausta, cochilando ao longo do dia e conseguindo dormir apenas poucas horas durante a noite, pois era interrompida por apertos súbitos de angústia que a tiravam da cama aos prantos. Felizmente, tinha a sua companhia a todo momento, sempre disponível para lhe dar conforto. Nunca a deixava sozinha, e durante os longos períodos de conversa procurava distraí-la com as pequenas coisas do cotidiano, que representavam a vida normal que prosseguia e à qual a viúva tinha lentamente que voltar, agora que o seu companheiro havia partido.

— Quando penso que tenho de tratar dos papéis e documentos dele no escritório... — disse, sentada numa cadeira, olhando pela janela por onde entrava a luz do entardecer. — A ideia de entrar lá e não vê-lo me deixa tão triste!

— Terá de ser paciente, madame Kardec. Ânimo! Ele deve estar entre nós, talvez neste exato momento! Aprendemos tanto graças a ele. Mais do que nunca, necessitamos dos seus ensinamentos para nos mantermos fortes e prosseguirmos o caminho que ele indicou.

Amélie manteve-se em silêncio, pensativa. Passados alguns instantes, disse, como se falasse consigo mesma:

— O sr. Levent e os outros iam reunir-se na Sociedade. Pergunto-me se o terão evocado.

— É possível. Amanhã posso passar por lá para saber novidades.

— Não, deixa. Talvez daqui a algum tempo eu mesma possa ir e recuperar os hábitos das sessões. Agora sozinha.

— Se o sr. Kardec comparecer, não estará sozinha.

— É estranho pensar que ele agora está do outro lado. Foram tantas as sessões ao lado dele, testemunhando a presença de espíritos que nos comunicavam todo tipo de mensagem. E, ao fim de todos esses anos, é ele, em espírito, que virá no lugar daqueles que evocou. Por seu intermédio, inclusive.

— Sim, é verdade. Passamos muitas horas juntos, lado a lado.

— Ele já não precisa de médiuns para se comunicar com os espíritos.

— Verdade. Não precisa.

As duas mulheres entreolharam-se por um instante, tempo suficiente para perceber que a mesma ideia lhes atravessara o pensamento.

— Quer que eu vá buscar papel e lápis?

— Não sei se devemos. Espera. Sinto-me tão vazia. E, se ele responder, como vou me sentir?

— Só tem uma forma de saber, madame Kardec.

— Não quero que ele pense que estamos colocando à prova tudo aquilo em que sempre acreditamos. Receio ofendê-lo. Sei que ele vive em espírito, presente talvez aqui neste momento, e não é necessário testá-lo.

— Madame, se me permite uma opinião, penso que pior será se ele estiver aqui, agora mesmo, e nós não lhe dermos oportunidade de se expressar.

Amélie suspirou, sentindo o coração aos pulos, diante da sugestão da médium anfitriã. E, antes que pudesse responder, a outra sentou à mesa com um maço de folhas brancas diante de si.

— Se ele me responder, madame Kardec, o que gostaria que lhe perguntasse?

— Ah, não sei, como vou saber? — disse, voltada para a médium, cuja atenção já dirigia completamente para o papel em branco, como se não percebesse mais que ela estava ali.

— O futuro já o deixei acautelado, Amélie, não precisamos voltar a falar dele.

— Do que você está falando?

— Que passei anos maravilhosos ao seu lado. Você foi a minha companheira, a minha mulher, a minha luz, o meu amor. Não sofra, meu amor. Estou com você, mais perto do que nunca.

Amélie levantou-se, incrédula, olhando para a médium, que acabara de proferir aquelas palavras. Esta não a viu: seu rosto mantinha-se direcionado ao papel, com uma expressão fixa, parecendo não estar ali. A viúva aproximou-se da mesa, olhou ao redor à procura de quem sabia não poder ver, e disse:

— Você me faz tanta falta. Você foi e é tudo para mim, Allan Kardec.

— Você me conheceu como Hippolyte.

— Eu o conheci como professor Rivail — corrigiu-o Amélie, com um sorriso. — E em pouco tempo você me conquistou.

— Ainda se lembra daqueles anos?

— Como poderia esquecer, professor?

— Também lembro de cada instante como se fosse hoje.

— Conte-me, Hippolyte.

Desta vez a médium ficou em silêncio. A sua mão, porém, deslizou com o lápis sobre o papel em branco.

— Algum momento em particular?

— Conte-me tudo, conte-me de você, da sua e da nossa vida, faça-me voltar no tempo e dissipe esta angústia que me aperta o peito. Sei que preciso me concentrar no futuro, no trabalho que tenho pela frente, mas hoje quero apenas você — disse ela, falando para as paredes, para o teto, para o ar onde supunha pairar, vaporoso, o espírito.

— Muito bem, querida Amélie. Eu satisfarei essa sua vontade. Por onde quer que comece? — escreveu a médium.

— Pelo princípio. Conte-me tudo, amor.

## 2

MINHA PRIMEIRA INCURSÃO PELO mundo dos mortos aconteceu pouco tempo depois de chegar ao castelo de Yverdon, quando eu tinha dez anos. Pelo menos era o que eu pensava na época, impressionado pelo relato assombroso de um companheiro mais velho, que nos contou no dormitório, na noite anterior, sobre a existência de fantasmas saídos da terra na fortaleza romana, contígua ao cemitério da vila, a leste do castelo. Seu nome era Victor, sólido como um tronco de árvore para os seus treze ou catorze anos. Ele tinha uns olhos azuis vivos, destacados nas suas faces claras, salpicadas de sardas, do mesmo tom do cabelo castanho-claro. Na escuridão silenciosa, enquanto todos dormiam no castelo, a sua voz contida e rouca soava como uma força maior às nossas jovens mentes, tão impressionáveis e inquietas de fascínio.

Sentados no chão em semicírculo, observávamos os contornos do seu rosto jovem, tão adulto aos nossos olhos. Ele falava sob o banho cru do luar que irrompia pela janela, depositando no quarto aquela cortina mortiça sob a qual os outros companheiros dormiam. Na luz gelada, o testemunho do surgimento de criaturas vaporosas erguidas do solo deixava nosso coração em sobressalto. Éramos reféns da descrição metódica e lenta, rica em terríveis pormenores sobre esses fantasmas, de gente morta havia muito tempo, passeando livremente por entre as ruínas do que tinham sido as suas casas e os seus negócios, agora semicobertas pela terra fria e úmida na qual também os seus corpos haviam sido sepultados.

Vira-os com os seus próprios olhos, assegurava Victor, encarando-nos um a um, preenchendo-nos com uma certeza inquebrantável. Escondido atrás de uma árvore, ele tinha assistido ao modo como se desprendiam da terra, na forma de um estranho nevoeiro que subia das entranhas do subsolo. Era uma neblina azulada com formas de gente, cujos contornos lhe permitiam distinguir homens e mulheres, feições de rostos, barbas, cabeleiras e vestes que pertenciam aos tempos descritos pelo mestre das aulas de história no Instituto Pestalozzi. Romanos, disse-nos, num sussurro capaz de afugentar

todo o sono que àquela hora avançada deveria nos levar à cama. Mas eram fantasmas romanos, e a descrição precisa e vívida era o melhor dos sonhos que aquela noite poderia nos trazer.

E que faziam eles?, alguém perguntou, dando eco à imaginação que pairava sobre o castro, imerso na bruma da madrugada, habitado pelos seus antigos moradores. Alguns passeavam apenas, recordou Victor, com o olhar semicerrado de quem puxava algo pela memória, outros conversavam entre si, e outros ainda pareciam trabalhar nos seus ofícios, movendo-se como se malhassem o ferro ou lavrassem a terra com alfaias invisíveis. Levavam a vida tranquilamente, tal como faziam mil anos antes, escondidos dos olhos dos vivos, encerrados num mundo secreto onde nem a carne nem a matéria tinham lugar.

Tal como os meus companheiros, cuja idade rondava a minha, acreditei naquela história. Anos mais tarde recordei-a por diversas vezes, sobretudo pelo magnífico poder de persuasão que continha, resultado da habilidade natural do seu contador. O poder de sugestão, as expressões, os silêncios e as palavras escolhidas teciam um encanto irresistível nas nossas mentes jovens, um talento que vi muitas vezes ao longo da vida utilizado por gente adulta sem escrúpulos. O Espiritismo sempre atraiu toda sorte de charlatões, interessados em aproveitar-se do interesse dos seus seguidores para enganá-los e deles extrair benefícios materiais ou mero divertimento. Mas Victor era apenas um bom contador de histórias, sem mácula nas intenções, tal como a grande maioria dos meus companheiros naquele magnífico castelo-escola. E por que não teria ele visto os romanos de Yverdon? Era uma questão tão pertinente que todos ficamos excitados quando nessa mesma noite ele nos desafiou a ir procurá-los.

Cheguei a Yverdon levado pelo meu pai, no final do verão de 1814, para estudar no Instituto Pestalozzi, liderado pelo famoso pedagogo que dava o nome à instituição, cujos métodos revolucionários de ensino atraíam alunos de toda a Europa para as margens do lago Neuchâtel. Com as suas quatro imponentes torres em cada canto – uma das quais mais larga que as outras, enorme e maciça, chamada de donjon –, a fortificação de pedra impunha respeito, sobretudo aos olhos de uma criança prestes a deixar a família para

ali viver. Apesar das janelas abertas nas paredes de pedra, o castelo insinuava-se na paisagem como uma massa bruta, os telhados das torres pontiagudos e apontados ao céu, um gigante sólido que fazia com que nos sentíssemos minúsculos. Diante do castelo havia um campo onde se destacavam duas nogueiras e, ao longo de uma das fachadas, corria o canal oriental, em cujas margens cresciam frondosas tílias. Do lado norte, erguia-se uma larga igreja de pedra ocre, junto da qual funcionavam a Escola Normal e a Escola das Meninas.

Foi o próprio Johannes-Heinrich Pestalozzi que nos recebeu na pequena sala que usava como recepção do instituto, no alto de umas escadas de pedra com corrimão que davam para a porta principal do castelo. Aos 68 anos, era um homem alegre e cheio de vitalidade, dono de um sorriso inspirador. Os alunos o chamavam de “pai Pestalozzi”. Ele nos explicou que àquela altura eram mais de cento e sessenta alunos, a maior parte pensionistas, tal como eu estava prestes a me tornar. Além de suíços, havia alemães, holandeses, russos, espanhóis e franceses, como eu. Uma escola internacional, cujo ensino de diversos idiomas me foi particularmente útil anos mais tarde, na divulgação da doutrina.

Naquele dia eu estava assustado, prestes a deixar a minha família em Lyon para poder apreciar aquele senhor enérgico de olhar cheio de luz que nos explicava a organização do lugar, os horários, as matérias estudadas e os princípios com que regia o instituto. Falava com enorme paixão, e isso surtiu um efeito tranquilizador no meu pai, que parecia confirmar naquele encontro a boa decisão que tinha tomado em levar-me até lá. Com o tempo e a idade, também vim a compreender a felicidade de ter estudado ali.

Pestalozzi convidou-nos para entrar no castelo, apresentandonos à direção da escola, constituída por instrutores que haviam sido seus alunos. Depois, levou-nos para ver as salas de aula. Ao ver as turmas erguerem-se à nossa entrada, um pavor apoderava-se de mim, sabendo que em breve o meu pai me deixaria só entre aqueles desconhecidos, naquele lugar distante. Apesar das janelas que o diretor mandara abrir, o castelo tinha um aspecto lúgubre para quem entrava nele pela primeira vez. Assim eram as impressões de um garoto de dez anos prestes a ver o pai partir. Sabia que só o reencontraria meses mais tarde, nas férias de Natal.

Despedi-me do meu pai à porta do castelo e o vi entrar no coche, partindo pela avenida entre os jardins do instituto e o canal oriental. Quando dei por mim, estava chorando, e então Anna Pestalozzi Schulthess, a mulher do diretor, aproximou-se de mim e me tomou pela mão. Era mais velha que o marido e tinha a saúde debilitada.

— Não tenha medo, Hippolyte, pois tudo vai correr bem — ela me disse.

Todos os dias iniciavam-se às seis em ponto, ao toque do sino que marcava também o início e o fim de cada aula. Estudávamos sempre até as sete da noite, com uma hora de intervalo para o almoço. As aulas eram de hora em hora, e numa grande confusão as turmas trocavam de sala entre uma classe e outra. As lições nos tomavam dez horas da jornada diária, e as horas restantes eram ocupadas com as refeições, as orações e o tempo recreativo. Aos domingos não havia lições.

Logo se dissipou a angústia do primeiro dia. A rotina diária exigente deixava-nos extenuados e sem tempo para lamentar a falta de nossas casas. Os nossos companheiros eram agora a nossa família, e desde logo éramos ensinados a ajudarmos uns aos outros, com a orientação de professores, que também, em boa parte, tinham sido alunos do mestre.

Para Pestalozzi, havia três pilares na educação: o corpo, o espírito e o coração. Uma alma sã num corpo são, dizia o mestre, referindo-se à importância da saúde corporal para o indivíduo em formação. Não pude deixar de notar como substituía, na velha máxima em latim, a mente pela alma. Era uma prova de sabedoria referir-se ao indivíduo como alma, isto é, um espírito encarnado, em vez de reduzi-lo à mente, considerada o centro do raciocínio. O corpo era trabalhado segundo uma educação para a higiene – tanto pessoal como na arrumação dos dormitórios – e por meio dos passeios em grupo ao ar livre e dos exercícios, inclusive militares. Estes últimos não tinham caráter belicoso, apesar do nome. Eram sobretudo atividades de ginástica, complementadas com marchas e cantos para estimular o espírito de união.

Tínhamos uma bandeira de cor verde do cantão de Vaud, e o nome Pestalozzi como legenda. Também aprendíamos a nadar no lago, nos meses de verão, e a patinar sobre a sua superfície congelada, no inverno. Tudo o

que a criança aprende deve ser resultado da sua própria atividade, dizia Pestalozzi, quando explicava a teoria do seu famoso método. Os passeios ao campo eram uma excelente forma de passar da teoria para a prática. Equipados com merendas e cadernos para anotações, partíamos pelos campos, estudando in loco as maravilhas da natureza e aprendendo com a curiosidade natural que estas nos despertavam. Assim fomos introduzidos à geografia, admirando as formações naturais de vales, planaltos e montanhas, os efeitos das águas dos rios, da chuva ou dos ventos na erosão das paisagens, as diferentes composições rochosas dos solos, que escavávamos em busca de rochas e minerais para as nossas coleções particulares.

Também explorávamos a flora e a fauna, vendo com os nossos próprios olhos a variedade de espécies da região, perguntando aos professores os nomes de plantas, árvores, insetos e mamíferos que corriam entre a vegetação montanhosa. Era comum o pai Pestalozzi nos acompanhar nessas excursões, que por vezes duravam mais de um dia – no verão, chegávamos a dormir ao relento. Mais do que seu vasto conhecimento, era formidável assistir à forma como se interessava por cada um de nós, procurando nos desafiar com questionamentos e nos levando a formular teorias sobre fenômenos como o trabalho das formigas, a hibernação dos répteis, a formação da neve no cume das montanhas e o movimento dos planetas.

E, quando era hora de voltar, trazíamos os cadernos cheios de anotações e desenhos de paisagens, de pormenores de plantas e bichos que havíamos descoberto, não porque tínhamos de empregar esse conhecimento num teste escrito, mas porque aquele material nos era precioso, um tesouro sobre o qual queríamos saber tudo. E nas sacolas vinham novas pedras e plantas para os nossos herbários, os quais mantínhamos com cuidado, catalogando as espécies com o auxílio dos instrutores.

A educação do espírito, explicou-me o mestre muitos anos mais tarde, devia ser feita por meio da aprendizagem dos verdadeiros elementos da nossa cultura. A língua materna, a geometria, a história, a educação para a arte, todas as disciplinas eram alimento para o espírito, segundo Pestalozzi. Ele próprio era um espírito rico, esclarecido e iluminado pelo conhecimento, nutrido desde cedo para crescer em todos os sentidos. Mas a novidade do

seu pensamento não residia nas matérias estudadas, e sim no método que usava para abordá-las e nos ensinar. Em vez de nos inundar com conceitos e enumerações e classificações, os professores procuravam atizar nossa curiosidade para que entendêssemos os termos gerais de qualquer assunto.

Todas as aulas eram preenchidas com discussões profícuas e descobertas ativas, construídas por meio do diálogo e da sugestão de todos, de forma que os melhores alunos acabavam por ajudar os piores, e a turma inteira avançava como um todo. Assim aprendi a dominar diversas línguas além do meu idioma materno, como o alemão, o inglês, o espanhol, e até as clássicas como o latim e o grego, além de disciplinas tradicionalmente difíceis, como o cálculo, a álgebra e a geometria – nesta, por exemplo, o instrutor recorria a blocos de madeira. Estudávamos ainda história natural, e havia um programa específico da educação para as artes, onde estudávamos caligrafia, desenho e canto.

O último pilar do método, talvez o mais importante dos três, era a educação do coração.

— Rivail — disse-me certo dia Pestalozzi a respeito dessa matéria —, a formação do ser moral é a pedra de toque de toda a educação.

Era aqui que residia um dos maiores segredos do instituto, a sua força. Envolveria a instrução religiosa, o exercício da caridade, uma atenção para um conjunto de cuidados que apelidamos de “boas maneiras”. Para Pestalozzi, não havia distinção entre a moral e a religião. A religião é moral, dizia-nos, e a moral, religiosa. Porém, a sua instrução é essencialmente prática, cultiva-se através da ação, seguindo o exemplo dos Evangelhos, aos quais recorriamos em aulas críticas. Desde cedo a nossa atividade era conduzida para uma descoberta dos ensinamentos de Cristo.

Havia então três cursos regulares no castelo, ministrados conforme nossas idades. No início, ensinavam a diferença entre o corpo e a alma, as circunstâncias da vida, a natureza e seus fenômenos, e assinalavam a existência de algo superior e divino. No segundo curso nos davam a Bíblia. Este é o livro sagrado, dizia o instrutor, erguendo-o diante dos nossos olhos. E aquele gesto, revestido de cerimônia, nos passava algo de uma dimensão superior. A partir daí estudávamos os seus textos, sobretudo aqueles que

destacavam as diferentes faculdades do homem enquanto produto da criação de Deus. Eram os que apresentavam o homem como servo do Senhor, grato pelos dons recebidos, a serem colocados a serviço da prática do bem. No terceiro curso, estudávamos o Antigo Testamento, abordando a história da criação e os principais acontecimentos relacionados. Nesse momento, o professor colocava três questões fundamentais: como chegou o homem a conhecer Deus, em que consiste esse conhecimento e como ele se exprime. Por meio da história dos nossos primeiros pais, como Abraão, Noé, Jacó ou Moisés, os alunos descobriam que o homem toma conhecimento da divindade através de uma revelação positiva, pois é o próprio Deus que se manifesta na Terra das mais diferentes formas, seja por fenômenos comuns, como os sonhos ou os acontecimentos da vida, seja por meio dos espíritos, a manifestação maior que traçou o meu destino nos anos que estavam por vir.

Aquilo a que se dava o nome de educação do coração incluía a celebração da eucaristia, realizada aos domingos de manhã na capela do castelo. Entre os acontecimentos da semana, este era o que gerava maior furor entre os rapazes. Não tanto pelos sermões do padre Moreaux, mas muito mais pela audiência. Aquela era a única vez na semana em que as meninas da escola iam até o castelo participar de uma atividade comum com os rapazes. Perto da grande janela de estilo gótico, por onde a luz matinal entrava nos dias de sol, os rapazes ficavam nas cadeiras à esquerda, separados das colegas sentadas do outro lado por um corredor com uma passadeira vermelha estendida até o altar. Para evitar algazarra na entrada, primeiro entrávamos nós, ocupando os nossos lugares, e só depois era permitido que as meninas entrassem, acompanhadas pela diretora e por outras professoras.

O padre insistia para que não nos distraíssemos com a entrada das companheiras do instituto, mas era em vão. Os cochichos e os olhares curiosos preenchiam aqueles momentos antes da celebração, tanto do nosso lado como do delas, de onde se escutavam risinhos abafados, prontamente censurados pela diretora. Àquela altura, muitos já pensavam no momento da comunhão, próximo do fim da missa, quando moças e rapazes se juntavam numa fila comum, pela passadeira vermelha, aguardando sua vez de comungar. Graças àquele momento, não havia rapaz que faltasse à confissão das quartas-feiras, sem a qual estaria impossibilitado de receber a

hóstia aos domingos. Para estarem próximos das garotas, os garotos confessavam tudo, menos esse pormenor que escondia as suas reais intenções.

Por fim, naquela noite, acabamos saindo atrás do Victor, pé ante pé, levados pelo desejo de ver os fantasmas com os nossos próprios olhos. O sentimento de culpa nos acompanhava porque sabíamos as regras do instituto, que nos eram transmitidas com clareza, mas sem nenhuma ameaça de castigo pelo seu desrespeito. A confiança é um valor enorme que se pode dar a uma criança – ela custará a quebrá-la por ser algo do domínio dos adultos, ao qual ela ambiciona pertencer. Assim éramos educados em Yverdon.

A própria porta principal do castelo ficava aberta durante a noite, o que nos causava remorsos ainda maiores ao atravessá-la. Se tivéssemos de roubar uma chave escondida, sob a guarda de adultos, a consciência não nos pesaria tanto. Ainda assim, escapamos no ar frio da madrugada, tentando não pensar demais na transgressão que cometíamos.

Furtivo na noite como um gato, abafado no seu casaco, Victor caminhava num passo acelerado, as golas levantadas para cobrir as orelhas, seguido pelos companheiros mais novos que tinham quase de correr para acompanhá-lo. Alguns sussurravam perguntas nervosas, mas ele os ignorava, como se caminhasse sozinho na sua determinação de avistar os fantasmas. Eu estava tão receoso que acabei ficando para trás, e, inseguro sobre participar ou não daquela excursão noturna, avançava num passo hesitante, com as mãos enfiadas nos bolsos, olhando para trás, cheio de culpa. O amistoso castelo onde me sentia em casa surgia-me agora como um gigante irado, vestido de uma bruma hostil, prestes a abrir uma bocarra por entre as paredes frias de granito e engolir-me de uma vez só. Foi então que percorri a torre maior, o donjon, com o olhar até o alto, encontrando, para meu terror, aquele rosto triste olhando pela janela.

Do alto do seu quarto, Anna Pestalozzi nos observava. O luar iluminava o seu rosto, conferindo-lhe um tom sem vida, como se fosse feita de cera. Aterrado, corri pelo campo ao longo do canal oriental, à procura dos meus companheiros. Era início de dezembro, e um ar gelado varria a madrugada,

agitando uma névoa espessa e azulada que se abria aos meus pés, que se enterravam no solo mole das chuvas dos últimos dias. Queria chamar por eles, mas o medo de ser descoberto mantinha-me calado, escutando o resfolegar da respiração acelerada, avançando aos tropeções pelo caminho invisível em direção ao cemitério.

Foi então que distingui as pedras tumulares das sepulturas dos antigos habitantes da vila. À frente ficava o castro, e, já tendo esquecido a história dos fantasmas romanos, continuei à procura dos companheiros, ansioso por encontrá-los e voltar logo ao castelo. Acabei tropeçando numa raiz de árvore descoberta à entrada do cemitério e caindo no chão, soltando um grito mais de medo que de dor. Com aquele meu grito, os outros rapazes, que estavam atrás de uma sepultura, deram um salto, apavorados, gritando e correndo de volta ao castelo. Apenas Victor, que era menos impressionável, foi até mim. Conteí que tinha visto a mãe Pestalozzi e que estava arrependido de ter aceitado participar daquilo. Voltamos juntos para o castelo. Quando perguntei a Victor se tinham visto os fantasmas, ele sorriu e pôs-me a mão sobre o ombro.

Nos dias posteriores, procurei a mãe Pestalozzi para lhe pedir perdão pela minha falta e a dos meus companheiros, mas o seu estado de saúde se deteriorara, e ela não deixava mais o quarto. Dizia-se que o mal dos pulmões tinha se agravado. Morreu duas semanas mais tarde, no dia quinze, pouco antes do fechamento do instituto para as férias de Natal.

### 3

AO FUNERAL, NUM DIA cinzento e triste, compareceram todos os alunos e todo o corpo docente do instituto, bem como os habitantes de Yverdon. Depois da missa, o cortejo partiu para o terreno do castelo, no qual o pai Pestalozzi escolheu o espaço entre duas nogueiras como morada final para a sua companheira. Apesar de esperada, aquela partida se abateu sobre ele como uma noite, roubando-lhe a vitalidade e revestindo-o da realidade. Pela primeira vez o víamos tão velho daquele jeito e nos dávamos conta de que um dia ele também não estaria mais entre nós. Anna Pestalozzi era muito querida no instituto, e aquele cortejo pelo campo, num silêncio pungido, foi um dos dias mais tristes de que me recordo em Yverdon. A sepultura para o seu eterno repouso era bela, entre as nogueiras, despidas de folha naquela altura do ano. Mas a mãe Pestalozzi não morava mais ali. Seu espírito se destacara da matéria morta, e era um espírito de ordem maior, que muita caridade fez naquela longa existência entre nós.

O pai Pestalozzi decidiu dedicar-se quase em absoluto à escrita. As suas visitas às salas de aula tornaram-se raras, e ele não acompanhava mais as saídas de campo com os alunos nem interferia na sua formação. Apenas tomava conhecimento do nosso progresso, transmitido pela direção do colégio nas reuniões que alternava com a sua produção literária, cujo intuito era deixar para as gerações futuras os princípios elementares do seu método e as ferramentas da educação segundo a sua visão progressista. Um recolhimento natural para um homem velho e enlutado, mas que em breve poderia acabar desenterrando antigas guerras no colégio, cujas marcas ainda estavam bem presentes nos nossos instrutores e nos antigos alunos do mestre.

Naquele tempo, o braço direito de Pestalozzi era um teólogo suíço chamado Johannes Niederer. Professor antigo no instituto, ele era o responsável pelo ensino da filosofia, tendo trabalhado para combinar a doutrina do mestre com a sua própria filosofia idealista. Era um homem de personalidade forte, que atuava como relações-públicas do instituto e chegou a liderar uma

batalha na imprensa contra os detratores de Pestalozzi. Foi ele também o responsável pela criação da oficina de impressão no castelo, e todos os outros professores o viam com bastante respeito, assim como os alunos, embora em nós isso derivasse mais do medo que a figura de Niederer nos causava. Não era um homem afável ou próximo das crianças. Era sobretudo de enorme determinação e exigência, obstinado a manter e a ampliar o prestígio do instituto, bem como tornar conhecidos nos outros países os bons resultados do método de ensino ali aplicado.

A limitação de Niederer, bem como a de Pestalozzi, era a sua inabilidade para a gestão econômica do instituto. Para nós, que éramos crianças, esse aspecto era invisível, mas, como vim a saber mais tarde, a obra de Pestalozzi sofria com graves problemas financeiros. Isso se devia em parte ao caráter humanista do mestre e à sua visão desinteressada do dinheiro. As famílias dos alunos pagavam apenas o que podiam, e, se algumas – como a minha – tinham a felicidade de poder contribuir com uma mensalidade, a maior parte não tinha forma de retribuir a Pestalozzi. Mas nem por isso os seus filhos eram recusados ou tinham menos direitos. Tal sistema, ainda que idealista e belo na concepção, se tornava insustentável. Com o tempo, o instituto acumulou dívidas, e os salários de professores e funcionários ficaram em risco.

Pestalozzi decidiu recorrer a um antigo pupilo, também ex-aluno de Yverdon e professor de matemática. Chamava-se Joseph Schmid e fora em seu tempo o aluno preferido de Pestalozzi. O mestre reconhecia que tinha por Schmid, ex-camponês com vontade de ferro, certo fascínio. Era o professor ideal, tendo acompanhado Pestalozzi até 1810, quando deixou a instituição. Constava que naquela época uma divisão profunda estabelecera-se entre Schmid e Niederer, motivada por desentendimentos sobre as reformas a serem feitas no castelo. Além disso, os dois tinham se apaixonado pela mesma mulher, Louise Segesser, a diretora do instituto das meninas, mas foi Niederer quem acabou se casando com ela. O regresso de Schmid era, assim, o prenúncio de uma tempestade para o já fragilizado instituto.

Ao saber das intenções de Pestalozzi de trazer o rival de volta, Niederer ficou furioso. Ninguém conseguiu ficar indiferente às discussões que os dois tiveram no gabinete do mestre, numa das torres, pois os berros

ecoavam pelas salas do castelo. O mestre sofria com a firmeza das acusações do seu braço direito, mas, para ele, a solução para os problemas do instituto estava em trazer de volta aquele homem dos números, rigoroso, com uma paixão pelo método tão grande quanto a de Niederer. A disputa entre seus dois seguidores era inútil e só podia trazer danos ao instituto, desfecho que Pestalozzi não antecipou, cego pela amizade que tinha por aqueles titãs do seu próprio pensamento. Para convencer o teólogo, Pestalozzi acabou aceitando passar o instituto das meninas para seu nome, além de lhe pagar importantes somas em dinheiro, o mesmo que escasseava nas contas gerais.

Enfim chegou Schmid, nesse ano de 1815. Uma cerimônia simples foi preparada em sua honra, e os rivais aceitaram entender-se por esse dia, para o bem do instituto e por respeito ao mestre comum. Mas, como se temia, logo as animosidades ressurgiram, para o prejuízo de todos nós, que só queríamos continuar aprendendo, na harmonia em que vivíamos até então.

Ansioso por mostrar resultados e se impor como líder, Joseph Schmid começou uma série de reformas que desagradaram tanto a alunos como a professores. Com o argumento de poupar gastos, mandou encerrar a oficina de impressão, na qual tantos rapazes aprendiam o ofício que lhes poderia garantir uma honrada profissão; demitiu professores e funcionários e aumentou a carga horária dos que ficaram, mantendo-lhes os salários. Um descontentamento geral se instalou, o que levou Niederer a pressionar Pestalozzi a fim de que ele reconsiderasse a decisão de ter readmitido Schmid. Diante da recusa do mestre, o teólogo começou a usar a influência que tinha fora do instituto para denegri-lo. Surgiram na imprensa estrangeira artigos mencionando mudanças na famosa escola de Pestalozzi, e também a notícia de que apenas a das meninas – agora independente do resto da instituição – mantinha a excelência, com o método e os princípios de sempre. A escola dos rapazes, dizia-se, era agora muito mais próxima das escolas comuns europeias, já sem muitas das atividades que a tinham tornado famosa, voltada para resultados financeiros, à custa da exploração do trabalho dos seus professores e funcionários.

A campanha destrutiva de Niederer contra o instituto que ele próprio ajudara a erguer causou um profundo desgosto em Pestalozzi. Era comum

vê-lo sentado por horas a fio, debaixo da noqueira, junto ao túmulo da mulher. Talvez numa conversa de casal, falando-lhe da vida. Para os espíritos, a reverência à memória dos mortos é um gesto nobre e de aproximação.

Ainda que instigado pela crescente divisão no colégio que ele próprio também tinha ajudado a criar, Joseph Schmid manteve a sua gestão autoritária, desafiando Niederer e seus partidários. Em pouco tempo, chegou aos ouvidos dos pais dos alunos o ambiente pesado que predominava ali. Preocupado com as notícias que vinham a Lyon, meu pai decidiu viajar até Yverdon para falar com Pestalozzi. Os dois reuniram-se, na minha presença, e o mestre falou da disputa terrível entre os seus dois discípulos, uma guerra sem tréguas que ameaçava toda a instituição. Pestalozzi falava com uma honestidade comovente, como um pai desgostoso pelo desentendimento entre os filhos, não querendo tomar parte na inútil contenda, tampouco prejudicar um em detrimento do outro. Ele sempre conduzia os seus projetos com o coração, e ironicamente era esse seu amor que o impedia agora de tomar uma posição. O orgulho e a vaidade dos seus maiores seguidores lhe pareciam tão estranhos que ele era incapaz de censurá-los.

Pestalozzi contou-nos que apelava todos os dias a Niederer e a Schmid, pedindo que os dois se entendessem para o bem do instituto, mas invariavelmente ouvia de um lado a exigência de que o outro fosse demitido. Meu pai disse-lhe que, se não havia maneira de os dois se entenderem, talvez fosse melhor prescindir de um deles. Diante dessa possibilidade, o rosto do velho mestre tornava-se sombrio. Apesar dos problemas, dizia-nos, a gestão de Schmid vinha apresentando resultados positivos, e as contas estavam agora muito mais equilibradas, assegurando a possibilidade de manter as portas abertas. Só precisava da paz de Niederer para recuperar a harmonia e a boa fama do instituto, a mesma que ele deliberadamente tinha se aplicado em destruir.

Meu pai regressou a Lyon pouco convencido. A mim, que encarava os companheiros e os professores como uma segunda família, o sofrimento do pai Pestalozzi fez acreditar ainda mais nos ideais do mestre, e naquele dia prometi a mim mesmo estudar com mais afinco e um dia ajudá-lo na sua

obra. Tive de me abstrair das campanhas sujas que opunham Schmid e Niederer, cuja repercussão chegava já às salas de aula, dividindo os alunos. Os momentos de lazer eram agora ocupados com discussões sobre quem tinha ou não razão, e era simplesmente impossível mostrar simpatia e respeito pelos dois homens que tinham polarizado o instituto. Ou se gostava de um ou do outro. A harmonia era impossível.

As brigas tornaram-se frequentes e chegaram a ocorrer confrontos físicos. Os professores limitavam-se a ensinar no estilo da mais comum das escolas, desmotivados, sobrecarregados de trabalho e temendo novos cortes. Niederer soube aproveitar o descontentamento geral, organizando reuniões secretas e preparando ações para sabotar o trabalho de Schmid, de modo a afundar ainda mais o instituto no pântano a que parecia estar condenado.

Alheio à guerra surda que se desenrolava, eu dedicava a maior parte do tempo livre a estudar, certo de que os anos em Yverdon, apesar do mau momento, haveriam de ser de grande utilidade no futuro.

Entramos em 1816 sem um fim para a disputa, que consumia os nervos de todos. O número de novos alunos caiu bastante naquele ano, e houve muitas desistências, sobretudo de estrangeiros, insatisfeitos com a degradação do lugar – bem como os seus respectivos pais.

Pestalozzi envelhecera consideravelmente. O seu olhar, antes vivo e faiscante, era agora baço e apagado; a cabeleira de prata tornara-se branca, despida de brilho; e a sua antiga agilidade perdera-se para sempre, obrigando-o agora a mover-se com dificuldade, num passo lento e arrastado, de costas curvas como se ali carregasse um enorme peso.

Foi então que um fato extraordinário alterou o rumo dos acontecimentos. Foi no aniversário de Pestalozzi, quando se costumava fazer uma cerimônia na capela com todos os alunos, funcionários e professores. Como nos anos anteriores, nos reunimos no pátio interno, onde foram instaladas cadeiras para todos, voltadas para um palanque preparado para os discursos, desta vez para celebrar os setenta e um anos do mestre. Era um dos raros momentos em que Schmid e Niederer participavam de uma atividade comum, e a presença dos dois e a divisão entre as facções deixavam o ambiente pesado, recoberto por um estranho silêncio. Nas filas da frente

sentavam-se os professores, atrás os funcionários, e então os alunos, procurando espreitar por entre as cabeças o que se passava lá na frente, inquietos com a tensão no ar.

Desta vez tinham trazido o estandarte do instituto, o mesmo que levávamos nas nossas saídas de campo. Na frente, ao lado direito, conseguíamos distinguir a cabeleira de Pestalozzi entre os professores. Ao seu lado, sentava-se o professor de matemática, líder executivo do instituto, e na outra ponta, com seus caracóis aloirados, o teólogo Niederer. Assim como nos anos anteriores, coube a este último, como relações-públicas, fazer o discurso de abertura. Por norma, depois deste viriam as palavras do padre, a cerimônia de entrega dos diplomas dos alunos que concluíam a formação e um discurso do próprio Pestalozzi. Depois, uma ceia festiva, com música e animação. Mas naquele ano o programa era outro.

Quando Niederer subiu ao palanque, com as páginas do seu discurso debaixo do braço, um silêncio mortal instalou-se no pátio. Todos os olhos se fixavam nele, ansiosos, aguardando com atenção as palavras que ele dirigiria aos espectadores. Vista de trás, a fila de professores parecia feita de estátuas de granito, imóvel.

— Caros colegas — começou, num tom pausado —, alunos, mestre Pestalozzi. Hoje se assinala, como é tradição deste nosso instituto, um dia muito especial no seu calendário. O dia do aniversário do nosso mestre, orientador e pai Pestalozzi.

Ao pronunciar o seu nome, voltou-se para o canto, dirigindo-lhe uma pequena saudação. A assembleia se manteve em expectativa.

— Um ano passou desde que nos encontramos aqui reunidos pela última vez. Um ano muito particular na história deste instituto. Um ano sombrio, se me permitem dizer.

Prossiguiu dizendo que certamente Pestalozzi diria as suas próprias reflexões no discurso preparado para aquele dia, mas que antes ele queria dar a sua interpretação dos fatos. Como todos temiam, tinha escolhido aquela data tão importante para lavar a roupa suja e provocar os

adversários, principalmente aquele que se sentava à primeira fila, ao lado do mestre.

Niederer informou que seus contatos internacionais enviavam informações acerca da má reputação que o instituto ganhava a cada dia. Falou da correspondência alarmada que recebia de pais, mecenas, admiradores e até governantes, dando conta dos comentários que corriam Europa afora sobre uma escola antes tida como modelo de ensino, revolucionária no método e no pensamento, mas agora reduzida a um saco de gatos, muito distante dos tempos áureos, em que era louvada pela imprensa.

Tudo aquilo num ano apenas, concluía, com uma expressão dramática, para causar maior impacto. E quando tinha começado essa espiral descendente que os trouxera àquela desgraça?, perguntou, provocativo. Quem tinha, com a sua chegada e as suas políticas, arrasado um trabalho tão antigo e sólido, em pouco tempo de exercício?

A esta altura, Joseph Schmid saltou de sua cadeira, furioso:

— Você é um mentiroso, canalha!

O então controlado professor de matemática começou a desfiar um rol de acusações contra seu rival, culpando-o pelo clima de guerrilha no instituto, por envenenar a opinião pública e por dividir alunos e professores, tudo por mera vaidade. Naquele momento, Pestalozzi levantou-se da cadeira, pedindo que parassem com a discussão que enchia a assembleia de vergonha, mas Niederer retrucou, pondo-se a fazer acusações aos gritos, devolvidas por um Schmid também exaltado e fora de si.

Mas o instituto era mais do que aqueles dois insensatos.

Enquanto eles discutiam, os alunos foram se levantando. E então, em coro, começamos a entoar o nosso hino:

*Nós somos Pestalozzi*

*Nós crescemos como irmãos*

*Nos vales, nas montanhas e no lago*

*Anda escutar a nossa canção:*

*Pestalozzi, Pestalozzi, Pestalozzi!*

*Nosso pai, que nos guias e nos ensinas*

*A Palavra e o amor do coração*

*Pestalozzi, Pestalozzi, Pestalozzi!*

*Anda escutar a nossa canção!*

Todos na fila da frente ficaram boquiabertos, em silêncio, voltados para nós. Ao centro erguia-se o estandarte do instituto, acompanhando o movimento do mastro que um dos nossos colegas lhe dava. Estávamos cansados das discussões, das guerras e das mentiras, e era chegada a hora de mostrarmos o nosso amor pela escola e de defendê-la. Cheios de confiança, continuamos cantando o hino, à medida que abandonávamos nossos lugares e saíamos do pátio, em fila, como nos tempos dos exercícios do corpo.

A cerimônia acabou assim, com os professores desconcertados com a nossa ação espontânea. Depois alguém fez a sineta das aulas tocar, e metodicamente nos dirigimos às salas, ocupando os nossos lugares e esperando que os professores viessem para fazer o seu trabalho. Queríamos a normalidade de volta, queríamos aprender, queríamos Pestalozzi em todo o seu significado.

Pouco tempo depois do episódio do aniversário, Niederer perdeu a cabeça durante o sermão numa missa que celebrava em Yverdon. Cada vez mais excluído do instituto, desfiou acusações a Pestalozzi, o mesmo que sempre tanto admirara, cujo método estudara e até aperfeiçoara.

Ao saber do ocorrido, o mestre o chamou ao seu gabinete e lhe comunicou a decisão de expulsá-lo do instituto. Niederer ficou furioso. Nessa noite, convocou uma reunião com todos os professores que o apoiavam. Nos dormitórios ninguém pregou olho, especulando sobre o que aquele grupo dissidente estaria arquitetando.

No dia seguinte, Pestalozzi convocou uma reunião com todo o pessoal e os alunos e nos informou que Niederer e dezesseis professores tinham abandonado o instituto. Apesar do golpe no corpo docente, não havia motivo para medo, tranquilizou-nos: na Escola Normal estavam para se formar novos graduados, e a maioria, antigos alunos de Pestalozzi, predispunha-se a vir ocupar os lugares vagos.

Mas Pestalozzi não estava livre por completo dos problemas causados por Niederer. Com o orgulho ferido pela expulsão, o teólogo continuou com os seus ataques ao mestre. Chegou a inventar que Pestalozzi lhe devia dinheiro – quando na verdade era o contrário – e entrou na Justiça reclamando uma dívida imaginária. Pestalozzi já tinha dado a ele e à sua mulher o colégio das meninas, mas Niederer parecia disposto a extorquir tudo quanto pudesse de Pestalozzi, até deixá-lo na penúria e forçá-lo ao encerramento do instituto. Aquele processo se arrastou por anos, contribuindo ainda mais para o desgaste de Pestalozzi, não só pelos constantes deslocamentos às sessões de tribunal, mas também porque o assunto lhe causava um desgaste que nos entristecia a todos. A obstinação de Niederer em derrotar o mestre resistiu ao tempo, a ponto de Pestalozzi implorar a ele que o deixasse em paz para fazer o seu trabalho de educador.

Niederer aceitou arquivar o processo com uma condição: Schmid tinha que deixar o instituto. Na sua cabeça, era inconcebível que Pestalozzi o tivesse trocado por outro favorito. Se ele fora expulso, Schmid também haveria de ser. E assim foi. Esgotado por anos de discussões, o mestre explicou os seus motivos ao gestor e o demitiu. Finalmente, a paz regressou a Yverdon. Foram anos de uma disputa fútil levada a cabo por dois dos maiores admiradores de Pestalozzi, os homens em quem ele mais confiou.

Embora aquelas duas criaturas tivessem tanto em comum, e apesar da inteligência de que um e outro eram dotados, nunca foram capazes de compreender quanto eram semelhantes. A cegueira da vaidade os impediu

de realizar pessoalmente o que professavam na escola: o dom da partilha, da fraternidade e do amor ao próximo. No fundo, eram como dois irmãos parecidos demais para poder coexistir numa mesma casa. A sombra de um era insuportável para o outro. Depois de sair de Yverdon, Schmid foi a Paris para abrir o seu próprio instituto. Encontrei-o anos mais tarde, quando ali fui viver. O seu método era o do mestre, naturalmente.

Nos anos seguintes, comecei a ensinar os meus colegas e a acompanhá-los nos seus estudos. Era algo que me dava imensa alegria. Para que fosse um bom educador, eu também dedicava longas horas a aperfeiçoar os meus conhecimentos com os mestres de Yverdon. Entrando na adolescência, eu já estava certo de que um dia iria para a Escola Normal para me tornar um educador, de modo a contribuir para o bem da sociedade através de uma das mais nobres formas de partilha: o ensino.

Durante esses anos, Pestalozzi prosseguiu com uma prolífica produção literária. Eu acabei ingressando na Escola Normal, como desejava, e muitas vezes encontrei o mestre. Nesta fase, Pestalozzi escrevia motivado por um sentimento de missão, parecendo se preocupar com o legado que deixaria para as gerações vindouras. Lembro-me de ouvi-lo dizer, tal como deixou escrito, que o sucesso do instituto não podia ser julgado apenas pela avaliação dos conhecimentos dos alunos. Os resultados deviam ser medidos pela alegria deles, por sua devoção, pelo respeito ao professor, por sua obediência e pela força de vontade que cada um desses estudantes apresentava. A educação tinha de ser capaz de estimular as nossas capacidades intrínsecas, o nosso espírito. Ele daria ao método o nome de educação elementar, essa que ensina a criança a amar no pensamento e a pensar com amor. Esses ensinamentos tiveram profunda influência na minha vida adulta. Eu também pretendia, ao deixar Yverdon, criar um instituto e aplicar esse método de ensinar, misturando a razão e o coração.

E assim me tornei, aos dezoito anos, bacharel em Ciências e Letras, em 1822. Era jovem, cheio de energia e de ideias, ávido para pôr em prática os ensinamentos do instituto e seguir o meu futuro como educador, à imagem de Pestalozzi. Passei os três anos seguintes como professor no instituto, aplicando todo o meu conhecimento naquele castelo. Mas os problemas

passados tinham deixado o instituto na penúria. Com dívidas acumuladas, Pestalozzi não teve alternativa senão fechar a escola dos rapazes no fim do ano letivo de 1825.

Encontrei-me com ele pela última vez no seu gabinete, na torre do castelo. Sobre a mesa e nas estantes ao redor havia pilhas de volumes com o seu trabalho literário. Disse-me que escrevia também na esperança de conseguir pagar as dívidas com a publicação dos livros. Sua saúde era então frágil, e a voz pausada, entristecida. Lamentou-se pelo fim de sua obra, a qual não acreditava conseguir recuperar novamente, fosse ali em Yverdon ou em qualquer outro lugar.

— Estou velho, Rivail — disse o mestre, num lamento. — Estou velho e já não posso acompanhar os alunos ao campo. Resta-me escrever.

Abraçamo-nos longamente e nos despedimos. Eu regressei a Lyon, e o mestre a Neuhof, onde fundara a sua primeira escola. Na época, ele trabalhava no Canto do cisne, a sua última obra, de natureza autobiográfica. Lembro-me de olhar para trás, enquanto me afastava do castelo, para admirar pela última vez suas paredes, torres, as janelas dos dormitórios, a capela, o canal oriental. Deixei Yverdon desgostoso pelo desfecho do instituto, mas fervilhavam em mim os ideais que ali me foram ensinados. Mal sabia eu o que o futuro me reservava.

## 4

QUANDO VOLTEI PARA CASA, eu era um jovem de cabelos fartos e enrolados, corpo forte, muito diferente do menininho que era quando a deixei, doze anos antes, rumo à Suíça. Os anos de ausência naquela casa deram-se durante a fase de maior transformação de um indivíduo, uma verdadeira metamorfose que deixa para trás a inocência, como uma lagarta quando sai do casulo e se faz borboleta. Porém, apesar da transformação evidente, os meus pais não a tomaram tão a sério como eu. Durante as férias, em cada ano, os seus olhos acompanhavam o meu crescimento. Assim, não houve surpresa ao verem meu aspecto quando regressei definitivamente a Lyon. E, no campo da razão, como é natural nos pais, o meu desenvolvimento era de uma importância menor, como algo esperado depois de terminada a formação acadêmica, um salvo-conduto para encontrar uma boa profissão e nada mais. Aos seus olhos, eu continuava a ser o pequeno Hippolyte, uma criança que precisava de cuidado e a quem receberam em casa com felicidade.

Eu também estava feliz quando regressei, mas, ao fim de pouco tempo, comecei a notar os inconvenientes do retorno ao seio materno depois de crescer num ambiente onde éramos preparados para a independência. Deixar aquela casa para ir a Yverdon tinha sido difícil, mas o regresso foi ainda mais doloroso: não consegui me adaptar a viver de novo com os meus pais, ao contrário da mudança para o instituto Pestalozzi, onde ao fim de duas semanas já me sentia como peixe dentro d'água. Os horários da casa eram diferentes, os espaços todos eram partilhados. As conversas me pareciam estranhas, a privacidade era inexistente, enfim, havia toda uma série de inconvenientes que faziam com que eu me sentisse um estranho debaixo do teto onde tinha nascido.

Sem que eu precisasse explicar, o meu pai compreendia minha inquietude e me pedia paciência, pois eu era jovem e estava em início de carreira. Para começar a procurar uma profissão, era bom que tivesse aquele teto e a minha família para me sustentar, o que era verdade, apesar de isso não

ajudar a conter o ímpeto que carregava comigo desde que voltara de Yverdon.

A própria cidade me parecia estranha. Quando alguém deixa a terra natal aos dez anos, não tem oportunidade de conhecê-la de verdade. Os primeiros anos são marcados por impressões e experiências de um mundo próprio, diferente do mundo dos adultos. Lembrava-me da escola, de alguns colegas, mas eram recordações efêmeras que apenas despertavam sorrisos vagos. Na verdade, já não conhecia ninguém na cidade, não tinha amigos, e suas vidas, suas atividades e seus acontecimentos pouco significavam para mim. Era como um estrangeiro na minha própria terra, e isso me deixou melancólico naqueles dias.

Para superar esse desânimo inicial, decidi concentrar-me em procurar trabalho e em me ocupar com atividades produtivas que pusessem em prática a aprendizagem dos meus anos de formação. Consegui emprego como professor de língua estrangeira num colégio perto de casa, na rua Lanterne. Meu primeiro salário era respeitável para um professor em início de carreira, ainda mais considerando que podia poupá-lo quase em sua totalidade por não ter grandes despesas no dia a dia. Habitado às longas jornadas de trabalho em Yverdon e ainda sem raízes em Lyon que me permitissem sentir interesse pelos cafés e teatros, resolvi também usar meu tempo livre para me aprofundar nos estudos.

Por meio de outro professor do colégio, soube de uma editora alemã que procurava tradutores do francês. Dado o meu domínio da língua germânica, fui aceito e comecei a traduzir obras literárias depois das aulas, no meu velho quarto de criança, à luz de velas, interrompendo o trabalho apenas para a ceia, quando descia à sala de jantar. Depois de comer, continuava imerso nos textos, tão distraído que não via o tempo passar, e ia deitar altas horas da noite. Os trabalhos que mais apreciava eram as traduções dos textos do arcebispo Fénelon, um grande humanista, cujas ideias estudava com fervor.

À medida que o tempo passava, comecei a tomar consciência da vida penosa de muita gente na cidade, sobretudo dos trabalhadores da indústria da seda, os canuts. Sua insatisfação, gerada pelos salários miseráveis que recebiam por uma jornada dura de trabalho, era tema recorrente nos jornais

locais. Todas as semanas apareciam no colégio homens e mulheres que trabalhavam na seda pedindo um lugar para os seus filhos estudarem e terem uma vida melhor que a deles. Mas invariavelmente os canuts partiam frustrados por falta de condições financeiras para arcar com os custos.

Essa recusa revoltava-me profundamente. Era para mim uma traição aos princípios com os quais fui educado. Nunca uma criança deixou de frequentar o Instituto Pestalozzi por falta de recursos. As regras elitistas que separavam as crianças pela classe social enchiam-me de vergonha e, impotente, eu assistia ao afastamento dos pobres pais que sonhavam apenas com uma vida mais digna para os filhos.

Aquela situação permeava meu pensamento de forma insistente, era um incômodo que me impelia a buscar uma solução. Sempre que via um pai ou uma mãe de raízes humildes deixar, em desânimo, o gabinete do diretor, lembrava-me da comunhão de crianças de todos os estratos sociais em Yverdon. E, se a minha vontade era protestar contra aquela política discriminatória, a minha condição precária de jovem professor contratado não me dava espaço para fazer valer as minhas ideias, consideradas liberais demais por aqueles meios conservadores da sociedade. Mas alguma coisa eu tinha de fazer, e, se não fosse através do colégio, seria pelos meus próprios meios.

A minha resolução tornou-se certeza no ano seguinte, quando recebi uma carta de Yverdon, informando a morte do pai Pestalozzi, em sua casa em Neuhof. Apesar de esperada, a notícia deixou-me transtornado. Nesse dia, não consegui trabalhar depois das aulas, tampouco desci para a ceia, trancado no meu quarto. Chorei enquanto revia em pensamento os tempos passados no instituto. Queria poder voltar atrás e lutar mais por aquela escola nos tempos em que ela passou por tantas dificuldades. Queria poder ter encontrado alternativas para impedir o seu fechamento, queria ter viajado a Neuhof e estar ao lado de Pestalozzi nas suas últimas horas, para reiterar o amor e o respeito que eu tinha por ele. Nessa noite, abri a janela do quarto e me debrucei no parapeito, espreitando a noite limpa e cheia de estrelas. Fiquei observando cada uma delas, procurando no seu brilho as respostas para minhas dúvidas.

Quem nunca se voltou para a noite nos momentos de angústia? Quem nunca sondou o seu infinito oceano, buscando um rastro, uma centelha, um sinal daqueles que partem deste mundo? Esse gesto, sem aparente explicação, é algo inato, que nasce conosco, que não se ensina nem se faz por imitação. É intrinsecamente humano, dotado de uma razão e de um sentido superiores, feito de forma quase inconsciente. E por que nos viramos para o Universo quando nos faltam aqueles que amamos na Terra? Por que não nos viramos para o solo, onde estão enterrados seus corpos, quando lhes dirigimos as palavras? Ainda que cuidemos das sepulturas por tradição e memória, o instinto nos diz para lhes falar para o céu, onde nos poderão ouvir. Mas não é o céu figurado aquele para o qual falamos. É um céu mais antigo, visível, que está sobre a nossa cabeça e se reveste de uma beleza incomparável quando a noite cai. É aí que, por impulso, procuramos os mortos.

Falei com Pestalozzi por meio das estrelas, num tempo em que ainda estava por descobrir o mundo dos espíritos, numa idade em que desconhecia o universo etéreo onde eles vivem destacados da matéria, cruzando a imensidão de mundos para além da Terra. De forma inata, nos voltamos para o mundo dos espíritos quando queremos falar com eles, um gesto feito desde a infância e que só pode ser explicado por reminiscências de existências passadas que nos acompanham a cada encarnação e pelo processo de abandono desse passado para adentrar o plano onde vivem os nossos irmãos não encarnados, em diferentes mundos conforme o seu grau de evolução.

Na semana seguinte, voltou a aparecer um trabalhador da seda no colégio, pedindo, sem sucesso, que matriculassem o seu filho. Apesar de baixa, a mensalidade era alta demais para aquela gente que trabalhava de sol a sol, cujos rendimentos mal davam para pagar o aluguel do casebre onde viviam. Dessa vez, resolvi fazer algo, e, ao ver pela janela da sala dos professores o homem atravessando o portão, corri para alcançá-lo. Disse-lhe quem era, onde vivia e sugeri que o seu filho passasse à tarde na minha casa, na verdade na casa dos meus pais, para lhe ensinar algumas noções e introduzi-lo ao mundo da leitura e da escrita. E assim foi.

Na hora combinada, para surpresa da minha mãe, bateu à porta um garoto maltrapilho, com os seus oito anos de idade, dizendo que tinha lição

marcada com o professor Rivail. Surpreendida, foi chamar-me ao quarto perguntando-me o que era aquilo. Chamava-se Robert e foi o meu primeiro aluno dos canuts. Esperto, mostrou-se um aluno atento e com imensa vontade de aprender. Essa era uma característica que notei mais tarde nos alunos das classes mais simples, uma consciência aguçada do valor da aprendizagem. Desde logo sabiam que aquelas lições seriam determinantes para o seu futuro e absorviam-nas com atenção admirável, como quem protege um tesouro.

Ao fim do dia, Robert foi embora, e no dia seguinte, à mesma hora, voltou para a segunda lição, mas acompanhado da irmã mais nova, Louise. Censurei-o por ter trazido a pequena sem antes me consultar. Atrapalhado, pediu desculpas e perguntou-me se eu também poderia ensinar a irmã. Assim foi a segunda lição, com Robert e Louise. Ao terceiro dia, os dois apareceram com um vizinho, Édouard. E depois vieram Sofie e Charles. Ao fim de uma semana, quase uma dezena de garotos aparecia à porta, sem nenhum material, pedindo para aprender as letras e os números com o professor Rivail.

Aquela multiplicação de alunos criou uma situação insustentável. Na minha boa-fé, não tive o cuidado de consultar os meus pais sobre a ideia de ensinar gratuitamente as crianças. O gesto me parecia tão genuíno que se tornava autojustificável. A juventude nos enche de certezas e paixões que tomamos como verdades supremas. Na insensatez, negamos as limitações, os problemas da vida real, nos esquecemos de como podem influenciar negativamente os nossos intentos, por mais inspirados que sejam.

Naquele caso, eu me dei conta do erro que cometera e da dimensão do problema que poderia vir a criar se não pusesse limite àquele número cada vez maior de garotos ávidos por aprender. Numa noite, o meu pai repreendeu-me por ter decidido, por conta própria, criar aquelas sessões escolares, para as quais não podia oferecer o mínimo de condições. Falei-lhe de Pestalozzi e do instituto e da gratuidade do ensino para muitos alunos. O meu pai reconheceu a nobreza do gesto, mas disse que a sua casa não era um castelo. Era impossível ter aquelas crianças circulando pela sala – meu quarto logo se tornou pequeno demais para as lições –, e, se eu não

resolvesse o assunto, ele próprio seria obrigado a tomar as medidas necessárias.

Decidi então que só receberia dois alunos por dia, e, em vez de ter os mesmos todos os dias, comecei a alternar os dias de lição, para que pudesse ensinar ao maior número de alunos. Escolhi seis alunos que me pareciam ter maior potencial. Os outros tive de mandar embora, o que me custou imensamente, como se traísse suas esperanças de formação. Se eu tivesse um castelo, receberia todas as crianças de Lyon para lhes transmitir o meu saber. Mas eram seis os meus pupilos, e assim trabalhamos nas semanas seguintes, apesar do certo mal-estar que a situação continuava a causar em minha casa.

Algum tempo depois, comecei a sofrer consequências. Não tardou até que outros professores do colégio tomassem conhecimento das lições que eu dava gratuitamente. Quando percebi, já era um tema recorrente nos corredores, por onde circulavam comentários jocosos sobre as minhas atividades. Acabei sendo chamado ao gabinete do diretor, visivelmente incomodado com as histórias.

— É verdade o que se fala por aí, Rivail? Que você tem uma escola concorrente com esta, onde recebe garotos de má índole? — perguntou, com os óculos na ponta do nariz, de pose altiva atrás da mesa.

Expliquei que não tinha escola, apenas dava lições a meia dúzia de crianças que não tinham condições de frequentar o ensino regular. Nunca me passaria pela cabeça a ideia de concorrer com o colégio.

— O que mais me espanta — continuou ele, indiferente às minhas explicações — é como o seu pai, um proeminente juiz, tolera essa pouca-vergonha. Garotos da rua, Rivail? — insistiu, com um ar de desdém em seu rosto magro e seco.

Não consegui responder e deixei o gabinete sentindo o rosto queimar, não sem antes ouvir o conselho de que deixasse as lições e me concentrasse nas aulas do colégio. Fosse eu o tutor de crianças da alta sociedade a preços exorbitantes, minha atitude seria elogiada.

Àquele episódio juntou-se outro que acabou de vez com as aulas particulares. Minha mãe, já pouco satisfeita com os alunos pela casa, perdeu um anel de ouro que supostamente tinha guardado no quarto. A primeira associação que fez foi com a presença de estranhos na casa, e a última também. Não tive remédio senão acabar de vez com as aulas, que tantos problemas levantaram desde o primeiro dia. Comuniquei a minha decisão ao diretor do colégio, que me deu um tapinha nas costas, dizendo ter certeza de que eu havia “voltado à razão”.

E assim me tornei novamente um estranho em Lyon. Desmotivado com o trabalho e impedido de ensinar aos meus alunos da seda, voltei a me dedicar às traduções, estendendo o trabalho para outras línguas, como o espanhol, o italiano e o russo. Depois de solitários passeios nas margens do Ródano, retornava invariavelmente para casa, onde me fechava no meu quarto, entre os pesados volumes que traduzia, únicos companheiros que tinha. Perdi algum peso, e os meus pais começaram a se preocupar com a minha saúde. Insistiam para que eu saísse mais, que não me fechasse em casa e que frequentasse os cafés da cidade, que fosse ao teatro, que procurasse companhia. Que arranjasse uma mulher, dizia a minha mãe, certa de que pelo amor se resolveriam os males de um jovem solitário. Como ia encontrar alguém, ela concluía, desconsolada, se eu passava o tempo todo no quarto?

O meu pai era mais perspicaz no que dizia respeito ao meu desânimo. Graças a ele, mais uma vez, se deu outra transformação essencial na minha juventude. Certa noite, depois da ceia, chamou-me ao seu escritório para uma conversa “de homem para homem”.

— Eu sei que ensinar naquele colégio não o deixa feliz. Suponho que seja um pouco diferente do instituto Pestalozzi.

— Um pouco — concordei, com um sorriso. Falávamos pouco um com o outro, mas bastava meia dúzia de palavras ou uma troca de olhares para transmitirmos uma infinidade de mensagens.

— Não posso transformar nossa casa numa escola, como você sabe. Mas isso não quer dizer que você tenha que abandonar os seus sonhos.

Ao dizer isso, alcançou o livro de cheques que estava sobre a mesa, atulhada de pilhas de papéis do tribunal, e, molhando a pena no tinteiro, começou a escrever.

— Tome, isto é para você. Creio que será suficiente para realizar o seu sonho.

Na minha mão tinha um cheque de cinquenta mil francos. Eu olhava para aquele papel embasbacado, sem saber o que dizer.

— Tenho certeza de que será um grande educador. Agora tem o que é necessário para criar o seu próprio instituto. Não dará para comprar um castelo — disse, com um sorriso —, mas já será suficiente para um estabelecimento digno. Talvez em Paris — acrescentou, pegando o Figaro, que estava sobre a mesa.

— Paris? — perguntei, surpreso.

— Tem acompanhado as notícias? Muita gente tem chegado à capital. Aquilo fervilha de atividade. Além disso, um outro ar iria lhe fazer bem. Outras companhias.

— A mãe anda influenciando-o com suas ideias.

— É o curso natural das coisas, não é? Não julgue que não vai nos custar vê-lo partir novamente, caso aceite. Mas sei que lhe fará bem. E que poderá ser útil a muita gente com a sua vocação.

Recostado na sua cadeira, envolto pela luz mortiça do candeeiro e com a estante repleta de livros atrás, ele deixava transparecer um olhar jovem no rosto envelhecido. Apesar do entusiasmo, pedi alguns dias para considerar a ideia. A mãe já sabia? Já, confirmou, apesar de não gostar da ideia.

— Mas não se preocupe — disse o meu pai, erguendo-se —, eu trato de convencê-la.

Naquela noite, mal dormi ante a mudança colossal que se formava no meu pensamento, com todas as suas implicações. E se eu não fosse capaz? E se

falhasse e tivesse que regressar a Lyon, depois de gastar o dinheiro dos meus pais? A segurança fugia, bem como o sono, na escuridão em que as minhas perguntas ficavam sem respostas. Revirei-me uma infinidade de vezes nos lençóis, vendo desfilar na mente as imagens do cheque, de Yverdon, Pestalozzi, Paris, a Paris desconhecida que imaginava pelo que diziam os jornais, os viajantes – o que faria eu sozinho em Paris? Acabei adormecendo, derrotado pelas dúvidas. Mas com a luz do dia seguinte veio outra, a da razão. Fui dar as minhas aulas no colégio, tão bem-disposto como poucas vezes ali estive. Ao fim das lições, fui ao gabinete do diretor.

— Você é quem sabe, Rivail — ele me disse, depois que apresentei a minha demissão e expliquei em termos gerais os motivos. — Aquilo é uma cidade grande, mas com muitos vícios também. Se um dia mudar de ideia e voltar a Lyon, tem o seu lugar aqui à espera.

Agradei e nos despedimos cordialmente. Depois fui dar o meu passeio pela margem do rio, desta vez cheio de entusiasmo. Nunca a cidade com os seus prédios, os seus cafés e aqueles que transitavam por ela me pareceu tão bela. Sentia quase pena por partir. Ao fim do dia, comuniquei a decisão aos meus pais. Abrimos uma garrafa de vinho para celebrar.

Uma semana mais tarde, eu me despedi na estação, no meio da confusão de viajantes chegando e partindo, rapazes carregando mercadorias, funcionários, oficiais, curiosos, toda uma turba atarefada, impelida pelo apito atroz e inflamado do comboio prestes a partir. Acenei-lhes da janela à medida que a locomotiva começava a deslizar pelos trilhos. Adeus, adeus!, dizia, vendo os seus braços cada vez menores. Em breve começaria uma nova fase da minha vida, e, meu Deus, se naquele comboio eu pudesse imaginar tudo o que estava para me acontecer na cidade das luzes!

## 5

CHEGANDO A PARIS, INSTALEI-ME numa pensão na rua de La Harpe, em Saint-Germain. Ficava num edifício de três andares com água furtada, de fachada em alvenaria pintada num tom amarelo ocre, na qual se destacava o verde descascado das persianas nas janelas. Era verão, um verão particularmente quente, e madame Géraldine, uma viúva com seus cinquenta anos e dona do lugar, instalara no pequeno jardim dos fundos umas mesas de ferro para os hóspedes tomarem refresco ao fim da tarde, quando o sol descia atrás da casa vizinha, cuja parede era revestida de um tapete de hera.

O meu quarto ficava no último andar, voltado para os fundos, e, quando terminava de jantar com os outros poucos hóspedes, me instalava naquele espaço silencioso e simples. Eu abria a janela para o jardim, por onde entravam o perfume dos gerânios e a luz avermelhada do entardecer. Nesse momento, debruçava-me sobre o meu Curso prático de aritmética segundo o método Pestalozzi, com modificações, que eu estava quase finalizando e se tornaria a primeira das minhas obras publicadas.

Os primeiros dias foram preenchidos pelas novidades que Paris oferecia a um jovem de vinte anos cheio de planos. Naqueles tempos, a capital francesa estava em constante transformação, era praticamente um canteiro de obras. Suas ruas estavam sendo alargadas em meio ao movimento habitual da cidade, o que tornava tudo um tanto caótico. Eu ficava muito impressionado, caminhava durante horas, não poucas vezes perdido por entre ruelas labirínticas, descobrindo a cidade enquanto revia mentalmente o meu plano de estabelecer um instituto de ensino semelhante àquele que o meu mestre havia criado.

Para minha felicidade, lendo o jornal, me deparei com um artigo sobre uma escola na rua Tournoun, dirigida pelo meu antigo professor Boniface. Decidi visitá-lo no mesmo dia. Encontrei-o tal como o conhecera, alegre, rodeado de alunos inteligentes e educados, que me fizeram recordar os

meus tempos de estudante em Yverdon. Sua escola era voltada para rapazes dos dez aos dezesseis anos e, para além das disciplinas clássicas, tinha instrução para a arte e passeios regulares nos arredores de Paris, feitos nos fins de semana, ao bom estilo do nosso mestre Pestalozzi.

Falamos do passado comum na Suíça, da minha passagem por Lyon, dos meus trabalhos como professor e tradutor e das minhas ideias como pedagogo, apoiadas pelo meu pai, cuja ajuda me levava – uma vez mais – a partir numa nova aventura. O professor Boniface reconhecia no meu discurso os seus próprios ideais, provavelmente por sermos alunos do mesmo mestre. Depois de me mostrar cada canto da sua escola, que funcionava num edifício antigo de pé-direito alto e salas amplas, com mesas de trabalho dispostas em U, levou-me ao pátio dos fundos, onde havia o recreio dos rapazes. O dia chegava ao fim e todos os alunos já tinham partido para suas casas.

— Quando olho para esta fachada, me lembro daquelas paredes de pedra de Yverdon — disse o professor, com um olhar nostálgico, contemplando a escola. — Por que não se junta a nós, Hippolyte? Eu de fato precisava de mais um professor, especialmente um educado segundo o método do pai Pestalozzi. Mestres como você são raros.

Fiquei sem saber o que dizer. Tinha acabado de chegar a Paris, ainda perdido tanto nas ruas como nos planos, todos ainda muito genéricos. O professor Boniface tinha ideia de expandir a sua escola para turmas mais jovens, para começar a ensinar o método Pestalozzi desde cedo, o que fazia todo o sentido. Queria estabelecer num dos andares vagos do edifício uma escola de primeiro grau e desejava que eu fosse o diretor. Era uma excelente oportunidade, pois logo poderia começar a trabalhar segundo o meu modelo, que era o daquela escola também. Além disso, eu não teria que me preocupar com questões administrativas, rendas, salários e impostos, toda burocracia naturalmente associada à gestão de uma instituição como aquela, concentrando-me somente no ensino, como era a minha vontade. Além disso, o professor Boniface, com o seu enorme coração, ofereceu-se para me apresentar ao sr. Pillet Aimé, dono de uma tipografia, pela qual eu poderia publicar o meu curso de aritmética quando estivesse concluído.

Assim comecei a minha vida em Paris, durante a manhã ensinando às crianças entre os seis e os dez anos de idade, estimulando-lhes a curiosidade e conduzindo-as à descoberta, por elas mesmas, das palavras, dos sons, dos números, dos produtos terrenos e de criações maravilhosas, obras de Deus como os seres desta Terra e de outras que eu haveria de conhecer mais tarde pelos espíritos. À tarde, lidava com a tipografia, acompanhando a impressão da minha obra e, ao final do dia, concentrava-me na produção de novos textos, ávido por deixar registrada minha contribuição para os problemas que identificava na área que me era mais cara, o ensino. Comecei então uma obra ambiciosa endereçada às autoridades competentes, um Plano para a melhoria da educação pública, sobre o qual passava longas horas sentado à luz de vela no meu quarto quando não estava preparando as lições na escola do primeiro grau.

Na época da publicação do Plano, passado um ano da minha chegada a Paris, apareceu um homem na escola à minha procura. Era um sujeito alto e esguio, de rosto magro e olhos encovados, com um bigode de pontas finas e espetadas, da mesma cor prata da cabeleira desgrenhada. Apresentou-se como Édouard Duhamel. Era meu tio Édouard, irmão da minha mãe que eu nunca conhecera. Desde criança ouvira dizer que ele tinha sido tenente no Exército de Napoleão e que combatera na Espanha, tendo desaparecido na época da guerra. Aquele encontro me surpreendeu, e, quando lhe perguntei como tinha me encontrado, mostrou-me o Figaro que tinha debaixo do braço, no qual o meu nome surgia num artigo sobre o meu plano para a educação pública.

— Ah, meu sobrinho, você é um homem — exclamou, abraçando-me efusivamente. — Só soube de você pelas cartas que troquei com a minha irmã. Quando vi o seu nome no jornal, decidi procurá-lo.

O tio Édouard, apesar do ar austero, era um homem conversador e bem-disposto. Conversamos por um bom tempo e combinamos de nos vermos à noite num café na Passage des Panoramas, lugar bastante popular naquela época.

Era a primeira vez que eu saía na noite parisiense. Nervoso e sem saber o que esperar, fui a Montmartre, para onde uma massa humana convergia com o anoitecer que caía. Ali, a luz viva dos candeeiros a gás — os primeiros de

Paris — iluminava a atmosfera ruidosa, refletindo-se nas vitrines, nos ouros vistosos das joalherias, nos relógios e nos vidros esbranquiçados que encimavam a Passage cheia de gente animada, os rostos amarelados pela chama do gás. Entre as conversas e os risos havia o som de um realejo saído de uma confeitaria. Apesar do ar fresco da noite, um calor incômodo subia por toda a galeria, um ar saturado, tocado por um cheiro quente e enjoativo de água-de-colônia.

Tínhamos combinado de nos encontrar na porta do Variétés. Hesitante, acabei me encostando junto à entrada dos artistas. Com receio de me atrasar, eu tinha chegado antes da hora, e, enquanto esperava, pus-me a observar a esquina entre a galeria do teatro e a galeria Saint-Marc, ambiente um pouco duvidoso com lojas muito pobres de bibelôs baratos, armazéns de móveis e outros estabelecimentos antigos. No ar pairava um odor forte de couro, intercalado por um aroma de baunilha vindo de uma loja de chocolates. Cavalheiros elegantes entravam e saíam pela porta de acesso restrito do teatro, alternando com carpinteiros, figurantes, gente de aspecto sujo e embriagado carregando caixas, roupas velhas e adereços para o espetáculo. A certa altura passaram três jovens vistosas rindo alto, seguidas de um sujeito loiro, de suíças longas e casaca. Os quatro entraram pela porta dos artistas. Então, ouvi a voz do tio Édouard atrás de mim.

— Belas garotas, não? — perguntou, com uma risada grosseira, dando nas minhas costas um tapa que me assustou. — As atrizes são as melhores amantes, mas dão cabo de um homem em três tempos. Vamos nessa.

Levou-me a um café ali perto, frequentado por gente do teatro, cuja sala principal funcionava no subsolo, cheio de clientes, barulho e fumaça. Sentamos a uma mesa no canto, e uma garçonete forte de blusa muito decotada veio nos atender. Pela intimidade com que nos tratou, pude perceber que o meu tio era cliente habitual.

— Lá em Lyon, sempre que o seu nome vinha à tona, a minha mãe lamentava não saber nada de você — disse-lhe, assim que a garçonete se afastou.

— Sei que não foi correta a forma como desapareci. Mas, acredite, não tive alternativa. Durante a guerra me envolvi com uns negócios que correram

mal, com gente pouco recomendável — explicou, com o aspecto tenso, enquanto acendia um charuto. — Fui obrigado a desaparecer por um tempo. Hoje estou livre de problemas. E feliz de vê-lo aqui comigo, rapaz — acrescentou, sorrindo com os dentes amarelos do tabaco e do café.

Contou-me histórias da guerra, dos lugares onde esteve mobilizado, enquanto eu lhe falava da minha infância, dos anos na Suíça, das razões da minha chegada a Paris e dos projetos que tinha. Ele parecia interessado em tudo o que eu dizia, alternando o charuto com a sopa de cebola e o vinho, que deixava seu semblante mais relaxado e seu discurso mais prolixo.

— Mas por que não cria em Paris o seu próprio instituto, Hyppolite? Já viu a quantidade de migrantes que chega todos os dias à capital? Uma escola livre, de acesso universal, para essa gente explorada. Quanta publicidade não teria uma instituição dessas aqui na cidade!

Expliquei que não era a publicidade que me movia, mas o desejo de ensinar. Ainda assim, os seus olhos pareciam faiscar com a ideia.

— Olha, conheço muita gente em Paris, gente influente, inclusive no governo. Para conseguir alguma coisa é preciso bater nas portas certas, sabe? E nisso posso ser de grande ajuda. Se quiser mesmo abrir seu instituto, sei exatamente com quem falar. E, ainda que não goste de publicidade, isso será fundamental para dar credibilidade ao seu projeto.

Apesar de não gostar do estilo do meu tio e de ele não me inspirar confiança, eu sabia que naquele ponto ele tinha razão. Se não fosse o trabalho de relações públicas de Niederer em Yverdon, jamais o instituto Pestalozzi teria a fama mundial e o prestígio que alcançou. Além disso, ele era meu tio, e, nos meus ainda inexperientes vinte e um anos, acreditava que alguém da família só poderia me fazer o bem.

— Se quiser, podemos ser sócios. Você fica com a organização e a gestão do instituto, totalmente livre para decidir como bem entender. Eu me encarrego da imprensa, das relações públicas, da divulgação junto às famílias abastadas e de angariar mecenas para financiar os custos de funcionamento. Assim, você poderá ensinar a ricos e pobres, como pretende.

Aquele discurso inflamado e confiante me impressionou. As lembranças dos problemas práticos de Yverdon faziam com que eu reconhecesse minha inexperiência — à semelhança de Pestalozzi — com questões relacionadas à comunicação, assunto que causava desconforto a um jovem reservado como eu.

Quando nos despedimos, o café estava vazio. Naquela noite, havia um espetáculo em cartaz no Variétés, e as pessoas que tinham se apinhado entre as mesas e o balcão já haviam desaparecido rumo à sala do teatro. Falei que iria pensar na proposta e pedi que escrevesse à minha mãe para dar notícias. Ela não merecia viver na angústia de não ter notícias do irmão, que gozava de boa saúde e divertia-se na Passage des Panoramas.

Enquanto caminhava pelas ruas, já desertas àquela hora, sonhava com o meu instituto, no qual, pelo método do meu antigo mestre, os alunos poderiam se desenvolver de forma verdadeiramente humana. Eu tinha intactos os cinquenta mil francos que o meu pai me dera, pois o pouco que ganhava na escola de Boniface era suficiente para pagar o quarto da pensão e os meus gastos simples do dia a dia. Movido pelos sonhos e com a força da juventude, eu já me imaginava conduzindo, à semelhança de Pestalozzi, um imponente instituto no coração de Paris, famoso por toda a Europa e procurado pelos pais de alunos de todos os países, que encontrariam nele a continuação da antiga escola de Yverdon.

Era, no fundo, uma ambição tola de um jovem que já se sentia dono de todo o conhecimento do mundo. Embora eu tivesse as melhores intenções, o que me motivava era o efêmero e vazio sucesso entre os homens. E foi assim, nessa ânsia de resultados imediatos, que procurei o tio Édouard, oferecendo-lhe ingenuamente uma sociedade para criarmos aquele que viria a ser o Instituto Técnico Rivail.

Encontramos um espaço para o instituto na rua de Sèvres, número trinta e cinco. Era o segundo andar inteiro de um edifício imponente em pedra e com varandas pequenas e apertadas, no qual funcionavam escritórios de várias empresas. O andar estava abandonado e, a julgar pela quantidade de caixas com papéis empoeiradas e espalhadas pelas diversas salas, antes servira de armazém.

— Agora está com este aspecto, mas, depois de uma boa limpeza, ficará como novo — dizia o tio Édouard, enquanto me mostrava, orgulhoso, o espaço, muito bem localizado e de área considerável.

Quando lhe perguntei quanto pagaríamos de aluguel, limitou-se a dizer que não me preocupasse com isso – era uma bagatela, garantiu. O andar tinha um espaço contíguo, totalmente separado do resto das salas, cujo acesso se dava por uma porta que dava para a escadaria central. Tinha dois cômodos e uma velha mobília de quarto. Para as minhas necessidades, era perfeitamente suficiente. Assim, eu poderia deixar o quarto na pensão e trabalhar e viver no mesmo lugar. Uma excelente poupança tanto no bolso como nas solas dos sapatos.

Levamos mais de uma semana para limpar e organizar o instituto. Tio Édouard apareceu com dois homens para ajudar, e nós quatro carregamos inúmeras caixas para o lixo, limpamos as salas, trocamos vidros quebrados e pintamos as paredes, que estavam cobertas por horríveis manchas de umidade que conferiam ao espaço um ar lúgubre e desolado. Ao final de tanto esforço, o andar ficou em perfeito estado. Depois de receber as carteiras e os armários escolares, o futuro Instituto Técnico Rivail tomou a sua forma final.

Imensamente feliz, admirei o trabalho realizado. Ao ver o quadro-negro, as formas geométricas de madeira, os manuais de cálculo, de aritmética e de latim, senti uma vontade enorme de subir no estrado e começar a dar aulas imediatamente. Tio Édouard também estava feliz com o resultado dos nossos esforços e, com um sólido aperto de mão, nos saudamos, confiantes. Naquele momento, todas as minhas dúvidas sobre aquela sociedade tinham se dissipado por completo.

A inauguração ocorreu no outono daquele ano, diante de mais de uma centena de pessoas. Tio Édouard conseguiu publicar no jornal um artigo anunciando o evento, no qual apresentava o que seria uma escola-modelo, inspirada nos métodos mais vanguardistas e iluminados da Europa. Também convidou pessoalmente todo o seu círculo de amizades, inclusive pessoas do universo cultural, que conferiu um ar eclético ao grupo presente. Entre os professores de Paris, alguns deles membros da Academia de Ciências, havia atores, músicos, poetas e jornalistas, todos interessados em admirar o

novo instituto, descrito pelo meu tio como a última grande novidade de Paris, algo que ninguém podia perder. Todo aquele protagonismo me deixava envergonhado, e eu apenas sorria, constrangido, enquanto ele tecia os maiores elogios aos meus dotes como professor. Foi com alegria que descobri entre os presentes o professor Boniface, a quem mostrei o instituto e com quem conversei durante a maior parte do tempo. Expliquei que no ano seguinte já não lecionaria na sua escola, o que ele aceitou com um sorriso.

— Mais um discípulo de Pestalozzi que segue o seu caminho — disse-me, com um abraço.

— Só quero que esta cerimônia acabe logo. Não suporto essa demonstração de vaidade...

— Mas traz alunos, traz alunos — disse ele, num tom sábio. E, de fato, era de alunos que eu precisava. O tio Édouard cumprira a sua parte. Era hora de eu cumprir a minha.

Na semana seguinte, as aulas começaram com uma turma de vinte e três alunos, um número que me permitia ser o único professor do instituto. Tinham entre dez e catorze anos, e as aulas e as disciplinas eram elaboradas à imagem do modelo de Yverdon. Começávamos os trabalhos às sete da manhã, interrompendo ao meio-dia para o almoço, e concluíamos às seis da tarde, quando chegavam os pais dos alunos para buscá-los. Como não havia dormitório no instituto, a jornada não era tão longa como em Yverdon, mas trabalhar com uma única turma me permitia mudar de disciplinas sem interrupções nem perda de tempo. Além disso, o ritmo continuado exigia muito de mim e dos alunos, e, quando chegava o fim do dia, era comum estarmos exaustos.

O fim de semana era de descanso. Agora mais familiarizado com a cidade, eu aproveitava os dias para dar longos passeios pelos jardins, praças e armazéns, espreitando as novidades ou lendo os jornais nas esplanadas e cafés, gozando o descanso merecido. Outras vezes, quando o tempo frio e chuvoso não convidava a passeios, ficava no instituto, ocupado com leituras ou escrevendo meus textos sobre educação. De forma quase inconsciente, seguia o caminho do meu antigo mestre, ensinando e deixando em livros

ideias baseadas nos seus princípios. Levava uma vida tranquila e estava satisfeito com o progresso do Instituto Técnico.

Nos anos seguintes, o número de alunos aumentou, e tive de contratar novos professores. O tio Édouard, que eu encontrava apenas nas raras visitas ao instituto, dizia-me que financeiramente a sociedade gozava de boa saúde e que eu podia contratar mais docentes, um crescimento esperado desde os primórdios do projeto. Tudo corria bem, eu me sentia feliz e satisfeito com os resultados. Ganhara alguns quilos e começara a usar, com uma pontinha de vaidade, um cavanhaque da mesma cor arruivada dos meus cabelos. A cidade continuava a acolher migrantes de todo o lado, uma transformação contínua que a preenchia com novidades. Sem que eu pudesse imaginar, minha vida também estava prestes a mudar de forma maravilhosa.

Naquela época, eu começava a ficar conhecido na sociedade parisiense e tornei-me frequentador dos famosos salões, então em voga. Todas as terças-feiras, comparecia ao palacete da condessa de Thieles, conhecida como condessa Délphine, uma senhora de meia-idade, amiga das artes e das letras, anfitriã de um salão com alguma popularidade. Nas noites mais frias, era comum os convidados se instalarem em torno da lareira, onde a lenha estalava lentamente e esquentava o ambiente com as suas pequenas labaredas. O salão tinha um grande pé-direito, três janelas voltadas para o jardim e um lustre com lâmpadas que vertiam a sua luz sobre móveis de acaju estilo império e cadeiras de veludo amarelo, conferindo ao ambiente uma atmosfera soturna. A condessa apreciava tanto as conversas sobre os novos avanços da ciência como as discussões sobre as grandes obras literárias, a pintura ou a música. Assim, naqueles encontros, nos quais por norma participava uma dúzia de convidados, havia gente das mais diversas áreas de interesse, que trocava pontos de vista e contava novidades ao sabor do famoso conhaque da condessa, produzido na sua quinta em Pons.

Numa dessas noites, num mês de abril, cuja chuva fazia a umidade subir do jardim, a condessa estava em sua poltrona de seda vermelha dissertando sobre os poemas de Deschamps quando duas batidas leves do criado na porta do salão a detiveram. Ao fundo, uma jovem de vestido azul-escuro e

cabelos castanhos encaracolados aguardava, de modo reverente. Eufórica, a condessa Délyphine se levantou:

— Oh, minha querida! Que bom que pôde vir! Venha comigo — disse, tomando-lhe a mão. — Venha conhecer os outros convidados.

Todos nos levantamos para cumprimentar Amélie Boudet, dotada para as letras e as artes, conforme explicava a condessa, e também filha dos seus bons amigos Julien-Louis e Julie-Louise, coincidência de nomes que Délyphine achava uma “graça deliciosa”.

— Este é o sr. Rivail — disse a condessa, aproximando-se de mim —, seu colega de profissão e homem de ideais progressistas e livres. Fundou o seu próprio instituto técnico quando ainda era um garoto de calções, acredita?

Ao comentário da condessa, troquei um sorriso envergonhado com a recém-chegada, encontrando os seus olhos cor de mel. Senti o rosto arder. Foi quando eu e você nos vimos pela primeira vez, lembra?

— A srta. Boudet é professora da instrução básica, mas já tem obra publicada, não é? Está cada vez mais bonita, esta mulher. Carreguei-a no colo quando era bebê — explicou a condessa ao grupo. — Quando a sua mãe me disse que passava as noites em casa, tive que tomar uma atitude e a convenci a vir visitar este grupo de vícios. Dos bons vícios, que fique claro — acrescentou, causando risos no salão.

Você sentou na cadeira vaga ao meu lado e, quando os homens foram à varanda fumar os seus charutos, decidi ficar ali e aproveitar o momento para uma conversa. O seu ar tranquilo me impressionou. Era uma senhorita cheia de classe que me deixava nervoso – eu, inexperiente no que dizia respeito ao sexo oposto. Enchi-me de coragem e falei que também tinha dado aula para crianças pequenas ao chegar a Paris.

— É um privilégio ensinar aos mais novos — você disse, sorrindo, amável.  
— Nessa fase tudo é novidade, não é mesmo?

Animado pelo início natural da conversa, concordei.

— Mas os cursos do professor Rivail são para alunos mais velhos, pelo que entendi.

— A senhorita Boudet conhece o instituto?

— Nunca o visitei, mas já ouvi falar dele. O seu instituto é muito conhecido, professor Rivail.

— Pode me chamar de Hippolyte — arrisquei, com o rosto voltado para a lareira, sentindo o sangue subir.

Você ficou em silêncio e, temendo que o assunto morresse, continuei a conversa.

— Pelo que disse a condessa, a srta. Boudet tem trabalho publicado?

— Ah, uma coisa sem importância — respondeu, modesta. — Apenas uma prosa de ficção repleta de ideias adolescentes.

— Eu gostaria de ler.

Então você se voltou para mim, sorrindo.

— Acredito que o seu tempo para leituras já deva estar ocupado com obras de fato importantes.

— E por que não seriam as suas importantes também? Gosto de uma boa história.

— A vida é feita delas — você acrescentou, suspirando. — Costuma vir muito ao salão da condessa?

— Costumo reservar as noites de terça para estes encontros. Tenho aprendido muito.

— E ensinado também, aposto.

— A isso me dedico durante o dia. A condessa sabe que gosto sobretudo de ouvir.

— Nunca diria. Você me parece bastante falante, Hippolyte.

— A srta. Boudet me perdoe. Não queria ser maçante — falei, temendo importuná-la com toda aquela conversa, que fazia minhas mãos suarem e o coração bater forte.

— Nem um pouco — você disse, rindo. — Pode me chamar de Amélie. Os amigos mais próximos me chamam de Gabi, o diminutivo do meu segundo nome, mas ainda é cedo para essa familiaridade. Quem sabe com o tempo? — acrescentou, com um adorável olhar de ironia.

— Ainda bem que aceitou o convite da condessa. Este grupo tem muito a ganhar com a sua presença.

— Mas qual grupo, se o senhor fala só comigo?

— Tem razão — concordei, embaraçado com sua sinceridade. — É preciso escolher bem as palavras quando se está diante de alguém que as domina.

— Estou certa de que não as domino tanto como o senhor. Tradutor de Fénelon, autor do Plano para a melhoria da educação pública... Uma obra notável, devo dizer. Fiquei impressionada com o progresso das suas ideias. Ainda mais sabendo que é tão jovem.

— A srta. Amélie leu o plano?

— Naturalmente. Não sabe que os seus trabalhos têm causado sensação entre os educadores de Paris? O seu nome e o seu instituto têm dado o que falar.

As palavras lisonjeiras deixaram-me envergonhado. Sugeri que um dia visitasse o Instituto Técnico, convite que você aceitou de imediato.

— Aviso que é um lugar modesto. Não pense que vai encontrar luxos como estes — comentei, fazendo com os braços um gesto para mostrar o salão da condessa, ricamente adornado.

— Que me importam os luxos? Sei que para um discípulo de Pestalozzi nada disso tem importância. Os seus valores são outros, sr. Rivail. E,

acredite, os meus também.

Senti vontade de tomá-la pelas mãos. Alguma coisa acontecia no meu peito enquanto o sangue corria acelerado sob a pele. Logo voltaram os homens da varanda, conversando alto, sentando ao seu redor, enchendo-a de perguntas, curiosos por conhecê-la. Naquela noite, não tive mais oportunidade de falar a sós com você. Mas outras oportunidades viriam, eu tinha certeza, tomado por um sentimento que até então desconhecia.

## 6

DEPOIS DAQUELA NOITE NO salão da condessa, eu me pegava pensando em você, desejando que o tempo corresse até a terça-feira seguinte, quando esperava poder reencontrá-la. Nas minhas horas livres, ficava imaginando o que você estaria fazendo, o que teria achado de mim, da nossa conversa, e se também ficava relembrando nosso encontro no salão. Será que voltaria na semana seguinte? E se não voltasse, seria isso um sinal de que eu fora maçante? Eram dúvidas de um coração jovem e inquieto, tocado pela primeira vez por um sentimento como aquele. Eu tentava encontrar na razão as respostas para as minhas dúvidas e meus receios, mas, se o raciocínio ajudava a esclarecer questões que diziam respeito à ciência e às letras, em matéria de amor só tornava tudo mais difuso e complicado.

Decidi então procurar nas livrarias de Paris a sua obra literária. Percorri a cidade inteira em busca dos Contos primaveris, mas já tinham se passado seis anos desde a publicação, tempo para que a obra desaparecesse das prateleiras, dando lugar às novidades. Enfim acabei conseguindo um exemplar numa pequena livraria no quarteirão de l'Odéon, cujo porão funcionava como depósito de obras antigas e esquecidas. Corri para casa com o livro debaixo do braço, protegendo-o como a um tesouro. Nessa noite, no meu quarto, li mais de metade do livro, absorvendo cada palavra. Eu a imaginava lendo aquelas histórias em voz alta no salão da condessa de Thieles, sob a luz quente da lareira. Acabei apagando a vela e adormecendo, exausto, procurando a jovem professora nos meus sonhos, entregando-me ao primeiro e único amor da minha vida.

As aulas no instituto mantiveram minha mente ocupada com os afazeres diários, mas, no sábado – chuvoso e soturno, feito de um nevoeiro espesso que embrulhava a cidade – eu não conseguia pensar em nada além de você. Ainda tentei me ocupar com uma das traduções em que trabalhava, mas era impossível me concentrar, sozinho na sala de aula enquanto a chuva caía miúda lá fora, com seus pingos escorrendo pelos vidros das janelas.

Deixei de lado a tradução e me pus a ler os seus contos, quando descobri, pelo texto biográfico, que você era nove anos mais velha que eu. Nove anos! Como poderia uma mulher assim interessar-se por alguém como eu, certamente um moleque aos seus olhos, quando poderia ter ao lado cavalheiros mais velhos e bem estabelecidos, capazes de lhe proporcionar uma vida à altura das posses dos seus pais, riquíssimos, segundo dizia a condessa Délphine? Tudo aquilo era um sonho adolescente, concluí, com tristeza, vendo a chuva a cair.

Certamente a sua conversa comigo naquela noite tinha sido um ato de cortesia, uma gentileza para com um jovem entusiasmado, cheio de sonhos pueris e desligados da realidade. Nove anos. Cheguei a cogitar não aparecer no salão na terça-feira seguinte, evitando um confronto com a realidade, a desmistificação cruel de um amor que tinha acabado de nascer e que nunca seria correspondido. Quem sabe você não se interessaria por algum dos outros convidados? Como seria doloroso assistir à corte de outros homens, sobretudo se você correspondesse ao avanço de um homem mais velho, da sua idade, mais apropriado do que eu.

Estava amargurado com esses pensamentos quando duas batidas na porta principal quebraram o silêncio. Era o senhor Martin, o porteiro do prédio, um homem já de idade avançada, baixo, de ventre protuberante e enormes suíças brancas.

— Sr. professor Rivail queira desculpar-me por vir incomodá-lo, mas está lá embaixo uma pessoa que gostaria de ver o instituto.

— Fechamos nos fim de semana, como o sr. Martin sabe. Diga-lhe que venha noutro dia.

— Eu disse, sr. professor, mas é uma senhora jovem, muito elegante, que diz ter curiosidade em conhecer o lugar, então resolvi subir para lhe perguntar — disse o porteiro, atrapalhado.

Com o rosto ardendo de vergonha, segui-o escadas abaixo. À entrada, você observava o hall com curiosidade. Um calor me encheu o peito.

— Bom dia, sr. Rivail — disse você, com um sorriso, ao me ver surgir nas escadas. — Desculpe aparecer assim sem aviso prévio. Espero não estar incomodando.

— De maneira alguma, srta. Boudet! — disse eu, convidando-a para entrar enquanto o porteiro me lançava um olhar de quem achava graça da minha mudança repentina de atitude.

— Desde a nossa conversa no salão, a minha curiosidade em conhecer o seu instituto tornou-se ainda maior — você explicou, enquanto subíamos as escadas. — E, neste dia tão cinzento, resolvi fazer uma visita.

— Uma excelente ideia — concordei, satisfeito.

— Tive sorte, vindo assim sem avisar. O senhor podia estar ausente ou ocupado com os seus afazeres.

— Por favor, me chame de você — disse, sem conseguir disfarçar o sorriso. — Não costumo sair nos fins de semana. Aproveito para organizar as coisas no instituto, preparar a semana e me dedicar aos outros trabalhos que venho fazendo.

— Sim, a sua obra já publicada é de fato impressionante para alguém tão jovem.

— Não sou tão jovem assim — reagi, ligeiramente contrariado.

— Tem razão, me desculpe. Digo isso porque os homens da sua idade estão cada vez mais infantis, ao contrário de você.

— Você é muito amável. Espero, porém, que não pense que vivo em reclusão, encerrado entre papéis e livros.

— Não se preocupe com o que penso. Você está indo bem, acredite — acrescentou, fazendo meu rosto corar.

Mostrei as salas do instituto, os livros da pequena biblioteca e os materiais utilizados nas aulas enquanto discutíamos as nossas visões sobre o ensino em geral, o que deixou claro que tínhamos muitas ideias em comum.

Quando chegamos à sala onde eu estava trabalhando na tradução, você reparou no livro que eu deixara sobre a carteira da primeira fila.

— Esta obra está incluída no plano curricular do seu instituto, Hippolyte?  
— brincou, pegando o livro e folheando-o distraidamente. As minhas mãos transpiravam e senti meu rosto ruborizar por completo.

— Não, não... É apenas uma leitura, uma leitura particular — gaguejei. — Você tinha me falado de sua obra. Fiquei curioso em lê-la.

— Há muito tempo não pegava neste livro — disse, sem desviar o olhar das páginas. — Onde consegui encontrar? Pensei que estivesse esgotado.

— Foi muito difícil. Percorri Paris inteira. Mas valeu a pena.

Ao meu comentário, você esboçou um sorriso, erguendo o olhar e encontrando o meu, tomado por uma coragem momentânea. Em seguida, retornou aos contos, dizendo apenas:

— Espero que esteja gostando.

— A srta. Boudet é talentosa.

— Amélie. É muito gentil de sua parte. Mas são apenas histórias comuns, sem nada de extraordinário. Aliás, se for julgar pelo resultado comercial, então são mesmo uma desgraça.

Não pude evitar uma risada. Comentei estar certo de que não era o sucesso comercial que você ambicionava ao escrever o livro. Você concordou e lamentou não ter se dedicado à escrita depois daquele livro.

— É engraçado como sinto que o tempo já passou. Se voltasse a escrever, seria em outro estilo, outro registro. Nesses contos havia um certo encantamento, até alguma ingenuidade. Hoje prefiro desenhar e pintar.

— Gostaria de ver os seus quadros — disse eu, procurando-a com o olhar. Você pousou o livro sobre a carteira e se pôs a contemplar a sala de aula.

— Quem sabe um dia não ofereço um para decorar o seu instituto?

— Seria uma honra. Costuma pintar algum tema específico?

— Gosto de paisagens campestres, naturezas-mortas. Adoraria saber pintar cenas da cidade. Gosto das fachadas imponentes, feitas em pedra, capazes de durar séculos. Mas, sabe, a perspectiva nunca foi o meu forte.

Contei que também pintávamos paisagens, lagos e montanhas em Yverdon, parte da nossa educação para as artes. Esses trabalhos estavam guardados na casa dos meus pais, em Lyon. Eram borrões coloridos que eu jamais teria coragem de mostrar a ninguém. Meu talento artístico sempre fora limitado.

— Aposto que diz isso por modéstia. Um cavalheiro tão dotado como é, estou certa de que fez belas pinturas. Pelo menos paisagens não lhe faltavam, creio.

— Sim, isso é certo. Paisagens magníficas. Enfim, são tempos passados.

A chuva tinha parado, e um fiapo de sol espreitava por entre os edifícios. Você contemplou a luz recém-chegada, e seu perfil adquiriu um tom dourado que revelou, por instantes, sua idade real.

— Quem diria que num dia como hoje ainda teríamos sol — deixou escapar, como se falasse consigo mesma. — Que horas são? O tempo voa aqui no seu instituto, Hippolyte.

Já eram quatro da tarde. Temi que tivesse algum outro compromisso que a obrigasse a dar por terminado aquele encontro, mas você disse que era sábado e não tinha nada de importante a tratar. Eu, porém, insisti:

— Talvez alguém a espere — disse, num tom sugestivo, o que a fez voltar o olhar na minha direção.

— Talvez, quem sabe. Ninguém espera você?

— Apenas os meus alunos, na segunda-feira.

— É estranho. Um cavalheiro como o senhor, sozinho nesta cidade grande onde tudo acontece. Não deve faltar companhia para alguém tão culto e interessante.

— Não procuro qualquer companhia. Entendo-me muito bem sozinho. Não me falta com o que ocupar o tempo.

— É certo. Mas o trabalho não é tudo.

— Hoje tenho a sua companhia.

— Mas e se não a tivesse? Se eu não tivesse aparecido?

— Tinha os contos primaveris.

À minha resposta você soltou uma risada. Sugeri então darmos um passeio, para aproveitarmos o sol inesperado que raiava.

— Ainda não me disse se alguém a espera.

— Quanto a isso pode estar descansado, Hippolyte. Vamos?

— Uma senhorita tão culta e interessante como a Amélie — disse, usando as suas palavras. — E, além disso, tão bonita.

Nesse instante, você desviou o olhar, roçando o rosto no ombro encolhido. Senti meu coração aos pulos e um enorme embaraço, resultado de um atrevimento vindo não sei de onde. Jamais dissera nada parecido a uma mulher.

— A aula terminou — você disse, num tom descontraído. — Não ouviu a sineta?

Descemos as escadas até a rua. O sol ia espreitando, entrecortado por nuvens que atravessavam o céu. Na rua, as poças de água brilhavam com reflexos de prata, e um perfume de terra molhada pairava no ar renovado. Subimos a rua, sem rumo, conversando sobre nossos interesses, livros, peças de teatro, acontecimentos na sociedade. Trocamos ideias e opiniões, descobrindo um ao outro. Aos poucos, as ruas encheram-se — as pessoas já estavam aborrecidas por terem tido de passar tanto tempo em casa por causa da chuva —, e vários eram os que nos olhavam pelas nossas risadas. Acabamos chegando ao bulevar de Saint-Germain. Junto à igreja

encontravam-se enfileiradas as carruagens e seus cocheiros, conversando distraidamente.

— Tenho de ir — você disse, virando-se para mim. — Não me divertia assim havia muito tempo. Obrigada, Hippolyte.

— Eu é que agradeço, Amélie. Foi uma tarde maravilhosa. Espero que a possamos repetir um dia.

— Gostaria?

— Não imagina quanto — deixei escapar. — Nos vemos novamente no salão da condessa?

— Talvez. Sabe que o meu papá não gosta muito que eu saia por aí à noite, sozinha. Além disso, se eu voltasse seria apenas por você — deixou escapar, voltando ligeiramente o rosto.

— Entendo perfeitamente.

— Amanhã, tem algum compromisso? — perguntei de repente, num jeito atabalhado, incapaz de conter as palavras, como um garoto inexperiente.

— Nos encontrarmos dois dias seguidos, Hippolyte? Não me parece apropriado.

— Tem razão — disse, sério, chamado à razão por aquele comentário que colocava um freio na minha ansiedade. Por dentro, ardia de culpa pela precipitação.

— Por favor, não faça essa cara! Só digo isso para evitar que se canse de mim.

— Isso é impossível. A sua companhia é encantadora! Mas não quero que me tome por inoportuno e maçante.

— Não se preocupe — você disse, oferecendo a mão como despedida, antes de subir no coche. — Mais uma vez, obrigada, meu caro amigo. Até logo!

— Até logo, Amélie!

Depois daquele encontro, eu não consegui pensar em outra coisa. Terminei seu livro, chegando a reler algumas partes, ao ponto de memorizar as passagens que achava mais belas. Sem voltar a ter notícias suas, na terça-feira parti após a ceia para o palacete da condessa de Thieles, desejando reencontrar a mulher por quem estava irremediavelmente apaixonado.

Naquela noite, encontrei no salão o meu amigo Jacques Fortier, famoso na época pelos trabalhos na área do magnetismo, tema sobre o qual já tinha escrito vários livros. Tínhamos nos conhecido na casa da condessa, e logo surgiu uma forte empatia entre nós, que com o tempo virou amizade. No seu jeito enérgico e cativante, o magnetizador me falava, bastante entusiasmado, dos últimos avanços na sua área. Enquanto seguia suas explicações, o meu olhar às vezes espreitava sobre o seu ombro, na direção da porta do salão, aguardando a chegada de uma certa visita. Enfim as minhas esperanças tiveram eco, quando o criado anunciou a sua chegada. Nossos olhares se encontraram por um breve instante e senti o meu rosto corar. Déléphine se aproximou de nós, trazendo-a pela mão.

— Os senhores já conhecem a minha querida amiga, mademoiselle Boudet? Ah, sr. Rivail naturalmente, estava aqui na semana passada, que cabeça a minha! Sr. Fortier é que tem faltado ao salão. Cuidado com ele, srta. Amélie! — disse, tocando no ombro do magnetizador enquanto soltava uma risada divertida. — Sr. Fortier é especialista em magnetismo animal. Adoro essas ciências novas, coisas formidáveis, ele vai explicar, pergunte! Agora, com licença, tenho que ir espiar o resto dos convidados! — E, num passinho ágil, afastou-se de nós.

— Magnetismo animal? — você perguntou, curiosa. — Realmente este salão tem coisas formidáveis, Hippolyte. Posso entender o que o traz aqui todas as semanas.

O tratamento pessoal dirigido a mim fez com que eu sentisse uma ponta de vaidade. Concordei com um aceno.

— É a ciência a que me dedico — disse Jacques, unindo as mãos num gesto sonoro. — A srta. Boudet tem familiaridade com o tema?

— Já ouvi falar, sr. Fortier. Devo ter lido alguma coisa nos jornais, mas confesso que sou uma total ignorante na matéria.

— Bom, na verdade não é nada novo. Desde os primeiros trabalhos do professor Franz Mesmer, no fim do século passado, muita teoria tem sido criada em torno do magnetismo. Há quem prefira chamar de mesmerismo, em homenagem ao seu descobridor.

— E em que consiste esse magnetismo, ou mesmerismo, sr. Fortier? — perguntou você, interessada.

— Minha cara senhorita — explicou o meu amigo, animado com a atenção —, posso dizer que o magnetismo animal é um fenômeno que consiste na atração de um ser por outro, provocada por uma matéria fluida e invisível, que viaja no espaço livre. Essa matéria é capaz de ocupar todo o espaço e inclusive de se instalar no nosso corpo, fluindo através dele como o sangue que corre nas veias.

— Muito interessante. Já conhecia essa ciência, Hippolyte?

Contei que o sr. Fortier já tinha me posto a par do assunto em reuniões anteriores.

— E esse fluido, sr. Fortier — prosseguiu você —, é feito de quê?

— Todo ele é ar, fogo e espírito, srta. Boudet. E, como qualquer matéria na natureza, tende para um estado de repouso, o qual se altera quando dois corpos se aproximam, podendo levar a modificações consideráveis nas energias interiores. O magnetismo animal pode levar um indivíduo a sofrer crises impressionantes. Eu próprio já assisti a muitas, algumas induzidas pelo próprio magnetizador.

— Como assim?

— Durante uma crise, a pessoa adquire uma visão extraordinária sobre o que a rodeia, nomeadamente sobre o seu próprio corpo. Consegue identificar fenômenos e enfermidades invisíveis aos olhos de um médico. Assim, se por acaso padecer de alguma doença, ela própria vai conseguir ver a raiz do problema e descrevê-lo com precisão. Essa informação é naturalmente de enorme importância para o médico poder tratá-lo como deve.

— Realmente, isso é incrível — disse você, pensativa. — Ver o nosso próprio corpo, por dentro... Que visão estranha deve ser! Não sei se gostaria de ver com esse detalhe — exclamou, numa risada.

— As crises devem ser induzidas apenas em caso de necessidade — advertiu Fortier, muito sério. — Seus efeitos são pesados e muitas vezes causam vômitos, febre alta e delírios. Não a conselho de fato a experimentá-lo enquanto gozar de boa saúde.

— Não se preocupe, sr. Fortier. Suas explicações são suficientes para mim.

— Tudo o que a senhorita quiser saber sobre magnetismo, por favor, fique à vontade para perguntar! Nada me alegra mais do que ensinar essa ciência maravilhosa.

— O seu entusiasmo denota muito bem isso, Fortier — disse eu, sorrindo ao meu amigo.

— Meu caro Hippolyte, você que também é professor, compreende bem esse sentimento.

— Com certeza. E não esqueça que Amélie também é professora.

— Ah! Estou entre colegas, então! Mas isso é magnífico!

Fortier ficou algum tempo conversando conosco, mas depois pediu desculpas, pois precisava ir contar à condessa uma novidade de Paris que ele tinha certeza de que ela adoraria. Ficamos então os dois sozinhos em um dos cantos do salão, naquela noite particularmente ruidosa, na qual os

versos de um novo poeta se confundiam com gargalhadas barulhentas de um grupo que comentava as últimas novidades da sociedade parisiense.

— Acabou vindo ao salão — falei, sondando-a com o olhar.

Você parecia distraída, olhando em volta com um ar um pouco impaciente.

— Está um barulho e tanto aqui. Sim, aqui estou. Que noite animada...

— Às vezes, há noites assim. Que achou do Fortier?

— Um cavalheiro interessante. Tenho interesse nessas novas ciências. E pareceu-me divertido também.

— Sim, é uma pessoa curiosa. Sempre temos grandes discussões sobre ciência.

— Fique à vontade se quiser procurá-lo para continuar a conversa. Não quero atrapalhar.

— O que você está dizendo, Amélie? Estou tão feliz por ter vindo.

— E por quê? Recusei o seu convite para nos vermos no domingo. Pensei que talvez tivesse guardado algum rancor.

— Guardo somente as melhores memórias.

— Vim por sua causa, sr. Rivail.

— Regredimos até o tratamento formal?

— Porque seria isso uma regressão? Além disso, estou aqui, não estou?

Havia algo de distante no seu tratamento, o que me inquietava. Incapaz de ler os seus pensamentos, sentia-me inseguro com o seu jeito contrariado. Sentia que, se prolongássemos aquele momento ali no salão ruidoso, o clima entre nós iria piorar e talvez acabasse decidindo ir conversar com outros convidados ou, pior ainda, abandonasse o palacete para nunca mais voltar. Para agravar a situação, um grupo de homens veio para o lado do

salão onde nos encontrávamos, acendendo charutos junto à janela e enchendo a atmosfera de uma nuvem pesada e irrespirável que a incomodava muito, como pude notar no ar de desgosto estampado em seu rosto.

— Vamos sair daqui — eu disse de repente, tomando sua mão, o que a fez estremecer de surpresa. — Este ambiente nos faz mal. Vamos até o jardim.

Sob os olhares surpresos do resto dos convidados, atravessamos o salão apressadamente e descemos a escadaria até o piso térreo, cruzando as portas para os degraus de pedra que levavam ao gramado fofo, àquela hora fresco da umidade que o recobria. Ali, uma lua redonda iluminava a copa das árvores e os arbustos, dando-lhes formas sombrias, mergulhadas num lago de prata. Um perfume doce das flores anunciando a chegada da primavera pairava na noite sem brisa, e do andar de cima chegava o som abafado das conversas e risos do salão.

— Meu Deus, Hippolyte, o que vão pensar de nós?

— Quem se importa? Queria ficar a sós com você. Ali era impossível conversar.

— Como é diferente a natureza quando a noite cai — você disse, contemplando o jardim e mudando bruscamente de assunto.

— Tal como nós. A noite transforma as pessoas.

— Sim, é certo. Em geral, eu me torno um pouco melancólica.

— Como hoje?

— Lá em cima estava me sentindo um pouco assim, é verdade. Mas este ar me fez bem. Sua extravagância me fez bem — acrescentou, num sorriso. Em algum lugar entre as árvores, um pintarroxo cantava.

— Desde sábado ansiava por reencontrá-la. Pensei muito sobre aquela tarde.

— Foram momentos agradáveis. Também os recordei.

— Amélie, eu não quero que me interprete mal. Pode tomar-me por atrevido ou mal-intencionado...

— Não sei do que você está falando.

— Essa minha busca, esse meu desejo de estar com você, de escutá-la e admirá-la. Eu nunca senti isso antes, e quero que entenda que o que sinto é mais que amizade. É algo tão especial que me deixa apavorado só de falar. Talvez ache inapropriado da minha parte, impertinente, um abuso até, mas não consigo deixar passar mais um dia sem expressar o que estou sentindo.

Naquele momento, eu me sentia à beira do precipício, ali naquele jardim escuro, depois de me confessar à lua, às estrelas, à minha amada Amélie. Tudo podia acontecer, uma tempestade vinda do céu, um rasgão na terra que nos engolisse, um cometa furioso que acertasse o jardim e o tornasse pó, luz e depois nada. Um momento de silêncio instalou-se entre nós. No escuro, eu era incapaz de perceber a sua expressão no seu rosto após minha declaração de amor. Sentindo as forças abandonarem meu corpo, num tom enfraquecido, eu disse:

— Por favor, diga alguma coisa, Amélie.

— Por que ainda me trata dessa forma? Aqueles que são mais próximos me chamam de Gabi.

— Gabi — disse, deixando o nome cair dos lábios. Tomei-a pela cintura e nos beijamos longamente, sob uma miríade de estrelas, escondidos entre as sombras do jardim.

NÓS NOS CASAMOS NO dia seis de fevereiro do ano seguinte e alugamos um pequeno apartamento no segundo andar de um prédio antigo de quatro andares no número oito da rua de Martyrs, onde dispúnhamos de um quarto, uma cozinha, uma pequena sala e um escritório. Você trouxe da casa dos seus pais algumas de suas pinturas, com as quais decoramos a casa, somadas a algumas peças que nos foram oferecidas no casamento pela família e por amigos. Vivíamos num espaço modesto, mas com todas as comodidades, e gozávamos de imensa felicidade. Eu continuava a dirigir o Instituto Técnico, lecionando ao mesmo tempo diversas disciplinas, e você seguia dando aulas no primeiro grau. Quando o trabalho chegava ao fim, corríamos à rua de Martyrs para descansar na companhia um do outro, contando os episódios do dia enquanto preparávamos o jantar. Depois de comer, ficávamos na sala conversando por horas a fio ou então íamos para o escritório, sobretudo nas noites frias, onde falávamos de livros, discutíamos questões relativas ao ensino, nos aquecíamos com o amor que nos unia. Também reservávamos algum tempo à vida social, e pouco depois do casamento voltamos a frequentar, agora como casal, o salão da condessa de Thieles. Gostávamos de passear pelas galerias des Panoramas e nos divertíamos nos bistrôs de Saint Michel na companhia de amigos. Levávamos uma vida feliz e realizada, uma transformação enorme para mim, que tanto tempo passara andando perdido por Paris e sonhando com o meu instituto, assim como para você, que deixara a casa dos pais para enfim viver de forma independente. Foram anos magníficos esses que seguiram ao nosso casamento, um tempo em que a minha confiança era renovada pela força que você me dava para prosseguir com meus sonhos, evoluindo no conhecimento e na transmissão dele aos mais novos, agora que eu chegava aos trinta anos. Tudo ia bem e não havia motivo para preocupações, julgava eu, inocente, alheio à desgraça que estava prestes a abater-se sobre nós.

Foi num fim de tarde. Eu estava arrumando minhas coisas para deixar o instituto, quando surgiu à porta da sala de aula um homem grande, vestido

de negro, com uma expressão austera, de suíças longas e grisalhas e olhos miúdos, marcados por sobranceiras grossas e franzidas.

— Boa noite — falei, surpreendido com a figura. — Posso ajudá-lo?

Em vez de me responder, o estranho olhou ao redor, observando a sala com um ar crítico, movendo a cabeça levemente em sinal afirmativo, num gesto nervoso que começou a me irritar.

— Cavalheiro — insisti, com veemência —, pode me dizer o que procura?

Então, o homem me encarou, parecendo furioso, e, numa voz metálica, disse:

— Tudo isto me pertence. Dirija-se a mim com respeito e pague o que me deve se não quiser que o ponha para fora a pontapés!

Atônito com aquelas palavras, demorei a entender seu sentido. Tal deve ter sido o meu ar de espanto que o visitante insistiu, no mesmo tom rude.

— Isto é meu, todo este andar! Se tem dúvidas, tenho aqui a escritura como prova! — acrescentou, tirando um papel do bolso do casaco. — Com o meu nome, aqui, veja!

Toda a cena era tão estranha que me aproximei e tomei o papel nas mãos como uma criança obediente, repreendida por mau comportamento.

— Está aí. Isto tudo é meu — repetiu o homem, desta vez com ar triunfal.

— Pois bem — respondi, num tom conciliador —, não tinha tido o prazer de conhecê-lo. O meu tio é quem trata do aluguel, nunca me disse quem era o proprietário.

— O seu tio, o seu tio... Se fala daquele caloteiro sem-vergonha, fique sabendo que ando à procura dele há meses para que pague o que me deve! Enquanto isso, você aqui, tão bem instalado — disse, voltando a olhar ao redor.

— Como assim? Pagar o quê?

— O aluguel, o que haveria de ser? Ou você, que é professor, ensina seus alunos a não honrarem seus compromissos? Vocês me devem seis meses de aluguel, seis!

— Não pode ser — reagi. — Deve haver algum engano. Meu tio Édouard...

— Seu tio desapareceu e não há quem tenha notícias dele! Mas agora acabou. Vamos, quero os meus seis meses imediatamente.

— Eu não tenho nada para lhe dar — eu disse, atônito. — Mas me dê um tempo para esclarecer isso tudo, tenho certeza de que está havendo um mal-entendido...

— Já dei tempo demais àquele patife e não recebi um franco. Quero o meu dinheiro agora.

— Eu entendo, mas, por favor, acredite, eu não sabia de nada. Nunca aceitaria ficar devendo a alguém, é algo que vai contra todos os meus princípios. Hoje não consigo resolver nada, por isso lhe peço que me dê pelo menos o dia de amanhã para tirar tudo a limpo.

O senhorio me olhou, desconfiado, como que medindo a sinceridade do meu pânico, que era o mais real possível. A última vez que tinha visto o meu tio fora no meu casamento, e desde então ele de fato desaparecera. Eu apenas deduzi que não havia motivo para preocupações. Não podia estar mais enganado!

— Muito bem. Dou até amanhã, a esta hora. Se eu não receber o que me devem, quero isto tudo fora daqui até o fim da semana. E se não saírem por bem, sairão por mal. Boa noite. — E, voltando-me as costas, desapareceu num passo apressado.

Aquela visita me deixou uma pilha de nervos pelo resto da noite. Em casa, você tentou me tranquilizar, dizendo que certamente fora um engano, algo que havia de se resolver uma vez encontrado o meu tio. Eu tentava acreditar, agarrando-me às suas palavras de conforto. Pensava no meu tio e no seu estilo bon-vivant, e queria imaginar que ele seria incapaz de não honrar seus compromissos, mas as minhas certezas eram poucas. Por ele

não punha a mão no fogo, assim era a minha impressão desde que o conheci e firmamos sociedade, gesto irrefletido que tomei, levado pelo entusiasmo cego, próprio de uma idade ainda jovem e temerária.

No dia seguinte, pela manhã, meu receio ganhou corpo quando descobri que o meu tio tinha deixado o apartamento onde vivia meses antes – assim me confirmaram os vizinhos, que me disseram que ele desapareceu de um dia para o outro, sem deixar informação alguma sobre para onde se mudara. Também me disseram que por ali várias vezes aparecera um homem que dizia ser senhorio de um andar alugado por ele, reclamando atraso em aluguéis. Agradei à vizinhança e saí daquele bairro modesto sentindo o rosto arder de vergonha por ser tomado por um homem que não honrava as suas dívidas. Mal sabia eu, durante aqueles meses todos em que dava aulas, que involuntariamente devia dinheiro a alguém, tudo pela incúria, má-fé ou falta de vergonha do sujeito a quem tive a infelicidade de aceitar como sócio.

O mais importante naquele momento era saldar a dívida, depois trataria do tio Édouard. Seis meses de aluguel era um valor considerável, que eu não tinha à disposição naquele momento. Decidi ir ao banco onde havia firmado a sociedade, a fim de levantar uma parte dos cinquenta mil francos que o meu pai me dera e que eu depositara como capital do instituto. Quando expliquei o assunto ao funcionário, ele pediu licença e desapareceu por trás de uma porta. Demorou a voltar, me deixando ansioso. Quando surgiu, estava acompanhado do gerente do banco.

— Sr. Rivail, queira me acompanhar, por favor — disse o homem, num tom grave, levando-me a uma sala privada, longe dos olhares indiscretos. Ali, sentado atrás de uma mesa, com as mãos unidas num gesto cerimonioso, perguntou:

— O senhor tem acompanhado os movimentos da conta da sua sociedade?

— Quais movimentos? — perguntei, intrigado. — É meu tio quem trata da gestão financeira do instituto. É ele quem recebe as mensalidades dos alunos e cuida do pagamento do aluguel e das contas. Digo, pelo menos assim eu acreditava.

— Compreendo. O senhor tinha noção de que o seu tio, como sócio, tem plenos poderes sobre a conta aqui depositada?

— Nós somos família, iniciamos este projeto juntos. Por quê?

— Sr. Rivail, neste momento, a sua conta está zerada.

— Como assim?

— O seu tio, sr. Rivail, sacou tudo. Em retiradas sucessivas, ao longo dos últimos meses. Posso inclusive lhe dizer que a última vez que estive aqui pedi para ficar com a conta descoberta em dois mil francos, com a promessa de que iria depositar o montante em uma semana. Como gerente, tive de recusar o empréstimo, dado o comportamento estranho que ele vinha apresentando. Lamento comunicar-lhe isso. Eu acreditava que o senhor estivesse a par da situação.

— Quer dizer que os cinquenta mil francos... Ele levou tudo?

— Tudo. A princípio pensei que o dinheiro seria para algum investimento no projeto, materiais, obras, enfim. Quando a conta ficou zerada e ele veio me pedir um empréstimo, aqui mesmo nesta sala, desconfiei de que havia algo de errado. O seu tio estava agitado e nervoso. Parecia estar em apuros.

Deixei-me encostar na cadeira, incapaz de acreditar no que acabara de ouvir. O gerente voltou o olhar para a mesa, e um silêncio pesado instalou-se entre nós. Senti um amargor miserável instalar-se no meu corpo imóvel. Como podia ter sido tão ingênuo a ponto de confiar todo o dinheiro que meu pai me dera a um miserável como aquele? Tinha sido roubado como uma criança inocente, incapaz de ver as verdadeiras intenções de um sujeito falastrão que se apresentara como amigo, um vigarista sem-vergonha que se aproveitara do grau de parentesco para me convencer a fazer o que fiz. E tudo aquilo ao longo de meses. Meses em que eu devia tê-lo questionado, procurado saber o estado das contas, as movimentações financeiras, quanto recebíamos pelas mensalidades, quais eram nossas despesas, como estava o capital que eu deixara no banco, quanto tinha rendido. Mas, imprudente, não fiz nada disso. Alheio ao dinheiro, convencido de que o que importava

eram as aulas e os alunos, ignorei as finanças e confiei num ladrão para tomar conta do sustento que permitia a existência do meu amado instituto.

— E agora? — disse, falando comigo mesmo, afundado na cadeira, sem esperanças.

— Bom, isso pode ser considerado um caso de polícia. Afinal de contas, houve aqui um comportamento doloso, segundo entendo. Mas, como o seu tio tinha plenos direitos sobre a conta, não creio que será fácil acusá-lo. E, sobretudo, não acredito que conseguirá reaver o dinheiro que ele levou.

— O senhor sabe o que aconteceu com o meu tio?

— Como lhe disse, sr. Rivail, quando ele esteve aqui da última vez, desconfiei de que alguma coisa estivesse errada e pedi a um funcionário que o seguisse quando saiu do banco. Descobrimos que o seu tio é frequentador assíduo do Aix-la-Chapelle.

— Os salões de jogos de azar.

— Exatamente. Parece que ele é bem conhecido por lá. Um jogador inveterado. Eu lamento muito, sr. Rivail.

A partir daquele momento, não consegui dizer mais nada. Despedimo-nos em silêncio, e saí do banco com a cabeça afundada entre os ombros, sentindo o peso da vergonha sobre as costas. Caminhei sem rumo, sem prestar atenção aos lugares por onde passava nem aos rostos com que cruzava, perdido num vazio de pensamentos, mortificado pelo infortúnio, saboreando o gosto amargo de uma derrota, a maior da minha vida até aquele momento. O que você diria?, eu pensava. O que pensariam você, os seus pais, os meus, todos aqueles que tinham depositado tanta confiança e esperança em mim? Como pude ser tão tolo? Talvez o sucesso tivesse me deixado cego e distraído, fazendo com que eu me descuidasse e entregasse o essencial a alguém que desconhecia por completo. A minha negligência me revoltava, deixava-me desiludido comigo mesmo. Era algo simples de acompanhar e eu tinha falhado estupidamente – e agora não havia nada que eu pudesse fazer para reverter a situação.

Feito um sonâmbulo, desnorteado, acabei indo parar em Aix-la-Chapelle. Era como se no meu subconsciente restasse alguma esperança de encontrar o meu tio. Então, ele me diria que o dinheiro estava num lugar seguro e pagaria os aluguéis atrasados, devolvendo ainda os cinquenta mil francos. Entrei no ambiente soturno dos salões de jogos como uma sombra e fui acordado pelas luzes fortes do gás. Com as janelas fechadas à vida exterior, tudo ali parecia sufocado por uma atmosfera de fumaça. Dezenas de estranhos, rostos anônimos, tentavam a fortuna, colocando as fichas nos números escolhidos, no preto, no vermelho, enquanto as roletas giravam sem parar, distribuindo a sorte poucas vezes, o azar em muitas delas. Entre a névoa baça dos charutos, havia um cheiro persistente de transpiração e fritura, um ambiente miserável onde o vício se satisfazia continuamente, vinte e quatro horas por dia, alheio ao dia, à noite, a toda a vida que decorria lá fora. Era um antro de vergonha onde os homens encontravam a sua perdição e do qual dificilmente conseguiam escapar.

Enquanto eu observava uma mesa, alguns jogadores se afastaram para me dar espaço, mas, com minha recusa, voltaram-se novamente às suas fichas, como que ofendidos por alguém se interessar apenas em assistir ao jogo. Fiquei assim por um tempo indefinido, olhando a roleta com a mente vazia, assaltada de vez em quando pela imagem do capital do instituto dissolvendo-se numa mesa como aquela, convertido em fichas, recolhidas pelo crupiê após mais uma rodada de perda. Devo ter ficado ali, naquele lugar abjeto, por mais de uma hora, me culpando em silêncio. Quando finalmente decidi partir, vi, numa das mesas junto à porta de saída, aquele homem encolhido, de rosto chupado e seco, tão diferente do que vi pela última vez. As mãos, debruçadas sobre a mesa, pareciam tremer e, junto às poucas fichas que tinha diante de si, um copo de conhaque. Aproximei-me por trás, em silêncio, enquanto ele assistia, compenetrado, a mais uma volta da roleta.

— Esse dinheiro com que joga é de quem?

À minha voz, virou-se num susto. Um ar de pânico desenhou-se no seu rosto.

— Certamente não é o meu — continuei —, porque esse você já gastou, não é verdade?

O meu tio levantou-se, lívido, e, erguendo a mão direita, procurou tocar-me no ombro. Por reflexo, afastei-me, num gesto de repulsa.

— Hippolyte, Hippolyte — ele disse, com a voz trêmula, quase sussurrante. Parecia ter envelhecido vinte anos ou mais. — Nós precisamos conversar.

Apressei-me até a porta enquanto ele me seguia, num passo hesitante, de costas curvas.

— Eu queria falar com você, explicar — continuou, num tom de súplica. De onde estávamos, agora era possível sentir uma corrente de ar fresco se misturando ao ar carregado do salão de jogos. — Mas achei que conseguiria resolver as coisas sozinho, então não quis te levar problemas. Pensava o tempo todo em você, em nós, e a minha maior vontade era corrigir tudo!

Aquele homem de aspecto deplorável e rosto transfigurado pela dor não me inspirava nenhum sentimento. Nenhum ódio, desprezo ou compaixão. Olhei para ele em silêncio, sem expressão, a exata medida do profundo vazio que sentia por dentro.

— Eu tentei recuperar — continuou, após desistir de esperar por alguma reação minha —, mas entrei numa maré de azar. Tive dias e noites que nunca tinha tido, parecia impossível o que estava me acontecendo! E então saquei mais dinheiro, para recuperar o que tinha perdido, e o azar continuava, algo que não conseguia explicar!

Cansado daquela história miserável, dei-lhe as costas e o deixei falando sozinho. Agora que tinha certeza de que tudo estava realmente perdido, a paz da derrota instalou-se em mim. Decidi que não valia a pena processar aquele desgraçado que tinha perdido para o vício todo o meu patrimônio. A verdadeira falha tinha sido minha ao confiar num desconhecido. Que grande ironia o destino deste discípulo de Pestalozzi! Assim como o instituto do meu mestre, também o meu iria agora capitular por problemas financeiros. Julguei, tolamente, que dinheiro era algo de menor importância quando comparado à aprendizagem dos alunos. Mas o amor pelo ensino não paga contas. Não pagou no castelo de Yverdon e não pagaria na rua de Sèvres.

Desse dia em diante, jurei a mim mesmo que sempre controlaria os orçamentos, os gastos e as receitas, e que jamais voltaria a confiar, irresponsavelmente, dinheiro a outras pessoas. O preço que pagava pela minha falha era alto demais para que pudesse pagá-lo duas vezes na mesma vida. Assim disse a você naquela noite, quando falei sobre o acontecido. A sua força e o seu apoio incondicionais foram fundamentais naquele meu momento de fraqueza. No seu otimismo, você me fez acreditar que tudo havia de se resolver e que saberíamos ultrapassar o problema juntos, seguindo então nosso rumo. Você quis falar com seus pais, que tinham muitas posses, para que nos ajudassem financeiramente, mas pedi que não o fizesse. Eu tinha falhado e, pela força do meu trabalho, solucionaria o problema e traria de volta ao nosso lar a estabilidade financeira e a harmonia. Que Deus me ajudasse.

O Instituto Rivail fechou definitivamente. Prometi que pagaria os aluguéis atrasados ao proprietário do espaço, de forma parcelada. Comecei então a procurar qualquer tipo de trabalho para sustentar a nossa casa. Nessa época, acabei fazendo a contabilidade de três empresas diferentes, uma delas o teatro Les Folies Marigny. Também continuei a me dedicar às traduções à noite, no escritório, agora na sua companhia, cuja presença me dava alento e confiança para prosseguir de forma incansável, madrugada adentro. Pelo sacrifício pessoal sentia a minha dignidade e a minha autoestima se fortalecerem. Com o passar dos anos, as nossas finanças se restabeleceram, e os erros do passado, apesar do sabor amargo que nos traziam as suas lembranças, adquiriram a forma de lição de vida.

Foi numa dessas noites em que os dois partilhávamos a companhia um do outro no escritório que alguém bateu à porta, deixando-nos sobressaltados. Nunca recebíamos visitas àquele horário. Intrigado, fui ver quem era, seguido por você, que me pediu cuidado. Naquela época, circulavam por Paris umas histórias de assaltos violentos de um grupo criminoso que a polícia perseguia.

— Quem é? — perguntei, encostado à porta.

— Sou eu, Rivail! — Ouvi, do outro lado. — Fortier!

Ao abrir a porta, dei com o meu amigo magnetizador, com um ar assombrado e o rosto pálido, a respiração acelerada de quem tinha acabado de correr.

— Eu tinha de falar com você! Você precisa ver, precisa ver!

— Mas ver o quê, Fortier? Do que está falando? Está se sentindo bem?

— As mesas, Rivail, as mesas! Elas dançam, dançam sozinhas!

SENTAMOS O NOSSO AMIGO na poltrona da sala, esperando que recobrasse o fôlego enquanto bebia o chá que preparamos para ele. Lentamente, a cor voltou às suas faces e a sua respiração se tornou mais tranquila. Quando vi que ele estava recomposto, pedi que explicasse o que tinha acontecido.

— Esta noite, Rivail, estive na casa da sra. De Plainemaison, alguém que conheci por meio de amigos em comum. Já tinham me falado das sessões que ela conduzia em sua casa, na rua Grange Batelière.

— E que tipo de sessões?

— É difícil conseguir um lugar — prosseguiu Fortier, tão concentrado no seu discurso que não ouviu minha pergunta. — Mas meus amigos me arrumaram um convite para hoje. A única coisa que me pediram foi discricção em relação ao que estava prestes a ver. Cometi o erro de oferecer dinheiro à dona da casa quando entrei, mas ela recusou prontamente, parecendo inclusive ofendida. Quando entrei na sala, encontrei mais quatro pessoas, todas desconhecidas. Nós nos saudamos e então aguardamos em silêncio pelo início da sessão. E que sessão, Rivail!

— Mas, então, Fortier, o que você viu? — você perguntou, impaciente pelo relato. — Diga-nos, por Deus!

— Nós nos sentamos em torno de uma sólida mesa redonda, de cerca de um metro de diâmetro. E, diante dos nossos olhos, obediente às instruções da sra. De Plainemaison, a pesada mesa ergueu-se no ar, assim, de repente, tão leve e com vontade própria. Eu não podia acreditar no que estava vendo.

— Ah, as famosas mesas girantes — não pude deixar de dizer, num tom descrente e desapontado.

Por aquela época, começavam a surgir nos jornais notícias de mesas que aparentemente tinham vontade própria. Eram capazes de se erguer do chão e se mover sozinhas sem que ninguém lhes tocasse. Havia relatos do fenômeno na França, na Rússia, nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, em sessões onde os participantes se reuniam para observá-lo.

— Mas espera, Rivail! Não se limitava a subir! A mesa se comunicava com a dona da casa. A sra. De Plainemaison fazia perguntas, e o móvel respondia com pancadas no assoalho ou com voltas ora para um lado, ora para o outro, quando queria dizer sim ou não!

— Uma mesa pensante, capaz de raciocinar — falei, irônico.

— Chegou a fazer música, batendo com os pés, Rivail!

— Ora, Fortier, e você acha isso possível?

— Eu não achava, mas, juro, foi o que vi, Rivail!

— Calma — pedi, tomando as suas mãos entre as minhas, para que não voltasse ao estado de excitação em que chegara à nossa casa. — Ninguém está dizendo que você não viu essas coisas acontecerem. O que digo é que talvez tenha assistido apenas a um embuste, feito por meio de algum mecanismo escondido, concebido para provocar esse efeito de espanto que causou em você e certamente nos outros presentes.

— Não havia nenhum truque, Rivail, eu confirmei isso!

— Lembra quando eu fazia a contabilidade do teatro Les Folies Marigny, nos Champs-Élysées? Há pouco tempo, toda semana eram apresentados espectáculos de supostas experiências com eletricidade e magnetismo, feitas por sujeitos que de ciência não sabiam nada. E a maior parte dos números era feita a partir de simples mecanismos ocultos para levar o público a crer que assistia a um fenômeno sobrenatural. Na verdade, puro charlatanismo.

Fortier balançava a cabeça em negativa enquanto o amigo falava.

— Fui assistir a esses espectáculos e posso garantir que o que vi esta noite é algo completamente diferente. Não havia aqui nenhum espetáculo. Tudo é secreto, e não é qualquer um que entra naquelas sessões, eu garanto.

— Mas isso é tão estranho... — você disse. — Que acha que pode ser, Hyppolite?

— As mesas girantes? Isso é algo que já aparece nos jornais há algum tempo. De vez em quando até fazem umas tiras cômicas sobre o assunto.

— A verdade é que há ali qualquer coisa de novo, Rivail — disse Fortier.

— E você, como magnetizador, não consegue explicar o suposto fenômeno? Não pode ser o fluido magnético dos presentes que ali se concentra e, por algum motivo, faz a mesa se mexer?

— Há relatos desse efeito, sim, mas nunca sobre objetos com aquele peso e aquela dimensão — disse Fortier, com a voz grave. — Além disso, não se trata apenas de um leve movimento. A energia magnética necessária para fazer aquele pedaço de madeira maciça girar no ar daquela forma nunca seria gerada por apenas cinco pessoas. Isso para não falar da forma como ela claramente se comunicava. Dentro do magnetismo, nunca vi algo assim acontecer.

Ficamos os três em silêncio, pensando sobre as mesas girantes. Lentamente, o sono começava a chegar, nos fazendo lembrar a madrugada que avançava.

— Tenho que ir — disse Fortier, levantando num sobressalto. — Céus, já incomodei vocês demais com toda essa história. Desculpem interromper sua noite assim.

— Imagine — você protestou. — Fez muito bem em vir nos contar! Não posso negar que me deixou curiosíssima. No que pudermos ajudar, estaremos aqui.

— Obrigado, muito obrigado — disse o magnetizador, pegando o chapéu para sair. — Já me sinto melhor.

— Tem certeza? — perguntei. — Por que não passa a noite aqui? É tão tarde para sair...

— Não, já causei transtorno o suficiente! Vou para minha casa, obrigado.

Acompanhamos Fortier até a porta. Do lado de fora, o ar fresco trazia o aroma da noite primaveril.

— Essas sessões na rua Grange Batelière... Você sabe se vão continuar?

— Suponho que sim, Rivail. Por quê?

— Acha que me conseguiria um convite?

— Pensei que não acreditava em nada disso!

— E não acredito. Consegue me pôr lá dentro?

— Me dê dois dias. Vou cuidar disso. Até breve, meus amigos.

Passados os dois dias, recebi um convite da sra. De Plainemaison para comparecer à sua casa, às oito da noite do dia vinte e dois de maio, a fim de participar de uma sessão “de caráter científico e fenomenológico”.

O meu ceticismo mantinha-se inabalável e, durante os dias que antecederam a sessão, tentei não pensar muito no evento, desvalorizando-o mentalmente, procurando, sobretudo, não me entusiasmar com o que iria assistir. Para analisar o suposto fenômeno com o maior rigor possível, necessitava de um bom discernimento, sem nenhum tipo de emoção que pudesse interferir na razão. Para mim, essa era uma das explicações para o relato de Fortier: o seu estado claramente alterado o deixara à mercê de impressões destacadas da realidade.

Na noite do dia vinte e dois de maio, uma terça-feira, despedi-me de você logo após o jantar, dizendo que provavelmente voltaria cedo, depois de desmascarar a encenação. Na verdade, sentia uma curiosidade crescente e, num passo acelerado, fui até a rua Grange Batelière. A casa da anfitriã tinha

dois andares e uma fachada estreita, apertada entre as casas vizinhas. Era pintada de um tom verde-claro, com portas de madeira escura, nas quais fiz o batente soar duas vigorosas pancadas. Pouco depois surgiu a sra. De Plainemaison, que fez um aceno silencioso e inexpressivo quando me apresentei.

— Venha comigo — disse ela, me guiando por um corredor estreito e mal iluminado, com alguns quadros nas paredes revestidas de papel rosa.

No ar pairava um odor quente e o chão reagia aos nossos passos com lentos rangidos. A sra. De Plainemaison aparentava ter a minha idade; os seus cabelos já estavam todos brancos, e ela tinha uma face magra, na qual se destacavam as salientes maçãs do seu rosto. Conduziu-me até uma sala ao fundo, atrás de portas com janelas de vidro martelado, onde havia um grupo formado por três cavalheiros e duas senhoras. Todos se levantaram prontamente à minha entrada.

— Este é o sr. Hippolyte Rivail — disse a anfitriã, num tom monocórdico.  
— Bacharel em Ciências e Letras, dedica-se ao ensino e é autor de diversas obras. Não é verdade?

— Isso mesmo — confirmei, saudando os presentes.

Curiosamente, ninguém se apresentou, o que entendi como um sinal de que aquelas pessoas não queriam que se tornasse público que elas frequentavam sessões como aquela. Sentei-me na cadeira que me foi oferecida, lançando um olhar sobre a mesa ao centro. Era um sólido móvel de carvalho, daqueles que precisavam de um par de homens para ser carregado. Uma das senhoras reparou no meu olhar, e tive a impressão de ver um breve sorriso esboçado nos seus lábios. O cavalheiro ao seu lado, um sujeito de uns quarenta anos, então disse:

— Parece impossível, não é professor? Eu também pensava assim!

Decidi ficar calado e observar o decorrer dos acontecimentos. Imaginei que aqueles comentários podiam fazer parte da sessão, como uma forma de me distrair e me sugestionar em relação ao que seria apresentado.

Logo o silêncio voltou à sala, conferindo ao ambiente um ar denso, como se algo estivesse prestes a acontecer. A sra. De Plainemaison sentou-se ao meu lado direito e, com as mãos unidas sobre a famosa mesa, de costas eretas, disse:

— Mais uma vez quero lhes dar as boas-vindas à sessão desta noite. O nosso último convidado é o sr. Rivail. — Com a mão esquerda, ela fez um sinal para mim, ao que respondi com uma pequena saudação aos presentes. — Sr. Rivail é amigo de um conhecido nosso, o magnetizador Fortier. É pedagogo, com uma extensa obra publicada. É para nós um privilégio ter aqui presente um distinto educador, mestre das letras e das ciências.

— Eu que agradeço o convite — disse.

— Antes de iniciarmos a sessão, quero fazer um pequeno resumo sobre os fenômenos que tentaremos despertar e ver aqui. Esta mesa que temos entre nós — disse, abrindo as palmas sobre o tampo — revelou-se de maneira estranha há mais de um ano. Eu estava sozinha nesta mesma sala, numa noite como a de hoje. De forma espontânea, como algo vindo do nada, vi este sólido pedaço de madeira erguer-se cerca de vinte ou trinta centímetros no ar, pondo-se a flutuar, com uma leveza que parecia impossível a um objeto assim. Com o susto, soltei um grito. Como devem imaginar, o sangue me fugiu da cabeça e quase desmaiei. A mesa, porém, não reagiu ao meu pânico e, independente, permaneceu no ar. Julgando que estava tendo uma visão ou experimentando uma espécie de sonho, ainda que estivesse desperta, levantei e tentei me debruçar sobre ela, para obrigá-la a voltar ao chão. Mas a mesa, geniosa, percebeu a minha ideia e escapou para o lado.

A imagem levou os presentes a darem risadas, embora provavelmente pelo menos parte deles já tivesse ouvido aquela história antes.

— Acabei por ordenar em tom severo que ela voltasse ao chão, e dessa vez tive sucesso. Mas aquilo nunca mais me saiu da cabeça. Algum tempo depois, eu própria quis despertar a mesa. E consegui. Uma vez, e outra, e mais outra. Aos poucos, fui percebendo como dominar a vontade deste móvel e, para ter certeza de que tudo isso não acontecia apenas na minha cabeça, resolvi começar a convidar alguns conhecidos para testemunharem o fenômeno. Felizmente, ainda estou boa da cabeça, sr. Rivail, como as

senhoras e os senhores aqui presentes podem confirmar. Dito isso, peço agora um pouco de silêncio. A sessão vai começar.

A anfitriã pousou as palmas das mãos sobre a mesa e cerrou os olhos. À sua volta, todos encaravam o móvel, como se quisessem erguer aquela mesa apenas com a força do pensamento.

— Você, que veio me chamar quando eu ignorava a sua presença, você, que se anunciou por meio de mim e para mim, que me escuta e está aqui entre nós nesta sala, eu peço que se revele para nós nesta noite, se formos dignos de sua nobre e formidável companhia.

Nada aconteceu.

A sra. De Plainemaison, no entanto, não se mostrou alterada. Sempre com os olhos fechados, mantinha aquela pose tranquila e profunda, aguardando uma resposta à sua evocação.

E a espera foi recompensada, porque, ao fim de uns minutos, algo extraordinário aconteceu: a mesa ergueu-se lentamente do chão, fazendo os braços da dona — que conservava as mãos no tampo — acompanharem o movimento.

Algumas exclamações de espanto soaram abafadas na sala. Concentrado em buscar uma explicação para aquilo que via, o meu raciocínio me impediu de deixar as emoções virem à tona e de me maravilhar com o fenômeno. Causavam-me estranheza aquelas mãos que permaneciam pousadas sobre a mesa, o que me levou, naquele momento, a formular a hipótese de que haveria qualquer mecanismo por dentro da madeira, acionado por pressão sobre a superfície. Mas, como se tivesse ouvido o meu pensamento, logo a sra. De Plainemaison levantou as mãos, deixando a mesa pairar no ar diante dos nossos olhos, tal como havia antes descrito. Lembrava um barco flutuando na superfície da água, embalado por uma ondulação invisível, movendo-se para um lado e para o outro, rodando sobre si mesma. Do outro lado, uma das senhoras tocou na madeira, querendo senti-la, certamente para se convencer de que não era uma visão aquilo que via diante de si. Ao meu lado, a anfitriã já tinha os olhos abertos e admirava a mesa com um pequeno sorriso de orgulho no rosto.

— Você, que nos maravilha com os seus poderes — disse, na sua voz confiante —, diga-nos: quantos de nós estamos aqui presentes com você?

À pergunta, a mesa inclinou-se tanto para o meu lado que pareceu que ia tombar. E, com um dos pés junto ao piso, bateu seis pancadas firmes, inclinando-se a cada pancada para percutir na madeira do chão.

— Você, que nos escuta e compreende a nossa linguagem, me diga: qual é o número da porta da minha casa?

Desta vez, a mesa rodou de forma a inclinar-se sobre a sua dona. E, mais uma vez, junto ao piso, bateu com os pés, dezoito vezes, o número que eu me lembrava do convite.

— Conhece bem este meu canto — disse a sra. De Plainemaison, orgulhosa. — Aqui não vivo sozinha, pois você é minha companhia. Quando chamo, aí está você para me encantar.

A mesa endireitou-se no ar e pôs-se a rodopiar para um lado e para o outro. Era curioso como a anfitriã nunca se dirigia diretamente à mesa, mas aparentemente a um ente qualquer. Apesar de não compreender o fenômeno presente, ela sabia que não era a mesa em si que possuía algum tipo de vida ou de inteligência. E nisso ela tinha toda a razão.

— Você, que levanta com um sopro o que um homem não é capaz de levantar com os seus braços, diga-nos a idade de sr. Rivail.

Desta vez, a mesa rodou até se inclinar sobre mim. E, numa cadência certa e firme, ali bateu, aos meus pés, cinquenta vezes exatas.

— Está certo o número, sr. Rivail? Confesso que me perdi na contagem. O senhor tem uma aparência tão jovem!

— Está certo, sra. De Plainemaison — respondi com um sorriso, enquanto uma risada amigável ecoava na sala.

— Agora a minha idade, pergunte a minha! — disse a jovem do outro lado da mesa, batendo palmas de excitação.

— Vamos ver se pode nos responder. Qual a idade da menina Anette? — questionou a sra. De Plainemaison. A mesa desta vez demorou certo tempo até se inclinar diante da jovem e bateu vinte e três vezes no piso, agora com uma força e violência claramente distintas.

— Magnífico, magnífico! — exclamou a menina Anette, em êxtase com a prodigiosa adivinhação da mesa. — Pergunte-lhe agora quantos irmãos tenho! Quanto é quatro vezes sete!

— Os números da loteria! — disse o sujeito ao lado.

De repente, a mesa se ergueu uns dois metros no ar e, como se perdesse toda a vida que a animava, caiu como um peso morto no meio de nós, provocando um estrondo tão grande que pareceu ter aberto um buraco no chão. Com o sobressalto, a menina Anette soltou um grito.

— As suas perguntas afugentaram o meu visitante — disse a sra. De Plainemaison, lacônica. — Não vale a pena chamá-lo mais por esta noite, pois tenho certeza de que não vai voltar.

Desapontados, os convidados puseram-se a conversar entre si, lamentando o fim abrupto da sessão. Pouco depois, saíram todos, despedindo-se da anfitriã, que agora estava fria e distante. Eu me deixei ficar propositalmente.

— Sr. Rivail, a sua presença salvou minha noite. Mas que gente impertinente...

— O seu visitante não aprecia futilidades, pelo que pude observar.

— Detesta. Esse é um problema que enfrento ao abrir desta maneira as portas da minha casa. Tento sempre selecionar aqueles que convido, mas é impossível saber ao certo que tipo de gente acaba vindo. Qualquer dia o meu visitante vai se cansar de ser tomado por um espetáculo de entretenimento e desaparecer para sempre.

— E quem é esse seu visitante?

— Não sei. Mas eu me sinto confortada com a sua presença. Espero que não me tome por louca. O senhor assistiu a tudo, portanto sabe do que falo.

— Eu sou cético por natureza, mas não posso negar o que testemunhei aqui esta noite. Mais uma vez, obrigado pelo convite e pela magnífica oportunidade. Estou verdadeiramente sem palavras.

A sra. De Plainemaison acompanhou-me até a porta e nos despedimos. Depois descii a rua, em silêncio, aproveitando o ar ameno da noite para deixar os pensamentos divagarem sobre o que acontecera naquela sala. Os meus passos ecoavam sobre as pedras da calçada, e as sombras desciam das fachadas das casas, deitando-se sobre as ruas, onde o luar não chegava.

Naquela época, Paris era um canteiro de obras a céu aberto. Por ordem do prefeito de Paris, o barão de Haussmann, as ruas estreitas e apertadas começavam a dar lugar a grandes e largas avenidas, e inúmeras construções antigas e precárias estavam sendo demolidas para que fossem construídos edifícios novos, de linhas sóbrias e modernas. Por todo lado, havia montes de pedras, terra e areia, como um campo de batalha de aspecto lúgubre, sobretudo àquela hora da noite. Mas, imerso em pensamentos, eu mal prestava atenção ao caminho que seguia.

Queria chegar a uma conclusão sobre os acontecimentos que tinha acabado de presenciar. Queria ser capaz de decretar uma certeza, de dizer que tudo era realmente verdade ou, ao contrário, que tudo era um embuste, o resultado de um engenhoso sistema mecânico, elétrico ou químico, feito para enganar os incautos. Mas a única certeza, eu concluía amargamente, era que não havia certeza nenhuma. Disse isso a você assim que entrei em casa.

— Há alguma coisa ali — eu disse. — Não me pergunte o quê, mas há alguma coisa, certamente.

— E a mesa moveu-se de verdade?

— A mesa? Dançou, rodopiou, respondeu, zangou-se. Temperamental, a mesa de carvalho.

Sonhei com a mesa naquela noite e, quando acordei, ainda não estava certo do que de fato tinha acontecido na casa da sra. De Plainemaison.

Passados alguns dias, recebi um novo convite, desta vez com um post scriptum: “Descobri que as filhas de um casal amigo têm experiências semelhantes às minhas, embora manifestadas de forma diferente. Convidei-as para esta próxima sessão”.

Assim, voltei àquela casa. Tudo ainda era novidade e, incapaz de pensar em qualquer teoria coerente que pudesse ligar as ideias, eu observava e começava a tomar as primeiras notas. Na segunda sessão, apenas um dos cavalheiros que eu encontrara na primeira noite estava presente. Havia dois outros que me eram inteiramente desconhecidos e duas meninas, que soube terem catorze e dezesseis anos, de nomes Julie e Caroline. Eram as irmãs Baudin, e foi com elas que dei meus primeiros passos naquele estranho e novo mundo que marcaria para sempre a minha vida terrena.

— Sr. Rivail, estas são as meninas de quem falei no convite — explicou a sra. De Plainemaison. — São filhas de Emile-Charles e Clementine, meus bons amigos, que conheço há muitos anos. Pedi a eles que as deixassem vir esta noite para nos mostrarem certas coisas que sabem fazer. Depois passam a noite aqui, não é, minhas queridas? — disse, acariciando-lhes os rostos sorridentes.

Passamos para a famosa sala, onde desta vez havia um candeeiro a óleo no centro da mesa.

— Não tenha receio, sr. Rivail — disse a sra. De Plainemaison ao se dar conta do meu olhar surpreso. — Esta noite não vamos evocar o meu visitante, ainda que ele certamente esteja entre nós. Esta mesa não será mais que uma mesa esta noite.

Nós nos sentamos, e a mais nova das irmãs colocou um maço de folhas de papel sobre a mesa, enquanto a outra se ocupava em fazer passar um lápis por uma cesta pequena com alças, de forma que sua ponta ficasse para baixo.

— A corbeille está pronta — disse a mais velha, solene e orgulhosa, mostrando o estranho conjunto. Depois o equilibrou sobre as folhas de papel com a ponta dos dedos, mantendo o olhar na nossa direção.

Por alguns instantes, nada aconteceu, até que de repente a cesta começou a se mover, sempre equilibrada pelos dedos da menina, fazendo o lápis riscar a folha de papel por baixo. Curiosos, nos aproximamos da mesa e constatamos que o lápis escrevia um texto. Eu sou Zéfiro, escreveu, numa caligrafia muito tosca, ocupando quase toda a página. Logo que chegou ao fim, a irmã puxou a folha para o lado, deixando uma nova em branco para que a corbeille pudesse continuar a escrever.

*Quanta atenção me é dirigida esta noite! Que quereis de mim, minhas queridas? Não é tarde para estarem fora de casa? A esta hora já deveriam estar dormindo...*

— Papai nos deu autorização para ficar com a sra. De Plainemaison — disse a mais velha, inclinada sobre a mesa, tentando acompanhar o texto escrito.

*E convidaram toda essa gente por minha causa? Quanta honra! Espero não desiludi-los! Nem assustar, naturalmente. Porque sou bonzinho, não sou, minhas queridas?*

— É, sim — responderam as irmãs, em coro.

Aquele diálogo me pareceu uma entediante brincadeira infantil e, enfadado, encostei-me na cadeira, arrependido por ter aceitado o novo convite. Tudo dava a entender que se tratava de mero divertimento daquelas crianças, simulando a presença de um terceiro ente, revelado pela escrita tosca daquele aparato que eu julgava estar ali apenas para impressionar. O tal Zéfiro parecia ser alguém de mentalidade parecida com a de uma criança, o que me fazia crer que não existisse para além da imaginação fértil das duas engenhosas irmãs.

A suposta conversa durou ainda algum tempo, sempre no mesmo tom superficial, alheia aos adultos que estavam presentes e centrada nas meninas, que mostravam ao seu visitante saber a tabuada, os nomes das

capitais, dos rios e das flores, como resposta às perguntas que iam surgindo nas folhas de papel por meio da ponta do lápis. Desapontado, resolvi me levantar e, pedindo licença aos presentes, disse que tinha que me ausentar, pois já estava tarde. Já havia visto o suficiente daquilo que considerava um patético número de prestidigitação.

Naquele momento, a cesta parou. Todos olharam para Caroline, como se procurassem uma explicação, mas a pequena mostrava-se igualmente surpresa.

— Parece que Zéfiro não gostou da interrupção do sr. Rivail — disse a sra. De Plainemaison, desanimada.

— Não sabia que éramos assim tão próximos — falei, irônico. As meninas pareceram desapontadas. Caroline tirou o lápis da cesta e pôs-se a rabiscar sobre uma folha em branco.

— Tem certeza de que não quer ficar mais um pouco? — perguntou-me um dos senhores presentes. — Talvez Zéfiro decida voltar...

— Ele não precisa de mim para voltar — respondi, com um sorriso de despedida.

— Oh! — disse Caroline, de repente. — É ele!

O lápis ziguezagueava com rapidez na mão da menina, escrevendo furiosamente com uma caligrafia fina e precisa. Preencheu uma folha inteira com aquilo que parecia ser uma cena entre personagens, conversando num cenário descrito como um bosque, por onde corria um córrego.

Os adjetivos, o estilo, a profundidade do diálogo – entre um cavaleiro e a sua dama – tornavam inverossímil a possibilidade de Caroline ser a autora daquele texto. Ao fim do breve trecho, que parecia escrito para o teatro, uma assinatura veloz e sem hesitação. Todos se debruçaram sobre o nome e, após algumas sugestões, concluímos que se tratava de Frédéric Soulié.

— Onde aprendeu isso, Caroline? — perguntou a sra. De Plainemaison, intrigada com o texto.

— Eu não fiz nada, madame! — disse a menina, atrapalhada. — A mão é que escreveu sozinha!

A irmã deu-lhe uma folha em branco, sobre a qual todos se debruçaram, ansiosos. E, com efeito, ao fim de algum tempo, a mesma caligrafia vibrante surgiu de novo. Desta vez apenas um breve parágrafo:

— Voltarei daqui a sete dias à vossa casa para vos apresentar novas obras. Desta vez peço um público mais vasto. O meu nome merece, assim o creio! Um vosso criado.

E a mesma assinatura. Depois desse momento, apesar de Caroline insistir em deixar a pena sobre o papel, nem mais uma palavra surgiu do seu punho.

Um burburinho tomou a sala, todos comentando com verdadeiro espanto os acontecimentos daquela noite. Pedi para levar comigo o primeiro texto de Soulié, a fim de determinar a sua autenticidade, e ninguém se opôs. Quando voltei para casa, mostrei a você a folha de papel, relatando tudo o que havia acontecido. Mas quem foi Soulié?, você perguntou, com a vaga impressão de que o nome lhe soava a familiar.

— Vou descobrir — afirmei, animado. A partir daquela noite, o meu destino estava traçado. E, ainda que as dúvidas continuassem a surgir, havia agora a certeza de que eu não descansaria enquanto não revelasse aquele mistério.

## 9

EU ACHAVA QUE JÁ tinha ouvido falar em Frédéric Soulié, mas não podia afirmar que o nome me dissesse muita coisa. Decidi procurar meu editor, homem muito bem relacionado no meio literário parisiense, para pedir informações.

— Era um sujeito que andava por aí uns anos atrás — ele explicou, puxando pela memória. — Escrevia poemas e peças de teatro... Lembro que falavam bem dele. Depois desapareceu, nunca mais tive notícias. Quem o conhecia muito bem era o Carlotti.

— Carlotti?

— Sim, aquele linguista famoso que escreve uma coluna no Figaro. Fale com ele, Rivail. Ele saberá dizer algo sobre o homem.

Encontrei o linguista em seu escritório, no terceiro andar de um prédio antigo na rua de Constantine, no quarto arrondissement. Era um sujeito baixo, de cabeça redonda e calvo, e um bigodinho bem aparado. Atrás da mesa, vestia uma espécie de casaco que parecia um robe, com um padrão xadrez em tons de vermelho e castanho. Mostrei-lhe a folha de papel da sessão na casa da sra. De Plainemaison.

— Onde encontrou isto? — perguntou, depois de alguns instantes, sem desviar o olhar do papel entre os dedos gordos.

— Na casa de uma pessoa conhecida. Reconhece o autor desta passagem?

— Frédéric, Frédéric... — disse, num suspiro. — Era um bom amigo. Tínhamos magníficas discussões. Discordávamos em quase tudo, mas por isso mesmo tínhamos enorme prazer em desmontar as argumentações um

do outro. Sempre que ele tinha uma nova obra, vinha mostrar-me e pedir opinião. É curioso eu nunca ter lido este trecho.

— E o que foi feito dele?

— Morreu há uns bons anos. Pegou uma pneumonia e em duas semanas se foi. Que interessante o senhor aparecer agora com um original. Traz-me belas recordações.

— Tem certeza de que é de autoria do seu amigo?

— Absoluta — sentenciou o linguista, sem hesitar. — A caligrafia é a dele, e a assinatura, inconfundível. Frédéric Soulié. Não chegava a ser um gênio, mas produziu textos de grande beleza.

— E esta passagem corresponde ao estilo dele?

— Ah, claramente. Não tenho nenhuma dúvida. Mas por que essa insistência, sr. Rivail? Se pensa em vender este texto, posso desde já lhe dizer que os trabalhos de Soulié sempre tiveram uma procura modesta. Isto aqui não vale nada, em termos financeiros.

— Nunca tal ideia me passaria pela cabeça. Insisti na sua confirmação, enquanto especialista, porque vi com os meus próprios olhos este texto ser escrito por uma garota de dezesseis anos.

Carlotti pousou cuidadosamente o papel sobre a mesa e me lançou um olhar grave, num silêncio que me inquietava.

— Gostaria de lhe dizer que isso é impossível, sr. Rivail — acabou por afirmar, num tom pausado. — Porque este texto é efetivamente da autoria de Soulié, esta é a sua caligrafia e esta é sua assinatura. Jamais alguém conseguiria reproduzi-lo com tal exatidão. Muito menos uma criança dessa idade. A razão diz que isso é impossível. E, no entanto...

— No entanto?

Carlotti esboçou um sorriso amargurado, com o olhar fixo no texto. Aquele homem não me despertara grande simpatia quando entrei no gabinete, mas

agora me causava certa pena, exposto daquela maneira, perdido em recordações de algo que não me dizia respeito, de tempos passados que vim revolver com aquela folha de papel. Pensei em me retirar em silêncio, deixando-o absorto nas suas memórias, mas, assim que fiz o gesto de me levantar, ele começou a falar, como se conversasse consigo mesmo.

— Já me tinham falado desses fenômenos que a razão não explica e que a lógica não aceita, com exemplos, outro tipo de exemplos. Ainda que tenha trabalhado toda a vida entre romancistas, poetas e sonhadores, sempre fui um pobre cético. Eu me deslumbro com as obras da imaginação e do sonho, mas sei que tudo é produto do talento dos homens e das mulheres. Nesta vida, a real, acredito no que vejo, e não guardo ilusões. E depois dessa vida não vem nada, sempre acreditei — acrescentou, com um encolher de ombros e a voz embargada. — Mas a ideia de eles realmente existirem e estarem aqui, neste exato momento, muda tudo! A possibilidade de nos escutarem e de se comunicarem conosco, e de nos deixarem os seus inequívocos sinais, como este texto que aí está... Quantas implicações isso não traz, sr. Rivail?

— Mas quem são eles? De quem você está falando?

— Quem são eles, ora, quem são? Os espíritos! São eles que nos visitam, nos dão sinais e nos dizem que seguem vivendo, não sei de que forma, não sei em que mundo, como esse meu velho amigo que talvez agora nos escute e se divirta com esta conversa!

*Os espíritos. Foi a primeira vez que ouvi alguém apontar tal hipótese para os fenômenos que vinha investigando. Carlotti, o cético linguista vazio de ilusões, apontava um novo caminho, uma possibilidade que naquele momento teve enorme eco em meu pensamento.*

— Mas quais espíritos? Como assim?

— Os espíritos dos que já partiram, sr. Rivail. Foi o espírito de Frédéric que fez esse trecho chegar até o senhor, como outros trechos que eu já li, de outros autores falecidos, porque esses artistas continuam a criar e a produzir nessa outra vida que levam, talvez num lugar não muito distante daqui. Talvez aqui mesmo, quem sabe?

— Mas como chegou a essa conclusão? Quem lhe falou de espíritos?

— Talvez tenha lido algum testemunho que mencionasse isso, não sei, não me recordo. Acredite, não fui eu que inventei o termo.

— E como se chega a esses espíritos?

— É uma boa pergunta. Daquilo que vi, concluo que são eles que chegam até nós. Da forma que quiserem. Pelo que você me contou, Frédéric escolheu essa menina.

— A garota parece conseguir se comunicar com outros... espíritos.

— É porque tem o dom. Quem sabe, quem sabe?

— Sim, quem sabe... — repeti.

Ofereci o trecho de Soulié a Carlotti, que me agradeceu muito, e nos despedimos.

— Se souber de alguma forma de eu poder reencontrar o meu amigo... — ele disse. — Eu gostaria muito.

— Em breve haverá uma sessão na casa dos pais dessa menina que se comunica com ele. Posso sugerir o seu nome para participar. Sua distinta presença certamente dará prestígio ao evento.

— Ah, mas é muito atencioso de sua parte, sr. Rivail! Eu ficaria eternamente grato se pudesse testemunhar a presença do meu velho amigo. Fico aguardando notícias suas.

E as notícias não tardaram, vindas da casa da família Baudin. Com grande pompa, o patriarca convidou uma lista considerável de personalidades da sociedade parisiense para que todas assistissem ao que ele chamava de “um evento da nova ciência”, conduzido pelas próprias filhas, dotadas de poderes sobrenaturais, capazes de evocar os que já tinham partido e com eles se comunicar. “Um evento estritamente científico, distinto e oposto ao embuste e à desonestidade de alguns espetáculos teatrais”, assegurava o convite escrito que recebi. Ainda que o alegado interesse fosse científico,

não pude deixar de notar o tom extravagante do convite, que me incomodava bastante. Além de tudo, tratava-se de uma capacidade das filhas, de modo que tudo aquilo soava como exploração em prol da fama e da vaidade. Reticente, acabei indo, desta vez em sua companhia, tendo antes o cuidado de garantir que Carlotti também recebesse o convite.

Eram mais de trinta os presentes naquela noite no salão da casa da família Baudin. Para o evento, haviam colocado algumas cadeiras, dispostas em fileiras diante de uma mesa, na qual, junto a dois candeeiros a petróleo, havia um tinteiro com a respectiva pena e uma pilha de folhas de papel cuidadosamente alinhadas. Todo o resto do salão estava envolvido por uma penumbra, conferindo ao ambiente uma atmosfera cerimonial, destinada a causar impacto nos presentes.

Nós nos sentamos na segunda fila, ao lado direito, olhando distraidamente para os convidados que chegavam, conduzidos pelos criados da família Baudin. Quando enfim todos pareciam ter chegado, os criados retiraram-se do salão, fechando as portas. Olhando ao redor, percebi que Carlotti ainda não tinha chegado.

— Minhas senhoras e meus senhores — disse o senhor Baudin, cheio de cerimônia, com as mãos unidas na altura do peito, diante da audiência. — Desde já agradeço por terem aceitado o nosso convite, meu e da minha família, para estarem aqui presentes nesta noite. Se tudo decorrer conforme esperado, é meu dever desde já informar que o que vão testemunhar aqui é algo extraordinário e verdadeiramente inquietante. É algo que tem causado grande agitação neste meu lar, a até pouco tempo uma casa de família comum, com os seus deveres, atividades, momentos bons e os menos bons também. Algo que se revela por meio das minhas belas filhas, motivo pelo qual elas se encontram aqui conosco — disse, fazendo um gesto com o braço para mostrar as meninas sentadas à mesa. — Alguns de vocês já testemunharam o fenômeno na casa de uma amiga nossa. A esse restrito grupo quero agradecer por terem assistido ao mesmo que eu, pois, se tivesse sido o único a tomar conhecimento desses fenômenos, eu poderia pensar que tinha enlouquecido ou perdido o juízo.

O sr. Baudin fez uma pausa, tirou um lenço do bolso e enxugou o rosto suado.

— Meus conhecimentos e minha experiência não me permitem concluir nada sobre os fenômenos que as minhas filhas despertam nem por que ambas são dotadas dessa capacidade. Esse é o motivo principal da sessão de hoje, aberta a uma audiência maior: a de partilhar conhecimentos, pontos de vista, entendimentos e interpretações sobre o tema. Espero que no final tenhamos um pouco mais de informação sobre essa admirável comunicação que Caroline e Julie vão estabelecer. E agora, sem mais demora, peço, minhas queridas filhas, que operem sua ciência. — Dizendo isso, retirou-se e sentou-se na primeira fila.

Caroline molhou a caneta no tinteiro e a apoiou no papel em branco, com a mão esquerda sobre o rosto, pensativa. Atrás, Julie aguardava de pé. Não havia sinal algum da cesta de vime utilizada na casa da sra. De Plainemaison. Um silêncio sepulcral pairava no salão, entrecortado apenas pela respiração ansiosa dos convidados, inquietos com a introdução prolixa do anfitrião.

Enfim, o punho de Caroline começou a se mover, escrevendo no papel, e logo a irmã se debruçou sobre o seu ombro, lendo em voz alta o texto que era redigido. Era Zéfiro que reaparecia, o mesmo Zéfiro, nosso conhecido, dizendo-se feliz por poder apresentar-se a uma plateia tão grande como aquela.

Se toda sessão se resumiria a uma comunicação com aquele espírito inferior, então seria tempo perdido. Certamente, você me julgaria ingênuo por dedicar meu tempo a investigar aqueles assuntos e ainda por cima levá-la para ver aquilo. A conversa de Zéfiro era perfeitamente condizente com uma criança como Caroline, dando por isso a impressão de tudo não passar de uma farsa infantil. Pedi, sussurrando, que você tivesse um pouco de paciência, pois já tinha assistido àquela conversa e Zéfiro não parecia ser uma invenção, por mais difícil que fosse acreditar nisso.

Ao fim de meia hora, a sessão foi interrompida pela chegada de mais um convidado. As portas do salão se abriram, e na penumbra pude reconhecer o linguista Carlotti, caminhando encolhido junto ao criado que o conduziu a seu lugar. Naquele momento, senti vergonha por tê-lo trazido até aqui, a um espetáculo que ele certamente acharia medíocre. Porém, logo após a chegada de Carlotti, a escrita de Caroline se interrompeu. O sr. Baudin

levantou-se e foi até a filha, perguntando-lhe discretamente o que tinha acontecido.

— Ele foi embora, papai! — ouvimos a menina dizer, tão surpreendida quanto o progenitor.

Alguns presentes murmuraram, desapontados pela partida de Zéfiro. Da minha parte, não havia muito a lamentar. A pausa causou distração e todos se puseram a conversar uns com os outros, trocando impressões sobre a sessão. Havia quem pedisse para ver o texto manuscrito, procurando analisar a caligrafia e opinar sobre os acontecimentos. De repente, alguém disse em voz alta:

— Vejam a menina! Ela voltou a escrever!

— É ele, Caroline? — perguntou o pai, animado pela perspectiva de continuação da sessão.

Atrás, Julie retomou a tarefa de ler o texto que agora surgia.

— *Meus ilustríssimos companheiros! Eis que agora a audiência se tornou bastante interessante, com a chegada do meu velho amigo!*

Todos se entreolharam, procurando entender a quem o autor da comunicação se referia.

— *Falo desse grande especialista das letras, baluarte da literatura, arauto da poesia e refinado dissecador de prosas, o grande Carlotti! Meu velho Carlotti!*

Voltamos todos para o linguista, de indisfarçado sorriso impresso nos lábios fechados. Como a menina sabe o nome dele?, perguntavam alguns, incrédulos, antes de os restantes, interessadíssimos, lhes pedirem silêncio.

— *Como sabeis, prometi a estas meninas que estaria de volta para dar novas, e que elas se preparassem. E que preparação esta, magnífica! Céus, que recepção digna de um grande nome das letras, como eu sempre quis ser, sem nunca conseguir! Que salão esplêndido, que audiência iluminada e*

*esclarecida, que atenção ao meu verbo e à minha palavra! Não imaginais quanto me sinto lisonjeado. Veja bem, Carlotti, que sucesso estrondoso! Eu não dizia que haveria um dia de ser conhecido na França como um dos melhores artistas literários, o melhor, quiçá!, de todos os tempos? Pois aí tem, meu velho, uma Paris inteira a escutar-me esta noite. Uma cidade suspensa pela escrita desta linda menina que me escuta como ninguém. Serei talvez um exagerado, você dirá no seu pessimismo crônico. Pois a mim não me importam os que ficaram de fora sem ouvir a prosa de Soulié, porque esta sessão tem tanto de novo como de histórico. Depois desta noite não haverá alma em Paris que não queira conhecer os meus textos, escritos no mundo dos vivos e declamados neste outro mundo, onde a matéria não tem lugar.*

Uma salva de palmas espontânea ecoou na sala. As pessoas entreolhavam-se maravilhadas com o fenômeno a que assistiam, ao mesmo tempo que espreitavam pelo ar, debaixo das cadeiras, nos quadros, algum sinal da presença de Frédéric Soulié para além das palavras ditadas por Julie Baudin.

Carlotti levantou-se, soltando vivas ao amigo, um dos grandes da França, o maior, dizia, fascinado por saber que ele estava ali entre nós, um ente vivo e comunicante, falando de um mundo novo, renascendo da morte racional daqueles que apenas vivem na matéria e para a matéria apenas. O linguista então iniciou uma conversa com o amigo, formulando questões em voz alta, todas prontamente respondidas pela escrita de Caroline, respostas que apenas o próprio Soulié poderia dar, constatava Carlotti, triunfante. Depois outros convidados fizeram algumas perguntas, e eu próprio me atrevi a perguntar de onde nos falava, que lugar era aquele, como nos via, de que ângulo, de que perspectiva, como via a si próprio, o que lhe acontecera depois da morte. Eram questões fundamentais para começar a sistematizar o meu trabalho e aprofundar as investigações, recorrendo a espíritos como o de Soulié para me auxiliar na tarefa.

Depois de atender à nossa curiosidade, o poeta e dramaturgo resolveu nos presentear com um original seu, como forma de agradecimento por aquela noite memorável. Chamou-lhe de Uma noite esquecida, ou A história da feiticeira Manouza. Passava-se no tempo de Aladim e dos sultões e,

segundo o próprio autor, poderia ser a história que Sherazade contou na milésima segunda noite. Nunca um romance me despertara tanto interesse como aquele, escrito a partir de um mundo absolutamente novo e no qual eu dava os primeiros passos, uma incursão de uma vida inteira. Ao meu lado, você também vibrava com as revelações de Soulié, apertando-me a mão com força, pelo receio do desconhecido que se revelava diante de todos nós. Soulié disse então, através de Caroline, que nos daria os próximos capítulos daquela história das Arábias ao longo das sessões seguintes na casa dos Baudin, para delírio do pai das meninas, que assim via assegurada a continuação de uma atenção devotada à sua família.

E, como prometido, ao longo das semanas seguintes, em sessões cujos participantes aumentavam de forma gradual, Frédéric Soulié ofereceu-nos o resto do romance, que coloquei mais tarde na minha publicação periódica, à qual dei o nome de Revista Espírita. Essas sessões psicografadas por Caroline foram fundamentais para o meu aprofundamento naquilo a que viria mais tarde chamar de Espiritismo. Porque, para além de Soulié, a jovem médium Caroline proporcionava comunicação com outros espíritos, vários deles superiores, dispostos a partilhar os princípios do seu mundo, dos seus diversos mundos, como aprendi mais tarde, os quais estabeleceram as bases da Doutrina.

Durante as sessões, comecei a tomar notas e a direcionar as minhas perguntas aos espíritos que se iam revelando pela escrita da médium, um trabalho que para mim surgia como algo que tinha de ser feito, uma necessidade natural, um dever até, o de codificar aquele novo conhecimento, sistematizá-lo e uni-lo numa só teoria, baseada e desenvolvida no método científico, o mesmo que sempre pautou a minha forma de trabalho. À noite, no escritório, passava longas horas revendo os apontamentos, passando a limpo aquilo que anotava furiosamente enquanto os espíritos falavam pela médium Caroline, termo que aprendi e que veio trazer à luz o poder daqueles que os ouvem e são capazes de transmitir as suas mensagens.

Foi numa dessas noites que algo me aconteceu. Eu estava trabalhando naquela que viria a se tornar minha obra mais importante quando comecei a ouvir pancadas na parede. Era uma batida forte e violenta, que parecia vir

do fundo do prédio e fazia a parede estremecer. A princípio pensei que decorressem de obras na rua. Mas estava tarde demais para isso e, intrigado, parei de escrever para prestar atenção ao som. Por coincidência, as pancadas pararam imediatamente. Retomei a escrita, mas então elas voltaram. Testei várias vezes aqueles dois eventos que a princípio não teriam relação alguma entre si: enquanto escrevia, as pancadas soavam; assim que parava, elas eram interrompidas. Confuso e sem encontrar explicação, acabei desistindo e fui me deitar. No dia seguinte, durante mais uma sessão na casa do sr. Baudin, o visitante de sempre, Zéfiro, a quem eu tanto desdenhara, dirigiu-se a mim:

— *As pancadas, Rivail, as pancadas na parede! Está aqui entre nós aquele que procurou chamar a sua atenção* — disse Julie, ditando o discurso do espírito que se desenhava no papel.

— E quem é ele? — perguntei, erguendo-me do assento onde sempre ficava, discreto e atento, falando ao alto, a algo que eu sabia invisível, mas que podia me escutar. Zéfiro respondeu que se tratava do meu espírito familiar, a quem eu deveria escutar com atenção. E, dizendo aquilo, desapareceu, deixando um silêncio perturbador na sala, inquieta pelas palavras enigmáticas. Ficamos esperando por algum tempo, mas nem Zéfiro nem outro espírito se anunciaram por meio de Caroline. Decidi, contra o meu estilo reservado, erguer-me novamente e falar alto, esperançoso de que seria escutado.

— Meu espírito familiar, se me escuta, me diga quem é.

Caroline me olhou, movendo a cabeça levemente em negativa. Com você ao meu lado, a mão entrelaçada na minha, aguardei de pé, diante dos outros convidados, à espera de um sinal daquele espírito que me acompanhava em casa, durante o trabalho, em momentos em que eu nem sequer sonhava com a sua presença. De súbito, senti sua mão apertar a minha com força. Caroline começara a escrever novamente. Sua irmã leu a nova mensagem, dando voz ao espírito, um espírito superior que se apresentou assim:

— *Eu sou a Verdade, Hippolyte Rivail.*

Foi a primeira vez que tomei conhecimento de tal espírito, que, segundo as palavras que me dirigiu, seguia e acompanhava o meu trabalho. Alertou-me para as adversidades que estavam por vir, ao mesmo tempo tranquilizando-me com a garantia de que estaria sempre ao meu lado, ajudando-me no meu caminho. As pancadas eram afinal uma forma de chamar minha atenção para um erro qualquer que eu havia cometido na minha escrita.

— *Você foi o escolhido. Coragem, Rivail!*

Da mesma forma repentina como apareceu, partiu naquela noite o Espírito da Verdade. Voltando para casa, quase não falamos. Ambos sentíamos o efeito daquelas palavras dirigidas a mim, colocando-me o peso da responsabilidade de uma tarefa que eu ainda não entendia. Eu era o escolhido, mas não sabia bem para quê.

Assim que chegamos, fui reler meu trabalho, como um aluno que levara um puxão de orelha do professor. O erro que antes me passara despercebido agora me saltava aos olhos. Nessa noite, o espírito não bateu na minha parede. Satisfeito comigo mesmo, guardei o trabalho corrigido e fui dormir, feliz por saber que a Verdade olhava por mim.

## 10

A ATENÇÃO QUE EU começava a receber dos espíritos levou o sr. Baudin a nos convidar para jantar em sua casa, de forma a realizar sessões mediúnicas restritas aos familiares. Foi assim que voltei a ter contato com o Espírito da Verdade, que me informou mais pormenores sobre a missão que me era destinada. Caberia a mim organizar e divulgar uma nova doutrina, capaz de revolucionar o pensamento científico, filosófico e religioso. Era minha missão ser o reformador de ideias que iriam agitar o mundo inteiro, de modo que seriam muitos os obstáculos no meu caminho, assegurou-me o espírito, numa dessas sessões testemunhadas apenas pela família Baudin e por nós dois. Muitos eram os perigos que eu teria de enfrentar, e por isso o espírito me recomendava humildade, devoção, coragem e perseverança.

Incapaz de compreender naquele momento a dimensão dos perigos a que o Espírito da Verdade se referia, confirmei em voz alta que aceitava sem hesitações aquilo que me era confiado.

— *Volto a dizer que estarei do seu lado em todos os momentos. Também serão facultados a você os materiais necessários para que faça um trabalho à altura da nova doutrina. Em breve terá mais notícias minhas. Por ora, deixo-o na companhia de Zéfiro, que você conhece bem, pois ele tem algo a dizer. Peço que seja paciente com ele. É um espírito do bem, que quer apenas o melhor para você. Até breve, Rivail!*

Depois daquela revelação, aguardei pelo aparecimento de Zéfiro, que não tardou.

— *Mas o que aconteceu nesta casa? — começou, irônico — Onde até há pouco era aplaudido por dezenas de seguidores, agora tenho apenas um? Ah, mas este vale por muitos! Perdoe-me a distração, meu dileto Hippolyte!*

— Boa noite, Zéfiro — soltei, num suspiro. — Diga, por favor, o que quer de mim.

— Ah! Por favor, não me tome por inoportuno! Acredite, as sessões nesta casa têm um interesse infinitamente superior quando você está aqui. Para mim, é um privilégio esta comunicação entre nós dois. Na verdade, eu esperava fazia algum tempo por este reencontro. Porque nossos espíritos já se conhecem, de um passado distante. De uma outra vida.

— Como assim? — perguntei, com o interesse renovado.

Era a primeira vez que ouvia falar no meu próprio espírito. Até então, durante os estudos, eu me concentrava nos outros, procurando saber quem tinham encarnado, o que tinham feito em vida, o que faziam em espírito, em que mundos viviam. Tratava tudo como um observador distante, ignorando de forma inconsciente a minha própria existência na doutrina que começava a codificar. Nunca tinha pensado que eu era um espírito que reencarnara várias vezes, com inúmeras existências na Terra, durante as quais fui conhecido por outros nomes, vividas em outros tempos e também em outros mundos.

— Lembro bem de você, quando trabalhamos juntos, décadas antes de Cristo. Nós dois éramos druidas na Gália celta e tivemos longas discussões sobre temas daquele tempo... Recordo-me em especial duma questão particular que nos dividia: os romanos. Naquele tempo de Júlio César, eu era a favor da romanização do nosso povo, que já adquirira muitos dos seus hábitos e cultura. Eu estava resignado, você dizia, à presença daquele povo invasor, que você não aceitava de jeito nenhum. Você tinha então um jeito irascível, e, sempre que se falava dos romanos, bradava seus ideais de autonomia e de independência em relação a esse povo. Suas sessões de culto eram famosas, pelos longos discursos que dava contra o inimigo, que afinal de contas estava já entre nós, enraizando-se lentamente. Você tinha o dom da palavra e era muito admirado na cidadela, rodeada de muralhas. Talvez por isso tenha sido agora o eleito para esta tarefa que lhe dão. É um espírito combativo e determinado, como poucos que conheci. Foi um prazer ter convivido com você naquele tempo, isso posso dizer.

A revelação me surpreendeu. Encostado na cadeira, fiquei olhando para aquelas palavras escritas por Caroline, que, em sua condição mediúnica, não parecia consciente do conteúdo do que acabara de colocar no papel. Naquele momento, a minha opinião sobre o espírito que eu antes

considerava fútil alterou-se completamente. Zéfiro mostrava-se com uma nova profundidade, e o fato de termos vivido encarnados num mesmo tempo causava-me uma estranha sensação de proximidade.

— Mas me diga, Zéfiro — perguntei, cético, após algum silêncio —, como você se lembra disso tão bem, e eu nada lembro?

— *Ah! Essa é a vantagem de estar desencarnado. As memórias das existências terrenas anteriores surgem com alguma clareza. Um dia você recordará também esse e outros tempos, quando, livre da matéria, retornar ao mundo espiritual.*

— Um druida...

— *Um druida, sim, senhor.*

— E qual era o meu nome?

— *Kardec. Allan Kardec. Esse era o seu nome.*

Algum tempo depois, reencontrei Carlotti, que veio até minha casa num domingo à tarde com vários cadernos debaixo do braço, dizendo que tinha um “achado precioso” que queria compartilhar comigo.

— Veja só, Rivail — disse o linguista, abrindo os cadernos na mesa do escritório, sobre a qual eu me debruçava. — São dezenas, centenas de mensagens, escritas à mão ou com a ajuda de uma cesta, segundo me contaram. Tudo isto escrito por meio de uma nova médium, como você chama.

— Não sou eu que chamo assim — corriji, analisando os cadernos —, mas os espíritos. Foram eles que me ensinaram o termo. Onde encontrou isso, Carlotti?

— Veio da casa de um senhor chamado Roustan, morador da rua Tiquetonne. Assim como na casa dos Baudin, é a filha quem consegue se comunicar com os espíritos. Quem me deu esses cadernos foi o professor

Léandre Sardou, que assistiu a tudo. Ele, Pierre-Paul Didier, o livreiro, e Tiedeman-Marthèse.

— O filósofo?

— Esse mesmo. Primo da rainha da Holanda. Pelo visto, também se interessa por esses assuntos. Descobri tudo em uma conversa com Sardou, que é meu amigo há anos. Conteí a ele do aparecimento do Soulié, e nem dois dias depois ele foi até meu gabinete com esse material. Disse que ele próprio conduzira grande parte da sessão. Afirmou que tudo era real, sem sombra de dúvida.

Tomei um caderno ao acaso e li as perguntas formuladas e as respectivas respostas. Apesar de haver algumas questões menores, irrelevantes, a maior parte tinha profundidade, o que se notava também na qualidade das respostas obtidas. Naquele momento, encontrei questões que eu próprio já havia colocado aos espíritos na casa do sr. Baudin, e as respostas eram muito semelhantes àquelas que eu obtivera. Tal fato me dava segurança sobre a veracidade do material, realmente um achado, como dissera Carlotti.

Havia também uma série de outras perguntas, que abordavam temas numa profundidade que eu ainda não tivera a oportunidade de explorar. As respostas, claras e objetivas, traziam uma nova luz sobre a doutrina que eu aos poucos descobria.

Ao ver aqueles escritos na minha mesa, não pude deixar de me lembrar do Espírito da Verdade e de sua promessa de que os meios para prosseguir com a minha missão chegariam, de uma forma ou de outra, até mim. Àquela altura, depois de tudo o que eu tinha visto, eu já não acreditava em coincidências.

Carlotti disse que eu podia ficar com tudo aquilo, pois saberia dar-lhe a devida utilidade. Disse também que trataria de me recomendar para as sessões na rua Tiquetonne, para que pudesse alcançar o “real conhecimento do mundo dos espíritos”. Depois se despediu apressadamente, dizendo que tinha de ir à igreja para a celebração da liturgia.

— Sabe, Rivail — disse, já na ombreira da porta —, eu sempre fui um ateu irremediável, que não acreditava em nada que não pudesse ver, sentir ou tocar. Hoje, só espero que um dia Deus me aceite nesse outro mundo onde estão os poetas, os artistas, os grandes homens e as mulheres da Terra! Isso não acaba aqui! Estude esses cadernos, compile, resuma, esclareça e ilumine a humanidade com a verdade. Os espíritos precisam de você, Rivail!

Nos meses seguintes, trabalhei exclusivamente sobre o material que já tinha reunido, separando e organizando os temas. Procurei criar um livro que fosse didático, claro e direto, de modo a deixá-lo acessível tanto aos mais cultos como aos leitores de formação mais simples, dada a universalidade do assunto. Optei por organizá-lo segundo perguntas e respostas, usando os questionamentos que eu e outros tínhamos feito aos espíritos e suas respectivas explicações, que por sua vez davam lugar a novas questões, originando pequenos diálogos envolvendo o tema original.

A dificuldade em selecionar o material, no entanto, era grande. Além do enorme volume de informação, havia ainda o problema da credibilidade, pois havia diferentes tipos de espíritos por trás das respostas dadas a nossas perguntas.

Assim, em meio a respostas verdadeiras e profundas, havia muitas dadas por espíritos inferiores, transmitidas com o objetivo de confundir ou fazer prevalecer convicções de espíritos pseudossábios. A existência de espíritos de graus inferiores, em estado de desenvolvimento mais primário, sempre se apresentou como um obstáculo ao trabalho em curso, tanto pelas contribuições sem valor que tais espíritos traziam às sessões quanto pela forma como desprestigiavam o próprio Espiritismo. No fundo, esses seres brincalhões se divertiam à custa dos estudos sérios, meus e de todos aqueles que se dedicavam à doutrina, tendo por objetivo desacreditar o estudo por inteiro. Por esse motivo, incluí no livro que estava criando uma parte substancial dedicada a explicar a escala espírita. Nela são descritas as diferentes ordens de espíritos e os seus correspondentes graus de evolução.

Para minha sorte, apenas uma pequena parte de tudo o que tinha recolhido correspondia a respostas de espíritos de terceira ordem. A maior parte da informação foi dada por espíritos de primeira ordem, iluminados e esclarecidos na doutrina, generosos e desprendidos da vaidade, da fama ou de outras características pequenas e muito humanas. Sem querer nada em troca, esses espíritos superiores interessavam-se apenas pela revelação e pela divulgação da doutrina, apresentando-a como uma ciência totalmente caracterizada, com os seus princípios, as suas formulações, os seus postulados e os seus efeitos.

Ao todo, depois de passar os textos por uma triagem adequada, obtive quinhentos e um diálogos curtos sobre os mais variados temas, subdivididos em novecentos e dezesseis blocos de perguntas e respostas. Para o primeiro capítulo, decidi colocar as questões relativas a Deus, o princípio de todas as coisas, estabelecendo esse tema como o centro da doutrina. Coloquei também na primeira parte das causas primárias as respostas às questões fundamentais dos elementos do universo, o princípio das coisas, a criação, a formação dos seres vivos, o povoamento da Terra e a existência de outros mundos, a inteligência e o instinto, a vida e a morte.

A segunda parte revela o mundo dos espíritos propriamente dito, a sua origem e a sua natureza, as suas ordens, a encarnação, a alma e a sua separação do corpo após a morte. A terceira parte dediquei às leis morais, começando pela Lei Divina, ou Natural, abordando em seguida outras leis, como a do trabalho, da reprodução, da conservação, da igualdade ou do progresso.

Os Espíritos trouxeram suas contribuições sobre todos esses princípios universais. Numa última parte, reunindo as esperanças e as consolações, dediquei espaço aos arrependimentos e à expiação das falhas, à intervenção de Deus nas penas e nas recompensas futuras.

Ao final, chamei-o de O Livro dos Espíritos, pois, como assinalei no início, foi escrito conforme o ditado e a ordem de espíritos superiores. Revi a obra inteira e, depois de realizar algumas correções, dei o meu trabalho por terminado. Durante aqueles meses, não escutei pancadas nas paredes nas minhas horas de trabalho, o que me manteve animado pela certeza de que estava no caminho certo. O Livro dos Espíritos estava, assim, concluído.

Tantas horas de esforço intenso me deixaram exausto. A idade tinha avançado sem que eu me desse conta, e já não possuía a resistência de outros tempos, em que produzia minhas obras didáticas num ritmo admirável.

Enviei o original para Didier, o meu editor da época. Assinei como Allan Kardec, num ato de separação entre essa obra e o que tinha escrito até aquele momento.

## 11

SUA LEITURA DE O Livro dos Espíritos causou algum impacto na nossa relação. Durante todo o tempo em que me concentrei em escrevê-lo, nunca me passou pela cabeça interpretar ou avaliar a informação que compilava de acordo com o nosso próprio ponto de vista, do nosso casamento, da nossa perspectiva enquanto seres de carne. O meu comprometimento com os espíritos era tal que cegamente cumpri aquele trabalho sem pensar nas implicações que a doutrina tinha em nós dois. Na minha visão crítica e analítica do Espiritismo, estritamente científica, despida de sentimentos que pudessem turvar ou adulterar os seus princípios, me esqueci do que representavam as revelações dos espíritos para a nossa vida futura, já livres do calor da carne que nos unia.

Você me questionou: como podem os espíritos não ter sexo? Como podíamos nós, uma vez mortos, encarnar mais tarde em corpos de outro sexo, deixando para trás o laço que nos unia? Eu tentava explicar que esse laço jamais se perderia, seria algo fundamental na nossa evolução e para sempre haveríamos de estar próximos, de outra forma, muito diferente daquela em que nos víamos, nas noites em nosso escritório, discutindo sobre tantos temas e sobre o Espiritismo, em particular. Mas as minhas explicações abstratas e impessoais de nada serviam para acalmar sua indignação. Teimoso, eu procurava desvalorizar os seus argumentos, contrapondo-os com o vasto conhecimento que adquirira na criação do livro. Você não aceitava a ideia de que um dia eu pudesse reencarnar em outro homem e talvez me casar com outra mulher, outro espírito que não o seu. Você só queria que fosse eterno o amor que nos unia, mas, em vez de escutar a beleza das suas palavras, eu me concentrava em dar explicações científicas. Às vezes, a ciência faz melhor quando está calada, sobretudo entre dois seres que se amam e se querem prolongar na eternidade.

A minha aparente tranquilidade sobre as questões que a inquietavam não derivava de um desinteresse ou de um amor menor por você. Era o resultado de um trabalho tão profundo e vasto que me fizera esquecer

pormenores, difíceis de entender e explicar quando vemos o mundo apenas pelos nossos olhos e o julgamos como tudo aquilo que existe ao redor. O progresso era, e sempre será, o nosso caminho, de existência em existência, e, se naquele tempo nos cruzamos na Terra, como homem e mulher, assim havia de ser, assim estava escrito pela vontade de Deus.

Quando finalmente aceitou que a nossa vida terrena a dois um dia acabaria – quando um de nós dois desse o último suspiro, antes de sabermos que seria eu –, você se tranquilizou. Certa de que não podia mudar os desígnios dos espíritos, procurou conhecer melhor o mundo deles e se uniu a mim nesse trabalho. A fim de que um dia pudessem lhe conceder uma vida espírita a meu lado, você disse. Colocou-se à disposição dos espíritos, a quem iria prestar ajuda de valor inestimável. Quanto a mim, recebia mais uma prova da mulher extraordinária que eu tinha.

Certa noite, você abriu O Livro dos Espíritos diante de mim e disse:

— Desculpe-me por minha resistência. Ignorava quanto aprenderíamos com os bons espíritos.

E, antes que eu pudesse responder, começou a ler:

### **Em que consiste a felicidade dos bons espíritos?**

*Em conhecer todas as coisas; em não ter ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que causam a infelicidade dos homens. O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade. Não experimentam nem as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. São felizes com o bem que fazem.*

Ficamos mais próximos do que nunca, o que se mostrou de importância capital para os tempos que se seguiram. O Livro dos Espíritos foi publicado, com uma primeira tiragem de mil e quinhentos exemplares. Esgotou-se em três meses, e as reações foram imediatas. Nas semanas

seguintes, recebi avalanches de correspondência, sobretudo de velhos amigos e pessoas que acompanharam comigo as sessões espíritas, desde o tempo da casa da sra. De Plainemaison. Recebi elogios a uma obra que de certa forma não era minha, mas de todos os espíritos que para ela contribuíram: um elenco de peso, cujos nomes listei ao final para que não houvesse nenhuma dúvida sobre a relevância e a autoridade de quem estava por detrás dela. João Evangelista, um dos apóstolos de Cristo, Sócrates, o filósofo grego, Napoleão Bonaparte, Benjamin Franklin, o próprio Fénelon, de quem eu havia traduzido diversos títulos, todos eles contribuíram para a construção de O Livro dos Espíritos.

Um dos primeiros leitores a me felicitar pelo livro foi Carlotti, que tinha se tornado um dos mais entusiasmados apoiadores do Espiritismo. Com alegria no rosto, disse-me que sua vida tinha sido transformada por aquele livro, cuja gênese ele testemunhara, em sessões memoráveis que revelavam uma nova forma de encarar a própria existência, como ele descreveu.

— É maravilhoso, Rivail... Perdão, sr. Kardec! A morte, afinal, não é o fim! Essa grotesca fatalidade na qual sempre evitei pensar não representa mais um encerramento abrupto da existência. É apenas uma passagem! E Deus sabe o que se segue, que outras existências virão, sempre em busca da evolução, do aprimoramento espiritual, de uma subida gradual e contínua rumo a nada menos que a perfeição. Como isso é belo!

— Fico feliz em saber que gostou do livro, meu amigo — respondi, sensibilizado pelas suas palavras.

— Mas dizer que gostei é pouco, pouco demais para exprimir o que ele fez por mim. Esta obra transforma a vida, sr. Kardec! Ela nos torna eternos, pertencentes a um processo contínuo de melhoria. Há algo melhor do que nos aperfeiçoarmos, do que aprendermos? Que venham as outras vidas, neste ou em outros mundos, porque eu estarei pronto, graças a você.

— Graças aos espíritos, caro Carlotti — eu corrigi.

E os elogios continuavam a chegar, ao mesmo tempo que começavam a aparecer artigos em jornais e revistas sobre o conteúdo do livro. Os textos eram escritos por especialistas das mais diversas áreas, preocupados não

tanto com as implicações das mensagens dos espíritos, mas com a busca de explicações para fenômenos do Espiritismo. Havia teorias baseadas em fluidos nervosos, campos magnéticos invisíveis, reflexos de natureza eletromagnética e o eterno histerismo, toda uma série de ideias que eu já tinha escutado enquanto assistia às primeiras sessões de Espiritismo. Por diversão, você resolveu recortar e guardar esses artigos num álbum. Era um “álbum de disparates”, dizíamos, entre risos, certos de que os próprios espíritos haviam de encarar tais elucubrações com bom humor.

E houve cartas que me davam a noção de um impacto muito mais profundo, como a de um jovem que me escreveu dizendo que O Livro dos Espíritos chegara à sua vida no momento em que mais precisava dele:

*Estimado sr. Allan Kardec,*

*Escrevo-lhe com a força e a alegria de viver normais para um jovem de vinte e quatro anos, porém muito diferentes do meu estado de até bem pouco tempo atrás. Não nos conhecemos, então poderá achar estranho eu enviar esta carta tão pessoal, em que digo o que não tive coragem de dizer a mais ninguém.*

*A verdade é que estive à beira do suicídio, por uma série de infortúnios. Mortes na família, a perda do emprego, dívidas, tudo culminando com a partida da mulher que amava, Fiquei à beira do desespero. A vida tornou-se um fardo, um vazio que eu apenas queria esquecer, mergulhando num sono sem retorno. A morte me parecia a solução lógica, um desfecho natural para meu inferno na Terra. Decidi atirar-me no rio Sena na madrugada seguinte. E que as águas me arrastassem até o fundo e que tudo fosse rápido, e, quando o meu corpo fosse resgatado, que fosse apenas um anônimo entre tantos que fizeram o mesmo.*

*Por sorte ou vontade Divina, senti naquela tarde a necessidade de inspecionar o local. Queria ter a certeza de que, uma vez caído no rio, jamais poderia me salvar. Enquanto contemplava as águas, com o*

*pensamento vazio, percebi dois homens que passeavam, conversando, parando a um par de metros de mim. A princípio, não prestei atenção, até que ouvi um deles comentar algo sobre O Livro dos Espíritos, e o outro dizer que a morte deixava de ser o que era depois que se lia aquele livro. Depois se afastaram, e não pude escutar mais. Tentei esquecer o assunto, mas aquela frase não me saiu mais do pensamento.*

*Quando voltava para casa, passei por uma livraria e, tomado por um impulso, entrei e perguntei por O Livro dos Espíritos. Passei a noite lendo, adiando de forma involuntária o plano suicida. À medida que o lia, a minha angústia dissipava-se, dando lugar a uma vontade de saber mais sobre o Espiritismo. Ali encontrava respostas para os meus problemas, mundanos e de possível resolução, e um sentido para continuar a viver, a ser mais humano, ter mais compaixão pelos outros, ser alguém a serviço dos meus irmãos e de Deus. Ali percebi a loucura que eu pensava em cometer. Porque, como diz o livro, “Pobres espíritos, os que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aqueles que sofrem, e não aqueles que não possuem força nem coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações; felizes os que as suportam sem murmurar, pois serão recompensados por isso! Infelizes, ao contrário, aqueles que esperam a sua salvação daquilo que, na sua impiedade, chamam de acaso ou fortuna”.*

*Se eu pensava que o suicídio seria um gesto sem consequências para além da subtração da minha própria vida, só posso agradecer-lhe por ter revelado, através dos espíritos, a sorte dos suicidas. Pobre deles, pois responderão como por um assassinato. E eu nunca fui nem jamais serei um assassino.*

*Se esta minha vida se encheu de provações, é porque foi concebida assim para que eu possa superá-las e evoluir na minha caminhada espiritual. Tudo se transformou aos meus olhos e, ainda que os problemas terrenos permaneçam, não mais tentarei fugir deles. O Livro dos Espíritos, sr. Kardec, é um livro de esperança.*

— Você salvou a vida deste rapaz — você disse, impressionada, assim que terminei de ler a carta em voz alta.

— Não, minha querida — reagi —, ele é que se salvou.

Mas nem todas as reações à publicação de O Livro dos Espíritos foram positivas, como você sabe. O conteúdo provocou também indignação, revolta, escárnio. O Espírito da Verdade havia me prevenido quanto a isso, embora na época eu não tenha compreendido o alcance de suas advertências. Qualquer obra que se proponha a ter impacto na sociedade tem de estar preparada para forte oposição, normalmente vinda da ordem estabelecida, que pretende se manter onde está. Os influenciadores de sempre vieram zombar e criticar O Livro dos Espíritos, ainda que sem argumentos sérios. Fosse o livro feito para agradar a todos, com generalidades e lugares-comuns, nenhum interesse teria gerado, pois jamais seria visto como ameaça. A revolução das ideias foi, porém, tão forte que os velhos senadores da razão se inquietaram, entre eles alguns da Igreja, habituada havia séculos a conduzir pensamentos, ideias e formas de ação. Outros fizeram ouvir as suas vozes por inveja, uma vez que seus próprios discursos já não eram mais escutados.

O fato é que ninguém ficara indiferente à voz dos espíritos, vertida para texto através de médiuns, cujos nomes omiti como forma de proteção da obra literária, tomando o cuidado de agradecer a todos eles pessoalmente. Se fossem fracas as vendas do livro, esses intermediários estariam de acordo. Mas, como sabe, os exemplares voaram das prateleiras. E isso, para algumas mentes, representava dinheiro – e o dinheiro representava ganância.

Certo sábado de maio, depois do almoço, estávamos os dois lendo na sala quando alguém bateu à porta.

Você foi ver quem era, e logo me chamou à porta, onde um jovem casal bem-apessoado me aguardava. Com a pouca luz das escadas não os reconheci, o que devem ter notado, pois a moça se apressou em dizer, num tom firme e surpreendente:

— Boa tarde, sr. Rivail. Ou devo tratá-lo por sr. Allan Kardec? Em todo o caso, certamente você vai se lembrar de mim.

Com os olhos agora habituados à penumbra, comecei a distinguir os contornos do rosto magro e de olhos grandes, e lembrei quem era aquela jovem.

— Mas é claro — disse, batendo com a ponta dos dedos da testa. — Menina Japhet, da rua Tiquetonne.

— Sim, Ruth Japhet — respondeu, no mesmo tom frio. — E este é o meu noivo, Albert.

— Peço desculpas por não a ter reconhecido de imediato. Está escuro e já faz algum tempo desde que a vi pela última vez... Queiram entrar, por favor.

Você ofereceu café ao jovem casal, mas eles, sentados na beira do sofá, com as costas eretas e mãos unidas, recusaram. Pareciam nervosos.

— Vou direto ao assunto — disse Ruth de repente, voltada para mim, com o rosto vermelho. — Viemos falar sobre O Livro dos Espíritos.

— Muito bem — falei, reclinando no cadeirão, enquanto estudava aquela jovem que na minha lembrança era tímida e reservada. — Que deseja saber?

— O senhor tem tido sucesso nas vendas, segundo soube. O seu livro é um êxito, pelo que se fala.

À ausência de reação da minha parte, a jovem médium prosseguiu, parecendo irritada com o meu silêncio.

— Nós mesmos compramos um exemplar para a nossa futura casa, não foi? — disse, voltada para o noivo. — Gostaria que o Albert pudesse ver aquele trabalho. Aquele meu trabalho.

— Perdão?

— Exatamente, sr. Kardec. O senhor sabe a que me refiro, não se faça de desentendido. Que seria de O Livro dos Espíritos sem minha ajuda?

Quantas páginas teria se não fossem as respostas obtidas por meu intermédio?

— Acho que está fazendo uma confusão, srta. Japhet — respondi, num tom pausado, procurando manter a calma.

Ao meu lado, você parecia inquieta. Aquele assunto a tirava do sério.

— Por que diz isso, sr. Kardec?

— Porque a ajuda de que fala não foi de fato sua, mas dos espíritos. Ainda que boa parte tenha sido obtida por seu intermédio, o conteúdo não é de sua autoria, nem sequer da minha. É daqueles que fiz questão de indicar ao fim do livro.

— Ah! Mas que conveniente! Então os direitos de autor que você vai receber também serão cedidos aos espíritos, já que o senhor não fez nada, tal como eu, certo?

O dinheiro, sempre o dinheiro. Quão avançado poderia ser este mundo se nos livrássemos de uma vez por todas da ganância! Tendo compreendido o propósito daquela visita, suspirei fundo.

— A srta. Japhet tem um dom raro, que é o de poder se comunicar com os espíritos. Não sei se alguma vez refletiu sobre o motivo de Deus tê-la dotado dessa capacidade inata. Certamente compreende que isso não é obra do acaso.

— Acaso ou não, a verdade é que consigo receber as mensagens dos espíritos, como o senhor os chama. E disso tirei benefício para escrever o seu livro. Tenha ao menos o caráter de reconhecer isso aqui, já que não foi capaz de fazê-lo na obra impressa.

— Minha querida — você então disse, já incapaz de se conter perante o rumo da discussão —, aqui ninguém tirou benefício de ninguém. O que o meu marido quer dizer é que Deus a abençoou com a felicidade da mediunidade, e esse seu dom deveria ser motivo de alegria. Jamais deveria

obter dele fama ou fortuna, porque isso, posso lhe garantir, é uma ofensa Àquele que lhe deu esse dom.

— Ora, minha senhora — disse a médium —, o que eu faço com as minhas capacidades é da minha conta, e ninguém tem nada a ver com isso. O que não admito é que se sirvam do meu talento em benefício próprio e depois não me deem o justo reconhecimento. Ao menos o meu nome no livro, isso era o mínimo que o senhor devia ter feito, sr. Allan Kardec.

— Srta. Japhet, compreenda que, se deixei o seu nome de fora, foi para protegê-la. Se de repente comessem a surgir em sua casa dúzias de estranhos a pedir que mediunizasse sessões com os seus antepassados, como haveria de ser a sua vida e a de seu noivo? Já pensou nas reais consequências dessa fama, a de poder falar com o além? O médium deve ser recatado por natureza e servir ao Espiritismo livre de interesses materiais. Esse é o seu papel, que tão bem cumpriu durante as sessões na rua Tiquetonne. É certo que pode dar o uso que bem entender ao seu dom, mas, por favor, entenda que, se procurar obter dele ganhos materiais ou fama, estará ofendendo a Deus e aos espíritos que por seu intermédio se comunicam conosco, que estamos neste mundo.

— Você tem um privilégio tão grande que chego quase a invejá-la — você emendou. — Como gostaria de poder servir de ponte entre este mundo e o outro, de dar voz aos espíritos e com eles aprender e evoluir. Você foi uma escolhida, uma eleita para se colocar ao serviço de um bem maior. É um dom tão belo que, se bem utilizado, lhe garantirá grandes recompensas em outras existências! A senhorita está perto dos espíritos, mais perto do que qualquer um de nós aqui. Não estrague tudo se afastando inadvertidamente para o estéril e miserável mundo da vaidade. Por você mesma, apenas. Acredite, terá muito mais a perder do que a ganhar.

A esta altura, o jovem Albert, que até então tinha se mantido calado, tomou a mão da noiva, olhando-a com um rosto terno.

— Talvez seja melhor ouvir o que eles dizem — afirmou, sereno. — Realmente o que você tem é um dom especial. Não quero que se torne uma atração de feira.

— Sábias palavras — falei, satisfeito com a intervenção de Albert. Ruth Japhet parecia mais calma. — Acredite, srta. Japhet, seu trabalho jamais será esquecido. Sua ajuda foi preciosa, e por ele há de receber a seu tempo suas justas recompensas. Até lá, e para ajudar o começo de sua nova vida a dois, faço questão de ajudá-los, na medida de minhas possibilidades. Não se sintam desamparados diante daquele que os estima e lhes deseja a felicidade.

— Obrigada, sr. Kardec — disse Ruth, um pouco envergonhada. — Creio que é hora de ir. Perdoe-me se fui longe demais no que disse.

— Não se preocupe — respondi, acompanhando-os até a porta. — Continue a dar ouvidos ao que os espíritos tiverem a lhe dizer. Quem sabe não presto uma visita à sua futura casa, para uma sessão espírita?

— Seria uma honra — disse Albert, cordial.

E assim nos despedimos.

Aquele episódio me fez pensar sobre os médiuns e seu papel no Espiritismo. Tivemos grandes conversas sobre o tema, lembra? Foi quando comecei a pensar em escrever um livro sobre as manifestações mediúnicas, sobre a própria mediunidade. Algo que funcionasse como um guia para aqueles que tivessem a capacidade de se comunicar com os espíritos, para que pudessem entregar-se à prática das manifestações espíritas, dando-lhes conhecimento dos meios para as comunicações. Esse livro veio a se chamar *O Livro dos Médiuns*, o qual considerei um complemento importante a *O Livro dos Espíritos*.

Mas isso veio mais tarde. Antes, ainda havia adversidades a enfrentar. Porém, a certeza de que não caminhava sozinho me dava confiança. Naquela noite com a srta. Japhet, fiquei orgulhoso de você, minha companheira. Os espíritos tinham uma autêntica guerreira na Terra, e só com a sua força e a sua tenacidade poderíamos enfrentar os desafios que ainda estavam por vir.

## 12

*O LIVRO DOS ESPÍRITOS tornou-se popular também entre os meios acadêmicos e científicos, o que me levou a ser convidado para conferências e seminários organizados pelas universidades, tanto na condição de participante quanto na de orador.*

Foi numa dessas conferências, realizada no Observatório de Paris, que conheci um jovem de cerca de dezoito anos, de olhar vivo e cheio de entusiasmo. Era Camille Flammarion, aquele rapaz magnífico que tinha então um futuro brilhante pela frente, como sabemos. Foi ele que veio falar comigo, ao fim da conferência, enquanto os participantes conversavam distraidamente no hall de entrada.

— Sr. Kardec? — perguntou, olhando-me com genuína curiosidade. Apresentou-se, estendendo a mão. — Assisti à conferência. Gostei muito e quis vir lhe dizer isso. Espero não importuná-lo com o meu gesto.

— Não importuna — respondi, devolvendo o sorriso.

Soube então que era natural de Marselha e que estudava astronomia. Era um dos primeiros alunos do curso recém-estabelecido no Observatório.

— O tema dos espíritos me fascina. Poderia passar um dia inteiro ouvindo-o falar a respeito.

— Ah, sim?

— Estudo o tema há algum tempo, até porque eu próprio vivi alguns fenômenos estranhos que só posso atribuir aos espíritos. Penso até que eles se comunicam comigo, mas, como isso me acontece durante os sonhos, não estou certo da sua presença.

— O sono é uma porta aberta à comunicação com os espíritos. Enquanto o corpo repousa, em estado de emancipação da alma, o espírito, afastado

temporariamente da matéria, embora ainda ligado a ela, pode encontrar-se com parentes e entes queridos. Aproxima-se de espíritos simpáticos, familiares, que lhes inspiram o bem. Quando retornamos ao estado de consciência, ao despertar, recordamo-nos desses encontros, e muitas vezes os creditamos à imaginação. Na verdade, são encontros espirituais. Mas, em relação à mediunidade, aos fenômenos que vivenciou, aconselho-o a estudar e praticar. Com estudo e prática, quem sabe não possa colocar seu dom a serviço do próximo?

— Como eu gostaria! Parece incrível ouvir isso do senhor. O seu O Livro dos Espíritos é tão famoso!

— Também o possui?

— Não, infelizmente não tenho dinheiro para comprar. Mas há uma livraria em Montparnasse cujo dono me deixa ler ao fim do dia, até fechar. Às vezes levo um bloco e faço anotações. O livro me faz sonhar a noite inteira... Ou talvez sejam mesmo os espíritos!

— Fico feliz em saber. Há algum aspecto em especial que lhe atraia mais?

— Sim — respondeu, sem hesitar. — A pluralidade dos mundos. Para quem se dedica a estudar os astros, os planetas e as estrelas, não há nada tão gratificante quanto aprender sobre a vida em outros mundos e a possibilidade de um dia também viver lá, em outras existências. Como eu gostaria de habitar Vênus, Mercúrio ou Júpiter em outra encarnação!

O conhecimento que aquele jovem tinha sobre o Espiritismo me impressionou. Era admirável o entusiasmo na sua voz enquanto falava de temas como a multiplicidade de existências e de mundos, a presença dos espíritos, do plano espiritual, de todos os princípios fundamentais da doutrina, que inclusive começava a conquistar adeptos. Aquele fervor genuíno num jovem promissor, interessado nas ciências, na filosofia e no cosmos, era um sinal de que o trabalho valia a pena, de que as sementes lançadas começavam a germinar e um dia dariam frutos. Decidi que lhe daria um exemplar do livro.

— Por que não vem até a minha casa um dia destes? Gostaria muito de continuar a conversa.

— Seria uma honra! Mas tenho uma ideia melhor: por que não vem o senhor ao Observatório, para eu poder lhe mostrar o cosmos pelo grande telescópio? Já viu através dele?

— Não, nunca — respondi, surpreso pela singularidade do convite. — Eu adoraria, teria apenas que avisar minha mulher.

— Pode trazê-la também! Acha que ela gostaria?

E como não havia de gostar, minha querida Gabi, apaixonada pelos grandes temas da ciência? O convite me pareceu perfeito para passarmos uma noite diferente, observando o céu e seus segredos.

Combinamos de nos encontrar depois do jantar, à entrada do Observatório, no sábado seguinte. Era agosto, e o céu se revelava em todo o seu esplendor, com uma miríade de estrelas cintilantes, como pedras preciosas dispersas sobre um manto negro. O calor pairava no ar. Pelas ruas e pelos jardins viam-se casais e famílias dando os seus passeios depois do jantar.

À medida que nos aproximávamos do edifício, distinguíamos no telhado a cúpula da qual saía a poderosa lente para espreitar o Universo. Era como um balão pousado sobre a imponente construção de pedra e janelas altas.

Ao chegarmos à entrada, encontramos Camille à nossa espera, alegre, rodopiando um molho de chaves na ponta do dedo. Nosso anfitrião dirigiu-se à porta principal, fazendo rodar os ferrolhos da fechadura.

— Devo ser o único estudante de Paris com a chave da própria escola — disse, rindo.

— E não tira férias de verão? — você perguntou, enquanto entrávamos no hall, que, no escuro, me fez lembrar o castelo de Yverdon.

— Não posso, madame Kardec — respondeu ele, esboçando um sorriso. — No fim do verão acaba o tempo bom, e então só há nuvens e chuva. Só

posso estudar a teoria. A prática é muito mais interessante.

Munido de uma candeia, Camille dirigiu-se a uma escadaria, seguido por nós, tateando a parede e o corrimão para não pisar em falso. A luz fina da vela dava uma atmosfera assustadora ao hall, que ecoava nossos passos.

— Não tenham medo, é seguro. A princípio também me dava calafrios, mas agora estou habituado.

Era curioso ouvir aquele rapaz, que tinha idade para ser nosso filho, com seu discurso desenvolvido, conduzindo-nos até o topo do Observatório. Com a sua idade seria natural que preferisse passar um sábado à noite com outros rapazes ou com moças nos cafés da cidade, mas Camille Flammarion tinha uma personalidade muito especial, e era fácil gostar dele.

Quando chegamos ao terraço superior, a cidade adormecida espalhava-se num raio enorme e escuro, que se fundia com o céu. Dali, era possível distinguir as torres de Notre-Dame. Entre os telhados e as copas das árvores surgiam os pequenos pontos de luz da iluminação pública. Seguimos Camille até a entrada da cúpula, que tinha uma abertura fendida no topo, de onde se via o telescópio. Lá dentro, ficamos maravilhados com aquela máquina enorme. Era como um canhão apontado para o céu, todo em ferro e latão, fixo num eixo horizontal que, por sua vez, se encaixava num eixo vertical, o que permitia tanto movimentos rotacionais como azimutais. Ao lado, havia uma grande roda, como parte do mecanismo, que parecia uma roda de carroça com os seus raios. Para que se pudesse observar na extremidade, havia uma escadaria de ferro até o nível da ocular. Depois, era uma confusão de rodas dentadas, alavancas, manípulos e contrapesos, uma série de mecanismos para fazer girar a máquina e apontá-la para lugares específicos do cosmos.

Camille pousou a vela e, na penumbra da cúpula, começou a operar o telescópio, preparando-o para a nossa primeira observação.

— Para onde o aponta, Camille? — você perguntou, curiosa, enquanto toda a estrutura girava lentamente ao comando de uma manivela, soltando um ranger de ferro.

— Para o astro mais próximo de todos, a Lua. Venha, sr. Kardec, madame Kardec. A noite resplandece.

Com efeito, era uma imagem formidável. Nem nas noites em que a Lua estava mais próxima da Terra tínhamos visto a sua superfície com tantos detalhes. Era possível ver as crateras dos antigos impactos de asteroides, depressões de forma arredondada naquela superfície cinza, onde se destacavam grandes manchas negras, num jogo de sombras misteriosas. Como duas crianças, você e eu disputávamos quem de nós poderia observar aquela imagem por mais tempo, enquanto o outro esperava, aborrecido, desejando ver mais e mais do mundo trazido pela lente do telescópio.

— É maravilhoso, Camille — reconheci, rendido, perante o visível orgulho do nosso amigo astrônomo.

— Maravilhoso é saber o que os espíritos nos ensinam sobre os planetas, sr. Kardec. Agora, quando observo por essa lente, procuro de forma inconsciente algum sinal da presença deles na superfície dos astros. Bem sei que eles são feitos de uma matéria que não é visível, mas eu gosto de sonhar.

— Consegue nos mostrar Vênus? — perguntei.

— Creio que sim. A noite está propícia. Mas não espere ver tão bem quanto a lua. A distância é bem maior.

Operando as manivelas, logo a luneta se reposicionou na noite estrelada, sob o nosso olhar fascinado e curioso.

— Aqui está — disse Camille, oferecendo-me o lugar atrás da ocular.

Como ele advertira, a imagem não tinha nada dos detalhes que tínhamos visto na Lua. Tudo o que se via era uma forma em semicírculo, de tom azulado, com uma espécie de coroa cor de fogo ao redor. Ainda assim, olhar para Vênus era observar um mundo muito especial, onde habitavam espíritos evoluídos, alguns dos quais eu cheguei a contatar.

— Não se vê grande coisa... — você disse, um tanto desiludida com a imagem, sobretudo depois da visão espetacular da superfície da Lua.

— Quem sabe um dia não havemos de ver sua superfície tal como é... — completei. — Vênus, Mercúrio, Saturno ou até mesmo Júpiter, a casa dos espíritos de ordem superior, um reino do bem e da justiça.

— Se esse telescópio fosse mais potente... — lamentou Camille, num suspiro, contemplando a enorme lente.

— Não lamente, meu caro. Mesmo que esta admirável máquina pudesse enxergar com a nitidez com que você me vê, nem assim poderíamos enxergar os espíritos que habitam outros mundos. Eles são seres incorpóreos quando desencarnados e deslocam-se à velocidade de um pensamento. Estão por todo o lado, ocupam toda essa imensa vastidão que vemos por cima da nossa cabeça, e matéria alguma pode criar qualquer obstáculo a eles.

— Então é perda de tempo procurá-los com o telescópio? — perguntou o jovem astrônomo, num tom de decepção.

— Nunca deixe de observar os astros e aprender os segredos do espaço. Ainda que existam realidades que não consiga ver diretamente, pelos seus olhos, muitas outras lhe darão provas da existência daquilo que lhe é invisível. Você tem duas ferramentas poderosíssimas para evoluir, aqui nesta sua existência, neste nosso tempo.

— Quais, sr. Kardec?

— Uma é este longo olho de ferro, latão e vidro, que lhe permite ver onde outros homens não viram.

— E a outra?

— A outra é o estado de emancipação da alma. Nesse estado, em espírito, podemos nos locomover por todo lado, vencendo grandes distâncias. Ainda ligado ao corpo por intermédio de um cordão fluídico, o espírito transita para onde levar o pensamento.

A noite já estava avançada quando descemos do terraço. Depois daquele dia, nos tornamos grandes amigos. Camille viria a ser um grande espírita, e a afeição que eu sentia por ele era tanta que o via como o filho que nunca tive.

## 13

APESAR DE O LIVRO DOS ESPÍRITOS ter sido tratado como novidade, você deve se lembrar, Gabi, que ele não foi um trabalho pioneiro, pelo menos no aspecto de ter sido criado a partir do testemunho dos espíritos.

Anos antes, quando eu ainda procurava os fundamentos da doutrina, uma jovem publicou duas obras notáveis. A primeira delas ficou pouco tempo nas estantes, dada a sua quase imediata proibição. Ao olhar para trás, vejo o impacto que essa jovem, dotada de um apurado senso de mediunidade, teve no Espiritismo e na minha própria vida enquanto codificador. Felizmente, eu já era velho quando a conheci, você dizia, meio de brincadeira, por causa da beleza natural que aquela moça tinha. Falo de Ermance. Sossegue, minha querida, pois, apesar da sua importante colaboração para a doutrina, a ajuda principal veio de certos espíritos que ela trouxe até mim.

Fazia pouco tempo que O Livro dos Espíritos tinha sido publicado, quando a sra. De Plainemaison, numa visita a nossa casa, sugeriu o encontro com um casal de conhecidos, amigos seus, entre tantos outros sob a união dos espíritos, desde a época das sessões das mesas girantes em sua casa, na rua Grange Batelière.

— Sr. Allan Kardec — disse a sra. De Plainemaison, carregando as sílabas do meu nome com afetada convicção. — Esses dias me falaram de você e do seu trabalho.

— Por esses dias as pessoas têm falado bastante de mim, mais do que eu gostaria. E nem sempre pelos melhores motivos!

— Ah, mas essas pessoas de que falo são amigas e têm grande admiração por você. São o sr. e a sra. Dufaux.

Devo ter feito uma cara inexpressiva, pois logo minha amiga acrescentou:

— Sei que o nome do casal deve lhe dizer pouco. Mas e se eu disser que são os pais da jovem que psicografou o livro Joana D’Arc, por ela mesma? Ou a vida de S. Luís, contada por ele mesmo, obra retirada de circulação por ordem do próprio Napoleão III?

Lembrei-me dos livros, que ainda ocupavam lugar na minha estante.

— Dufaux, Dufaux...— repeti, tentando lembrar. — Émilie, Er... Ermance!

— Isso. Ermance Dufaux. Os pais dela estão doidos para conhecê-lo.

— Pois vamos recebê-los — você sugeriu, então.

— Sim, vamos fazer uma recepção — concordei. — E a sra. De Plainemaison está naturalmente convidada!

— Confesso que estou curiosa para conhecer esse casal — completou você.  
— Imagino que sejam grandes entusiastas do Espiritismo, para terem levado adiante a publicação dessas obras escritas pela filha.

— Psicografadas — corrigiu a sra. De Plainemaison. — E tem razão, Amélie. Os Dufaux são interessados em tudo o que diz respeito ao mundo dos espíritos. Também por isso já tiveram problemas... Mas obrigada pelo convite. Farei chegá-lo aos meus queridos amigos. Estou certa de que ficarão encantados.

— O prazer é todo nosso em recebê-los.

Dias depois, como combinado, chegou à nossa casa o casal Dufaux, tanto ele quanto ela vestidos de forma elegante e bastante atenciosos. O sr. Dufaux era um abastado produtor de vinho e trigo em Fontainebleau, e os dois dividiam o tempo entre a residência de Paris e a casa de campo, onde se dedicavam a produções agrícolas. Deviam ter a minha idade e, como recordará, logo os quatro criamos afinidade, o que veio a tornar-se claro ao longo do jantar.

— Que maravilhosa refeição a madame Kardec nos preparou! — disse o sr. Dufaux. — Foi muito amável de sua parte cozinhar algo tão especial para nós, dois desconhecidos!

— Sinto como se os conhecesse há anos — disse a sra. Dufaux. — Mas, não fosse esta nossa grande amiga em comum, continuaríamos perfeitos desconhecidos — completou, referindo-se à sra. De Plainemaison.

— Um brinde à sra. De Plainemaison — concordou o sr. Dufaux, erguendo o copo de vinho.

— Brindemos aos espíritos — corrigiu a sra. De Plainemaison, erguendo também o seu copo.

— Aos espíritos! — brindamos em coro.

— Ah, os espíritos... — suspirou o sr. Dufaux, depois de beber um longo gole do vinho que trouxera para o jantar, oferta da sua própria colheita. — Se soubesse a ansiedade que sofri com a minha filha por causa dos espíritos, sr. Kardec! Quem me dera tê-lo conhecido anos atrás. Tenho certeza de que me teria sido de enorme valor nos momentos difíceis que eu e minha esposa enfrentamos — disse, tocando de leve na mão da sra. Dufaux.

— Todos estamos destinados a passar por provações — comentei. — Faz parte da nossa evolução enquanto seres inteligentes.

— Mas o que houve com a sua filha para lhe causar tanta aflição? — você perguntou, curiosa com o desabafo do sr. Dufaux.

Nosso convidado então começou a falar. Disse que ele e a mulher perceberam os primeiros sinais estranhos em Ermance quando ela completou doze anos.

— Havia momentos em que parecia ausente, como se não estivesse ali conosco. Nós a chamávamos, mas ela permanecia imóvel, o olhar perdido sabe Deus onde.

— Era assustador — confirmou a sra. Dufaux, com a expressão aflita.

Ermance, contou o pai, podia ficar naquele estado por um quarto de hora ou mais. E, da mesma forma misteriosa como entrava em transe, também dele saía, voltando ao seu estado normal, incapaz de recordar aqueles longos momentos de ausência.

— Porém, o mais estranho era quando transmitia mensagens durante os transes.

— Mensagens? — perguntei.

— Sim, dizia coisas estranhíssimas, falando sempre em primeira pessoa, mas como se não fosse ela a proferir aqueles discursos, mas outras pessoas, por seu intermédio. Naturalmente ficamos preocupados, e então decidi levá-la ao dr. Maldigny, um especialista em fluidos invisíveis.

— E o que ele disse?

— Disse que Ermance sofria de uma doença mental, supostamente contagiosa, originária da América. Contou-me casos reportados na Alemanha e na Inglaterra, e disse que pelo visto a enfermidade começava a aparecer na França também.

— Disse também que as meninas sensíveis eram mais sujeitas ao mal, por serem mais expostas à ação magnética — acrescentou a sra. Dufaux.

— Como o sr. Kardec deve imaginar, aquela explicação nos preocupou. Não entendíamos nada daqueles termos, mas o dr. Maldigny era um especialista, e confiamos no seu diagnóstico.

— E ele receitou alguma coisa?

— Apenas um chá à noite, antes de deitar. E que tivesse cuidado para não apanhar muito sol durante o dia.

— Essa é boa...

A receita, como era de imaginar, não surtira efeito. Duas semanas mais tarde, Ermance teve uma nova crise nervosa, e seus pais a levaram novamente ao médico, em Versalhes.

— Estávamos desesperados àquela altura, acreditem — disse a sra. Dufaux, acalmada pelo toque afetuoso de sua mão, Gabi.

— Pois, dessa vez, enquanto eu conversava com o médico — continuou o sr. Dufaux —, uma enfermeira chamada Rosette foi falar com Ermance. Deu-lhe uma folha de papel e um lápis e disse algo como: “Em nome de Deus, venha a nós um espírito bom”.

— Uma enfermeira espírita?

— Eu fiquei pasmo com aquilo, sr. Kardec. Naquela época, eu era um completo ignorante no tema dos espíritos, e a minha vontade era de rir. O próprio Maldigny foi surpreendido pela enfermeira, rubro de indignação, e ameaçou repreendê-la, mas a mulher o ignorou, prosseguindo com as instruções a Ermance: “Escreva o que lhe vier à cabeça, ou ao pulso”, disse.

— Inteligente, a enfermeira — observei.

— Sim, o que não impediu o médico de gritar, furioso, questionando-a sobre seu comportamento. Nervosa, a garota começou a rir. E, naquele momento, sua mão passou a escrever: “Minha risonha Ermance”. A enfermeira então se voltou para mim com ar triunfal e disse: “Está bem claro do que padece a sua filha. Mediunidade, obviamente”.

— Um diagnóstico que me parece muito acertado.

— Acertadíssimo, sr. Kardec. Mas, como pai, completamente desconhecedor dos espíritos, eu não sabia o que pensar. Cada vez que visitava o dr. Maldigny, voltava mais confuso.

— Por que não falou antes com o sr. Allan Kardec? — perguntou a sra. De Plainemaison.

— Se eu soubesse da sua existência!

— Provavelmente os meus conhecimentos seriam então limitados para que pudesse ajudá-lo.

— Acredite, sr. Kardec, o seu auxílio seria infinitamente mais valioso do aquele que obtive do dr. Maldigny.

O sr. Dufaux começou a procurar outros especialistas nas áreas do magnetismo e do mesmerismo. Foi então que conheceu o marquês de Mirville, a quem revelou o histórico de Ermance. Imaginou que talvez os famosos conhecimentos de magnetismo do homem pudessem explicar o que a medicina convencional não conseguia.

— Assim que contei o diagnóstico da enfermeira Rosette, as suas atenções concentraram-se na mediunidade de Ermance. E, tal como a enfermeira havia feito antes, o marquês lhe deu um lápis, fazendo uma série de perguntas e analisando atentamente as respostas que se produziam na folha de papel.

— Um cenário bastante familiar.

— Sr. Kardec — disse o sr. Dufaux, envergonhado —, espero que não me leve a mal, mas admito que naquele tempo era profundamente descrente dos espíritos, da possibilidade de falar com eles, dos médiuns, de todos esses fenômenos que não podia ver com os meus próprios olhos para julgar serem plausíveis. Mas, quando Ermance começou a escrever aquelas mensagens...

— Não tem nada de que se envergonhar, sr. Dufaux — reagi. — A sua descrença mostra apenas que é um homem cauteloso, que precisa analisar e refletir sobre os temas antes de formar uma opinião. Nada mais sensato. A prudência é fundamental para todos os que queiram dar os seus passos no Espiritismo. Mas, diga, o que ela escreveu?

— Ela tinha doze anos, doze anos apenas, sr. Kardec. Uma criança! E, de repente, vejo-a escrever sem hesitação coisas complexas sobre a virtude, o amor e a humildade, assinadas por Luís.

— Quem é Luís?

— Isso o marquês de Mirville procurou logo descobrir. Quando era questionado sobre sua identidade, o espírito desconversava, evitando dar a resposta que buscávamos. Até que deixou subentendido ter sido um parente distante do marquês. Num palpite de sorte, o magnetizador arriscou: “Você é são Luís, rei da França, primo do primeiro nobre da minha família?”. “Sim, eu mesmo”, ele respondeu. O nosso rei Luís ix, canonizado pelo papa. São Luís, patrono da família do marquês, segundo ele próprio disse. Através de Ermance, estávamos na presença de um santo.

— Foi maravilhoso — disse a sra. Dufaux, emocionada. — Desde esse dia, temos em casa uma imagem de são Luís, a quem rezamos. Uma revelação tão bela, trazida pelas mãos da nossa filha!

Concordamos que era notável o surgimento do santo à jovem filha do casal.

— Foi a partir daí que começamos a estudar seriamente o tema dos espíritos, até para ajudarmos na formação de Ermance. Procuramos aprender com outros estudiosos e entender as mensagens que chegavam pela escrita da nossa filha. Então, conhecemos a sra. De Plainemaison.

— E ela sempre nos falou de um tal sr. Rivail — acrescentou a sra. Dufaux. — Nunca imaginaríamos que ele e o sr. Allan Kardec fossem a mesma pessoa.

— Digamos que a mudança representa uma transição na minha vida — falei, sorrindo. — Mas diga-me, sr. Dufaux, essa comunicação de são Luís foi um evento único?

— Ah, não, sr. Kardec. Ele nos presenteou com várias visitas, sobretudo à noite, depois do jantar, quando estávamos reunidos em família. Sob o seu comando, Ermance escreveu dúzias de páginas contendo relatos e descrições. Aos poucos fomos percebendo que se tratavam de episódios da sua vida enquanto rei. Por várias semanas, Ermance compilou um robusto manuscrito com a vida do homem santo. Ao final, ele revelou a sua vontade: que o manuscrito se tornasse livro e fosse levado a público. E assim fizemos.

A sra. Dufaux referia-se ao livro Vida de Luís IX, escrito por ele mesmo. Lembro-me da polêmica que surgiu em torno dessa obra, quando uma ordem da Comissão de Imprensa a retirou do mercado, pouco tempo depois de sua publicação.

— Aparentemente, a decisão veio do próprio Napoleão III, que tinha tomado conhecimento do livro e julgado que ali existiam passagens críticas ao seu reinado — explicou o sr. Dufaux.

— E por isso decidiu censurá-lo? — você perguntou.

— Isso — respondeu o sr. Dufaux.

— Mas por quê? — você continuou, indignada. — Se um homem de poder tem à disposição a visão crítica de um santo, não deveria ficar feliz pelo privilégio e dar ouvidos às advertências para melhorar as suas decisões, em vez de silenciá-las?

— Sábias palavras, minha cara Amélie — ele respondeu. — Mas, no governante que não tolera a crítica, não habitam a justiça e a razão. O que mais lhe importa é perpetuar o poder, e por isso silencia tudo o que lhe soa como ameaça. O livro de Ermance, sobretudo por ser algo tão novo e desconhecido, foi tomado como um perigo a ser eliminado.

— Se tivesse sido apenas a proibição em publicar o livro... — disse a sra. Dufaux, num lamento. — Insatisfeitos, quiseram perseguir nossa filha, ela que se limitara a escrever o texto, conforme a vontade de São Luís. Aquela comissão... Malditos!

— Sim, isso foi o pior — continuou o sr. Dufaux. — Quiseram obrigar Ermance a confessar que o livro era obra de Satã, diante de um padre escolhido pela comissão. A própria imperatriz quis assegurar-se de que a menina fosse punida por ter escrito uma obra que ofendia a Deus, segundo suas palavras. A nós, que somos católicos, isso foi um ultraje, sr. Kardec!

— Quiseram que ela renegasse a fé nos espíritos, os mesmos espíritos que a visitavam e se comunicavam com este mundo por meio dela — disse a sra.

Dufaux. — A menina sofreu muito com a injustiça que era movida contra ela.

— Sim — confirmou o marido —, tempos muito duros. Mas nós, como pais, fizemos questão de que ela não aceitasse atribuir as mensagens ao diabo, pois não era ele o autor. Havíamos de levar o caso às últimas consequências, e por isso o castigo não tardou. Ermance passou a ser considerada herege e foram-lhe cassados os direitos a sacramentos básicos como a confissão e a comunhão.

— Quanta ignorância — falei. Em nome da religião, começavam a surgir os primeiros sinais de perseguição e intolerância contra a Doutrina Espírita, o que me deixava preocupado.

— Será que farão o mesmo a você? — você me perguntou, alarmada.

— Não creio — respondeu o sr. Dufaux, antes que eu tivesse chance de falar. — Depois desse episódio, suponho que a opinião do imperador sobre os espíritos tenha se alterado bastante. Acredito que hoje seja mais crente.

— Mas como?

O pai de Ermance então nos contou que, tempos depois, o imperador entrou em contato com a família, por meio de um laçao, quando estava instalado no palácio de Fontainebleau, vizinho à propriedade dos Dufaux. Queria conhecer Ermance pessoalmente. Recebeu o casal e a filha acompanhado de uma comissão de nobres, cuja função era avaliar a veracidade das capacidades mediúnicas da garota.

O método fora escolhido pelo próprio Napoleão III. Virando-se para Ermance, disse que iria fazer uma pergunta mental a Napoleão Bonaparte, algo cuja resposta apenas ele saberia. “Se consegue falar com os mortos”, disse, “então escreva neste papel qual a resposta do meu tio à pergunta em que eu estou pensando.”

Interrompi a história do sr. Dufaux para observar que aquele era um desafio exigente demais: não necessariamente Napoleão estaria disposto a aparecer no momento em que o imperador testava as habilidades de Ermance.

— Pois o que ocorreu — prosseguiu o pai de Ermance — foi que minha filha escreveu algo rebuscado e estranho, incompreensível para mim ou para o conselho de nobres. Porém, ao ver aquela resposta escrita, o imperador arregalou os olhos, com ar de incredulidade. Ficou com o rosto vermelho e, num tom exaltado, ordenou que todos saíssem do salão onde ocorria a demonstração. Quando ficamos os três sozinhos com ele, depois de algum tempo em reflexão, Napoleão disse a Ermance: “As acusações que pendem sobre você serão retiradas. Não sei como faz o que acabou de fazer. Tome cuidado no futuro com o que escreve”.

— Então foi perdoada — você disse.

A sra. Dufaux acenou com a cabeça em sinal afirmativo.

— Algum tempo depois — disse o sr. Dufaux —, outra personalidade começou a visitá-la e a contar-lhe a sua vida.

— Joana D’Arc.

— Ela mesma, sr. Kardec. E, quando Ermance concluiu o livro, decidimos publicá-lo também. Desta vez não houve censura. Nem cassação de sacramentos a Ermance. Como provocação, enviei um exemplar a Napoleão.

— Ah, essa é boa! — disse, com uma risada. — E ele?

— Nunca respondeu. Mas imagino que o tenha lido com atenção!

— Para ver se dizia algo sobre ele! — exclamou a sra. De Plainemaison, fazendo ecoar uma boa risada na nossa sala de jantar. E assim terminou a recepção, com a noite já avançada. Nós nos despedimos com a promessa de marcar outros encontros.

NO COMEÇO DO VERÃO, recebemos dos Dufaux o convite para passarmos alguns dias na sua propriedade em Fontainebleau, “como forma de retribuir a esplêndida recepção em sua casa, e também para conhecerem nossa filha, Ermance”, como escreveu o sr. Dufaux. Era uma boa oportunidade para sairmos de Paris por uns dias, uma cidade ainda empoeirada e cheia de ruído das obras, e sobretudo para estar em pessoa com a famosa médium, já com dezesseis anos.

Arrumamos a nossa bagagem e partimos de carruagem até a pequena vila, a sudoeste da capital. Nem uma só nuvem pairava no céu azul daquele dia quente, tomado por um sol que depositava sobre a terra sua luz viva em tons de branco. Vez ou outra, víamos bandos de pássaros cruzarem as alturas e sorríamos, lembrando as pequenas coisas que nos transportavam ao tempo em que havíamos nos conhecido.

— Já sentia falta de passearmos juntos, de sairmos de Paris — você disse, tomando a minha mão. — Estes últimos anos têm sido integralmente dedicados ao trabalho. Como é bom termos agora esta possibilidade de descansar um pouco na companhia de amigos!

Com efeito, o ritmo de trabalho a que me submetera tinha impactado nossa vida familiar. Eu andava tão concentrado na missão que me fora confiada que às vezes esquecia dos pequenos prazeres da vida, dos momentos de ócio que qualquer casal deve ter para manter a felicidade.

Ao final do dia, da estrada elevada que seguíamos rumo à casa dos Dufaux, avistamos, vastíssimo e magnânimo, o palácio de Fontainebleau, pertencente à família real. Enquanto a carruagem percorria aos solavancos a estrada pedregosa e poeirenta, observávamos fascinados a visão que aquela propriedade nos oferecia. Eram a perder de vista os jardins, os lagos, as avenidas de árvores e os passeios, tudo organizado em formas geométricas perfeitas, estendendo-se para lá do imponente castelo, ao longe, como se

toda a propriedade tivesse vida e, aos poucos, transformasse as florestas em novos jardins, incorporando-os à vasta propriedade.

Atrás do palácio escondia-se a vila de mesmo nome, tímida e modesta. Parecia envergonhar-se do seu tamanho, escondida nas traseiras daquele colosso que se impunha sobre a paisagem. Os seus limites eram abraçados pelos jardins do palácio, e a qualquer momento parecia também ela poder ser engolida pela enorme residência, que tinha o tamanho da ambição daqueles que nela viveram ao longo dos séculos. À medida que a carruagem se afastava, nossa cabeça virava para trás, os dois incrédulos com o que acabáramos de ver. Parecia irreal, um sonho estranho, uma loucura humana que tinha tanto de belo quanto de assustador. A carruagem saiu da estrada para entrar numa passagem com dois portões de ferro abertos, seguindo por uma fresca avenida de bétulas, até chegar a um pátio diante de uma sólida construção do início do século xvii. Era a casa dos Dufaux.

Nossos anfitriões surgiram no alto das escadas que levavam à porta principal, seguidos de dois jovens criados, encarregados de transportar as nossas bagagens até o quarto que nos foi reservado. Nós nos cumprimentamos com a familiaridade de velhos conhecidos.

Depois, o sr. Dufaux nos convidou para subir, parecendo satisfeito com a nossa chegada. Lá dentro, a casa era simples e sem grandes ornamentos. A luz do final do dia entrava pelas janelas, abertas de par em par para fazer circular a brisa ligeira do entardecer, e dourava a decoração simples e campestre como a pintura de uma natureza-morta.

— Nós gostamos de manter as coisas simples — explicou o anfitrião. — Conserva a originalidade do lugar, e aqui realmente consigo estar ligado à terra. As decorações complexas ficam para a casa de Paris. Não gosto nem um pouco de voltar do campo sujo de terra e ter de andar cheio de cuidados para não quebrar nada — acrescentou, o que nos fez dar uma boa risada.

Uma das características que nós dois tínhamos apreciado nos Dufaux era aquele jeito franco e aberto, que nos deixava à vontade.

— Vamos até a varanda apanhar um pouco de ar fresco.

— Não sei se os nossos convidados não preferem descansar um pouco no quarto — disse a sra. Dufaux, atenciosa. — Depois de uma viagem tão longa, certamente vão querer algum repouso antes do jantar.

— Não se preocupem — dissemos —, podemos descansar depois do jantar.

A varanda tinha um aspecto realmente agradável, alta e debruçada sobre um jardim bem verde, com um riacho ao centro. Sentamos os quatro ao redor de uma mesa redonda, e logo chegou uma criada trazendo limonada. A varanda tinha uma balaustrada em pedra, de onde saíam colunas que suportavam o telhado, num formato em L. Da nossa posição, viam-se apenas as copas das árvores mais altas do jardim e, atrás, vastíssimos, os campos dourados de cereal, fundindo-se na paisagem a distância com as elevações que cercavam a região.

— Que vista maravilhosa — você observou.

— Pelo menos daqui não se vê aquela obra megalomaníaca — disse o sr. Dufaux, varrendo o ar com um trejeito da mão.

— Suponho que se refira ao palácio do imperador...

— Você viu aquilo, Kardec? Que aberração, céus!

— Creio que é impossível não ver. Realmente é de uma dimensão avassaladora. A vista que tem daqui é muito mais bela, na minha opinião. O campo e a natureza.

— Em Paris, vemos apenas telhados, fachadas, ruelas e esquinas — você disse, concordando. — Tudo tão próximo, tão sufocante!

— Depois das obras do barão já se respira um pouco melhor — comentei, brincando. — Pelo menos agora temos avenidas largas onde entra o sol.

— Sim, mas continua tudo a ser feito de pedra, com linhas retas e ângulos fechados — você continuou, enquanto o seu pensamento divagava, inspirado pela paisagem campestre. — Como tudo é belo aqui no campo! Esta paz é revigorante.

— Entendo-a perfeitamente, querida — disse a sra. Dufaux, tocando-a de leve no braço. — Sempre que chegamos aqui, depois de uma temporada na cidade, sinto o corpo recuperando as energias. A esta obra maravilhosa aqui diante dos nossos olhos — disse, com um gesto da mão que abarcava toda a extensão em nosso redor — não há nada que se compare. Enfim, é a obra de Deus e é perfeita.

— Mas o homem também é obra de Deus — disse o sr. Dufaux, procurando animar a conversa com uma leve provocação. — E é o homem que faz as cidades, com os seus prédios, as suas ruas e avenidas. Não será então perfeito o espaço urbano também?

— Ora — disse a sra. Dufaux, encolhendo os ombros, sabendo aonde o marido queria chegar. — Deus fez o homem, mas o homem é cheio de imperfeições. Aqui na Terra não há criatura que não tenha as suas falhas, não é verdade, sr. Kardec?

— Assim o é, madame Dufaux. Mas está ao alcance de todos evoluir e superar essas falhas.

— Se não for nesta existência, será em outras — disse o sr. Dufaux, pensativo, com o olhar semicerrado, voltado para o campo de trigo.

— Acha que um dia o homem poderá fazer coisas assim tão belas como as naturais, sr. Kardec?

— O homem faz coisas admiráveis, sra. Dufaux. Constantemente recebemos notícias de progressos em áreas distintas, da ciência e da técnica à medicina. Somos seres inteligentes dotados de talentos formidáveis, que Deus nos concedeu. Mas devemos ter, por um lado, a consciência de que as nossas capacidades não nos foram dadas para que as utilizemos em nosso próprio benefício, e sim para que sejam colocadas a serviço dos outros. E, por outro, que nunca tenhamos a presunção de pensar que podemos igualar a nossa obra à Divina. Os tesouros naturais da Terra nos foram oferecidos e deles devemos cuidar e respeitar, pois, se forem bem tratados, poderão render belos frutos. A criação, essa pertence exclusivamente a Deus.

— Suas palavras são inspiradoras — disse a sra. Dufaux, solene.

Um silêncio desceu então sobre a varanda, enquanto bebíamos a limonada, observando distraidamente os campos, onde o sol, agora tomado de um tom laranja fogo, começava a sua lenta viagem descendente.

Nisso, um som de passos na escadaria de pedra que descia até o jardim captou a nossa atenção. O sr. Dufaux levantou-se e, debruçado na balaustrada, perguntou:

— Onde andava, minha pequena? Não disse que teríamos visita hoje?

— Estava passeando, pai — ouvimos uma voz doce responder. — Perdi a noção da hora. Kardec e sua esposa já chegaram?

— Estão aqui — disse, nos indicando com o braço, enquanto nos levantamos para saudar a jovem que surgia no alto da escadaria.

Ermance era de estatura média e trazia um vestido azul que deixava exposta a brancura dos braços finos. O rosto era de uma beleza extraordinária: o nariz era pequeno e perfeito, as maçãs do rosto, cheias e rosadas, e os lábios, bem desenhados, deixavam escapar um leve sorriso. Os olhos eram da cor do mel, com cílios longos. Carregava um raminho de mal-me-quer, que devia ter colhido no campo. Aproximou-se de nós e, tomando a ponta do vestido, fez uma saudação, apresentando-se como “Ermance, sua criada”. Era realmente adorável o jeito daquela adolescente de quem tanto tínhamos ouvido falar na recepção em nossa casa. Você elogiou seus modos educados e sua simpatia, e a menina, levemente corada, sorriu em agradecimento.

— Quando estamos em Fontainebleau, ela passa os dias pelo campo, como um passarinho, essa nossa filha — disse o sr. Dufaux, com um sorriso.

Ermance serviu-se de limonada e deu um longo gole.

— Aqui não tenho muito mais a fazer — disse a garota.

— Se não fosse por ela, passaríamos mais tempo em Fontainebleau — disse o sr. Dufaux, encolhendo os ombros. — Mas, naturalmente, ela fica

entediada por aqui. Em Paris sempre há mais distrações para a juventude neste período de férias. Aqui ela fica muito sozinha.

— Tenho a companhia dos espíritos — disse Ermance, torcendo pequenos caracóis no cabelo com a ponta do dedo, enquanto o seu olhar cruzou o meu por alguns instantes.

— Sabe que meu marido e eu ouvimos falar muito de você, não sabe? — comentou você, aproximando-se dela. — Estava curiosa para conhecê-la.

— Eu também estava ansiosa pela sua chegada — disse a jovem médium.  
— Meus pais deram-me O Livro dos Espíritos. Estou devorando.

Os Dufaux olhavam a filha com orgulho.

— E o que tem achado? — perguntei.

— Tem me ajudado muito, sr. Kardec. Agora compreendo certas coisas com que me deparava e que para mim eram mistérios. Só posso agradecer por essa obra e por sua clareza. É um raio de luz na sombra das minhas inquietações. Como o senhor deve saber, eu...

— Sim, estou familiarizado com suas capacidades mediúnicas. Deve encará-las com naturalidade.

— São reconfortantes as suas palavras, sr. Kardec. Passei anos difíceis, ouvindo vozes e transmitindo mensagens que eu não sabia de onde vinham. Felizmente, meus pais sempre estiveram ao meu lado, buscando comigo uma resposta razoável para o que acontecia. Podiam simplesmente ter achado que eu estava louca — disse.

— Quando tudo começou, Deus sabe o que nos passou na cabeça — disse o sr. Dufaux, de sobrancelhas arqueadas.

— Que me dizem de entrarmos para o jantar? — interrompeu a sra. Dufaux, ao se dar conta de que o sol estava quase se pondo.

Os Dufaux nos serviram um delicioso jantar, todo preparado com produtos da região. Ao final, o cansaço da viagem apoderou-se de nós. Ainda

ficamos à mesa conversando por algum tempo, mas, rendidos pela exaustão, nos desculpamos e nos retiramos para o quarto de hóspedes, um espaço amplo e de mobílias simples e funcionais, com uma porta de acesso direto à varanda onde tínhamos apreciado a vista.

Adormecemos assim que deitamos, mas, talvez pelo calor irradiado pelas paredes, por estranhar a cama nova ou por toda a novidade de Fointanebleau, acordei de madrugada e tive uma insônia tremenda. Depois de beber água do jarro que a sra. Dufaux tinha deixado ao lado de nossa cama, decidi apanhar um ar fresco. Você dormia profundamente. Vestido com o robe de chambre, saí para a varanda, onde o silêncio noturno do campo imperava. A lua, gigante e majestosa, me fez lembrar a noite em que a observamos com nosso amigo Camille. Desde aquele dia, toda vez que admirava o astro, eu me lembrava daquela imagem na lente do telescópio.

Uma luz crua iluminava os contornos dos montes e os telhados da vila, adormecida àquela hora. De vez em quando, uma coruja piava, escondida entre as árvores do jardim, e pelo ar esvoaçavam em círculos, velozes como setas, pequenos morcegos. Com a mão apoiada numa coluna de pedra, pus-me a respirar o ar fresco, com os pensamentos livres. Até que uma voz me fez estremecer de susto:

— Também não consegue dormir?

Era Ermance, vestindo um robe, com os cabelos soltos.

— Ah, srta. Ermance, confesso que me assustou um pouco. Sim, é verdade. Uma insônia inesperada.

— Desculpe, não queria assustá-lo. Às vezes também me acontece, como esta noite. O quarto está muito quente, as paredes irradiam um calor espantoso do sol que as assolou durante o dia.

— Sim, acredito que isso aconteça aqui durante o verão.

— E no inverno temos o frio e a umidade. Enfim, nunca estamos satisfeitos com o que temos — concluiu, com um suspiro, sentando-se na balaustrada.

— Você não parece uma jovem falando. Dá a impressão de ter mais idade observei. — Não há por aqui amigas da sua idade?

— Não. Mesmo em Paris, tenho poucas amigas. Sempre fui um pouco solitária. Talvez por causa das minhas experiências espirituais, que começaram cedo. Ou talvez seja o meu feitio. O que o senhor acha?

— Talvez um pouco das duas hipóteses.

— Sim, quem sabe.

— Com o tempo pode vir a mudar. Você é muito nova. O tempo traz mudanças consideráveis.

— Sabe que, desde que comecei a prestar atenção nos espíritos, nunca mais me senti sozinha? Foi, aliás, em noites como esta que mais estive acompanhada. Por são Luís, por Joana D’Arc, por outros que fui aprendendo a conhecer melhor.

— E continuam a visitá-la?

— Nunca deixam de estar ao meu lado. E foi com O Livro dos Espíritos que compreendi o motivo dessa sensação. Apesar de não poderem estar em vários lugares ao mesmo tempo, deslocam-se com a rapidez de um pensamento.

Fiz apenas um gesto afirmativo com a cabeça, para não interrompê-la.

— À noite, no entanto, parece que escutam melhor as minhas evocações. Talvez por tudo estar mais sossegado, não sei. Eu me acostumei a escrever à noite, foi assim com são Luís, que foi sempre uma ótima companhia.

Desta vez, Ermance parou de falar e ficou em silêncio, pensativa, então resolvi dizer qualquer coisa para não deixar o assunto morrer.

— Foi uma pena a proibição do livro.

— São coisas que estão além do nosso poder. “Vicissitudes do mundo terreno”, como me disse são Luís depois de saber da decisão do imperador.

Ou da imperatriz, melhor dizendo.

— Isso magoou você, imagino.

— Não tanto quanto me surpreendeu, sr. Kardec. Sabe, a imperatriz é uma mulher que eu considero à frente do seu tempo. Suas ideias sobre os direitos das mulheres são um exemplo raro nesta sociedade dominada pelos homens. Se considerarmos então que é a mulher de um governante, seu posicionamento público impressiona ainda mais.

— O que não a impediu de, também publicamente, censurar a publicação do seu livro.

— É verdade. Mas com o tempo aprendi a não ver isso como uma contradição. A proibição derivou do fervor católico da imperatriz e da influência de maus conselheiros do clero.

— E quando chegou a essa conclusão?

— Foi no dia em que visitei o imperador, do que pude observar. Se as ideias cristãs da imperatriz fossem mais esclarecidas, tenho certeza de que seria uma excelente governante. Muito mais do que o imperador, cuja popularidade só existe por ter Napoleão no nome.

Ermance era de fato madura demais para sua idade. Tinha uma forma de pensar rara até em certos adultos, e estava sendo um prazer escutá-la naquela noite quente. Ao concluir o raciocínio, ela fez silêncio novamente, e desta vez não me ocorreu nada para dizer. Foi ela quem trouxe à tona um novo assunto.

— O sr. Allan Kardec foi um druida na Gália, numa existência passada, não é?

— Como sabe?

— Foi a sra. De Plainemaison que contou aos meus pais, numa noite que foi jantar lá em casa. Eu a escutei do quarto.

— É feio escutar os outros, Ermance — repliquei, com um sorriso nos lábios, oculto pela escuridão.

— Se até os espíritos escuto, como não queria que escutasse os meus pais na sala ao lado? — retrucou.

Dei uma gargalhada, e ela também riu, orgulhosa da própria rapidez de raciocínio.

— Sabe, eu falei com Luís — disse, tratando o monarca pelo nome próprio, como alguém próximo.

— Ah, sim?

— Perguntei se o conhecia. Ele disse que o senhor tem uma missão importante a cumprir.

— Não é o primeiro espírito a dizer isso.

— Também disse que gostaria de lhe transmitir uma mensagem. Pediu que eu o evocasse quando estivesse com você. Poderia fazê-lo agora, mas talvez seja um pouco tarde.

— Sim — fui obrigado a concordar, embora a curiosidade tivesse levado meu sono por completo. A ideia de receber uma mensagem do antigo rei me deixava inquieto.

— Se não se importa, então, vou me recolher. Amanhã fazemos uma sessão com Luís.

— Combinado. Durma bem, Ermance.

— O sr. Allan Kardec também. Um druida! — acrescentou, com um sorriso, e desapareceu pela porta ao fundo.

Deixei-me ficar mais algum tempo naquele lugar, pensando sobre a conversa que tivéramos, pensando em São Luís, naquele momento desejando ter um poder mediúnico que me permitisse contatar diretamente os espíritos, sem a necessidade de um intermediário. Enfim, acabei voltando

para a cama, cansado, e em pensamento pedi ao santo monarca que velasse pelo meu sono e pelo seu. Em breve, iríamos conhecê-lo muito bem.

No dia seguinte, durante o café da manhã servido na varanda, enquanto comíamos pão fresco com manteiga e bebíamos leite, contei a você do encontro noturno que tivera com Ermance. Ligeiramente contrariada, você disse que eu deveria tê-la acordado, pois não era apropriado conversar assim à noite, em traje de dormir, com uma menina. De fato não eram as melhores circunstâncias para ter aquela conversa, concordei, mas nunca me passaria pela cabeça roubar seu descanso no meio da noite.

— Nesse caso, deveria ter voltado para o quarto assim que a vi — você disse, mordendo uma fatia de pão, com o olhar voltado para o campo.

— Você fica bonita até quando está com ciúme — brinquei, o que a fez corar de indignação.

— Ora, ciúme. Fique sabendo que está proibido de voltar a sair assim do quarto à noite.

— Se isso significar uma noite de sono completa, não tenho nenhum problema com isso.

— E, se não conseguir dormir, recolha-se em oração.

— Sou um prisioneiro da minha própria mulher! — concluí, com uma risada.

Você, no entanto, não achou graça. Estávamos os dois bem mais velhos, distantes da juventude de outros tempos, e, nos cabelos brancos, na pele agora tocada de rugas e pequenas manchas dos anos, surgia em você o medo de eu já não vê-la ou desejá-la como quando nos conhecemos. Mas estava redondamente enganada, minha amada Gabi. O meu amor por você era forte como no primeiro dia, embora ainda mais sólido e firme, como uma construção que resiste ao decorrer dos séculos. A paixão momentânea

quase adolescente que senti por você no começo se transformara em algo belo e puro, aperfeiçoado, um amor no estado mais evoluído.

Passamos esse dia descansando, apreciando as belezas naturais da região, dando um passeio por entre as avenidas do vinhedo e pelos caminhos escavados entre os extensos campos de trigo, repletos de espigas douradas, banhadas pelo sol vibrante. Era delicioso mergulhar naquele ambiente plácido e sereno, autêntico na ruralidade e em perfeita comunhão com a natureza. Na hora de maior calor, regressamos à varanda, onde nos distraímos lendo e conversando. Feliz pela nossa companhia, Ermance manteve-se por perto, mostrando-se nas conversas a jovem inteligente que eu reconhecera na noite anterior. Era interessante observar você e ela discutindo ideias como duas amigas, apesar da considerável diferença de idade.

Estávamos assim os três, ao fim da tarde, quando surgiu o sr. Dufaux, suado, recém-chegado do campo, onde estivera discutindo os trabalhos com seus funcionários.

— Minha querida filha, não importune os nossos convidados. Eles vão pensar que é impossível descansar em nossa casa.

— Imagine, sr. Dufaux! — você disse, com um sorriso rasgado nos lábios e Ermance ao seu lado. — Esta menina é uma companhia formidável, e tão culta e inteligente que até me esqueço da sua idade. Ela faz com que eu me sinta tão jovem...

— Também já não sou assim tão nova, madame Kardec — protestou a médium, educada, mas não querendo ser tomada por criança, como qualquer adolescente na sua idade.

— Claro que não, querida. Mas não deixa de impressionar sua desenvoltura intelectual. E pensar que escreveu um livro aos doze anos!

— Ora, mas eu me limitei a deixar a mão solta sobre o papel — reagiu Ermance. — O resto do trabalho foi Luís que o fez. Sua caligrafia é bem complicada de entender — acrescentou, como que para si mesma, despertando uma risada entre todos.

Estávamos naquela descontração quando surgiu uma criada dos Dufaux, anunciando a presença de um mensageiro enviado pelo imperador. O homem informara que a presença de Ermance era solicitada no palácio vizinho, no dia seguinte pela manhã.

— E essa agora? — respondeu o pai da garota, com indignação. — Que raios ele quer de Ermance?

— Talvez queira saber novas do tio — comentei, aludindo ao falecido Bonaparte.

— Ele também disse que o imperador deseja que o sr. Kardec acompanhe a menina Ermance — acrescentou a criada, nos causando ainda mais estranheza.

— Mas como ele sabe que estou aqui? — perguntei, trocando olhares com o sr. Dufaux, que parecia tão surpreso quanto eu.

— Esses poderosos sabem coisas que nem imaginamos — acabou por dizer, com um encolher de ombros. — Bom, uma ordem do imperador é uma ordem.

— Se o meu marido vai, então eu também vou — você disse, com a voz cheia de indignação.

E assim partimos os três, no dia seguinte, rumo ao palácio de Fontainebleau. Como era perto da casa dos Dufaux, decidimos ir a pé, aproveitando o passeio e a manhã ainda fresca. Pressentia-se certo nervosismo no silêncio instalado entre nós, interrompido apenas pelos passos sobre o piso de terra batida.

Na noite anterior, você tinha expressado preocupação com o fato de Napoleão III saber da nossa presença em Fontainebleau, o que devia ser obra de informantes, gente a seu cargo que ignorávamos. Confortei-a explicando que decerto era comum os homens de poder ter esse tipo de serviço, até por questão de segurança. A verdade era que o fato também me

incomodava, mas saber o porquê daquele convite me interessava muito mais.

Quando chegamos ao portão, os guardas nos olharam com estranhamento, surpresos com o que parecia uma família comum anunciando uma audiência com o imperador. Deviam estar acostumados com visitantes sempre transportados em ricas carruagens. Demos nossos nomes e aguardamos enquanto um deles dava as costas e caminhava rumo ao palácio.

Vista dali, a fachada erguia-se como uma bela construção, de pedra clara e janelas brancas, contrastando com a cobertura escura dos telhados. Do lado esquerdo, avistava-se uma torre com um sino no alto e, no centro, na nave onde se localizava a entrada principal, viam-se chaminés apontadas para o céu, talvez de lareiras para aquecer os enormes salões nos meses de inverno. Pouco tempo depois, voltou o guarda, desta vez abrindo-nos o portão.

Acompanhou-nos até a porta de entrada, ladeada por duas escadarias em espiral que davam no segundo andar. Ali, fomos recebidos por um funcionário do palácio, já de idade avançada, sentado atrás de uma pequena mesa de madeira.

— Bom dia. Os senhores têm audiência marcada com sua excelência, o imperador — disse, numa voz tímida e aflautada.

— Isso mesmo — disse Ermance.

— Eu não a conheço? — perguntou o funcionário, erguendo os olhos com o cenho franzido.

— Talvez. O meu nome é Ermance Dufaux, estive aqui há uns anos.

— Ah, Dufaux! — exclamou o velho, identificando o nome. — Claro, seus pais são nossos vizinhos aqui do palácio. Que tal as colheitas, vão ser boas neste ano?

— Espero que sim.

— Pois das minhas não se aproveita nada. Eu planto um pedaço de terra em que me deixam cultivar nas terras de trás do palácio, mas, neste ano, com a seca, não tenho esperanças... Os senhores queiram esperar, vou anunciar sua chegada.

Pouco depois, voltou com outro criado, mais novo, que nos fez sinal para que o seguíssemos. Caminhamos através de corredores e salões riquíssimos, de pé-direito alto e ornados com pinturas, tapeçarias, peças de porcelana e obras de arte dos maiores mestres italianos da Renascença. As paredes eram cobertas de painéis de madeira lavrada e pintada, assim como os tetos, em mosaicos geométricos, de onde pendiam lustres de cristal, com velas cuja luz se mesclava com aquela filtrada pelas janelas. Tivemos o privilégio de cruzar a espetacular biblioteca do palácio, uma nave comprida, de teto abobadado, cujas paredes exibiam estantes a perder de vista com milhares de volumes outrora pertencentes a Bonaparte.

A opulência daquele palácio era impressionante. Observávamos admirados, boquiabertos, incapazes de dizer qualquer palavra diante de tal esplendor. O pessoal da corte do imperador nos deitava olhares curiosos, talvez pela simplicidade da nossa aparência, sem nenhum traje de cerimônia. Acabamos chegando à ala dos grandes apartamentos, no piso térreo, onde dois lacaios nos receberam, abrindo as portas. Conduziram-nos por um corredor, de portas abertas para pequenos gabinetes, até uma porta ao fundo.

Quando a porta se abriu, fomos recebidos por uma obscuridade inesperada, contrastante com a luz abundante em todo o palácio. Era uma sala grande, de teto alto, cercada de janelas, todas de portas encostadas, por onde espreitavam raios de luz verticais.

— Vossas excelências, eis os vossos convidados: a menina Ermance Dufaux, o sr. Allan Kardec e sua esposa — disse o criado, projetando a voz para o alto, dirigindo uma saudação ao fundo da sala, que nós três imitamos. Dito isto, saiu, deixando-nos com o casal mais poderoso de França.

— Aproximem-se — disse uma voz ao fundo, imersa na penumbra que nos impedia de distinguir-lhe as feições do rosto, ainda desabituaados à pouca

luz do espaço.

O imperador estava sentado numa poltrona com um jornal pousado sobre o colo, o que me fez pensar se conseguia ler naquela escuridão. Ao lado, deitada sobre uma chaise longue estilo império, estava a condessa espanhola e imperatriz, sua esposa, Eugênia de Montijo. Avançamos com medo, sentindo sob os pés o toque fofo do tapete de tons avermelhados.

— Que escuridão — disse Ermance, como se falasse sozinha.

Preocupada, você pousou a mão sobre o ombro dela, para que a garota não soltasse mais nenhuma inconveniência. Com o olhar já habituado à pouca luz, reparei que Napoleão III esboçou um sorriso àquele comentário.

— É por causa do calor — disse, após uma pausa. — Gostamos de manter esta sala a uma temperatura suportável. Mas realmente mal nos vemos. François... — E, a um gesto da sua mão, um lacaios abriu uma a uma as janelas.

Uma nova luz inundou o espaço, revelando o imperador, recostado na sua cadeira, com um esgar no rosto, incomodado pelo súbito banho de luminosidade. A imperatriz nos observava com atenção, escondendo o rosto por detrás do leque, que movia lentamente.

— Então, srta. Ermance, tem recebido muitas mensagens dos espíritos? — perguntou o imperador, em tom casual, dobrando de lado o jornal que estivera pousado sobre a perna.

— Alguma coisa, vossa excelência.

— Que eu saiba não publicou nada nos últimos tempos, correto?

— Sim, é verdade. Apenas o faço quando é vontade dos espíritos. Eu me limito a transcrever os textos.

— Uma médium, portanto. É assim que se diz, sr. Kardec?

— Sim, vossa excelência — respondi.

— Muito bem. Viu, Eugênia? Estou ficando versado no assunto.

A condessa esboçou um sorriso sem tirar os olhos de nós.

— E que lhe têm dito os espíritos, srta. Ermance? Alguma coisa do interesse do Estado?

— Ultimamente, não tenho ouvido nada a seu respeito, vossa excelência, se é isso o que me pergunta...

— Ah! Que jovem esperta. O Estado não sou eu, srta. Ermance... Quem dizia isso era Luís xiv. Ele passava muito tempo neste palácio. Gostava de vir caçar nos arredores.

— São Luís também passou por aqui — disse Ermance.

— Ah, o seu amigo. Sim, tem razão. Ele construiu um convento e um hospital aqui, anexos ao castelo original. Mas quem realmente gostava de passar temporadas aqui era o meu tio Napoleão.

— Segundo sei, foi aqui que assinou a renúncia — observei.

O imperador me lançou um olhar desconcertado, como se tivesse esquecido que eu estava ali.

— O sr. Kardec está muito bem informado. Quem lhe disse isso, meu tio?

— Não, vossa excelência. Penso que é algo de conhecimento público.

— Mas ele figura na lista de colaboradores do seu livro, correto?

— Correto, vossa excelência — confirmei. — Napoleão I colaborou para O Livro dos Espíritos.

— E que ele lhe disse sobre o atual governo?

— A política é assunto que não me interessa, vossa excelência. Jamais lhe perguntaria algo dessa natureza. Além disso, ele próprio nunca demonstrou

interesse em transmitir qualquer mensagem sobre a vida terrena e suas insignificâncias.

— Por acaso entende os desafios de uma nação como insignificâncias?

— Entendo que qualquer assunto da nossa vida terrena neste mundo imperfeito é de menor significância em face da dimensão espiritual de que o universo se reveste.

— Sabe, Kardec — disse o imperador, num tratamento condescendente, como se estivesse se dirigindo a um dos seus oficiais de guerra —, quando soube do seu livro, cheguei a considerar a sua proibição. Qualquer um que ouça falar dele acha essa história dos espíritos uma bobagem.

— Mas eu não falo para qualquer um.

— Esse discurso dos outros mundos, dos espíritos errantes pelo ar — continuou, ignorando o meu comentário —, pode ser facilmente tomado por um embuste. O único motivo pelo qual o seu livro chegou às livrarias está aí ao lado.

Olhei para Ermance, que não se moveu, mantendo o olhar fixo no do imperador.

— Essa menina que veio com você, Kardec, se não me fez acreditar na teoria que você escreveu, pelo menos conseguiu me deixar na dúvida.

Agradei ao imperador, sem ironia, pela autorização para a publicação do livro. Jamais tinha me dado conta de que o tema pudesse ter chegado a ele mesmo antes de a obra ser editada. Disse a ele que sua permissão fora fundamental para o progresso da nossa civilização.

— Tenho lá minhas dúvidas, Kardec — disse o imperador —, mas alguma coisa deve haver do lado de lá, enfim. Não posso negar que essa menina conseguiu mesmo falar com o meu tio. Agora, as explicações por trás disso... Considere-me um cético.

Eugênia, que se mantivera em silêncio até então, dirigiu-se a você, que também estivera calada desde a nossa chegada.

— A senhora também se comunica com os espíritos?

— Ah, não, vossa senhoria. Sou apenas uma entusiasta da doutrina.

— Interessante. Como talvez saiba, fui eu própria que aconselhei meu marido a censurar o primeiro livro de Ermance.

— Sim, estou ciente.

— Hoje me arrependo, como Ermance deve saber. Também tenho reservas sobre os espíritos, e naquele tempo decidi ouvir a opinião de representantes da Igreja. Os comentários me deixaram apreensiva e, para não cometer algum pecado, tomei a decisão que tomei.

— Posso garantir a vossa senhoria que a doutrina está mais próxima de uma ciência do que de uma religião. Ainda que os princípios morais que advoga comunguem daqueles presentes no catolicismo e em outras confissões, a sua pedra de toque reside no progresso dos espíritos, na evolução enquanto seres inteligentes, rumo à perfeição.

A imperatriz pareceu gostar do que ouviu.

— O sr. Kardec tem uma mulher de força.

— Que está comigo desde o primeiro momento, vossa senhoria.

— Agrada-me a forma igualitária com que homens e mulheres são tratados no que toca ao estudo dos espíritos.

Não tinha como ser diferente, argumentei, já que homens e mulheres eram apenas existências carnis de um espírito. Todo o tipo de discriminação, de segregação ou de ódio era algo abominável à luz da Doutrina Espírita. Nosso papel era progredir e abandonar tão cedo quanto possível esses resquícios de seres primitivos, mesquinhos e preconceituosos, rumo a um esclarecimento universal, em comunhão com os outros espíritos, encarnados ou não.

— E o futuro, Kardec? — perguntou o imperador, impaciente com a conversa, que agora tomava um rumo que não lhe interessava. — É possível prever? Se perguntar aos espíritos certos o que vai acontecer, eles respondem?

— Mas como, se o futuro destas nossas existências somos nós que fazemos? Como poderiam os espíritos adivinhar o que vossa senhoria determinará amanhã, na próxima semana, daqui a um ano? Somos livres para tomar as decisões que bem entendemos, e por elas seremos julgados. Nada está escrito por antecipação.

— Pensei que nesses mundos de que fala fosse possível ver as coisas mais adiantadas.

— Procurar os espíritos para responder às futilidades da vida cotidiana é um erro que cada vez mais pessoas cometem. Pensam que neles reside a resposta para todos os seus problemas e que através deles farão fortuna. Em suma, pensam satisfazer as suas ambições materialistas por meio de seres que em si não têm nada de material. Estudar e compreender os espíritos não é para o dia de amanhã. É para uma outra existência.

— Ah, Kardec, isso é tudo tão complicado — suspirou o imperador, levando a mão à frente. Parecia decepcionado. — Obrigado pela visita, mas esta conversa me deixou agastado. Podem se retirar.

Àquelas palavras, os três nos curvamos em saudação e deixamos a sala, escoltados pelo pessoal da corte. Tinha sido uma visita interessante que, apesar de curta, nos ensinara algo sobre o homem que liderava o país. Como qualquer governante, ele sofria da necessidade de respostas e soluções imediatas, como se o seu tempo com o poder nas mãos lhe escapasse por entre os dedos como grãos de areia.

De certa forma, as suas preocupações tinham fundamento, pois, poucos anos depois daquela nossa visita, ele acabaria deposto. Porém, na vastidão deste universo povoado de espíritos, o que eram os receios e as angústias de Napoleão III senão os mesmos grãos de areia, perdidos numa praia de insignificâncias mundanas, lavados pela espuma dos dias?

As nossas férias na casa dos Dufaux duraram mais alguns dias. Chegava a hora de voltarmos para casa, para o trabalho, pois havia ainda muito a ser feito. Nós nos despedimos com a promessa de futuros encontros, agora também com Ermance, que se revelaria uma colaboradora fundamental para a minha missão.

Enfim subimos na carruagem e deixamos Fontainebleau, com o seu suntuoso palácio, onde se escondia, na penumbra, o céptico imperador. Como companheiro de viagem, tínhamos um espírito, ainda que na época não soubéssemos. Um antigo morador daquele palácio, que agora como espírito se dedicava a causas maiores, muito maiores, que qualquer construção feita por mãos humanas: Luís.

AO REGRESSAR DE FONTAINEBLEAU, o porteiro do nosso prédio nos entregou uma caixa cheia com as correspondências que tinham chegado durante a nossa ausência. Como já estávamos carregados de bagagens, ele nos ajudou a levar ao apartamento aquele volume enorme de cartas.

— Tem sido assim todos os dias, sr. Kardec — disse, colocando a caixa perto da entrada do apartamento antes de levar o lenço à testa suada. — Se os senhores demorassem mais uma semana, nem sei onde guardaria tanta correspondência!

Era um sinal inegável do impacto de O Livro dos Espíritos. Instalados na sala, começamos a abrir e a ler em voz alta, uma por uma, aquelas cartas dirigidas a mim, vindas dos quatro cantos do mundo, onde a obra começava a fazer eco. Eram agradecimentos pelo impacto causado pelo livro, pelas vidas transformadas de forma positiva, conforme as descrições que me ofereciam. Tudo isso me deixava feliz, por ter contribuído para o bem de homens e mulheres espalhados pelo mundo. Havia relatos de pessoas sem esperança que agora encontravam um novo sentido para a existência, pessoas sofredoras e angustiadas que descobriam uma razão de ser para os seus infortúnios e a promessa de consolos futuros, pessoas desencantadas com a vida que ganhavam ânimo para prosseguir, de existência em existência, rumo à paz espiritual.

Orgulhosa, você enrolava o braço no meu, apertando com força, enquanto alternávamos a leitura em voz alta, o que nos fazia sentir próximos daqueles que começavam a abraçar a doutrina.

— Como é bonito o resultado dos ensinamentos dos espíritos! — você disse, impressionada com os testemunhos, oferecendo-me um olhar entusiasmado.

Mas nem toda a correspondência nos trazia histórias de sucesso. Em várias cartas encontramos palavras de preocupação, alertando-nos para um fenômeno que nos deixava apreensivos: a perseguição movida por alguns padres e bispos àqueles que se dedicavam a estudar O Livro dos Espíritos, aos médiuns, aos que cometiam “o pecado de dar ouvidos aos mortos”, segundo uma das cartas. Se por um lado O Livro dos Espíritos trazia luz àqueles que se interessavam em estudá-lo e refletir sobre o seu conteúdo, por outro provocava as mentes mais retrógradas, avessas ao raciocínio e ao questionamento de qualquer um dos velhos dogmas, cristalizados por séculos de ignorância e medo.

Havia relatos de jovens médiuns como Ermance, considerados loucos ou possuídos pelo demônio e internados em manicômios, sentenças cruéis decretadas por gente preocupada em calar as vozes que falavam da doutrina em vez de estudá-la para tentar compreender o seu alcance. Tais perseguições me deixaram preocupado, pois, mais do que uma injustiça cometida contra os que me escreviam alertando para os acontecimentos, elas representavam uma ameaça à minha missão divulgadora, pois criavam um clima de medo na sociedade.

Era crucial fazer algo naquele momento, algo que pudesse ajudar na compreensão da doutrina, que a tornasse acessível, que fizesse frente às falsidades dos profetas da desgraça por meio de uma linguagem clara e exemplos práticos. Era urgente pensar numa nova publicação, algo de circulação regular, com novidades que os estudiosos pudessem acompanhar e que aqueles em dúvida pudessem apreciar para se tornarem imunes ao palavreado arcaico e demagógico dos opositores.

— Por que não uma revista? — perguntei a você, dias mais tarde, depois de pensar sobre o assunto. Concordou que era uma ideia esplêndida. Apesar de já existirem àquela altura algumas publicações na América dedicada aos espíritos, havia apenas uma na Europa, o Journal de l'âme, editado em Genebra, sob a direção do dr. Boessinger.

— Por que não pergunta a opinião dos espíritos? — sugeriu. — Eles darão a melhor resposta.

E assim fiz. Pedi a Ermance que consultasse os espíritos sobre a possibilidade de criar um periódico dedicado à temática. Numa sessão na casa do sr. Dufaux, isso em novembro de 1857, o espírito pronunciou-se favoravelmente à ideia. Aconselhou-me a criar uma linha editorial que tivesse tanto artigos de caráter científico como outros mais acessíveis ao grande público, de conteúdo ligeiro e agradável. Era importante fugir da monotonia com a variedade.

Entusiasmado com a resposta, comecei a planejar a revista, pensando na periodicidade, no conteúdo, na impressão e na distribuição. Ao aprofundar essas questões, me dei conta de que precisaria de um grande investimento financeiro para cobrir todos os custos iniciais, pelo menos enquanto não houvesse retorno de vendas. Isso para não falar do esforço para produzir conteúdo e organizar os números, que deveriam ser mensais, para manter um público fiel e regularmente informado. Pensei então num possível sócio para se juntar a mim na elaboração do projeto, e logo me lembrei do sr. Tiedeman-Marthèse, seguidor da doutrina e com quem já tinha trocado impressões no passado sobre o Journal de l'âme, o qual ele elogiara bastante pelo conteúdo inovador. Ele era também um homem abastado, de modo que poderia apoiar o periódico na sua fase inicial. Naquela época, como bem sabe, vivíamos de forma bem comedida e não havia margem para gastos além dos mais cotidianos. Além disso, se o projeto fosse bem-sucedido, Tiedeman-Marthèse poderia recuperar o investimento inicial e ninguém sairia prejudicado. Com essas ideias na cabeça, fui à sua procura, confiante de que ele não só daria o apoio financeiro como também apadrinharia o projeto com entusiasmo. Mas eu estava redondamente enganado.

Estávamos perto do Natal quando fui procurá-lo no seu palacete, nos arredores de Paris. Recebeu-me com uma relutância estranha, fazendo-me seguir de forma atabalhoada até uma saleta nos fundos da casa, evitando os criados, como se tivesse vergonha de mim. Apesar daquela recepção inusitada, expliquei o propósito da minha visita, apresentando uma proposta de sociedade para a publicação espírita.

— Nós até já falamos sobre isso no passado — disse-lhe, procurando convencê-lo. — Acredito que é chegado o momento de fazermos algo.

— Sim, é uma ideia fantástica Kardec. Se fosse em outros tempos, eu o apoiaria sem sombra de dúvida. Mas nos dias que correm...

— O que mudou? O senhor era um entusiasta tão grande da doutrina!

— Eu sei, eu sei. E nunca deixei de sê-lo, Kardec. Mas, hoje, quando leio os jornais, vejo cada coisa... Há gente perseguida e excomungada, atacada por importantes membros da Igreja que se opõem ao contato com os espíritos! Eu acho tudo isso indecente, mas...

— Então, se acha indecente, como também penso que é, esse é mais um motivo para nos unirmos e criarmos algo que faça frente a essas injustiças!

— Não sei se vale a pena, Kardec — disse, num lamento derrotado. — A Igreja é tão poderosa e influente... Além disso, tenho uma reputação a manter. Sabe como é a sociedade: se por acaso começam a me rotular como homem renegado pela Igreja, logo surgem rumores sugerindo que eu fiz isto e aquilo, e não me posso sujeitar a tais vexames.

Pelo discurso, vi que perderia tempo se continuasse a insistir. Saí de lá com raiva pela falta de coragem daquele homem, mas, com a razão que o passar dos anos tinha me trazido, percebi que a franqueza da recusa foi útil para evitar maiores frustrações quando a revista estivesse em circulação. Defender os espíritos naquele mundo terreno exigia uma persistência e uma coragem que não estavam ao alcance de todos. Ao meu lado, precisava apenas dos mais preparados. E entre eles estava você.

— Vamos levar a ideia adiante com os nossos próprios meios — você decidiu, corajosa. — Tenho a herança da minha família, posso usar uma parte para financiar a revista. Peça, por favor, que faça o que deve ser feito — disse, com a sua voz confiante que me enchia de força.

E assim começamos a planejar o que iria se tornar a Revista Espírita. O ano chegava ao fim, e era nosso desejo que o primeiro número saísse em janeiro seguinte. Isso nos obrigou a rever o material acumulado ao longo dos anos, contendo muita informação de interesse para o público adepto do Espiritismo. Era fundamental o caráter pedagógico da revista, que deveria conter artigos ensinando a natureza e a origem dos fenômenos, os tipos de

manifestações espíritas, as visões, assim como um conteúdo capaz de responder às questões mais comuns dos leitores.

Para o número de estreia, concordamos que era obrigatória uma introdução explicando o que era a Revista Espírita, a que ela se propunha e de que fenômenos se ocuparia. Era também importante esclarecer o caráter de ciência dado ao Espiritismo, tantas vezes posto em dúvida pelos detratores da doutrina, que não compreendiam que, apesar de não se tratar de uma ciência exata, como a matemática ou a física, ela era uma ciência filosófica, baseada em fatos e deduções lógicas. O Espiritismo define o conjunto de leis que rege esses fatos, e é segundo este raciocínio dedutivo que ele deve ser estudado. E esse era um estudo aberto a todos os que dele quisessem participar, tal como deixei escrito no número de estreia da revista, em que apelamos a todos os que tivessem documentos comprovando manifestações materiais ou inteligentes, sonambulismo, visões, aparições, pressentimentos e previsões, que os partilhassem conosco. Também seriam de interesse as lendas e as crenças populares, as obras francesas ou estrangeiras nas quais se encontrassem fatos relativos à manifestação de inteligências ocultas, ou os próprios problemas morais e psicológicos dos leitores que as ciências modernas não fossem capazes de resolver. Tudo isso salvaguardando, naturalmente, o anonimato daqueles que nos escrevessem.

A edição de estreia tinha ainda artigos sobre a natureza das manifestações, os diferentes modos de comunicação, algumas respostas de espíritos a perguntas habituais, a transcrição de uma sessão mediúnica e a primeira referência a Ermance, num breve artigo sobre a história de Joana d'Arc, cujo tema seria desenvolvido nos números posteriores. Para encerrar, algumas apreciações sobre O Livro dos Espíritos. Decidi incluir a transcrição de um artigo sobre o Livro, publicado no Courier de Paris daquele ano, e cartas selecionadas entre a correspondência que continuava a chegar à nossa morada, ilustrativas do impacto positivo da obra.

Era um número eclético, informativo e variado, conforme o desejo dos espíritos, pois eles sabiam como a revista havia de ser feita para alcançar sucesso entre homens e mulheres ocupados com as suas vidas terrenas. E, ainda que a estreia não tivesse incluído um artigo sobre certo médium a quem dediquei muita atenção – sobretudo pelo destaque que lhe era dado na

imprensa –, o seu nome era já mencionado, como preâmbulo de uma série de artigos que viriam a ser publicados em números subsequentes. Tratava-se de Daniel Dunglas Home.

Eu ainda estava longe de começar a escrever O Livro dos Espíritos quando ouvi falar de um jovem escocês capaz de gerar fenômenos incompreensíveis. Pertencente a uma linhagem nobre, Daniel tornara-se famoso entre as famílias poderosas da Europa, recebendo convites para passar temporadas em suas casas para provocar as manifestações por que era conhecido. Essa vida entre viagens e palácios, aos olhos de gente invejosa, era encarada como um luxo de que sr. Home se servia, gozando de privilégios em troca de demonstrações dos seus tão falados talentos ocultos. Uma teoria que me deixou desconfiado, como se lembrará das conversas que tivemos sobre o assunto. Afinal, quantos eram os vigaristas, falsários e fracos prestidigitadores que se apresentavam com supostas manifestações espíritas, quando na realidade estas não passavam de truques envolvendo a eletricidade e o magnetismo?

No caso do sr. Home, tanto me chegavam as teorias conspiratórias de mais um oportunista à procura de benefícios próprios quanto descrições de manifestações consideradas ostensivas. Tanto barulho sobre esse jovem me deixou curioso, e com o tempo cheguei à conclusão de que tinha de conhecê-lo pessoalmente para decidir o que pensar dele, sem dúvida um homem polêmico, polarizando os entusiastas das manifestações espíritas e seus detratores, empenhados em encontrar motivos para criticar o que não compreendiam.

Comecei a sondar os meus contatos para descobrir um modo de chegar a ele. Era famoso entre os que se dedicavam a estudar as manifestações espíritas, mas também misterioso, pela dificuldade em encontrá-lo e testemunhar suas tão faladas capacidades mediúnicas. Se ele fosse apenas mais um entre os charlatões que pululavam em Paris com os seus tristes espetáculos, provavelmente não seria difícil encontrá-lo.

No fim, talvez por um golpe do destino, cujas razões nem sempre compreendemos, não fui eu que encontrei o sr. Home, mas ele que me encontrou, ainda que de forma indireta. Certo dia, um jovem de uns vinte e poucos anos veio ao meu encontro apresentando-se como Alphonse,

estudante de artes que teria conhecido Daniel Home num jantar no qual testemunhara fenômenos extraordinários e agora queria entender o que presenciara.

— Pelo que entendi, o sr. Kardec é um especialista nesse tipo de manifestações — disse, envergonhado, enquanto eu o conduzia ao escritório para conversarmos à vontade.

— Digamos que sou um estudioso. Sente-se, meu caro. Conte o que viu nesse jantar.

Alphonse descreveu como vira objetos se levantando no ar, correntes de ar misteriosas sacudindo o lustre, ruídos estranhos que surgiam das paredes, uma agitação perturbadora gerada em volta do sr. Home sem que ele fizesse qualquer gesto ou mencionasse qualquer palavra.

— A certa altura, sr. Rivail, ele mesmo ergueu-se no ar, levitou diante dos nossos olhos, sentado na cadeira, para logo descer lentamente, como se uma força invisível o amparasse.

Era sem dúvida uma descrição assombrosa de manifestações intensas como eu nunca havia testemunhado, embora tivesse ouvido relatos de fenômenos semelhantes. O que me aproximava da certeza da veracidade dos acontecimentos era a atitude de Home, que o estudante descreveu como a de “um certo embaraço”, por causar tamanha perturbação num jantar de amigos.

— Quando tudo terminou, ele não conseguia tirar os olhos do chão, só ficava pedindo desculpas, apesar das nossas tentativas de tirá-lo daquele estado deprimido. Era claro que Home não controlava as manifestações e se sentia desconfortável com elas. O sr. Kardec já assistiu a algo assim?

— Com essa violência com que descreve, confesso que não. Mas tenho presenciado fenômenos da mesma natureza, com a mesma origem.

— E que origem é essa? O que aquele rapaz tímido tem que causa tanto caos ao redor?

— Aos seus olhos, será apenas caos. Mas, no fundo, acredito haver uma causa maior, uma razão mais profunda, da qual essas perturbações são apenas uma consequência.

— Confesso que senti pena daquele homem.

— Quem sabe ele não sofre por motivo maior.

— Sim, quem sabe... Ainda assim, gostaria de ajudá-lo.

— Conseguiria me levar até ele?

— Isso seria incrível! — exclamou Alphonse, de repente iluminado. — Eu prometi que iria visitá-lo no apartamento onde ele está em Paris. Se o senhor viesse comigo, tenho certeza de que poderia fazer muito por ele.

— Não esteja tão certo disso. Como disse, estudo os fenômenos na busca do conhecimento. A complexidade do mundo dos espíritos tem me levado a encontrar mais problemas do que soluções. Ainda assim, gostaria de encontrar o sr. Home.

— Vou arranjar o encontro — disse o estudante, erguendo-se da cadeira.

Como prometido, Alphonse regressou dias depois, trazendo a notícia de que o sr. Home estava à nossa espera no seu apartamento. O estudante de artes me conduziu até os arredores da cidade, onde, numa rua de armazéns, ficava o prédio de quatro andares, estreito e decadente. O apartamento, que se localizava no segundo andar, não era o que se esperaria da residência de um descendente da nobreza da Escócia, o que logo me chamou a atenção.

Quando batemos à porta, um silêncio sepulcral veio do outro lado. Esperamos e decidimos bater novamente.

Alphonse estava preocupado com a possibilidade de o médium, sozinho, estar sofrendo com alguma manifestação que o prejudicasse fisicamente. Não era o caso. Logo escutamos passos e a porta se abriu, surgindo atrás um jovem magro, de cabeleira loira e farta, convidando-nos gentilmente a entrar. Conduziu-nos até uma sala de janela voltada para os fundos do

prédio, onde a luz amarelada de um candeeiro pousado numa mesa revelava o ar desbotado do papel de parede. Além da mesa e das cadeiras que a rodeavam, não havia mais mobília a não ser uma poltrona de veludo carmesim, de aspecto puído.

Ao sinal dele, sentamos os três à mesa, coberta com uma toalha de linho, também cansada dos anos que já devia ter. Daniel evitava nos olhar diretamente, mantendo o rosto inclinado. A franja sobre a testa impedia que vissemos claramente a sua expressão, que parecia trazer um ar de angústia. Com as mãos unidas sobre a mesa e as costas eretas, ele permaneceu sentado na beira da cadeira, cheio de cerimônia.

Apesar da pobreza do cenário onde estávamos, havia uma aura nobre naquele jovem, uma presença maior, difícil de explicar, como se ele fosse um príncipe no exílio, distante de toda a glória do seu reino.

Ele ajeitou o cabelo com a mão direita e, oferecendo-me um sorriso iluminado pelo azul dos seus olhos, disse:

— Obrigado por ter vindo, sr. Kardec.

— Eu é que tenho de agradecer a este nosso amigo — eu disse, referindo-me a Alphonse. — É graças a ele e à sua preocupação por você que estou aqui hoje. Porque não sei se você sabe, sr. Home, mas faz algum tempo que queria conhecê-lo.

— Já deve ter ouvido tanta coisa de mim que nem sei o que deve estar pensando...

— É, seu nome se tornou popular, sr. Home. Mas não tema a minha opinião. Eu procuro a verdade antes de formar qualquer ideia, e sei das mentiras e especulações que fervilham pela cidade.

— Triste sorte a minha... — suspirou o médium, com o olhar perdido na mesa. — Pensava que uma temporada de descanso na França, como me recomendaram os médicos, me libertaria das atenções. Mas vejo que aqui se repetem os acontecimentos que já vi em outros cantos.

— Se o sr. Home pudesse falar um pouco sobre seu passado...

— Claro, sr. Kardec. Eu nasci em Edimburgo. Sou descendente dos Dunglas, uma família de soberanos escoceses, em tempos passados. Tive uma infância que posso considerar quase normal, tendo em conta as circunstâncias. A verdade é que desde cedo começaram a acontecer fenômenos estranhos à minha volta. Meu pai conta que, quando eu tinha seis meses, o berço balançava sozinho, chegando a mudar de lugar sem que ninguém o tocasse. Ainda hoje meu pai fica inquieto ao contar isso, mesmo que na época fingisse encarar esses eventos com naturalidade quando eu estava por perto, para evitar qualquer tipo de trauma em mim. Eu era uma criança frágil, e nesse aspecto não mudei muito, como podem constatar. Em compensação, conseguia fazer os brinquedos virem até minhas mãos sem ter de me deslocar. Nessa época, comecei a ter as primeiras visões, mas achava que era algo normal. Nos primeiros anos de vida, achamos que tudo o que nos acontece é o padrão, o normal, não é verdade? Recordo que as visões eram frequentes, embora delas não guarde nenhuma lembrança. Quando fiz nove anos, a minha família decidiu mudar-se para os Estados Unidos. Os fenômenos à minha volta continuaram, com mais intensidade e regularidade. Isso tudo passou a me deixar envergonhado, apesar do consolo dado por meus pais, dizendo que talvez aquilo parasse com a idade. Diziam também que procurariam especialistas para me ajudar.

O sr. Home fez uma pausa e vislumbrei um ar de sofrimento, como se lhe doessem as lembranças daquela idade, quando começou a entender que não era igual a todo mundo.

— A verdade é que nem os fenômenos desapareceram nem os especialistas conseguiram explicação ou remédio para eles — ele continuou. — E assim fui crescendo, envergonhado, sem ser capaz de prever, controlar ou sequer disfarçar aquilo tudo. É muito difícil para uma criança, sr. Rivail, compreender que é diferente dos outros e ser estudada como se fosse um escaravelho dissecado numa aula de ciências. Sempre tive problemas de autoestima, até receio de brincar com os outros, sempre à espera que alguma coisa acontecesse e que eu pudesse até machucar alguém sem querer, tal era a violência que os fenômenos começavam a assumir. Enfim, meu pai entendeu que os ares do sul da Europa seriam mais saudáveis para

mim, que continuava com uma saúde frágil. O clima mediterrâneo poderia talvez me ajudar, então partimos para Roma. Ficamos próximos da alta sociedade romana, que logo se interessou pelos fenômenos que eu atraía. Para não desagradar aos amigos do meu pai, comecei a acompanhá-lo em jantares, nos quais não poucas vezes aconteceram as pancadas misteriosas, os móveis voadores, toda uma agitação de forças que deixava os ricos maravilhados, apreciando tudo como um espetáculo ao qual apenas eles tinham acesso. Visitamos o Vaticano, onde fui advertido a não fazer alarde. Eram práticas que desagradavam a Deus, disse um alto dignitário da Igreja. Expliquei que era algo que eu não podia controlar, mas ele não ouviu. Aconselhou meu pai a não promover sessão alguma e recomendou muita oração, porque aquilo de que eu padecia era algo ruim. Depois daquele encontro, as manifestações pararam. Seria um intervalo de um ano, como me foi revelado.

— Revelado por quem, sr. Home?

— Depois da reunião no Vaticano, me dediquei a orações, conforme me fora recomendado. Adquiri um fervor cristão, com a certeza de que as manifestações tinham uma origem maligna e de que apenas através de Deus eu poderia mantê-las longe de mim. Foi num desses momentos que tive a visão da minha falecida mãe, dizendo-me que era o seu espírito que me falava. Pedia que eu não tivesse medo, pois era o meu Anjo da Guarda, e dizia que sempre cuidaria para que nenhum mal me acontecesse. Disse também que as manifestações não eram obra do demônio, mas dos espíritos, e que não temesse futuras manifestações, pois elas voltariam ao fim de um ano, como contei. E, com efeito, um ano mais tarde, todos os sinais do passado acabaram voltando, com ainda mais força.

Aqui, Daniel Home fez uma pausa. Ele contemplava a mesa, com uma expressão melancólica no rosto. Era cruel ver alguém tão jovem com uma carga de sofrimento tão pesada. Fiquei em silêncio, imaginando que continuaria o seu relato, mas nesse momento, uma batida pesada veio das paredes, como se alguém sacudisse o edifício. Daniel voltou o olhar para o meu rosto e, no seu rosto aterrorizado, percebi uma súplica, pois algo que lhe era familiar demais estava de volta. As pancadas se tornaram mais violentas, e uma corrente de ar apagou a chama do candeeiro. Ao meu lado,

Alphonse se agitou, em pânico, e apertei sua mão com força para que se acalmasse.

Em seguida, Daniel foi impulsionado para trás, encostando-se às costas da cadeira com uma força que o fez soltar um gemido de dor, como se alguém o empurrasse com toda a força, aprisionando-o no lugar. Era uma manifestação assustadora e violenta, e, se não tivesse assistido a diversas sessões espíritas, eu também não saberia me controlar diante de tal fenômeno.

Porém, o mais insólito estava ainda para acontecer. De repente, surgiu uma forma sob a toalha da mesa: a forma de uma mão humana, claramente perceptível no seu volume, no contorno dos dedos e no pulso. A mão, que não parecia ligada a um braço, se mexia como se tivesse vida própria, levantando a toalha e fazendo sinais que pareciam círculos em torno da mesa. Pude vê-la avançar na minha direção, chegar à beira da mesa e, com um gesto dos dedos, erguer o pano no ar, deixando um espaço aberto à minha frente, como se me convidasse a senti-la.

Abismado com o fenômeno, olhei meus companheiros, com assombro. Vi então Daniel, que agora parecia livre daquela força, fazer sinal para que eu aceitasse. Claramente não era a primeira vez que ele assistia a tal manifestação. Com a respiração suspensa, levei a minha mão ao encontro da outra, preparando-me para nada sentir, como se fosse agarrar uma substância vaporosa, mas a realidade foi outra. A mão tinha consistência e toque humanos, suave e úmida, quente. Como teste, resolvi apertá-la com força, mas, assim que fiz isso, a mão desmaterializou-se e desapareceu. Também as pancadas na parede cessaram, e tudo voltou ao normal. A manifestação estava terminada.

Alphonse tremia. À minha frente, Daniel Home mantinha o ar triste, de quem já havia se resignado àqueles fenômenos.

— Esta é a minha vida, sr. Rivail — ele deixou sair dos lábios finos, como se falasse sozinho. — Se um dia quiser me ajudar, torne minha história conhecida, para que eu não mais seja tomado por farsante. Essa será a única ajuda que poderá me prestar. Quanto ao resto, é o meu destino. Os espíritos

assim o quiseram, e só quando deixar esta vida terrena para me juntar a eles poderei talvez ter um pouco de descanso.

Dois anos mais tarde, dediquei na Revista Espírita quatro artigos ao sr. Home, cumprindo o seu desejo. Ainda que esses artigos não pudessem levar a ele a paz que almejava, ao menos traziam a verdade e a justiça acerca de um homem extraordinário, feito mais de espírito do que de carne.

PARA O SUCESSO DA Revista Espírita, era fundamental que houvesse conteúdo com origem nos próprios espíritos. Essas matérias, transmitidas por entidades em estados de evolução e inteligência avançados, conquistavam leitores a cada dia.

A publicação de um material assim nunca seria possível sem a ajuda de médiuns como nossa amiga Ermance, sempre amável e discreta. Ela se destacava pelas mensagens espantosas que transmitia, dos mais elevados espíritos. Devíamos muito a Ermance, por seu trabalho incansável, por nos ter levado até são Luís e pela humildade: em anos de colaboração, nunca percebi nela nenhuma sombra de vaidade, ainda que em teoria tivesse tantos motivos.

Naqueles tempos, enquanto preparávamos cada número da Revista, discutindo o que poderia ser do agrado tanto dos leitores como dos espíritos, era comum você sugerir recorrermos a Ermance. Agora nossa amiga já não precisava escrever as mensagens, sendo capaz de ditá-las, o que me obrigava a escrever com rapidez nas sessões que fazíamos na casa dos Dufaux. Depois de ter sua obra proibida, são Luís tinha urgência em expor seus ensinamentos, o que fazia por meio de parábolas, para as quais a Revista Espírita servia como o veículo perfeito.

O mundo espírita é uma fonte abundante de conhecimento, com seus habitantes mais avançados, aperfeiçoados por séculos de progresso e existências. Curioso seria o trabalho de Deus se fizesse os homens e as mulheres evoluírem ao longo da vida para encerrarem suas existências justo no momento em que seu conhecimento atinge o ponto máximo, na velhice. Os grandes mestres da humanidade, por exemplo: teriam eles evoluído ao longo da vida para depois tudo se perder para sempre, sem que eles tivessem a possibilidade de oferecer contribuições cada vez mais complexas e ajudar aqueles que aprenderam com suas obras?

Os ensinamentos de espíritos como o de São Luís eram prova de que a sabedoria se prolonga além da vida material, uma sabedoria de valor inestimável para quem souber escutá-la. Desde os primórdios da humanidade, os anciãos são reconhecidos como mestres, aqueles de quem a razão está mais próxima. São eles os que sabem como a vida é, do que é feita e o que contém. Se um homem mais velho nos inspira, o que dizer de alguém com uma existência de mais de nove séculos? Assim era São Luís, um espírito de classe superior, por diversas vezes publicado na Revista.

À medida que os meses passavam, aumentava o número de pessoas que procurava saber sobre a doutrina. Elas iam até a nossa casa, como certamente você lembrará. Havia muitos que apenas queriam soluções para problemas pessoais, me confundindo com um milagreiro, mas outras traziam conhecimentos profundos sobre a doutrina, mostrando grande domínio de O Livro dos Espíritos. Também apareciam médiuns, alguns procurando ajuda para conduzir as suas capacidades, ainda por dominar, outros já habituados às sessões com os espíritos, oferecendo-se para ajudar sem esperar nada em troca.

Infelizmente, o tempo que eu tinha para atender os interessados era pouco. Comecei a marcar encontros como se nossa casa fosse um consultório médico, mas as sessões agendadas duravam sempre mais que o previsto, atrasando as sessões seguintes e fazendo com que a última terminasse tarde da noite, o que me deixava esgotado.

Até que você fez a observação tão óbvia quanto certa:

— Se vocês têm tantos assuntos em comum, por que não se reúnem todos ao mesmo tempo?

Como não havia pensado naquilo antes? Era a continuidade natural da Revista Espírita, no sentido de agregar adeptos da doutrina. Chegava a hora de criar um grupo de estudo que reunisse fisicamente essas pessoas, para que todas elas pudessem discutir os temas, debater os problemas, ouvir os espíritos, encontrar soluções. Todos os que frequentavam nossa casa concordaram que era excelente a ideia de oficializar uma instituição, com direção, regras, valores e princípios, bem como os objetivos a que se propunha. Seria uma sociedade aberta a todos os que dela quisessem fazer

parte, baseada na partilha e na discussão saudável, com reuniões regulares das quais participariam não só os associados, mas também os espíritos evocados.

Começamos a nos reunir às terças-feiras, na nossa casa na rua dos Martyrs. No espaço acanhado da sala, onde chegavam a se juntar de vinte a trinta pessoas – a maior parte de pé, por falta de espaço para sentar –, havia debates animados, trocas de pontos de vista, partilha de experiências que nos maravilhavam. Nesses momentos sentíamos que estávamos fazendo um bom trabalho, que estávamos agradando aos espíritos, que por sua vez encantavam os presentes. E como era fascinante ver você tão determinada nas discussões, expondo com clareza seus pontos de vista, partilhando a experiência que já acumulava pela aprendizagem conjunta que fizemos e pelas sessões com Ermance a que havia assistido. Todos mostravam enorme respeito por você, sentada habitualmente à cabeceira, como líder das sessões, garantindo que todos fossem escutados e que todas as opiniões fossem respeitadas, buscando sempre o consenso e a melhor solução para os problemas debatidos.

As nossas sessões ganharam tanta notoriedade entre os seguidores da doutrina — que se multiplicavam pelos quatro cantos do mundo — que começamos a receber visitas de pessoas de lugares distantes, com altos cargos e títulos, como príncipes e outros dignitários. Às terças, o alvoroço nas escadas do nosso prédio acabou levando a vizinhança a desconfiar das nossas atividades. E, na nossa sala, cada vez mais inadequada para acolher o grande número de curiosos, a confusão não era menor.

Seria, então, apenas questão de tempo até termos de procurar um espaço maior. Ainda assim, continuamos a nos reunir no nosso apartamento por cerca de seis meses, um período em que a Revista chegava a países cada vez mais distantes e o Espiritismo seguia a sua expansão pelo mundo, apesar das inúmeras vozes que tentavam detê-lo. Finalmente decidimos mudar para instalações mais adequadas, com capacidade para receber todos os membros dos encontros. Ficou combinado que o aluguel do novo espaço seria dividido entre todos, mas a questão financeira não era o único problema: havia um pormenor político, com origem no nosso conhecido Napoleão III, que deveria ser resolvido.

Tratava-se da Lei de Segurança Geral, promulgada após o atentado contra a vida do imperador, do qual ele escapou ileso. Tinha sido criada num clima de desconfiança, escrita para aumentar os poderes das autoridades e conceder-lhes meios para prevenir ameaças. Aos olhos daquela polícia em alerta, as nossas reuniões “secretas” seriam certamente encaradas como algo suspeito: afinal, quem disse que não estaríamos conspirando contra o soberano nas conversas com os espíritos, que tanto lhe faziam pensar, como vimos em Fontainebleau?

Felizmente, tínhamos como aliado o sr. Dufaux, que, por meio de seus conhecimentos na capital, conseguiu obter com o chefe da polícia a autorização necessária para a realização das reuniões, mediante a apresentação de uma petição que atestava o seu caráter apolítico. De posse da autorização, nos mudamos para a galeria de Valois, no Palais Royal. Surgia a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cuja presidência eu assumiria por sugestão sua e com a aprovação dos associados e dos espíritos. Era mais uma responsabilidade que me cabia, desta vez num novo ambiente, meio caótico nos primeiros tempos, enquanto escrevíamos os estatutos da recém-criada sociedade.

A abertura à entrada de associados contribuiu para o desafio, pois, na boa vontade de acolher todos os que mostrassem interesse, nos primeiros tempos acabei trazendo pessoas cuja única intenção era causar problemas.

As primeiras sessões no Palais Royal foram pautadas pela desordem e pelo caos, para minha tristeza. Eu calculava que, ao trocarmos a nossa casa por uma sala numa galeria pública, pudéssemos aumentar o número de participantes, dada a publicidade extra e o acesso facilitado. Porém, como em qualquer grupo aberto, sem o cuidado na seleção dos participantes, existirão sempre os que aparecem não para se instruírem e contribuir, mas movidos por meras demonstrações de vaidade. Com sua confiança e seu otimismo, porém, você conseguiu me tirar do estado de desânimo causado pela confusão que agora eram as reuniões, repletas de berros e insultos e, em alguns momentos, quase chegando a confrontos físicos.

— Talvez isso tudo tenha sido um erro — comentei, numa noite de terça-feira, em casa, depois de uma reunião particularmente conflituosa.

— Não foi, meu amor — você respondeu, com uma certeza inabalável. — A sociedade é uma obra em construção, com imperfeições a serem trabalhadas.

— Sinto-me tão envergonhado por ter criado aquela sessão inqualificável, aquela selvageria digna de uma taverna de bêbados...

— A culpa não é sua. Você não podia adivinhar que ia aparecer aquela gente cheia de más intenções.

— Que pensarão os membros habituais, que tantas vezes se reuniram aqui conosco, em ambiente tranquilo? Que pensarão os espíritos? Não houve um só que se arriscasse a se pronunciar naquela confusão. Espero que não me julguem incapaz de cumprir a missão que me foi confiada.

— Mas é claro que não vão! Não foram os próprios espíritos que o alertaram sobre as dificuldades do processo? Que enfrentaria opositores, obstáculos, dificuldades? Você tem dado ânimo a tanta gente, como o fez a Daniel Home! Tem de dar ouvidos a si mesmo e não desanimar. Que diriam os espíritos se Allan Kardec desistisse de tudo por causa de três ou quatro arruaceiros que nada têm a ver com o Espiritismo? Que diriam os verdadeiros membros da Sociedade se, por causa de alguns maus momentos, tudo ruísse como um castelo de cartas?

Suspirei. Você tinha razão, era preciso seguir em frente. Mas como garantir que situações como aquela não se repetissem? Você continuou, como se pudesse ouvir meus pensamentos:

— Você vai precisar de mão firme para garantir que só entrem nas reuniões os que estiverem realmente interessados. Essa terá de ser uma das primeiras regras da sociedade.

Seguindo seu conselho, na mesma noite fui rever o estatuto, que ainda estava em processo de redação e aprovação, suspenso pela impossibilidade de debate nos encontros da sociedade. Era fundamental determinar as

questões que você tinha levantado sobre membros e associados. Foi um exercício que me custou horas de sono, mas, uma vez terminado, acabou rendendo bons frutos: uma série de artigos, definindo o que era a Sociedade e ao que ela se propunha, qual era a sua composição, quem admitia como membros e sócios e quais os seus deveres.

Quando o documento ficou pronto, foi aprovado em assembleia extraordinária, numa reunião feita excepcionalmente em nossa casa, para garantir que certas pessoas indesejadas não aparecessem. Agora, sim, estávamos prontos para regressar ao salão no Palais Royal, para encontros frutíferos e reveladores. São Luís, de presença assídua, evocado por Ermance, foi nomeado presidente espiritual da Sociedade e, sob a sua égide, haveríamos de fazer a doutrina progredir, enquanto eu continuava a divulgá-la através da Revista Espírita.

Nessa época, recebi uma carta muito especial de Victorien Sardou, aquele que ficaria conhecido como um dos maiores dramaturgos da França, e que eu tinha conhecido ainda jovem. Nela mostrava o seu interesse na doutrina espírita, elogiando em particular O Livro dos Espíritos, que acreditava solucionar grandes problemas, mesmo aqueles que os maiores filósofos eram incapazes de resolver. Apelidou-o de “livro da humanidade”.

Mas o seu envolvimento com o Espiritismo ia muito além do interesse acadêmico. Sardou era dotado de capacidades mediúnicas especiais, que lhe davam a possibilidade de psicopictografar obras de espíritos. Ou seja, através de suas mãos eram criados desenhos e pinturas com representações gráficas transmitidas por outros seres. Esse admirável e raro talento possibilitou-lhe fazer obras que tivemos o privilégio de ver quando o conhecemos pessoalmente.

Ele tinha um senso de humor magnífico, e passamos juntos momentos fantásticos, sempre pautados pela disposição para uma boa conversa e pela partilha de ideias. Graças a ele, vimos desenhos de Júpiter, de autoria de um espírito que se chamara Bernard Palissy no tempo em que fora oleiro na França no século xvi. Renascido no planeta distante, o espírito deu ao nosso amigo não apenas os admiráveis desenhos, que ele executou com água-forte sobre cobre, como descrições pormenorizadas da vida em Júpiter, da sua organização, dos espíritos que lá habitam, das suas casas e sua arquitetura,

todo um detalhe valioso que pude partilhar com o público geral no número de agosto da Revista Espírita. Por ele ficamos sabendo de lagos criados a partir das águas de um rio que desce as montanhas, entre os quais existem faustosos palácios, residências dos espíritos, instalados entre canais como a Veneza terrestre.

Entre as casas que o antigo oleiro ilustrava por meio das mãos de Sardou, havia uma, muito famosa, cujo desenho reproduzi também na Revista. A publicação teve grande repercussão, como você se lembra, tanto pelos adeptos do Espiritismo como pelos detratores de costume. Era a casa de Mozart, que então se tornara um espírito superior, com direito a habitar o planeta onde só havia lugar para espíritos bons.

Sardou nos disse que nunca tivera nenhum talento ou habilidade para o desenho. Assim sendo, como poderia ter executado tal obra, vertendo água-forte sobre o metal, se não pelo intermédio de uma entidade aplicada em fazer chegar ao nosso mundo aquela imagem complexa? Porque era de uma beleza misteriosa e fascinante a casa de Mozart, vizinha da de Cervantes, segundo Palissy. As paredes exibiam estranhos arabescos gravados na pedra, coroas de flores e vegetação que ladeavam as janelas e a entrada principal, plantas incrustadas com formas geométrica, dotadas de simbolismo desconhecido. E, sobre a janela principal, uma clave de sol marcava a natureza musical daquela mansão, residência de um dos seus mestres maiores, não apenas na Terra, mas também em outros mundos.

Um dia, minha querida Amélie, os homens terão telescópios e outros equipamentos tão aperfeiçoados e potentes que poderão espreitar Júpiter e ver a sua superfície com uma assombrosa riqueza de detalhes, como quem vê a areia numa caminhada pela praia. Quanto desejava eu, naqueles tempos em que víamos os desenhos de Sardou, ter comigo tais máquinas, tão superiores ao telescópio do Observatório. Mas era ingenuidade da minha parte. Hoje sei que nunca existirá uma máquina feita pelo homem que nos permita ver como são os outros mundos, como esse onde Mozart vive. As substâncias vaporosas de que são feitas as obras à sua superfície são transparentes aos olhos terrenos, e o dia a dia dos seus habitantes é invisível a qualquer dispositivo concebido pelo homem, por mais complexo que seja.

Pela matéria será sempre possível ver apenas matéria. Pelo progresso, pela fé e pela caridade, outros mundos poderão ser vislumbrados.

E FOI JUSTAMENTE EM abril de 1859 que recebemos na Sociedade a visita do mestre, depois de conhecer em detalhes a sua casa em Júpiter pelas mãos de Victorien Sardou.

Mozart, o gênio musical, fez-se anunciar primeiro através do médium Bryon-Dorgeval. E que melhor maneira para o grande compositor fazer notar a sua presença do que revelando um trecho musical inédito de sua autoria, composto já depois de deixar a existência terrena? Era um fragmento de uma sonata, psicografado em uma folha de papel com assombrosa riqueza de detalhes, especialmente se levarmos em conta que o nosso médium não era músico e tampouco sabia escrever ou interpretar partituras. Mas o poder das manifestações espíritas já não nos deixava estarecidos como das primeiras vezes, anos antes, não é verdade, minha cara Gabi? Depois de inúmeras sessões, relatos e testemunhos atestando a existência dos espíritos e da sua capacidade de influir sobre a matéria ao redor, a demonstração da presença de Mozart nos deixava mais uma sensação de alegria que de espanto, pelo privilégio e pela honra de estabelecer o contato com personalidade tão ilustre.

Mas como apreciar aquele trecho vindo de outro mundo, composto talvez naquela casa admirável, adornada com coroas florais e símbolos alusivos ao talento do mestre? Como eu gostaria de saber ler partituras e interpretar na mente aquele trecho de sonata que o nosso amigo médium nos mostrou, sem esconder uma ponta de vaidade por ter psicografado algo tão singular e importante para as artes e para a cultura!

— Temos que escutar — você disse, procurando, como eu, decifrar a complexa partitura que infelizmente nada nos dizia.

— E confirmar a sua veracidade — ponderei. — Ainda que tudo indique que estamos diante de um original de Mozart, é essencial não nos precipitarmos a julgar as coisas pela aparência, mas sim tentar comprová-

las de uma forma científica. Há muitos olhos debruçados sobre nós, minha querida. No dia em que cometermos um deslize, seja por negligência ou excesso de entusiasmo, mil vozes se erguerão para destruir o nosso trabalho. Mais do que nunca, devemos verificar a fonte e ter certeza antes de divulgar qualquer material.

— O sr. Kardec tem razão — disse Bryon-Dorgeval. — Os maiores ensinamentos que obtive com a nossa Sociedade foram o da prudência e da análise crítica. Por isso decidi levar o trecho a alguns músicos do meu conhecimento e obter a sua opinião.

Àquela revelação, olhamos para o médium, surpresos.

— Então, por Deus, conte-nos, homem! O que eles disseram? — perguntou você, ansiosa.

— A opinião foi unânime, madame. O trecho tem todas as características e o estilo de Mozart. Todos afirmaram que o grande mestre é o seu autor, sem sombra de dúvida. Também quiseram saber qual era sua proveniência, mas isso eu não revelei.

— Notável — comentei, enquanto contemplava a preciosa partitura. — Temos de partilhar esses acontecimentos com a comunidade.

— Temos de escutar essa música — você acrescentou, com o olhar cintilante.

— Sim, temos de escutá-la. E que o façamos na Sociedade, para que todos os que nos seguem e apoiam possam acompanhar esse momento. Sr. Bryon-Dorgeval, acha que pode encontrar entre os artistas que conhece alguém disposto a interpretar o trecho para nós?

— Fique tranquilo, sr. Kardec — disse o médium. — Eu conheço a pessoa certa.

Preparamos tudo para a reunião seguinte da Sociedade Espírita, no dia oito de abril. Convidamos, além de todos os associados, numerosos peritos em música, que, ao saber do âmbito do encontro, se dispuseram a assistir-lhe e

a dar a sua opinião crítica. Era uma prova de fogo com grandes riscos, como sabemos. Apesar de contarmos com a validação prévia de músicos da esfera de conhecimentos do médium, isso não garantia que alguns ou todos aqueles especialistas não pusessem em dúvida o trecho. Se isso acontecesse, haveria repercussões bastante negativas para a Sociedade, em particular, e para a doutrina, em geral.

E então chegou o dia do recital. Um piano foi alugado e instalado no salão da Sociedade, diante de várias filas de cadeiras, sendo a da frente reservada aos peritos. Para interpretar a música, o nosso amigo médium convidou ninguém menos que a srta. De Davans, reconhecida pianista e aluna de Chopin. Nunca uma reunião da Sociedade tinha sido tão concorrida como a daquela noite. Todos os nossos associados quiseram assistir à sessão, que foi alvo de comentários mesmo além do meio espírita, a ponto de aparecerem curiosos no Palais Royal pedindo licença para entrar no salão.

Enfim chegaram os peritos, conduzidos aos seus lugares por você, que tão bem acompanhara todos os preparativos para que nada falhasse naquela noite tão especial para a Sociedade e para o Espiritismo.

Um original de Mozart! A ansiedade era grande e visível em todos nós, e também naturalmente na pianista, que admitia sentir uma grande responsabilidade por transformar em melodia aquela partitura tocada pela primeira vez na Terra. Todos tomaram os seus lugares, e, na condição de presidente da Sociedade, agradei a presença dos peritos e, em especial, da srta. De Davans, que nos levaria a descobrir, pela execução, a autenticidade do tão falado trecho original.

— Para começar — disse eu, para a plateia mergulhada num silêncio ansioso —, a nossa pianista convidada vai executar uma composição de Mozart feita ainda em vida. Uma sonata que a srta. De Davans entende ser excelente para comparar com o trecho que vai interpretar em seguida, esse sim composto já depois de Mozart ter deixado a sua existência corpórea para viver como espírito, em algum lugar no planeta Júpiter. Mais uma vez muito obrigado por terem atendido ao nosso convite. Sua presença será decisiva para avaliar tão importante documento, não apenas para o Espiritismo, mas para a sociedade em geral, para a cultura e para as artes. E, sem mais delongas, deixo a atenção para a srta. De Davans.

Assim que começaram a soar as primeiras notas do piano, tornaram-se evidentes para todos a maestria da pianista, o empenho e a paixão na forma como executava a obra de Mozart. Mesmo para os especialistas convidados, certamente habituados a assistir às atuações dos melhores artistas, aquela interpretação soava magnífica: assim diziam os seus rostos, alguns de olhos cerrados, enlevados pelo toque inspirado do piano que conseguimos providenciar para o encontro. A grande plateia seguia a sonata deliciada, fascinada com o momento musical capaz de controlar a respiração, ora sustentando-a, ora libertando-a com as suas notas clássicas, escritas por um dos maiores nomes que o mundo já conheceu.

Mas era uma peça conhecida, e tudo o que podíamos atestar era a belíssima capacidade de execução da srta. De Davans. Assim que terminou a sonata, uma salva de palmas soou no salão, e então troquei a partitura para o trecho espírita. Com a mesma aplicação, a pianista lançou-se às teclas, e logo surgiu uma melodia harmoniosa, doce e alegre, algo que realmente soava a Mozart, mesmo para aqueles que não eram entendidos em música, como eu. Era distinta a origem maior daquele trecho, a qualidade que só um grande mestre poderia compor.

Quando chegou ao fim, uma salva de palmas ainda mais forte ecoou nas paredes, e a plateia se levantou para rodear os peritos e ouvir sua opinião sobre a autoria do trecho. E um a um, sem hesitação, todos afirmaram que estava claro que era Mozart o autor da composição. Aquela certeza nos deixou não apenas felizes, mas tranquilos. O ambiente no salão era agora descontraído e, para aproveitar a oportunidade de estar ali conosco com um piano esplêndido, a srta. De Davans presenteou-nos com mais uma demonstração do seu talento, desta vez tocando um noturno de Chopin, seu mestre.

Foi uma sessão memorável aquela, que ficaria para sempre gravada na história da Sociedade e na memória de todos que a presenciaram. Mas o melhor estava ainda por vir. Ao fim da sessão musical, o médium Bryon-Dorgeval teve a feliz ideia de evocar o compositor austríaco, pois quem sabe não atenderia ao seu chamado, uma vez que ali celebrávamos, através do piano, as suas criações? E, com efeito, após a evocação, o espírito apresentou-se entre nós, mostrando agrado por ter sido chamado.

Reconheceu perfeitamente o trecho que acabávamos de escutar e elogiou a execução da intérprete. Perguntei-lhe se poderia tocar piano para nós, atuando diretamente sobre as teclas do instrumento. Mozart respondeu afirmativamente, mas não o quis fazer. Disse ser inútil. Eu, porém, insisti, dizendo-lhe que tal ato seria um poderoso motivo para convicção.

— Não estão convencidos ainda? — perguntou Mozart, cobrindo-me de vergonha.

Que erro infantil pôr os espíritos à prova, e logo um espírito de ordem superior como Mozart! Arrependi-me profundamente daquele pedido infeliz, como lhe disse mais tarde, depois do final daquela sessão memorável. Estava tão interessado em mostrar, diante dos nossos convidados peritos, o poder extraordinário dos espíritos que acabei por fazer aquele apelo. Felizmente, Mozart não se incomodou, e ainda teve a gentileza de chamar Chopin para ter uma conversa conosco, cujo diálogo também transcrevi na Revista Espírita.

No final, não sei se os peritos se renderam à evidência da existência dos espíritos, pois não era essa a finalidade da sessão que organizamos. Mozart continuava a compor, mesmo depois de desencarnado, sobre isso não restava dúvida. Segundo sua sugestão, anunciamos na Revista que os interessados no trecho poderiam receber uma cópia pelo correio. Uma iniciativa que nos deu um trabalho imenso, pois eram centenas as solicitações que chegavam de todos os lados. Talvez por esse meu esforço adicional Mozart fosse desculpar meu pedido inoportuno; assim eu esperava. Passados esses anos, posso dizer, Amélie, que já reencontrei o mestre, na minha nova condição errante: tudo foi perdoado.

EM 18 DE MARÇO de 1860, foi publicada a nova edição de O Livro dos Espíritos, que merecia revisão profunda desde o lançamento da edição original. O conteúdo era agora consideravelmente maior, devido à extensa aprendizagem que se dera sobre a doutrina no espaço de tempo desde a primeira publicação. Tal era a riqueza de informação – em grande parte derivada das atividades da Sociedade – que agora havia mais de mil perguntas e respostas numeradas, completadas com notas e comentários que achei importante acrescentar.

Para o subtítulo, escrevi: “Os princípios da Doutrina Espírita, segundo o ensinamento dado pelos espíritos superiores por intermédio de diversos médiuns, recolhidos e postos em ordem por Allan Kardec”.

Era uma época em que nos chegavam notícias da formação de novas sociedades espíritas, espalhadas não apenas na França — onde o movimento era particularmente ativo —, mas por todo o mundo. Como você sabe, Amélie, um grupo especialmente entusiasta, e com quem construímos uma relação muito próxima, situava-se em Lyon, a minha cidade Natal. Pela troca de correspondência iniciada no ano anterior, na qual partilhávamos informações das atividades, sugestões e novidades, era claro que em pouco tempo haveríamos de nos conhecer e estreitar laços.

Tão amáveis eram os espíritas lioneses que decidiram organizar um banquete em minha honra. Você ficou radiante com a homenagem, enquanto eu tentava esconder o orgulho que sentia pelo gesto. Como nossa Sociedade continuava em atividade, e estava de mudança, tal como nós, para a Passage Saint Anne, combinamos com os nossos companheiros de Lyon um banquete no verão, quando teríamos tempo para fazer a viagem, a primeira de várias dedicadas ao Espiritismo.

E chegou o dia da partida. Seria a nossa primeira grande viagem de trem juntos. A ferrovia começava a ligar todos os grandes centros urbanos do país, formando uma rede grande e complexa que encurtava distâncias e permitia enorme economia de tempo nas jornadas, o que nos seria extremamente útil para viagens futuras.

Na estação de Saint Lazare, debaixo da imponente cobertura de ferro e vidro, as máquinas de ferro soltavam baforadas de fumaça negra e vapor de água, como animais pulsantes, prontos para puxarem com toda a força as longas caravanas de vagões, pousadas sobre os trilhos de aço polido. Nas plataformas, a desordem era grande, entre passageiros que chegavam e partiam, carregadores de mercadorias, agentes da autoridade, curiosos e desocupados que ali passavam o dia. Era toda uma turba fervilhante, movendo-se de forma frenética, estimulada pelo silvo constante das locomotivas.

— Céus, que confusão!

De braços dados com você, enquanto o rapaz atrás de nós carregava as bagagens, eu procurava o nosso vagão, olhando para os bilhetes à procura da resposta.

— Aqui, senhor! — disse o rapaz, apontando para um deles. Nosso ajudante deixou as bagagens à entrada do trem e, depois de receber sua gratificação, despediu-se acenando com o boné de lã e saltando dos degraus de ferro para a plataforma.

O compartimento era forrado com um tecido de cor verde-azeitona, com cortinas combinando. Uma portinhola de madeira nos separava do corredor que atravessava o vagão e, pela vidraça da janela, podíamos ver na plataforma o corre-corre típico dos minutos que antecederiam mais uma partida. Apesar do aspecto sóbrio dos vagões vistos de fora, o interior era bastante confortável. Os assentos eram autênticas poltronas; as madeiras do interior, envernizadas e de boa qualidade. Sobre o assento diante de nós havia um Figaro, decerto deixado pelo passageiro anterior.

Passavam das dez da manhã quando soou o apito do chefe de estação. A grande máquina na dianteira do trem respondeu com um silvo agudo e

prolongado, e logo se pôs em marcha a longa composição, que começou a se arrastar sobre os trilhos. Você entrelaçou os dedos nos meus enquanto saíamos da cobertura da estação, e o trem foi aumentando progressivamente a velocidade para cruzar os arredores da cidade e entrar na província, pintada dos tons dourados do entardecer, levemente difusos por uma neblina que anunciava a noite. Era uma viagem de mais de oito horas, cansativa, é certo, mas com um conforto infinitamente superior ao das viagens de coche, sujeitas aos solavancos das estradas poeirentas e esburacadas.

Ficamos acordados, despertos no trem de ferro, mas, à medida que a noite avançava e a viagem se repetia nos sons, na cadência e na paisagem negra invisível pela janela, nós dois acabamos adormecendo, encostados um no outro. Acordamos com o raiar do sol, já próximos ao destino.

Havia passado muitos anos desde que eu estivera em Lyon pela última vez. Apesar da distância, acompanhava as notícias da cidade nos jornais que chegavam à capital. Quando deixamos a nossa cidade e a ela regressamos em outra idade e época, temos uma estranha sensação de sermos estrangeiros num local absolutamente familiar. Assim era Lyon no meu pensamento.

Agora que meus pais já não pertenciam ao mundo terreno, minha relação com a cidade tinha se alterado dramaticamente, pois sempre a conhecera na condição de filho. Esse tempo já tinha ficado para trás, e, com você ao lado, talvez eu fosse apenas um turista, não menos lionês que os meus conterrâneos, mas com a consciência de que ficara longe tempo demais para olhar a cidade como se fosse minha.

Quando o trem entrou na nossa estação de destino, pudemos ver uma multidão à espera, em uma balbúrdia semelhante àquela a que assistimos em Paris, na hora da partida. Havia ainda malas, caixas, cestos e até gaiolas com animais vivos, um monte de gente com seus pertences, todos ansiosos por subir no meio de transporte que revolucionava as conexões entre os diferentes cantos do país, de norte a sul. Dentro dos vagões, no corredor estreito que dava para as portas de saída, a confusão não era menor: apressados para sair, os passageiros apertavam-se no espaço exíguo, segurando as bagagens entre os braços, esperando que a composição

finalmente parasse e soltasse o seu suspiro longo, lá na dianteira, como um animal de carga extenuado que desiste de se mover mais um centímetro.

Quando cheguei à porta, descendo antes para ajudá-la, ouvi uma voz atrás de mim chamar:

— Sr. Kardec! Sr. Kardec!

Era o sr. Guillaume, acenando na plataforma, sorridente. Guillaume Renaud, o grande espírita lionês, tinha vindo nos receber na estação. Eu o tinha conhecido em Paris, numa das suas visitas à Sociedade, quando não só se informou sobre nossa organização como também contribuiu com novas ideias e o seu espírito dinâmico. Fora sua a ideia do banquete. Nós nos saudamos com um abraço, e então apresentei você a ele.

— Espero que os senhores tenham feito boa viagem!

— Maravilhosa, sr. Guillaume — disse, apoiado pelo seu aceno de rosto sorridente. — Estas máquinas são realmente admiráveis.

— É o progresso, o progresso, sr. Kardec. Como o das almas! Tive a sorte de experimentar essa viagem quando fui visitá-lo em Paris. De fato, como as distâncias se encurtaram... — disse, lançando um olhar para a locomotiva. — Vamos andando? Gosto do progresso, mas essa confusão me faz mal aos nervos!

Deixamos a estação para entrar no coche que o sr. Guillaume preparara para nós. Tinha providenciado um quarto numa pensão perto da Sociedade Espírita de Lyon, onde nos instalamos, aproveitando para descansar da viagem noturna. Segundo o nosso anfitrião, ao final do dia estava planejada uma visita à Sociedade, onde a nossa chegada era aguardada com grande expectativa.

O sr. Guillaume tinha mais ou menos a nossa idade. Era um homem de origens humildes, que trabalhara a vida inteira na dura indústria da seda. Seu rosto, encovado e com rugas profundas, acusava os longos anos de trabalho árduo. Seu espírito mantinha-se, no entanto, pleno de energia e entusiasmo, sobretudo quando falava da doutrina e do progresso dos

espíritos, que para ele dependia do progresso da própria sociedade. O papel dos espíritas na existência terrestre passava por lutar por condições mais dignas e justas da classe trabalhadora, muitas vezes explorada por patrões pouco escrupulosos, ávidos por ganhos e mais ganhos à custa dos salários miseráveis dos seus empregados.

Na sua generosidade e seu altruísmo, o sr. Guillaume era um grande humanista, que com seus ideais de progresso convencia companheiros a aderirem à causa espírita. Eles não se interessavam apenas pelo progresso individual através de sucessivas existências, mas também pela evolução da sociedade humana como um todo, rumo a um mundo mais justo e livre.

Foi com esse sentido de compromisso e dedicação que encontramos os membros da sociedade espírita de Lyon, na nossa visita ao final da tarde. Estava ali reunida uma assembleia de dimensão avassaladora, que nos causou espanto. Nunca imaginaria haver em Lyon tantos adeptos do Espiritismo. “Um número sempre crescente”, segundo o sr. Guillaume, admirando com certo orgulho os companheiros espíritas que tinham acorrido em massa ao nosso encontro.

Porém, muito mais do que o número, o que nos causou profunda impressão foi o nível de conhecimento e aplicação que nos transmitiram todos os espíritas com quem conversamos. Aqueles homens e mulheres não eram meros curiosos dos fenômenos físicos provocados pela existência dos espíritos; não eram apenas conhecedores da filosofia moral e de suas premissas, como estudiosos acadêmicos de saber livresco. Os espíritas lioneses assumiam, sim, praticar a doutrina, aceitando suas consequências. Eram espíritas cristãos, que procuravam fazer o bem e reprimir as más intenções, realizando através da caridade os princípios de uma doutrina viva, posta em campo, vivenciada na sociedade, a fim de dar frutos e fazer este mundo progredir, de acordo com a vontade de Deus.

Era emocionante ver a alegria no rosto daquelas pessoas, o entusiasmo com que nos descreviam as suas ações ligadas ao Espiritismo, a felicidade interior que alcançavam e a aprovação de espíritos superiores que os acompanhavam no seu caminho progressista. Se ao longo do meu percurso como obreiro da doutrina encontrei momentos difíceis – e você sabe, minha adorada Amélie, quantos eles foram! –, a visita aos espíritas lioneses foi

uma bela prova de que todo o sofrimento e toda a luta não tinham sido em vão. Eles eram a prova viva da superioridade moral do Espiritismo, que adquiria uma aura de pureza e glória quando posto em prática, a serviço da comunidade e do bem.

Eram essas as ideias que fervilhavam no meu pensamento quando, naquela noite, nos recolhemos ao quarto da pensão. Ali comecei a escrever o discurso que faria no banquete marcado para o dia seguinte. Para retribuir o gesto preparado por aquelas pessoas tão interessantes, não bastava fazer os devidos agradecimentos. Gostaria de deixar algo para o futuro, uma série de conselhos para ajudá-los nos seus objetivos progressistas e de profundo valor moral.

Era curioso notar como, à medida que crescia em dimensão, a sociedade lionesa deparava-se com um problema fundamental, que também encontramos em Paris: a desordem e a dificuldade de obter resultados em grupos numerosos. Fazia algum tempo que havia chegado à conclusão de que grupos pequenos eram muito mais eficazes do que uma grande plateia heterogênea, difícil de gerir e na qual não era possível dar espaço a todos os presentes.

Os maus espíritos eram também uma ameaça à formação de qualquer sociedade, e eu não quis deixar de alertar os nossos companheiros lioneses para esse risco. Por muitas vezes, eles aparecem, com seu falso saber, procurando fascinar os que os escutam, utilizando palavras de virtude como caridade, fraternidade e humildade para ganhar credibilidade. Seus fins são, porém, muito mais obscuros e perniciosos, desde a mais vulgar zombaria dos crentes – fazendo-os acreditar em absurdos – até o incitamento a atos de divisão e ódio entre homens, absolutamente opostos à lei de Deus. Era fundamental que os nossos amigos espíritas estivessem preparados para isso.

Nas horas que antecediam o banquete, o sr. Guillaume teve a feliz ideia de nos convidar para uma sessão espírita com um dos médiuns mais obscuros de Lyon, um sujeito distante e de poucas palavras, que apenas nos devolveu um aceno desinteressado quando o nosso anfitrião nos apresentou na Sociedade.

— Não ligue, sr. Kardec — sussurrou o sr. Guillaume, enquanto caminhávamos por um corredor estreito em direção a uma sala pequena, onde o médium se ocupava de organizar folhas de papel. — Esse sujeito é um pouco estranho, mas temos conseguido verdadeiros prodígios dos espíritos através dele. É de valor inestimável para a nossa aprendizagem.

E, com efeito, pouco depois do início da sessão, da qual participávamos apenas você, o sr. Guillaume, eu e o próprio médium, começaram a surgir mensagens psicografadas por este último, depois de evocar os espíritos que lhe eram mais familiares. A convite do sr. Guillaume, fiz perguntas ao espírito que estava conosco, relacionadas à doutrina e que me permitiriam avaliar a que ordem ele pertencia. A inteligência e profundidade das respostas me fizeram concluir que era um espírito de ordem superior, o que mostrava que aquele médium mal-humorado e um pouco rude era capaz, mesmo com aquele seu jeito tão desinteressado, de trazer muita informação relevante para a instrução dos espíritas lioneses.

E então chegou a hora do banquete. À porta do hotel havia um coche à nossa espera, para nos levar ao local da recepção. Acompanhados pelo sr. Guillaume, entramos naquele salão enorme, ricamente iluminado com candeeiros a gás, repleto de mesas redondas, onde duas ou três centenas de espíritas nos esperavam. As pessoas estavam ali com sorrisos rasgados no rosto, oferecendo uma salva de palmas espontânea à nossa entrada – o que nos deixou um pouco constrangidos, não é verdade, Amélie? Não estávamos habituados a manifestações tão calorosas, ainda mais vindas de tanta gente.

Era um ambiente magnífico. Sobre as mesas resplandeciam as porcelanas dos pratos e das terrinas, bem como os copos de cristal, enfeitados pelos reflexos brilhantes da luz branca. No ambiente descontraído, o serviço era de qualidade notável, trazido por inúmeros criados, garantindo que todos os convivas tivessem sempre o que comer e beber, enquanto contavam histórias e partilhavam experiências. Aquela noite quente de fim de verão era uma celebração do caminho que havíamos percorrido juntos, não apenas nós dois, mas todos os que se dedicavam ao Espiritismo. Significava uma pausa para olhar para trás e ver que realmente tudo tinha valido a pena e que agora a doutrina crescia e multiplicava-se por si mesma, espalhando-se

com naturalidade e força, por conta de seu elevado conteúdo moral, de justiça e de fraternidade. Nenhuma outra doutrina filosófica tinha alcançado a dimensão do Espiritismo, justamente pelos princípios universais de amor e de partilha que ele divulgava, somado à premissa de uma evolução permanente e à revelação de existências múltiplas, destinadas a um progresso permanente da alma, rumo à perfeição, rumo a Deus, em todo o Seu sentido.

Era uma noite de alegria não apenas para nós que marcávamos presença física, mas também para todos os espíritos que estavam conosco, felizes por sentirem que a sua mensagem tomava um corpo cada vez maior, atingindo um volume capaz de fazer frente a todas as contrariedades, a todos os percalços e a todos os opositores, fossem eles feitos de carne ou espírito.

Ao final da noite, animado pelo seu encorajamento, subi a um pequeno palanque instalado para os discursos e, diante de uma plateia silenciosa e atenta, dirigi-me aos lioneses espíritas, recordando, enquanto via olhos brilhantes e rostos cheios de esperança, que também eu era um lionês. Quando terminei, um coro de palmas ecoou no salão. Ver toda aquela gente de pé, junto a você, oferecendo-me tamanha ovação era uma maravilhosa prova, mais uma entre tantas. Era a prova de que tudo valera a pena.

Depois do banquete, permanecemos mais alguns dias em Lyon, participando de atividades da Sociedade local, ajudando na orientação dos trabalhos. E, quando pensávamos em regressar a Paris, chegou um convite da Sociedade Espírita de Saint-Étienne – que tomara conhecimento da nossa presença na cidade vizinha —, para que também visitássemos as suas instalações.

Por todo o lado surgiam sociedades seguidoras do nosso trabalho, e era um prazer conhecê-las. Assim, não só nos reunimos com os espíritas de Saint-Étienne, mas também com os de Mâcon e Sens, no caminho de regresso à capital. Um tour riquíssimo em experiências, que acabou nos mostrando quanto a doutrina estava viva.

Quando finalmente chegamos a Paris, estávamos extenuados pela longa jornada. Mas o esforço era uma condição obrigatória para cumprir o dever que me fora confiado. O vislumbre dos resultados era uma recompensa tão

grande que justificava toda a estafa, todas as noites maldormidas, todos os desconfortos terrenos. Um dia a nossa alma haveria de colher os frutos do sacrifício do corpo, essa era uma certeza que nos movia.

DE VOLTA A PARIS, era hora de retomar os trabalhos, não apenas na Revista Espírita – cujos artigos fui preparando durante a estada em Lyon –, mas em outra obra que já vinha preparando havia algum tempo e que começava a entrar em fase de conclusão. Imaginei-a como uma espécie de manual de instruções, um guia de apoio aos médiuns e aos que, embora tendo as faculdades mediúnicas, não as exploravam por não saberem como.

Era O Livro dos Médiuns, como você sabe, uma das obras fundamentais do Espiritismo e que consegui produzir ainda em vida. O espírita mais desatento poderia até imaginar que este seria um livro de curto alcance, destinado a um público restrito, levando em consideração a suposta raridade de pessoas com a faculdade de nos colocar em contato com o mundo dos espíritos. Nada mais falso, como explica o próprio livro, no capítulo “Dos Médiuns”:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, em maior ou menor grau, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Esta definição dava à mediunidade um sentido abrangente, aumentando de forma considerável todos aqueles neste mundo que poderiam ser considerados médiuns. Era uma revelação poderosa, sobretudo para aqueles que sentiam ou já tinham sentido alguma vez na sua vida qualquer sinal da

influência dos espíritos, sem por isso terem desconfiado de que poderiam ser considerados médiuns.

Em nossa própria casa, a definição não era encarada como algo de simples aceitação e interpretação, pelas consequências que ela continha em si mesma.

— Quer dizer que também posso ser médium? — você me perguntou, enquanto lia o manuscrito, um hábito muito seu, por não conseguir esperar até a publicação do livro.

— Não só pode como o é, em certa medida. Dada a sua vivência no meio espírita, até pode ser considerada mais dotada que muita gente. O que não quer dizer que tenha a faculdade desenvolvida, assim como eu não tenho.

— Mas poderia desenvolvê-la e passar a intermediar o contato com os espíritos — concluiu, já se imaginando dirigindo sessões mediúnicas entre nós ou na Sociedade.

— Não sei se compensaria o esforço.

— E por que não? — você perguntou, desconfortável.

— Porque se fosse uma faculdade inerentemente sua, ela já teria se manifestado há muito tempo. Provavelmente na infância, como aconteceu com Ermance, por exemplo.

— Mas se os espíritos dizem que qualquer um de nós pode ser médium...

— Até certo ponto, sim. Qualquer um pode pintar, ou cantar, ou tocar um instrumento musical. Isso não significa, porém, que o talento para qualquer uma dessas atividades esteja ao alcance de todos.

— Ora, eu sempre tive uma boa capacidade para aprender — disse, levemente contrariada.

— Claro que teve, minha querida. Para aprender e sobretudo para ensinar. Mas, quando não se tem predisposição natural para determinada capacidade, não é possível alcançar o mesmo nível de resultado de outros

que já nascem dotados para ela. A mediunidade é assim. Eu tenho perfeita consciência de que nunca poderia ser um médium. E, perdoe-me a franqueza, penso o mesmo de você.

— Não pode ter certeza — retorquiu você, com o orgulho ferido.

— Pode sempre tentar gerar algum tipo de manifestação.

— Talvez já o tenha feito... — deixou escapar, para me despertar curiosidade.

— Ah, foi? E que resultado obteve?

— Você nunca tentou erguer uma mesa? — perguntou-me, de repente.

— Já disse que não tenho dotes mediúnicos desenvolvidos.

— Não foi isso o que perguntei, sr. Allan Kardec.

— Que tinha eu a ganhar com tais experiências, sabendo de antemão qual seria o resultado?

— Suas respostas são sempre tão racionais, como se estivesse respondendo a algum crítico de jornal.

— De que forma gostaria que eu respondesse?

— Com o coração, querido. Apenas para mim e para mais ninguém. Confesse: nunca teve a curiosidade de evocar os espíritos? De tentar erguer uma mesa no ar, fazê-la dançar?

— Se fizesse algo do tipo, seria um mero exercício de vaidade. Colocar os espíritos à prova nunca traz bons resultados.

— Eu já o fiz — você confessou.

— Fez o quê?

— Quis levantar uma mesa. Com as minhas mãos pousadas sobre ela, sem exercer nenhuma força, como fazem os médiuns.

— E conseguiu?

Você me olhou em silêncio, fazendo suspense, apenas observando minha reação, antes de responder:

— Você sabe a resposta. Pode me censurar à vontade.

— Sua curiosidade é natural.

— Sim, tenho a curiosidade de fazer essas tolices e pôr os espíritos à prova. Ao contrário de “outros”...

— Não sou menos humano que você, se é o que quer saber. Também erro, também cometo falhas. Se digo que não acredito que tenha faculdades mediúnicas, não é para minimizar suas capacidades, que são vastíssimas e admiráveis e continuam a me surpreender desde o dia em que a conheci. A questão é que ser médium não é nada especial em si, nem deve considerado algo vantajoso ou desejável. É precisamente o contrário: ser médium é ser desinteressado pelas comunicações com os espíritos, é fazê-las de forma neutra, sem expectativas, como a realização de um ato fisiológico qualquer, que se faz porque se faz. Se você fosse médium, eu faria uso da sua faculdade como faço com os médiuns que conheço, mas a única vantagem seriam os aspectos práticos. Não teria de participar de sessões do outro lado da cidade, não teria de sair de casa em noites de chuva e frio para presenciar manifestações espíritas. Mas esses são detalhes desimportantes. Acima de tudo, se você fosse médium, não deixaria de ser Amélie, a mulher que eu amo.

— Ah, meu querido, às vezes sinto que tudo isso é tão complicado... — Você suspirou, enquanto se aproximava de mim, para se aconchegar no meu abraço.

Você tinha razão. Havia momentos em que o ânimo se enfraquecia e a moral filosófica do Espiritismo colidia com as nossas fraquezas humanas, nossas dúvidas, o questionamento daquilo que julgávamos já absoluto.

Também as minhas certezas às vezes ficavam abaladas por emoções de natureza terrena, e apenas relendo as mensagens dos velhos espíritos conhecidos conseguia restabelecer os meus objetivos e propósitos, recuperando fôlego para prosseguir na missão.

Naturalmente, dúvidas, incertezas e medos eram coisas que povoavam o pensamento de tantos médiuns pelo mundo; sentimentos humanos que, apesar da luz trazida pela publicação de O Livro dos Espíritos, persistiam em momentos de fraqueza pela complexidade do alcance e do significado da doutrina. Não vivíamos mais uma fase experimental, de manifestações físicas assombrosas para trazer à consciência coletiva a presença dos espíritos desencarnados entre a vida terrena. As mesas girantes foram apenas o começo, um despertar para algo muito mais profundo e importante.

A ação dos espíritos sobre a matéria — que tive o cuidado de incluir em O Livro dos Médiuns, para ajudar na compreensão dos mais inexperientes — jamais poderia ser um objetivo da doutrina. A ação física sempre foi apenas um meio, um preâmbulo do que estava por vir. Sobre esse aspecto, os espíritos falaram: segundo eles, o período da curiosidade tinha passado. Iniciava-se um segundo período, o da filosofia. No futuro, viria o terceiro, que era sua aplicação à reforma da humanidade. Mas, antes, o Espiritismo teria de se submeter a uma das maiores provações de sua história.

O inferno das fogueiras estava para chegar.

Chegado o verão, voltamos a receber um convite dos nossos irmãos lioneses para nos juntarmos a eles em um jantar de honra. Era chegado o momento de voltar à estrada, uma atividade a que nos acostumaríamos muito bem nos anos seguintes.

O Espiritismo em Lyon havia se transformado de forma dramática de um ano para o outro. Não eram mais centenas os espíritas da cidade, mas milhares. Tinha ocorrido um crescimento ímpar do número de adeptos na região, fruto da popularidade que a doutrina vinha ganhando: depois de começar a ser estudada e praticada pelas classes superiores, agora chegava

às classes operárias, oferecendo seus efeitos benéficos, seu consolo e sua esperança.

Animados pela perspectiva da nova jornada, começamos a planejá-la metodicamente, concordando que desta vez deveríamos aproveitar por mais tempo as nossas paradas no meio do caminho, como Sens e Mâcon, onde o Espiritismo também crescia.

— Que dirão os espíritos sobre o aumento no número de adeptos? — você perguntou a certa altura, como se pensasse em voz alta, durante os nossos preparativos para a viagem.

— Com certeza isso deve deixá-los bastante satisfeitos — respondi. — Nesse ritmo, rapidamente a doutrina terá milhões de seguidores no mundo.

Você ficou em silêncio por um momento, pensativa, e, por fim, disse, pousando a mão sobre a minha:

— É maravilhoso ver a estima que têm por você. Gostaria de poder levar algo especial a eles, como agradecimento.

— Sabe bem que sua presença é motivo de felicidade o suficiente.

— Sim, mas se pudéssemos dar-lhes algo novo, único... Imaterial, que viesse dos espíritos, entende?

— Uma mensagem? — perguntei, refletindo sobre a ideia.

— Exatamente! Uma mensagem nova, que um espírito superior pudesse dedicar aos espíritos lioneses, a qual lhes transmitiríamos.

— É uma bela ideia — concordei. — Um presente diferente, imaterial, como disse. Parece um gesto tão nobre que acredito haver espíritos dispostos a falarem aos nossos companheiros por nosso intermédio.

— Sim. Quem seria o médium mais indicado?

Lembrei-me do sr. D'Ambel, um dedicado e indefectível espírita, com enormes capacidades mediúnicas. Era um dos mais discretos e

desinteressados médiuns que conheci, o que lhe permitia transmitir mensagens dos espíritos mais notáveis que a Sociedade Parisiense teve a felicidade de ouvir.

Dias depois, abordei-o sobre o assunto, sugerindo que combinássemos uma sessão privada para saber se algum espírito estaria disponível para dedicar uma mensagem aos espíritas lioneses. Mas quem evocar?

— Por que não Erasto, sr. Kardec? — sugeriu o médium.

Ele falava de Erasto de Paneas, um dos setenta discípulos mencionados no Evangelho de Lucas, tesoureiro da Igreja de Jerusalém e consagrado bispo de Paneas, na Palestina. Através do sr. D'Ambel, nossas sessões já tinham contado com sua presença.

Concordei com a sugestão e marcamos a sessão. Quando o médium evocou o espírito, pedi a ele algumas palavras para alegrar o coração dos nossos irmãos lioneses, vindo de um espírito tão superior como o de Erasto. Para nossa satisfação, ele aceitou o pedido, oferecendo um texto com uma rica epístola, exaltando tanto os seguidores da doutrina em Lyon como valores fundamentais como a igualdade, a caridade e o amor. Numa prosa cheia de referências ao passado e à história da cidade, Erasto presenteou os espíritas lioneses com um documento magnífico. Foi uma honra para mim testemunhar sua redação e levar a mensagem para oferecê-la de coração aberto aos destinatários.

Partimos num novo périplo para confirmar com os nossos próprios olhos a explosão de adeptos a que o Espiritismo assistia, em particular na minha cidade natal. Os grupos se multiplicavam em pequenas unidades, dedicadas ao estudo e à reflexão, partilhando experiências e aprendizagens entre si. Alguns desses núcleos eram mais antigos, outros recém-formados, mas todos pareciam interessados em compreender e aplicar os ensinamentos da filosofia espírita.

No novo banquete, tanto velhos quanto novos amigos se mostraram firmes na certeza de que fora da caridade não há salvação. Dirigi um novo discurso aos irmãos, como você se recorda, e terminei a intervenção com a

mensagem de Erasto, que todos escutaram conscientes de que naquele discurso estava o saber acumulado por mil e oitocentos anos.

Deixamos Lyon em êxtase, mas ainda não era hora de voltarmos para casa. Primeiro, era preciso visitar outro grande centro urbano em que o Espiritismo se tornava cada vez importante e de onde nos chegavam muitas cartas, prova da vida intensa que a doutrina assumia ali: Bordeaux.

Ainda que a tradição espírita fosse bem mais recente em Bordeaux do que em Lyon, nem por isso era menor a intensidade com que era celebrada. Através do sr. Sabò, um dos maiores nomes da doutrina naquela cidade, assistimos a inúmeras sessões espíritas. Um aspecto importante nos centros espíritas de Bordeaux era a inexistência de divisões sociais nas sessões. Num mesmo grupo havia adeptos da classe operária, que conviviam e discutiam com elementos dos estratos mais elevados da sociedade, estes deixando os seus títulos à porta e tratando os seus pares de igual para igual, tal como somos aos olhos de Deus.

Todo o cansaço da viagem – já não éramos duas crianças, minha querida Amélie! – era compensado pela alegria de conhecer gente tão aberta, cuidadosa em não dar ouvidos aos falsos espíritos, inteligente para exultar e colocar em campo os ensinamentos dos verdadeiros, de ordem superior. Numa agenda apertada e sem tempo para pausas, o nosso amigo sr. Sabò apresentou-nos também diversos médiuns, um dos quais inesquecível.

Eu me refiro àquela jovem de dezenove anos, filha de um pintor, eleita pelos espíritos para trazer ao mundo terreno um enorme quadro planetário, verdadeiramente notável, sobretudo considerando que a pequena não sabia o que era o Espiritismo quando começou a executá-lo.

— Ele diz que devo oferecer o quadro à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sr. Kardec — disse a jovem, numa sala contígua ao ateliê do pai, onde estava fixada na parede a grande tela, com dois metros de altura por dois de largura.

Com um traço perfeito, a médium fazia diante dos nossos olhos círculos geométricos com um lápis negro. Aquele estranho cosmos incluía formas

circulares, cônicas e espirais; era uma composição inquietante, que revelava algo do nosso universo impossível de ver da Terra.

— Ele quem? — perguntei, enquanto a médium seguia com seu trabalho, concentrada.

— Hoje sei que é um espírito — respondeu, sem virar para trás. — Eu não sabia nada disso até que ele me fez escrever uma explicação para eu entender quem era. Está aí nessa mesa — disse, apontando com o lápis para um canto.

Sobre uma mesinha havia um maço de folhas, que tomei entre as mãos: era um pequeno manual descritivo da doutrina, explicando o que são os espíritos, a multiplicidade de existências e a reencarnação, as leis e os princípios morais, uma série de apontamentos claros, como se fosse um livro de iniciação ao Espiritismo. Era incrível como o espírito quisera instruir e dotar de conhecimentos básicos a jovem médium, para que ela soubesse transmitir, tal como era sua vontade, as suas visões, os seus entendimentos e os mistérios que ele pretendia revelar.

— Daqui a uma semana penso que já estará terminado. Acredita que eu não comando a mão que desenha? Ele é que se encarrega de colocar na tela o que bem entende. Confesso que não faço ideia de como ficará o trabalho final, mas todas as manhãs, quando entro aqui, não deixo de ficar surpresa com esta obra. Onde será que fica esse lugar, sr. Kardec?

Na ocasião, eu não soube responder a ela. Minha visão do mundo era limitada, capaz de ir apenas até onde o trem pudesse me levar. Pedi à menina que agradecesse ao espírito pela maravilhosa oferta que fazia à nossa Sociedade.

Quando regressamos, aguardava-me em casa, entre a imensa quantidade de correspondência, uma carta de despedida do meu amigo Maurice Lachâtre. Foi um dos indivíduos mais livres que conheci durante a minha existência terrena; um ser maior, que amava e defendia a liberdade de expressão acima de qualquer coisa. Tinha sido alguém que lutava pelos ideais de justiça e

pelo direito ao conhecimento, nobre e bom demais para poder viver sob um regime totalitário como aquele em que vivíamos, centrado na figura do nosso imperador – para quem alguém como Maurice, por suas ideias progressistas, representava uma ameaça.

Qualquer ditador abomina a liberdade de expressão, teme-a como os morcegos temem a luz do sol. O homem que a tudo e a todos quer controlar, aferrado ao poder, sabe que as palavras certas, mesmo que não surtam efeito imediato, entram na consciência humana, tornam-na atenta e viva, despertam-na para outras possibilidades, outros regimes de governo. O pensamento é o único lugar realmente privado do ser humano, aquele onde não há espião ou máquina que seja capaz de escutar. Ali o homem é livre para desenvolver os ideais, fazer julgamentos e decidir o que quer, sem ter de prestar contas a ninguém. Por isso, homens como Maurice Lachâtre são tão perigosos nas sociedades sem liberdade. São eles que semeiam as ideias, tocam os pensamentos, acordam as consciências. O ditador governa com base na ignorância e no medo do povo. A liberdade de expressão põe em perigo esses dois pilares fundamentais do seu poder. Sem eles, o ditador cai.

Maurice, que além de pensador era também escritor e editor, foi condenado a cinco anos de prisão pela publicação do Dicionário Universal Ilustrado, obra dedicada ao conhecimento que, segundo a acusação que lhe foi tecida, era uma ofensa ao império. A prisão tinha sido decretada sob uma pobre e triste justificativa, como era do conhecimento de todos, a fim de calar uma das vozes mais incômodas da classe pensante parisiense. Ante a iminente prisão, Maurice tinha fugido para Espanha e se instalado em Barcelona, a salvo dos imperiais que lhe queriam mal. Lá se tornou livreiro, uma nobre atividade da qual sempre gostou, prosseguindo seu trabalho de divulgação das mais importantes obras que o espírito humano já produziu.

Apesar da distância, o nosso amigo nunca nos esqueceu, tendo tido o cuidado de nos enviar aquela longa carta, explicando o contexto de tão abrupta partida e lamentando a impossibilidade da devida despedida. Como amante das ideias e do progresso, Maurice era um profundo conhecedor da Doutrina Espírita e das obras que eu e outros autores trouxemos ao conhecimento do público geral. Ainda que ele próprio não se considerasse um espírita, reconhecia – pelo estudo e pelo conhecimento aprofundado dos

seus princípios – o elevado valor moral da doutrina, além do seu natural impacto positivo na sociedade.

Por esse motivo, o livreiro fez questão de introduzir no país onde se estabelecera as principais obras do Espiritismo, para que os interessados na doutrina tivessem ao alcance matéria de estudo que ainda não tinha atravessado a fronteira. Reconhecendo o mérito da ideia e o impacto positivo que a iniciativa teria para o Espiritismo, tratei de levar a Didier, meu editor, a encomenda de obras necessárias ao livreiro. Além de O Livro dos Espíritos, de O Livro dos Médiuns e do texto O que é o Espiritismo, Maurice pedia exemplares de Joana D'arc, por ela mesma, título psicografado pela nossa querida Ermance, alguns números da Revista Espírita e documentos como o Fragmento de Sonata, ditado pelo espírito de Mozart. Em resumo, algumas das obras mais importantes do Espiritismo.

Reunidas todas as cópias, que somavam centenas de exemplares, os livros seguiram para Barcelona numa enorme caixa de madeira forrada, de modo a proteger a preciosa mercadoria. Ela foi expedida no mês de setembro, e em pouco tempo estaria disponível aos espíritas espanhóis, para que dela pudessem fazer bom uso. Mas a carga nunca chegaria ao seu destino.

MEU CARO ALLAN KARDEC,

*Espero que não me tome por mal-agradecido depois da generosa oferta que me fez, capaz não apenas de ajudar nestes primeiros tempos do meu negócio como também de difundir a doutrina da qual você é o expoente máximo neste mundo material, tão necessitado da moral que advoga. A verdade é que tardei em escrever porque ainda não tenho comigo a encomenda que enviou. Os trâmites habituais da alfândega bloquearam-na por algum tempo, durante o qual tive de tratar dos devidos procedimentos burocráticos e respectivos pagamentos a fim de liberá-la. Porém, quando eu julgava que tudo estava já tratado e regularizado, eis que recebo uma notificação informando-me que a carga foi confiscada por ordens superiores. Como deve calcular, fiquei intrigado com a situação, sobretudo porque não me foi apresentada nenhuma justificativa. Decidido a esclarecer o assunto, desloquei-me mais uma vez à alfândega, para descobrir que o confisco fora ordenado por ninguém menos que o bispo de Barcelona, d. António Palau y Termens. Emissários seus haviam violado a encomenda e levado um exemplar de cada livro ao bispo, para analisar o seu conteúdo.*

*Hoje, no dia em que escrevo estas linhas, foi-me comunicado que o bispo decretou a destruição de todos os livros por intermédio do fogo, numa cerimônia pública a realizar-se em breve nesta cidade. Uma ordem do Santo Ofício, contra a qual nada posso fazer. Como deve calcular, a minha chegada recente e as circunstâncias nas quais tive de abandonar o nosso país não me dão qualquer margem de influência nesses assuntos, sobre os quais não posso fazer nada senão aguardar seu desenrolar. Rogo que me ajude uma vez mais a resolver esta situação tão singular e surpreendente, que não parece deste século, mas de um outro passado, quando a Igreja mandava na sociedade civil e decidia sobre os seus costumes e suas liberdades.*

*Deste teu amigo,*

*Maurice Lachâtre*

A carta nos deixou boquiabertos. Então, em pleno século xix, em tempos pontuados pela evolução da técnica, do conhecimento, dos direitos e das liberdades do Homem, o Santo Ofício ainda operava na Espanha, transformado em censor público, intrometendo-se no controle alfandegário e violando as regras de comércio internacional?

Furioso, decidi escrever ao cônsul francês em Barcelona, reclamando o material. Se a tacanhez do bispado não permitia que os livros entrassem na Espanha, então que os enviassem de volta a mim. O que eu não podia tolerar era a destruição de propriedade privada, sobre a qual o sr. bispo não tinha quaisquer direitos.

— Pobre Maurice — disse você, ainda incrédula com toda a situação. — Mal começou a tentar refazer a vida e já o perseguem novamente.

— Isto não é contra Maurice — disse, sentando-me à mesa e me preparando para escrever ao cônsul. — É contra o Espiritismo, em toda a sua essência.

A resposta não tardou. Segundo o cônsul, o bispo estava determinado a destruir as obras, consideradas uma ofensa à Igreja, e não servia de nada o apelo de devolução do material, pois ele seria incinerado no dia nove de outubro.

— Que farei agora? — indaguei, confuso, incerto sobre a melhor forma de proceder.

— Por que não consulta seu guia espiritual? O Espírito da Verdade saberá dizer o que deve fazer.

Era a melhor opção, sem dúvida, que mais uma vez você me indicava, Amélie. A Verdade haveria de me mostrar o caminho certo diante de um impasse tão melindroso e tão singular na história do Espiritismo. Para

escutar o espírito, convidei como médium o sr. D'Ambel. Ele prontamente aceitou o chamado, indo até nossa casa para uma consulta particular.

À mesa da nossa sala, ao redor da qual nos sentávamos os três, o médium evocou então o meu guia, que logo se manifestou. O espírito reconheceu os meus direitos, mas, em vez de me indicar o caminho da disputa legal ao abrigo das leis dos homens, aconselhou-me deixar o auto de fé tomar o seu rumo. A repercussão de tal acontecimento teria um impacto tão grande na divulgação da doutrina que valia a pena o sacrifício de alguns volumes.

Decidi fazer conforme me aconselhou a Verdade. Para tranquilizar o nosso amigo Maurice, enviei uma carta pedindo que aguardasse o cumprimento da sentença do bispo, sem interferências. Tudo o que havia a ser feito era esperar pacientemente e confiar na orientação do Espírito da Verdade.

A razão não conseguia, porém, acalmar o meu desassossego interior, e nessa noite me recolhi ainda refém de uma ansiedade angustiante, que me deixou acordado por muito tempo. Revolvi-me na cama, com o coração aos pulos, até ficar exausto.

Já eram as primeiras horas da madrugada, quando finalmente o sono veio...

— Acorda, maldito!

Uma voz grotesca faz-me estremecer de medo. Sinto a terra fria e úmida sob o meu corpo gelado, envolto num lençol esburacado e velho. Estou trancado numa cela escura, de paredes de pedra e uma porta de grades de ferro, por onde chega a luz do amanhecer. É uma luz cinzenta e feia, como o pelo das ratazanas que passeiam na terra diante de mim. Julgo ter visto os olhos desses animais brilharem no escuro, durante a noite, ou talvez fosse apenas um delírio. Tento lembrar-me de como vim parar aqui, mas não consigo. O corpo treme e sinto arrepios. Devo ter febre.

Ouço a porta ranger, e uma silhueta surge entre o umbral e o exterior. É o meu carcereiro. Parece vestir um traje de cerimônia, com um capuz que lhe cobre a cabeça. Por instinto encolho-me no meu canto, e então sinto os

ferros que me apertam os tornozelos. Vejo minhas pernas magras e cobertas de chagas. Há quanto tempo estou aqui?

Entra o carcereiro, seguido de outros dois homens, envergando os mesmos trajes. Um deles empunha uma tocha, que aproxima do meu rosto, ferindo-me a vista com o clarão de luz repentino. Vejo que trazem cruzes de Cristo ao peito.

— Chegou a tua hora — diz um deles, desapertando-me as grilhetas dos tornozelos.

Tento erguer-me, mas as forças fogem-me, e não consigo sair do meu lugar. Sinto dores no corpo todo, e a boca tão seca que os lábios fendem-se em rachaduras dolorosas. Peço um pouco de água, mas não tenho resposta. De repente, sinto as mãos dos homens tomarem-me pelos braços, para me levantarem à força. Mal consigo me manter em pé.

— Anda — ouço dizer, ao mesmo tempo que sinto um empurrão nas costas, atirando-me na direção da saída. — Lá fora estão todos à tua espera.

Caminho vacilante até a porta, apoiado nos ombros dos meus captores. A luz do novo dia incomoda-me e, fraco, desvio o rosto para o chão. Os meus pés descalços caminham sobre uma laje de pedra polida e fria. À minha volta, um rumor de vozes ergue-se no ar, assim que deixo a cela. Ergo os olhos e vejo uma multidão de gente a toda a volta, sussurrando baixinho, como o vento que assobia.

Estou no pátio de uma prisão ou de um forte, todo em pedra, de janelas estreitas, rodeado de celas iguais àquela que antes me encerrava. Ao longe, vejo o contorno de montanhas, escondidas entre a névoa gelada que passeia pelo ar. À minha frente, a multidão abre um corredor para a minha passagem e, apesar de procurar ver os seus rostos, não consigo distinguir as suas formas ou feições. Ao fundo do corredor, vejo um pedestal elevado, de onde se ergue uma trave de madeira vertical.

— Adiante, herege!

Avanço lentamente através da multidão. Por alguns momentos um silêncio de morte varre todo o pátio; mas logo aqui e ali começo a ouvir injúrias entre os rostos que não vejo. Insultam-me, empurram-me, cospem em mim enquanto caminho. De repente começam a atirar livros contra mim, pesados volumes que me acertam com violência, caindo aos meus pés. Pelas capas reconheço os títulos. São as minhas obras. Os insultos sobem de tom, e uma gritaria estridente ergue-se da multidão.

Quando estou chegando ao pedestal, vejo uma mesa que se coloca à direita, atrás da qual se sentam três sacerdotes. Sobre a mesa está um livro aberto e um crucifixo. São inquisidores do Santo Ofício. O que está ao centro levanta o braço e, com um gesto, silencia a multidão. Em seguida, voltado para mim, pergunta-me:

— És tu aquele que fala com os mortos?

Tento responder-lhe, mas nada consigo dizer. Apesar da minha boca se mover desesperada, procurando argumentar uma defesa, nem uma palavra sai dali. Começam a escorrer lágrimas pelo meu rosto. Os inquisidores entreolham-se, admirados. E então o do meio volta a falar:

— Cometeste graves heresias, e por isso serás punido. Que o fogo te consuma, a ti e aos teus pecados.

A um sinal seu, os homens de capuz agarram-me e obrigam-me a subir ao pedestal. Apertam-me as mãos atrás do poste com grilhetas. Vejo do alto, à minha frente, um mar de gente em frenesi. Os meus carrascos começam então a espalhar livros aos meus pés, formando uma pira gigantesca.

Nesse momento, um vulto surge da multidão se coloca diante de mim:

— Os cinquenta mil francos que te dei? Que fizeste com eles?

É uma voz familiar e severa, que me trespassa como uma lança. Ergo o olhar ao longe e reconheço, ao cimo do pátio, o castelo de Yverdon.

— Pai!!!

Eu gritei, desesperado, e nós dois, eu e você, despertamos com um grande susto. O meu corpo estava coberto de suor e a respiração atropelava-se numa cadência sufocante.

— Desculpe — disse-lhe, sentado na beira da cama. — Tive um pesadelo.

Lá fora, o dia começava a nascer por entre os telhados da cidade. Em poucas horas, na manhã daquele mesmo dia, iria começar o auto de fé de Barcelona.

Preocupada com o meu estado de ansiedade, você decidiu pedir ao sr. D'Ambel que viesse à nossa casa ao fim do dia, para que através dele os espíritos nos pudessem relatar os acontecimentos na Espanha. Com efeito, eu andava uma pilha de nervos. Passei o dia inteiro no apartamento, caminhando em círculos, imaginando o que estaria acontecendo em Barcelona. Era penoso estar tão distante e saber que algo tão cruel e profundamente errado estava acontecendo: um ato público que me machucava em particular, não apenas por envolver o Espiritismo por meio das suas obras essenciais, mas também por serem os meus próprios livros ali expostos, tratados de forma desrespeitosa e vil.

Por fim, a noite caiu e, depois da ceia, na qual mal tocamos, chegou o médium.

— Aqui estou, como combinado.

— Entre, meu caro — disse, apressado, encaminhando-o para a sala.

O sr. D'Ambel sabia da importância do tema e quanto me preocupava, então se dirigiu a seu lugar habitual à mesa sem puxar nenhum assunto. Quem quebrou o silêncio foi você.

— Muito obrigada por ter vindo, sr. D'Ambel. Meu marido e eu sofremos muito ao longo do dia, na expectativa de saber algo sobre o assunto de que

lhe falei.

— Compreendo perfeitamente, madame. Vamos evocar os espíritos e saber o que terão a nos dizer sobre as últimas horas em Barcelona.

Dito isso, o médium evocou um espírito familiar, questionando-o prontamente sobre o auto de fé. A resposta não se fez tardar:

— *A sentença foi cumprida, conforme anunciado, às onze horas da manhã, na cidadela.*

Trocamos um olhar sobressaltado e, num reflexo, as nossas mãos procuraram-se sobre a mesa, entrelançando-se. Com você ao meu lado, respirei fundo, e, com o olhar cerrado, comecei a interrogar o espírito.

— Quem executou a sentença?

— *Ao local compareceram um sacerdote, um escrivão e seu ajudante, bem como um alto funcionário da alfândega, acompanhado de três serventes. Compareceu ainda um agente da alfândega, representante do proprietário das obras condenadas pelo bispo. Era o seu representante, Allan Kardec, a interpretar uma grande farsa, colocado ali não para defender os seus interesses, mas para tranquilizar consciências seguidoras de regras estabelecidas por hipócritas e falsos zeladores dos bons costumes.*

Pela minha cabeça desfilavam as imagens dos inquisidores, tal como os tinha visto no meu terrível pesadelo da véspera. Pedi ao espírito que me descrevesse que lugar era aquele onde tudo aconteceu, ao que ele respondeu:

— *O local escolhido para o evento foi um lugar desprezível, onde são executados os condenados à morte. É uma área muralhada dentro da cidade, com portões de ferro e torres de vigia, cercada por um fosso, como uma construção medieval e deslocada do seu tempo. O propósito do auto de fé, como deve imaginar, não era a destruição dos livros em si: quantas cópias saíram já das tipografias e quantas mais sairão? O cerimonial montado à sua volta estava na verdade destinado a atrair tanta gente quanto possível.*

— Havia muita gente assistindo?

— *Você não imagina! Quantos foram aqueles que se deslocaram à cidadela para presenciar o reacender da fogueira inquisitorial! O recinto se fez pequeno para receber tantas centenas de pessoas, que acorreram em massa assim que correu pela cidade a notícia do auto de fé. Tal como nos tempos da Idade Média, o povo era animado por um estranho prazer com a destruição, o consumo pelas chamas, a morte, não de alguém vivo, mas do conhecimento impresso nas folhas de papel ali subjugadas a uma condição proibida.*

Por causa desse lado proibido o Espírito da Verdade me aconselhara a deixar o ato avançar. Era isso que tornava o interesse tão vivo. O fruto proibido se instala nas ideias dos homens, que não descansam enquanto dele não tiverem provado. E, antes que eu pudesse formular alguma questão, o espírito prosseguiu:

— *Mas antes da queima, o cerimonial seguiu seus trâmites. O padre inquisitorial que presidia a cerimônia vestia trajes solenes, empunhando em uma das mãos uma cruz e na outra uma tocha; a acompanhá-lo estava o escriba, para redigir a ata do auto de fé, ditado pelo primeiro:*

*“Eis aqui, diante de vós, as obras do demônio, trazidas clandestinamente ao nosso território, introduzidas com o único propósito de desviar as almas cristãs para os caminhos do pecado! Dezenas de volumes repletos de blasfêmias, ofensas graves às leis de Deus que a Santa Igreja condena e persegue, em nome da proteção dos seus fiéis. Este amontado que aqui veem é um incitamento à invocação dos mortos, pecado grave, como nos foi dito pelo profeta Moisés em seus ensinamentos. Livros blasfemos, escritos por falsos profetas, querendo impor através de mentiras as suas religiões pagãs, obscenas no conteúdo e nas ideias. Cuidem de se manter afastados de tudo o que vier dessa seita dita espiritualista, que se dedica a impressionar os incautos e os ignorantes com os seus truques de suposta comunicação com aqueles que já partiram. Grave ofensa a Deus, essa de invocar as almas em seu eterno descanso, prática ao nível da bruxaria e da magia, inimigas da fé e das virtudes. Assim, por decreto da Santa Igreja, pontificada nesta cidade pelo nosso bispo d. António Palau y Termens, a*

*quem coube a condução do processo culminado neste ato que hoje se cumpre, compete a esta comitiva cumprir a ordem estabelecida”.*

— Meu Deus, como é que isso pode ter acontecido no nosso tempo? — você perguntou, tão chocada quanto eu com aquilo que o espírito nos dizia.

— *A intolerância e a estupidez humana não têm época nem limite* — escreveu o médium, diante de nós.

— Por favor, continue o relato — pedi. — Quero saber cada pormenor deste dia.

— *Pois bem, eu te conto, Allan Kardec. A um sinal do padre, os três serventes da alfândega aproximaram-se do amontoado de livros, empunhando tochas acesas, as quais pousaram junto da base, logo incendiando a pilha. Nesse momento também o padre atirou a sua tocha sobre os livros, e então uma grande labareda subiu ao céu, consumindo vorazmente as páginas das obras que lhe serviam de combustível. Impressionado com as chamas, o público ao redor presenciava silencioso, com os olhares fixos no papel que ia se retorcendo e subindo no ar, em pequenas fagulhas que logo se apagavam. Um calor abrasador afogueava seus rostos, e um brilho de terror e fascínio cintilava em seus olhos. A multidão ficou em silêncio, durante os longos minutos em que o fogo crepitava no ar, até que os livros começaram a dar lugar a um amontoado de cinzas e papel queimado, reduzindo a intensidade do fogo, que começou a se extinguir. Então, a multidão, que parecia sob o efeito de um transe, começou a voltar a si, compreendendo o real significado do que acabara de testemunhar, entendendo que aquelas cinzas não eram os restos de uma ameaça qualquer, mas os da sua própria liberdade, chamuscada pelos resquícios de uma Igreja judiciosa e perseguidora, julgada extinta havia muito tempo. “Abaixo a Inquisição!”, alguém gritou, anônimo, entre o povo.*

— Incrível — deixei escapar, como se falasse para mim mesmo. — E o que a multidão fez, então?

— *A multidão acordou com aquele grito, e logo outros gritos de raiva se sucederam contra a comitiva inquisitorial, cuja postura passava de uma*

*altivez arrogante para o medo, estampado nos seus rostos transfigurados. Entre improperios e ameaças, o padre inquisidor e seus acompanhantes fugiram apressadamente da praça, apanhados de surpresa pela reação de um povo que, afinal, era livre e protetor da sua liberdade, intolerante a retrocessos civilizatórios como o que aquele auto de fé representava.*

*Num gesto espontâneo, o povo acorreu então à pilha de cinzas e pôs-se a remexer, resgatando páginas intactas ou semiconsumidas pelas chamas e conservando-as como preciosidades. A imprensa, que acompanhava, viu-se presenteada com o inesperado desfecho do auto de fé, com o inquisidor e seus funcionários desaparecendo às pressas para não sofrer no corpo as consequências da fúria popular.*

O sr. D'Ambel pousou o lápis e nós três ficamos num silêncio solene. Naquele dia, em Barcelona, a Inquisição tinha renascido e morrido novamente, e tudo graças à Doutrina Espírita. Saber que o povo expulsara aqueles falsos representantes de Deus para defender a liberdade do Espiritismo, que entendia como a sua própria liberdade, era algo que me deixava profundamente emocionado. E, ainda que não tivesse testemunhado com os meus olhos tão importante acontecimento, a descrição pormenorizada e rica do espírito transportara-me àquela cidadela. No fundo, ali estive, tão presente quanto as cinzas dos livros queimados.

Num ato reflexo o médium pegou o lápis e retomou a escrita:

*— Em breve você terá mais notícias deste nove de outubro, Allan Kardec, uma data histórica para a doutrina a que dedica esta sua existência. A vontade da Verdade se cumpriu, pode dormir descansado. O Espiritismo está mais forte do que nunca, e os trezentos livros que se perderam em breve serão substituídos por trezentos mil, tal será a procura depois do espetáculo a que hoje se assistiu.*

De fato, aquele longo relato nos tranquilizou. No fim, o confisco do bispo tinha sido uma felicidade, uma ajuda preciosa à doutrina e à sua propagação em Barcelona, sem falar nas outras cidades onde a notícia repercutiria. E, mais uma vez, num dos momentos mais difíceis da vida, quando tinha de tomar decisões capazes de determinar o próprio rumo da filosofia espírita,

eis que os espíritos me encaminhavam para a direção certa. Com a Verdade a meu lado, tudo era mais fácil.

Nos dias seguintes, chegaram à nossa casa cartas de amigos e adeptos do Espiritismo que haviam testemunhado o auto de fé na cidadela. Todas as descrições confirmavam o depoimento espírita que tínhamos recebido na sessão com o sr. D'Ambel. Uma das cartas continha um saquinho com cinzas e um pedaço queimado de O Livro dos Espíritos.

— Vou guardar estes restos numa urna de cristal — decidi, mergulhando os dedos entre as cinzas e relembrando em pensamento a descrição daquele dia histórico, que tinha tido enorme eco na imprensa por toda a Espanha e, mais tarde, por todo o mundo.

O Espiritismo derrotara as chamas da ignorância para se tornar mais forte, uma doutrina viva com milhões de seguidores. Em breve, Maurice teria a sua livraria repleta de obras espíritas, não porque eu tivesse reenviado alguma encomenda, mas porque em Barcelona a doutrina começava a florescer por todo lado, graças às ideias do pobre bispo e do seu séquito inquisitorial.

A propósito do bispo, a verdadeira conclusão desse episódio deu-se apenas no ano seguinte, durante o mês de agosto, quando nos chegou da Espanha a notícia de sua morte. Alguns dias mais tarde, reunidos numa sessão da Sociedade, recebemos a visita inesperada daquele espírito desencarnado. Finalmente me encontrava na presença daquele que decretara o auto de fé de Barcelona; estava, porém, não do homem tolhido por ideias e preconceitos, mas dele em espírito, agora esclarecido por verdades bem mais profundas. Arrepentido, veio lamentar-se por em vida ter rejeitado as ideias que perseguiu. Falou-nos de expiação dos erros passados e da esperança de um renascimento para recomeçar o trabalho rejeitado na existência anterior. Pediu-nos ainda que orássemos por ele, pois agrada a Deus a oração do perseguido pelo espírito do seu perseguidor.

Entre nós estava um espírito arrependido de suas ações durante a última existência. Claramente a morte trouxera a d. Antônio uma revelação que não foi capaz de vislumbrar em vida, pelo pensamento retrógrado que lhe turvava a visão. Mas não era tarde demais, nunca é tarde demais. O

reconhecimento das suas faltas em nossa própria casa, na Sociedade, era um sinal de humildade admirável, próprio dos espíritos maiores, de alguém capaz de fazer uma autocrítica justa e desculpar-se àqueles a quem falhou quando finalmente entende que o deve fazer. O espírito de d. Antônio, mesmo depois de descobrir o alcance e a profundidade dos mundos para lá do terreno, poderia simplesmente resignar-se ao silêncio, mantendo-se encerrado na sua própria vergonha. Mas o antigo homem da Igreja quis pedir perdão pelos seus erros, colocando-se numa posição que seria impensável na sua condição encarnada como bispo de Barcelona. Ao fazê-lo, esse espírito deu passos de gigante em direção ao seu progresso, mostrando-se imbuído dos valores cristãos da humildade, da abnegação, do arrependimento, devendo servir de exemplo a todos nós.

Aceitamos seu perdão, naturalmente, como deve fazer qualquer espírita digno do nome. Perdoamos o antigo bispo arrependido e o acolhemos na nossa grande família, ele que um dia, por suas ações irrefletidas, acabou ajudando o Espiritismo a crescer.

NOSSOS ANOS SEGUINTEs, APESAR da idade física que começava a pesar – eu tinha então cinquenta e oito anos –, foram vividos no nosso ritmo disciplinado de trabalho de sempre. Perdoa-me se não reservei o tempo devido para desfrutarmos a chegada da velhice e apreciarmos os encantos do mundo onde vivemos juntos. Talvez fosse impossível reduzir o ritmo, conhecendo-nos, companheiros cuja felicidade residia em estar ao serviço dos espíritos, esses mesmos que nos ajudavam nas horas mais difíceis, quando as forças pareciam começar a esmorecer.

Assim continuamos as nossas viagens anuais, realizando uma longa volta pelo nosso país em 1862, conhecendo dezenas de sociedades espíritas, impulsionadas por gente admirável com quem cruzamos e que nos emprestava a energia necessária para prosseguir, ignorando as dores físicas, que pertenciam apenas ao mundo material, tão passageiras quanto a carne. Na nossa casa em Paris, enquanto você se dedicava a organizar as atas das reuniões da Sociedade e a planejar os encontros seguintes, eu me alternava entre a Revista Espírita, a correspondência e meus trabalhos mais profundos, de base espírita, que seriam publicados pelo meu velho amigo Didier.

Àquela altura, tinha terminado meu mais recente livro: O Evangelho segundo o Espiritismo, assim o chamei na última versão. Era uma obra sobre a qual vinha trabalhando havia muito tempo, contendo uma abordagem dos textos das Escrituras, tantas vezes repletos de misticismo e de difícil compreensão. Para todos os homens e mulheres de fé, o seu conteúdo – oferecido por espíritos como o de Erasto, são Luís e santo Agostinho – trazia uma nova luz aos textos antigos, não poucas vezes indecifráveis, marcados por Moisés, no tempo do Antigo Testamento, e por Jesus Cristo, no Novo Testamento.

O Espiritismo surgia enfim como a doutrina da aliança, desvendando mistérios antigos, explicando de forma simples e universal aquilo que os

ancestrais deixaram escrito sob a forma de alegorias, transmutadas com o passar dos séculos em verdades “absolutas” e de difícil acesso, repetidas nas celebrações dos sacramentos, mas muitas vezes incompreendidas.

Nem todos reconheceram as virtudes desta nova obra oferecida pelos espíritos, que pretendia unificar filosofia, ciência e religião. Mais uma vez, com as significativas vendas que a obra registrava, erguiam-se vozes se dizendo ofendidas, clamando contra o seu conteúdo. Muitas vezes faziam isso sem ler uma só página da obra, fervorosos em mostrar-se donos da verdade. Choviam acusações de blasfêmia, às quais aprendemos a não dar importância.

Mas certa vez foi diferente. Um mês depois de a obra ser colocada à venda nas livrarias, a Igreja Católica publicou o seu famoso Index Librorum Prohibitorum, onde figuravam, entre muitos títulos, todos aqueles assinados por mim. Pelos sinais a que vínhamos assistindo nos anos anteriores, sabíamos que era questão de tempo até essa decisão ser finalmente anunciada. Naquele ano, estávamos acompanhados por Flaubert e Auguste Comte, em uma longa lista onde também figuravam nomes como Balzac, Diderot, Kant e Descartes. Acabava sendo um privilégio ver as obras do Espiritismo ao lado de grandes nomes como esses, que revolucionaram a sociedade.

Também agora a Doutrina Espírita, entendida como ameaça ao status quo sobre o qual se mantinha a cúria romana, era oficialmente proibida. Isso só reforçava a natureza primitiva do Índice, pretense controlador de consciências, pertencente a uma Igreja ainda acusadora e punitiva, refém do passado e do domínio que tivera em outras épocas.

Didier ficou preocupado com a notícia, conforme manifestou num encontro que tivemos pouco depois, no seu gabinete.

— E agora, que fazemos, Kardec? Retiramos as obras do mercado?

Muitas horas eu passara naquele gabinete escuro, cercado de livros, sentado na poltrona de veludo verde, diante da pesada mesa do editor, onde se equilibravam pilhas de volumes encadernados, obras de autores com quem ele gostava de ter longas discussões.

— Agora não fazemos nada, Didier.

— E a proibição?

— Não tem nenhum significado legal. As autoridades não podem forçar a retirada de um livro só porque a Igreja proíbe a sua leitura. Felizmente os tempos avançaram, assim como as sociedades.

— Mas muitos livreiros se recusarão a vender os seus livros...

— Acredito que desapareçam de muitas estantes. Mas isso não quer dizer que deixem de vendê-los. Mais uma vez a Igreja insiste na perseguição, a fim de evitar que os livros espíritas sejam lidos. O resultado acaba tendo o efeito contrário do pretendido.

Minha teoria se confirmou: as vendas, nos meses seguintes, foram melhores do que nunca. Ainda que eu preferisse que os leitores pudessem ler as obras às claras, sem problemas de consciência, a verdade é que o caráter proibido conferido pelas autoridades eclesiásticas atraía um número muito maior de interessados. Era melhor ter um milhão de leitores secretos do que uma centena assumida. A verdade é que, na história da Humanidade, as ideias revolucionárias começaram em geral em ambientes subversivos, não poucas vezes debaixo de ameaças dos poderes vigentes. Semeadas pela curiosidade, as ideias germinam rapidamente quando são perseguidas pela ideologia que possam ou não conter. Como ser pensante, o Homem não tolera a imposição do pensamento por parte de terceiros. Pode concordar ou discordar de argumentos que lhe apresentem a essas correntes, mas jamais aceitará de bom grado deixar nas mãos de outros o que o seu raciocínio faz naturalmente por si. Uma barreira à ideia nova é tudo de que é preciso para que o ser inteligente se dedique à sua descoberta.

Tinha sido assim em Barcelona. Tal como anunciado pelos espíritos, a popularidade das obras espíritas atingiu na Espanha um nível incomparável. De tal forma que o novo bispo, d. Pantaléon Montserrat y Navarro, apressou-se em publicar um longo artigo contra o Espiritismo. No texto, chegava a instar todos os diocesanos que tivessem obras espíritas em casa a entregá-las aos padres das suas paróquias para que estes as reenviassem à diocese. Uma ideia equivocada, cujo único efeito prático foi tornar os

possuidores das obras mais próximas delas, protegendo-as como tesouros cobiçados. Mais uma vez recorri à revista, na qual acabei publicando o próprio artigo de d. Pantaléon – por justiça, para que os leitores pudessem julgar por si mesmos os argumentos –, bem como a minha refutação, ponto por ponto, aos argumentos baseados apenas no ataque gratuito. Ele se admirava com o sucesso da doutrina na sua cidade, longe de imaginar, na sua revolta irrefletida, que daquela maneira estava mais uma vez contribuindo para disseminar a filosofia moral que tanto condenava.

A verdade é que respostas como aquela que tinha de dar a d. Pantaléon consumiam-me tempo, paciência e energia. Longe iam os meus anos de juventude em Paris, quando facilmente conseguia passar noites em claro, concentrado nas minhas traduções de Fénelon e outros, para no dia seguinte ter ainda uma cabeça ágil para ensinar aos meus alunos. E tão atarefados andávamos, minha querida Gabi, que nem nos demos conta que os anos iam passando. Ainda assim, naquele ano voltamos para mais uma jornada, desta vez atravessando a fronteira, numa visita aos espíritas belgas em Bruxelas e na Antuérpia.

Ali, apesar do desenvolvimento recente da doutrina, eram já inúmeros os grupos dedicados a ela. Desde cedo, os grandes impulsionadores do Espiritismo preocuparam-se em multiplicar os grupos, cada qual dotado dos seus médiuns e focado em alcançar resultados e compreender o alcance das mensagens dos espíritos, tal como acontecera em Lyon. Essa organização permitiu alcançar rapidamente resultados que de outra maneira levariam anos pela impossibilidade de gerir um grande grupo, como aconteceu conosco em Paris nos primórdios da Sociedade.

Na Antuérpia, para além da diversidade de grupos, havia uma curiosidade: cada grupo tinha um nome específico, como Fraternidade, Amor, Caridade. Mais do que meras designações alegóricas, os nomes representavam as atividades específicas a que cada grupo se dedicava. Assim, em vez de se dedicarem a praticar todos os princípios por trás da ação do Espiritismo, especializavam-se em áreas de intervenção, apurando a melhor forma para contribuir com a sociedade em geral. Essa especialização trazia resultados práticos admiráveis, pois era uma forma de Espiritismo focada na ação, que buscava consolar os que sofrem, os que estão sozinhos, os que vivem na

angústia. Os espíritas da Antuérpia ouviram os espíritos, compreenderam o sentido dos seus ensinamentos e evoluíram para o estado mais avançado da doutrina, que se realiza no campo de batalha, na sociedade onde prosperam o egoísmo, a cobiça, o materialismo.

Enfim, a doutrina prosseguia o seu caminho, espalhando-se pelo mundo com avanços e recuos, enfrentando os seus detratores e inimigos, sempre à espera de uma oportunidade para desferir seus golpes. Por vezes, golpes baixos e sujos, como aquele que nos deram quando retornamos a Paris.

Era novembro, eu estava trabalhando no meu gabinete, quando no meio da tarde um dos nossos membros da sociedade veio bater à porta, dizendo que havia dois jovens russos me procurando.

— Parece que são adeptos do Espiritismo — disse-me o colaborador espírita, que me prestava ajuda nas tarefas administrativas da Sociedade. — Dizem ter viajado de Moscou até Paris só para conhecê-lo.

Pus-me a fazer contas de cabeça de qual seria a distância entre as duas cidades e o tempo que levaria tamanha viagem. Entre a desconfiança e a curiosidade, pedi que os encaminhasse até o gabinete. Entraram dois jovens na casa dos vinte anos, bem-vestidos e de modos educados. Saudamo-nos cordialmente e convidei-os a sentar nas cadeiras diante da minha secretária.

— Muito obrigado por nos receber, sr. Kardec — disse um deles, num jeito alegre. — É uma honra poder conhecê-lo em pessoa. O meu nome é Alexei, e este é o meu companheiro, Nikolai. Ouvimos falar muito do senhor na nossa cidade natal.

Falava sentado na ponta da cadeira, gesticulando, e os seus olhos pretos, da cor do cabelo, brilhavam de entusiasmo. Ao lado, o outro jovem, de cabelo claro e fino, mostrava-se muito mais reservado. Observava-me com profundidade, analisando-me com uma expressão algo melancólica, desviando o olhar azul sem brilho cada vez que eu o fitava.

— Tomamos conhecimento do Espiritismo na universidade, através de um pequeno grupo que se dedica a estudar a doutrina — continuou o jovem Alexei. — Foi nessa época que lemos as obras do sr. Kardec pela primeira vez. O seu trabalho é muito admirado e discutido.

Agradei as palavras simpáticas do jovem e fiz-lhe algumas perguntas para perceber qual seu nível de conhecimento da doutrina e como esta progredia na Rússia. Apesar de se revelar apenas um iniciado na matéria, o seu entusiasmo tornava-o aparentemente promissor no Espiritismo. Disse-me ainda que ambos estudavam ciências e que faziam reuniões regulares no seu grupo espírita.

— Nada de grande importância, quando comparado à Sociedade Parisiense — disse, procurando agradar-me com o seu discurso amável.

— Todos os grupos são importantes — expliquei-lhe, fazendo-o compreender que o trabalho de qualquer sociedade é de grande valor, desde que este seja levado a cabo com honestidade e sentido crítico.

— Mas o sr. Kardec se comunica com espíritos de grandes figuras da nossa história — disse Nikolai, falando pela primeira vez. A sua voz era serena, e um leve sorriso desenhava-se nos seus lábios. — As suas mensagens serão certamente mais ricas e interessantes que as de outros, desconhecidos.

Expliquei-lhe que o que conta é a posição na escala espírita. A importância de alguém numa existência terrena nada vale na vida além-túmulo.

— E que lhe dizem os espíritos? — prosseguiu o jovem, denotando interesse no seu tom.

— Aconselho-o a estudar O Livro dos Espíritos, meu caro. Nele encontra todas as grandes questões e os maiores temas, aprofundados regularmente em nossas reuniões.

— Discutem também ideias políticas, o estado das nações, a ordem mundial?

Pelas perguntas percebi que estava diante de um jovem Napoleão.

— Os espíritos não se interessam por essas coisas — respondi, lacônico.

Nisto surgiu à porta François, um dos mais recentes membros da Sociedade. Era um sujeito tímido, com uma clara capacidade mediúnica, mas que não sabia como lidar com ela.

— Sr. Kardec, desculpe-me — ele disse à porta, envergonhado. Pedi licença aos rapazes e fui ter com ele. O coitado explicou-me que sofrera uma crise à conta dos espíritos que o visitavam. Enquanto me descrevia os acontecimentos, percebi pelo canto do olho que os dois rapazes nos observavam atentamente. Deixei-o com algumas palavras de encorajamento e pedi-lhe que voltasse mais tarde.

— Bom, meus caros — disse, sentando-me de novo no meu lugar. — Há algo em que vos possa ser útil?

— Sr. Kardec — disse Alexei —, um dos nossos desejos para esta viagem era poder assistir a uma sessão espírita conduzida pelo senhor. Vê-lo em ação, comunicando-se com os espíritos, presentes na mesma sala. Isso seria para nós um enorme privilégio.

As sessões da Sociedade estavam reservadas aos seus membros, e não era normal a presença de gente de fora. Pensei em recomendá-los às sociedades espíritas russas que conhecia, às quais poderiam juntar-se e levar adiante seu aprendizado. Mas lembrei-me da viagem enorme que os dois fizeram para me encontrar e, portanto, não fui capaz de recusar o seu pedido. Disse-lhes que viessem ao salão da Sociedade na noite do dia seguinte, para a sessão espírita que ali iria acontecer.

Nessa noite, quando cheguei ao salão, encontrei os dois jovens russos diante dos quadros espíritas que tínhamos pendurados nas paredes. Expliquei-lhes que eram obras da autoria de espíritos, psicopictografados por médiuns. Mostraram-se muito interessados e teceram grandes elogios às obras, de natureza abstrata. Lentamente começavam a chegar os membros da Sociedade, e, quando os últimos participantes se sentaram, anunciei a presença dos dois convidados vindos da Rússia, que iriam assistir à sessão. Todos lhes deram as boas-vindas; da última fila, onde tinham se sentado, os rapazes agradeceram.

Cumprido o protocolo do início de cada sessão, com a leitura da ata da sessão anterior e a comunicação dos acontecimentos mais importantes da atualidade espírita, anunciei que nessa noite seria evocado o espírito de um companheiro recém-partido, um coronel adepto da doutrina e conhecido de muitos dos presentes.

Fez-se então silêncio na sala, interrompido apenas pelos pingos de chuva que batiam nos vidros das janelas. Era uma noite úmida e fria. Uma corrente de ar atravessava o salão, intrometendo-se na vela do candeeiro sobre a mesa da frente, agitando-a. Sentado à mesa, com os papéis diante de si, o médium estava pronto para dar expressão ao espírito.

E, pouco depois da sua evocação, ele se apresentou entre nós. Enquanto o médium psicografava as suas palavras, eu as repetia em voz alta, partilhando-as com a assembleia. Colocado entre nós, o espírito começou destacando os nomes de alguns dos presentes, seus conhecidos, mostrando-se familiar e feliz pelo reencontro. Partilhou conosco a sua experiência pessoal de desencarne e da sua nova forma de existência, plena de leveza e liberdade. Sob os olhares atentos dos espíritas, nossos associados, o coronel recordou episódios da sua vida passada, os seus primeiros passos na doutrina, os amigos que tinha feito e que agora revisitava “do outro lado”, como ele mesmo descreveu.

Colocado atrás do médium, de mãos unidas atrás das costas, era com enorme gosto que eu repetia as palavras do espírito, dando voz à sua presença. Quando um antigo companheiro era evocado, as sessões tomavam sempre aquele ambiente familiar e nostálgico, que a todos confortava. O temporal lá fora acabava esquecido, e um calor agradável apoderava-se de nós, capturados pela conversa do espírito. E entre histórias prosseguia a enumeração dos nomes, seguindo pelas filas, interrompendo-se para contar, bem-humorado e respeitoso, algum caso pitoresco envolvendo um dos presentes, despertando risadas alegres no salão. O coronel, que um dia fora um homem sagaz e alegre, deixara muita saudade na sua partida. Mas ali o tínhamos de volta, entre nós, o mesmo espírito inteligente e perspicaz.

Eu também estava animado naquela sessão, quando o médium me olhou por cima do ombro, chamando-me a atenção para o papel: “Para Allan Kardec”.

Percebi que o coronel queria falar-me em privado, então não pronunciei em voz alta aquilo que o médium registrou em seguida:

— *Cuidado com aqueles a quem abres as portas da tua casa, mestre. Os teus inimigos andam lá fora, à espreita, aguardando uma oportunidade para entrar. Observa bem as tuas fileiras. É nas últimas que se escondem os teus traidores.*

Discretamente, levantei o olhar para o fundo do salão. Lá atrás, de braços apoiados nas costas das cadeiras, numa pose desleixada, os dois russos segredavam um ao outro, rindo baixinho. Pela direção dos seus olhares, percebi que faziam troça de França, o médium que tinham visto na véspera, no meu gabinete. Alertado pelo coronel, dei-me conta do erro monumental que havia cometido. Mas, naquele momento, já não havia mais nada a fazer.

— O espírito do coronel teve de deixar-nos, por esta noite — acabei por sentenciar em voz alta. — A sessão está concluída.

As minhas palavras causaram algum espanto, pela forma abrupta com que terminavam os trabalhos. Os membros da Sociedade começaram a sair, esvaziando lentamente o salão. Enquanto me despedia de alguns dos nossos amigos, o meu olhar encontrou-se momentaneamente com o de Nikolai, que se dirigia para a porta. No seu rosto altivo, havia um sorriso cínico e arrogante, revelador do seu verdadeiro caráter.

Alguns meses mais tarde, descobri as suas verdadeiras intenções.

Foi através de um dos nossos correspondentes em São Petersburgo que recebi a tradução de um artigo sobre o Espiritismo, publicado num jornal local chamado Exercícios Religiosos. Era um relato, contado na primeira pessoa por aqueles dois espiões, colaboradores do jornal, sobre a sua experiência em Paris.

Fazendo-se passar por adeptos do Espiritismo, aproveitaram-se de mim e da minha boa-fé para se introduzirem na nossa casa e difamá-la naquele artigo

indecente e falso. Aí me insultaram, apelidaram os membros da Sociedade de semiloucos, extasiados e desgrenhados, descreveram como repugnantes os quadros que falsamente me disseram apreciar, e até tiveram a desfaçatez de dizer que o médium, com cara de larápio, era alguém pago para escrever o que quiséssemos. Era um dos ataques mais elaborados e pérfidos ao Espiritismo a que eu jamais assistira, dentro da nossa própria casa.

Como era minha obrigação, expus aquela canalhice na Revista Espírita, refutando ponto por ponto as mentiras que o artigo continha. Para os nossos leitores, habituados ao rigor e à qualidade que sempre impus no periódico, era fácil ver que a manobra dos russos não passava de uma jogada de difamação. Mesmo que eu não tivesse desmascarado as mentiras daqueles homens, o alcance seria curto. Afinal, até onde poderiam chegar as palavras de um periódico especializado de pequena tiragem, feito em São Petersburgo? Alguém porventura saberia do caso na França, não tivesse eu mesmo denunciado e publicado na revista? Ou na Alemanha, ou na Espanha, ou na Inglaterra? Ambos sabíamos, minha querida Gabi, que os espiões russos nunca poderiam infligir dano ao Espiritismo. A essa altura, a doutrina era já tão difundida que ultrapassava em muito a massa crítica a partir da qual se tornava autossustentável, viva, apoiada nas inúmeras sociedades espalhadas por todo o mundo. Os opositores, dispersos, já não podiam mais fazer frente à vontade dos espíritos em se fazer ouvir e estudar. O futuro estava salvaguardado, para meu descanso. Da minha parte, o trabalho aproximava-se do fim.

COM O PASSAR DOS anos, o trabalho de codificador do Espiritismo tornava-se cada vez mais árduo. A complexidade e extensão que a doutrina tinha atingido exigiam uma multiplicação dos esforços, mesmo com o apoio dos membros mais próximos da Sociedade. Por outro lado, o meu corpo sofria os efeitos da idade. A experiência dos anos evolui na razão inversa da vitalidade, o que acaba sendo frustrante, sobretudo quando a mente ainda funciona perfeitamente, contrariada, porém, pelo corpo necessitado de repouso. A revelação da doutrina impediu-me, no entanto, como você sabe, de viver essa desilusão das limitações da idade, pois, uma vez desprendido do corpo, sabia que iria prosseguir a vida em espírito para mais tarde talvez assumir uma nova forma, uma nova existência — em suma, uma nova vida.

Mas ainda havia muito a ser feito antes de dar a minha missão por concluída. Tive de dar uma resposta aos mesquinhos e invejosos, que, por obra do Espiritismo, me acusavam de acumular riquezas à custa dos nossos irmãos adeptos. Como se tivéssemos sido ricos, Amélie! Sem dúvida, se tomarmos por riqueza as amizades que fizemos, os espíritos que conhecemos, as lições que aprendemos, as experiências que partilhamos e uma vida inteira de amor e cumplicidade, por isso tudo, sim, fomos riquíssimos. Quanto às riquezas materiais, dessas nunca acumulamos para além das nossas parcas necessidades e dos nossos futuros projetos para a doutrina, tal como demonstrei nas contas prestadas à Sociedade.

O dinheiro, sempre o dinheiro por trás da desgraça humana e de seus piores defeitos! Por ele o homem é exultado, por ele o homem é insultado, como eu fui também. Não será em breve, certamente, que homens e mulheres entenderão que os valores materiais não passam de acessório, de ferramenta para ser colocada a serviço dos que deles necessitam para obter conforto e paz. Fora da caridade, não há salvação: a grande máxima espírita, cuja atualidade vai perdurar ao longo dos séculos. Hoje posso dizer que nos mundos superiores não há nenhum tipo de dinheiro, ouro ou outro valor material. E, no entanto, nunca imaginei encontrar tanta riqueza como nesses

mundos, feita da própria essência dos espíritos que os habitam. Toda a riqueza está no espírito, e é essa uma riqueza com características únicas: quanto mais alguém compartilha o que tem, mais rico se torna. Que diferente seria a Terra se todos aí compreendessem onde reside a verdadeira prosperidade!

Por aqueles anos, começaram a desencarnar alguns dos nossos amigos de longa data. Uma das partidas que mais me tocaram foi a do meu amigo e editor Didier. Quando soube que tinha sido vítima de um ataque cardíaco em plena rua, no dia seguinte a uma sessão da Sociedade, fiquei emocionado. Tantas horas passamos juntos na sua livraria acadêmica no *cais des Grands-Augustins*, discutindo assuntos do mercado editorial, os novos projetos em que eu trabalhava, as obras espíritas e a doutrina em geral, da qual ele era fervoroso adepto... Didier não era de muitas palavras ou modos refinados para agradar. Era um homem às vezes desconcertante, dizendo o que pensava e acreditava com uma contundência que aqueles que não o conheciam bem poderiam encarar como ofensiva. No fundo, era um homem com um enorme coração e um profissional admirável no mundo dos livros. Sabia como poucos conjugar o interesse comercial do seu negócio com uma linha editorial coerente e de grande valor e interesse moral. Se Didier tivesse a possibilidade de publicar um livro com um enorme potencial de vendas, mas que fosse contra os seus princípios, era certo que o recusaria. Essa sua retidão e fidelidade aos princípios estavam entre as características que eu mais admirava nele. Também tivemos as nossas querelas, naturalmente, como é normal haver entre dois bons amigos, amantes da discussão de ideias e de trocar argumentos construtivos. A sua personalidade prometia embates fortes e desafios intelectuais sempre estimulantes e enriquecedores, e não foram poucas as vezes que, pelas suas convicções, ele entrou em fervorosas polêmicas e discussões com o meio acadêmico. Nos seus últimos anos de vida, quando o queriam atacar, recorriam à sua fé espírita para dela fazer escárnio. Assim o fizeram, mesmo na sua morte, em artigos covardes que o diminuía pela sua ligação com o Espiritismo.

Tudo isso fiz questão de assinalar no artigo que lhe dediquei na Revista, como forma de despedida. Ali, quis também responder aos que me criticaram por não ter feito um discurso no funeral do meu amigo, evocando

a doutrina que nos une. O Espiritismo não avança por meio do estardalhaço e da exposição midiática, apesar de muitos entenderem ser esse o caminho. A verdade é que a doutrina atingira um ponto em que tudo o que eu dissesse ou fizesse seria sempre alvo de crítica, tanto pelo lado dos detratores como pelo lado de muitos que se diziam supostos apoiadores. Nada, porém, que me demovesse de prosseguir o meu caminho. A idade tem essa enorme vantagem de tornar as vozes da demagogia e da crítica destrutiva meros ruídos surdos, incapazes de alterar o curso da vontade. Ainda havia muitos que levavam resposta na Revista Espírita, para que não me julgassem derrotado ou incapaz de desmascarar os mentirosos e os trocistas; mas o tempo já não dava realmente para tudo, e cada vez mais era necessário fazer opções.

Entretanto, surgia aquela nova publicação de um grupo de adeptos do Espiritismo, denominada Jornal do Espiritismo Independente. Nas suas intenções, afirmavam querer destacar-se de qualquer subordinação às instruções de um chefe, como se o nosso trabalho desde os primeiros tempos tivesse alguma vez mostrado qualquer intenção de querer colocar os adeptos da doutrina debaixo de uma hierarquia. Mais uma vez servi-me da Revista – que com o decorrer dos anos se tornara uma fonte de informação para os adeptos espíritas quase tão importante como o próprio O Livro dos Espíritos – para demonstrar que o Espiritismo por si só é independente, que não admite nenhum constrangimento em matéria de crença, e que qualquer um é livre para interpretá-lo e vivenciar sua doutrina de acordo com a sua própria consciência. Quanto aos seus princípios e fundamentos, nos foram explicados pelos espíritos de forma clara, mas sem por isso ter sido recomendado qualquer tipo de estrutura de liderança ou comando.

No fundo, essa gente queria apenas nos usar a fim de fazer uma manobra de publicidade, anunciando-se como algo novo, para ganharem notoriedade no meio espírita. Ora, esse gesto por si só já demonstra bem quanto ainda têm para aprender. Se a fama é em si mesma um fim, então o que pretendem praticar não é o Espiritismo, independente ou não. É outra coisa qualquer, apoiada na vaidade pessoal, diametralmente oposta àquilo que ensina a doutrina.

Pelo nosso lado, continuamos o trabalho arduamente, como você bem sabe, desinteressados de fama ou fortuna, cumprindo o que nos competia fazer, pelo bem de nossos irmãos. Sempre me distanciei dessa imagem – transmitida, acima de tudo, em contexto de maledicência – de sumo sacerdote do Espiritismo ou de alguém com um poder superior dentro da nossa Sociedade, ou mesmo entre as múltiplas sociedades por esse mundo fora. Fiz o meu trabalho como entendi que este deveria ser feito, e, se alguma autoridade me foi reconhecida, não fui eu que a pedi ou a reclamei para mim mesmo.

Contudo, essa autoridade colocava um problema que começara a formar-se nas minhas ideias havia algum tempo: quem havia de ser o meu sucessor? A quem confiar a continuidade do trabalho, para que este seguisse crescendo e se desenvolvendo no mundo inteiro? Da minha parte, nunca quis ser insubstituível. Seria demasiado pretensioso e, além disso, uma ameaça a tudo aquilo que foi construído. Ao meu último suspiro, o risco de ruir a doutrina inteira seria grande. Por isso, era tão importante acautelar uma transição e acalantar a esperança de que um dia, sob a forma de espírito, pudesse seguir com a minha contribuição.

Para responder à minhas dúvidas, decidi mais uma vez consultar os espíritos. Como resposta, recebi uma mensagem dizendo que fui o escolhido para codificador da doutrina, porque era necessário que esse trabalho fosse concentrado em alguém que unisse as pessoas e as ideias. A minha autoridade, segundo os espíritos, precisava ser mantida até ao fim, para salvaguardar a própria legitimidade da obra no presente e no futuro. Uma passagem de testemunho causaria oposições, intrigas, conflitos desnecessários. Além disso, uma nova fase do Espiritismo estava para começar, depois de mim. Era chegada a altura da execução, de passar para o terreno todos os ideais, agora profundamente estudados e desenvolvidos. Eu fui designado para conceber a doutrina, para pensá-la e registrá-la nas suas obras primordiais. Coube a mim a tarefa de sistematizar, organizar e lançar as suas bases. Agora, era o tempo de outro seguir para a fase seguinte. O sucessor teria de ser forte e enérgico. Disso dependia o seu sucesso.

Aquela mensagem, bastante esclarecedora, pôs-me a pensar no nosso círculo próximo de espíritas, procurando reconhecer entre eles as

características fornecidas pelo espírito, para me suceder. Claro que esse era um exercício inútil, pois na verdade podia ser qualquer um entre os milhões de espíritas que havia já no mundo, e por isso era muito natural que eu não conhecesse o predestinado, nem a mim coubesse qualquer palavra na sua eleição. O meu papel, esse estava bem definido, como o espírito disse. Devia continuar com o trabalho de escrita, de análise, de reflexão, até sucumbir. Assim como aconteceu ao meu amigo Didier, a vida terrena poderia acabar a qualquer momento, num instante, fato que todos tendem a esquecer, levando as vidas encarnadas sem cuidar dos destinos futuros. E, mais ciente do que nunca dessa minha existência finita, lancei-me com todas as forças à escrita de mais obras, na solidão da noite, como no tempo em que era um jovem professor cheio de sonhos e projetos.

*O Céu e o Inferno era a minha quinta obra. O título refletia bem as temáticas abordadas no livro, analisando as velhas concepções – tanto cristãs como pagãs – dos destinos das almas depois da morte, sendo que apenas a felicidade suprema ou o sofrimento eterno são admissíveis, de acordo com a vida terrena que se leva. Através da doutrina quis não apenas demonstrar as falhas desses modelos simples e arcaicos, como também o perigo da sociedade niilista, que rejeita a ideia de uma vida além-túmulo, aproveitando os dias terrenos numa forma perfeitamente egoísta e voltada apenas para o prazer próprio. Acima de tudo, vejo esse livro como uma obra de esperança, não apenas do indivíduo, que deixa de ter apenas uma oportunidade para determinar o seu destino para toda a eternidade, mas da própria sociedade, que pode agora deixar de temer a morte física, o desprendimento do corpo, já que essa é apenas uma passagem, obrigatória para todos, rumo a uma continuação da vida, em espírito.*

A título pessoal, bem sabe quanto me tranquilizava verter para o papel a perfeição da doutrina, sobretudo naqueles últimos anos em que a minha saúde começava a acusar sinais de fraqueza. Por ordens médicas, tive de deixar de responder à imensa correspondência que continuava a receber e que já não cabia na nossa casa. Entristecia-me não poder dar a devida resposta a tantos espíritas que me procuravam, buscando conselhos, apoio espiritual, uma orientação para situações cotidianas, interpretações da lei dos espíritos, por vezes não tão simples de apreender. Mas era hora de dar lugar a outros. Era chegada a hora de pensar na doutrina depois de mim.

Na sua fase inicial, o Espiritismo precisou se concentrar numa direção individual, para que todos os seus elementos se dirigissem a um centro comum, onde seriam examinados e coordenados por um pensamento e uma linha de ação. Atingida a maturidade, e numa fase em que os seus princípios, suas consequências e seus fins estavam já perfeitamente definidos, importava constituir uma nova forma de organização, não centrada num indivíduo apenas – cujo estilo, planos e decisões podiam ser melhores ou piores para a doutrina como um todo –, mas numa estrutura diretiva composta de uma comissão central ou um conselho superior permanente. Seria uma comissão feita de membros permanentes e seus conselheiros, organizada de forma a não poder dar lugar ao arbítrio ou ao favoritismo.

Essa complexidade deveria dotar o Espiritismo de ferramentas que lhe permitissem a contínua renovação, mantendo-se a doutrina forte e viva, além de capaz de suportar as adversidades e os inimigos, que com certeza continuarão a ser muitos nos anos que ainda virão.

Mas não era só a criação da comissão que eu e você idealizamos e discutimos. Pensamos também na criação de uma biblioteca, onde pudesse ser reunido um acervo de obras que interessassem ao Espiritismo, aberta a todos os que quisessem consultá-las, no local, ou requisitá-las para consulta exterior; além disso, idealizamos um museu, onde seriam colocadas as primeiras obras de arte espírita, trabalhos mediúnicos notáveis que recebemos de oferta e que mereciam o seu lugar próprio, para que pudessem ser admiradas por toda a comunidade – espírita ou não. Seria criado também um dispensário para consultas médicas gratuitas e tratamentos médicos e um asilo. Para o asilo, minha querida Amélie, compramos o terreno na avenida Ségur, atrás da rua des Invalides, onde seria também construída a nossa nova morada, num complexo espírita que seria depois deixado à Sociedade. Era aí que eu queria investir o dinheiro que conseguimos poupar ao longo dos anos, resultante do meu trabalho: em bens ao serviço dos desfavorecidos, para que essas pessoas pudessem apreciar um pouco de conforto, dentro do seio espírita, rodeadas de amor fraterno e solidariedade.

Os planos foram, porém, abruptamente interrompidos naquela manhã do dia trinta e um de março, enquanto me ocupava de arrumar os meus livros e documentos, para finalmente nos mudarmos para a nova morada. A minha vida terrena chegava ao fim, num sopro momentâneo que ditou o meu desprendimento espiritual dos laços que ainda me prendiam ao corpo velho e gasto. Tardou algum tempo até compreender a realidade, até que vieram outros espíritos ao meu encontro, confortando-me com uma paz e uma serenidade tão profundas que não consigo expressar por palavras.

Olhando para trás vejo com uma clareza nova e cristalina os anos maravilhosos que vivemos juntos, uma existência inteira vivida em descobertas novas, em revelações de novos mistérios, que tivemos o privilégio de conhecer e da qual fizemos parte com muita alegria, por intermédio dos espíritos que nos acompanharam. A cada dia, era uma novidade, uma aprendizagem, uma caminhada feita juntos, de mãos dadas, sem lugar para o tédio ou para a rotina. Fomos exploradores dos tempos modernos, guiados por seres tão sábios e caridosos, com séculos de experiência de vida, nossos conselheiros e amigos, obreiros eles próprios da concórdia, do amor e da fraternidade entre homens e mulheres. Uma existência rica e plena de emoções.

Mas nunca teríamos chegado até aqui, Amélie, sem o seu amor e dedicação infinitos. Perdoa-me se sacrifiquei demasiadas noites, demasiadas horas de descanso no nosso lar, encerrado no escritório, envolto nos meus papéis, trabalhando furiosamente em vez de lhe dar a atenção devida. Fui muitas vezes um solitário, testando a sua paciência e a sua abnegação, em nome da missão que me fora confiada. Perdoa-me pelo tempo que roubei de nós dois, o tempo que qualquer casal deve reservar para si, e por tê-lo entregado ao estudo e à difusão da doutrina.

Que um dia possamos nos reencontrar espiritualmente, para que eu possa recompensá-la largamente e lhe oferecer o meu amor, a você que foi a única mulher que amei em toda a minha vida. Os espíritos sabem disso, Amélie: sem você, jamais teria conseguido o resultado – modesto, mas, apesar de tudo, importante – que alcancei, agora que concluo o meu balanço de vida.

Até breve, minha companheira. Sei que não necessito dar a você nenhuma recomendação para os próximos tempos aí na Terra, em matéria de

Espiritismo. Todos esses anos deram-lhe um saber e uma experiência que podem guiá-la em segurança. Sempre que me quiser, chama, e eu virei ao seu encontro. A minha nova morada está junto da Verdade. É o lugar mais belo e mais tranquilo que já conheci.

*Eternamente seu,*

*Allan K.*

A médium pousou o lápis e recostou-se na cadeira, exausta. Amélie tomou a última página entre os dedos. Seu olhar faiscava, vivo, como se naquelas últimas palavras escritas vislumbrasse algo mais, além do papel. Sobre a mesa restava o enorme volume de folhas manuscritas. Lá fora, começava a surgir a claridade de um novo dia.

— Amanhece — disse a médium, olhando através da janela. — Estivemos aqui a noite inteira. Que sessão.

— É verdade — disse Amélie, sem desviar os olhos da página. — Uma noite inesquecível. Não sei como poderei recompensá-la pelo serviço que prestou.

— A possibilidade de servir à comunicação do espírito do meu mestre é a maior compensação que eu poderia receber, madame Kardec.

— Muito obrigada, Ermance. Você sempre foi a médium de confiança de meu marido.

— O sr. Allan Kardec foi um homem notável, madame.

Amélie assentiu com um breve sorriso. Entre as duas mulheres pairava ainda a presença do espírito.

— Agora devo ir. É hora de voltar para a minha casa. Um novo dia nasce lá fora.

— Por que não passa alguns dias aqui em casa? Hoje, ao menos: ambas precisamos descansar depois dessa longa sessão.

— Obrigada, Ermance, mas não é necessário. Toda a angústia se dissipou do meu peito. Agora é chegado o momento de retomar o trabalho e o exemplo que ele nos deixou.

— Para tudo o que precisar, eu estarei sempre aqui.

— Eu sei — disse Amélie, sorrindo. — Antes de partir, tenho apenas um último pedido.

— Por favor, diga.

— Desejo que destrua este manuscrito.

— Não quer guardá-lo para reler talvez um dia?

— As memórias estão gravadas no meu coração. Agora é tempo de seguir em frente, como é de sua vontade. A sua história está escrita entre os espíritos. Jamais se apagará.

— Certamente, madame — disse a médium. Tomou então o maço de papel e, abrindo a portinhola do fogão com um ferro, colocou as folhas sobre o braseiro adormecido, o qual despertou num fogo animado. O volume de papel logo se consumiu, retorcendo-se em minúsculos pedaços negros que subiam pela chaminé.

Amélie retirou-se por um momento, para arrumar a sua pouca bagagem daqueles dias. Quando voltou, usando um xale preto sobre as costas, despediu-se da sua anfitriã e amiga.

— Adeus, Ermance — disse, tomando as mãos da médium entre as suas, oferecendo-lhe um sorriso terno. — Que os espíritos a protejam, minha querida.

— Adeus, madame Kardec. Sempre que precisar de companhia...

— Não se preocupe, eu fico bem. Em espírito estamos juntos. Para sempre.

Traçando o xale sobre as costas, abriu a porta e saiu para a rua. Lá fora os primeiros raios de luz começavam a irromper a distância, no despertar da aurora numa semiadormecida Paris.

## Referências bibliográficas

GUIMPS, Roger de. Pestalozzi: his life and work. Londres: Swan Sonnenschein & Co., 1890.

KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. 131a ed. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2013.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 1a ed. Tradução de Maria Lucia Alcântara de Carvalho. Rio de Janeiro: Léon Denis Gráfica & Editora, 2008.

KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. 71a ed. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

KARDEC, Allan. Obras Póstumas. 1a ed. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

KARDEC, Allan. Revista Espírita: jornal de Estudos Psicológicos Anos 1858 – 1869. 1a ed. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

MAIOR, Marcel Souto. Kardec, a biografia. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MONROE, John Warne. *Laboratories of Faith: Mesmerism, Spiritism and Occultism in Modern France*. Nova York: Cornell University Press, 2007.

— Lembro bem de você, quando trabalhamos juntos, décadas antes de Cristo. Nós dois éramos druidas na Gália celta e tivemos longas discussões sobre temas daquele tempo... Você tinha o dom da palavra e era admirado na cidadela, rodeada de muralhas. Talvez por isso tenha sido agora o eleito para esta tarefa que lhe dão. É um espírito combativo e determinado, como poucos que conheci. Foi um prazer ter convivido com você naquele tempo.

A revelação me surpreendeu. Encostado na cadeira, fiquei olhando para aquelas palavras, escritas por Caroline, que, em sua condição mediúnica, não parecia consciente do conteúdo do que acabara de colocar no papel. Naquele momento, a minha opinião sobre o espírito que eu antes considerava fútil alterou-se completamente. Zéfiro mostrava-se com uma nova profundidade, e o fato de termos vivido encarnados num mesmo tempo causava-me uma estranha sensação de proximidade.

— Mas me diga, Zéfiro — perguntei, cético, após algum silêncio —, como você se lembra disso tão bem, e eu nada lembro?

— Ah! Essa é a vantagem de estar desencarnado. As memórias das existências terrenas anteriores surgem com alguma clareza. Um dia você recordará também esse e outros tempos, quando, livre da matéria, retornar ao mundo espiritual.

— Um druida...

— Um druida, sim, senhor.

— E qual era o meu nome?

— Kardec. Allan Kardec. Esse era o seu nome.



PEDRO DOMENECH é o pseudônimo de Pedro L. Torres, nascido em 1979 na cidade do Porto, Portugal, onde vive atualmente. Formado em Ciências, é autor de dois outros romances históricos: Isabel, a condessa cercada e O anjo e o inquisidor. Além de rigor histórico e de atmosferas fiéis às épocas em que se passam as ações dos seus livros, o autor costuma somar um componente religioso e espiritual a suas narrativas. Tal dimensão, aliada a uma primazia da boa história sobre o pormenor documental acadêmico, é um dos grandes diferenciais de sua escrita.

PlanetaLivrosBR

planetadelivrosbrasil

PlanetadeLivrosBrasil

planetadelivros.com.br